NO MESMO apê



Larissa Mello

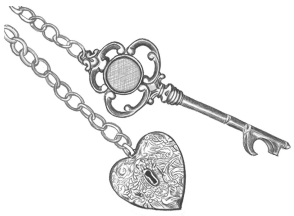
No Mes Mo apê

Larissa Mello

Copyright @ 2023 ISSAMELLS
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da autora.
Possuímos testemunhas concretas e ainda com vida sobre o processo criativo dessa obra, nós não iremos medir esforços para denunciar qualquer cópia ou inspiração deste livro, seja para qualquer meio, e se for necessário, vamos levar a fins judiciais. Pense bem, mesmo que você seja menor de idade, seus pais ou responsável legal vão responder por seu crime.
PLÁGIO É CRIME.
Os personagens e eventos retratados neste livro são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Design da capa por: Larissa Mello
Leitura sensível por: Talibah Casillas
Diagramação por: Talibah Casillas e Larissa Mello
Revisão por: Talibah Casillas

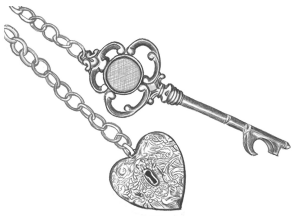
Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.



SUMÁRIO

DEDICATÓRIA
PRÓLOGO
"Bom demais para ser verdade"
CAPÍTULO 01
“É tão óbvio assim?"
CAPÍTULO 02
“Por toda a eternidade"
CAPÍTULO 03
“Ensinar boas maneiras"
CAPÍTULO 04
“Está fugindo de mim?"
CAPÍTULO 05
“Estraga prazeres"
CAPÍTULO 06
“A maçaneta está estranha"
CAPÍTULO 07
“Com você"
CAPÍTULO 08
“Já viu que horas são?"
CAPÍTULO 09
“Ironia do destino."
CAPÍTULO 10
“Convencê-la disso."
CAPÍTULO 11
“O lado bom."
CAPÍTULO 12
“Não seja desrespeitosa."
CAPÍTULO 13
“Toca como um sino."
CAPÍTULO 14
“Vale qualquer-coisa."
CAPÍTULO 15
“As coisas que vocês fazem."
CAPÍTULO 16
“Isso não é roupa."
CAPÍTULO 17
“ Mais do que um momento."
CAPÍTULO 18
“Você se importa com romantismo."
CAPÍTULO 19
“Suas observações."
CAPÍTULO 20
“Perdida."
CAPÍTULO 21

“Último capítulo."
AGRADECIMENTOS

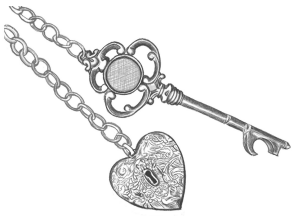


SINOPSE

UM APARTAMENTO. SEIS PESSOAS. UM GOLPE.

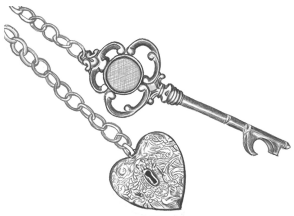
Um trio de amigas aluga um excelente apartamento ao retornarem das férias uma semana antes da faculdade recomeçar. Porém o que deveria ser a última semana de paz e tranquilidade vira um inferno caótico quando um trio de desconhecidos aparece no apartamento dizendo que também pagaram por aquele mesmo lugar

Agora os seis precisam resolver a situação em que se enfiaram debaixo do mesmo teto quando o proprietário não atende as suas chamadas ao mesmo tempo que precisam suportar a presença inevitável um do outro e os sentimentos que começam a sentir com a convivência entre si.



DEDICATÓRIA

Dedico esse livro para todas vocês, que assim como eu, em algum momento, quiseram mais do que apenas um casal na mesma história.
Façam bom proveito desses seis.



PRÓLOGO

"Bom demais para ser verdade"

— Nossa, o apartamento é incrível.

Lindsay, a jovem de longos cabelos loiros e olhos azuis claros disse, sorrindo radiante enquanto saia de dentro de um dos quartos, concordando com sua avaliação.

— Por que tem *seis* quartos? Eu mal consigo limpar o *meu*, imagina *seis*.

Magnólia, a segunda jovem no local, falou ao sair do segundo quarto do lado direito do corredor. A mesma bufou remexendo nas duas franjas que escorriam nas laterais do seu rosto, fazendo o cabelo vermelho intenso se bagunçar antes de retornar a perfeição lisa de antes.

— Você não limpa o seu quarto, Mag, quem sempre acaba limpando sou *eu*.

Débora, a terceira jovem no apartamento, rebateu ao sair da terceira e última porta do lado direito do corredor. Ela enfiou a cabeça para fora do quarto e encarou as outras duas paradas na entrada dos que agora eram seus quartos. A mesma se inclinou mais para fora do quarto, correndo uma mão da franja da testa que roçava nas suas sobrancelhas até a nuca, fazendo as mechas pretas do cabelo curto todo repicado acima dos ombros balançar.

A mesma revirou os olhos verdes para Magnólia quanto ao comentário que a amiga fez e bufou, sua boca se mexendo quando ela girou a língua, chupando o pirulito que segurava na ponta com a outra mão.

— Por livre e espontânea vontade, não se esqueça disso — Magnólia apontou o indicador para a amiga que começou a andar na direção dela.

— Claro, se depender de você as suas roupas amontoadas viram uma pessoa e as pizzas vencidas um novo vírus mutante para experiência.

Débora respondeu estreitando os olhos verdes que brilharam em impaciência. Ela empurrou a cabeça da amiga de cabelos vermelhos que a empurrou de volta, entre sorrisos.

— Eu sou a única que está pensando que é estranho demais termos conseguido esse apartamento em menos de um dia, e por um preço tão baixo no *centro* da cidade? — Lindsay perguntou, virando a garrafa de água dela para dar um gole.

— É.

As duas se empurrando responderam, fazendo a loira revirar os olhos, o olhar azul límpido se tornando brevemente frustrado.

— Isso é muito estranho. Nós não temos essa sorte toda — Lindsay tornou a falar, tentando fazer as amigas pensarem como ela sobre esse apartamento incrível, mas bom demais

para ser verdade.

No instante seguinte que a loira falou, o som da porta de entrada fez barulho e vozes masculinas começaram a soar, e de repente, haviam três caras entrando no apartamento entre comentários e risadas. As garotas olharam para a entrada antes de se entreolharem em descrença.

— Você e essa sua boca, Lindsay, puta que pariu — Magnólia xingou, batendo de leve na nuca da loira que chutou a bunda da outra de volta.

A voz irritada da garota de cabelos vermelhos soou alta o suficiente para alcançar os três caras que estavam adentrando o apartamento carregando malas. Os três desconhecidos pararam na porta e olharam na direção da voz feminina, se surpreendendo ao encontrarem três garotas paradas no corredor.

O trio masculino e o trio feminino se encarou em silêncio absoluto, ainda mais perplexos por perceberem uma coincidência anormal entre os três, pois o estilo dos seis era parecido, assim como a cor de seus cabelos e olhos.

— Puxa, Matthew, não disse que o apê vinha com nossas versões femininas que eu nem sabia que tínhamos! — Exclamou o loiro de olhos azuis enquanto sorria divertido. Ele era alto e estava atrás do cara que abriu a porta, observando Lindsay que por sua vez era a versão feminina dele. O cabelo loiro dourado e os olhos azuis claros feito o céu.

— E *não* vem — Matthew respondeu entre dentes, encarando a garota do meio que era a sua versão feminina, os cabelos vermelhos intensos dela eram do mesmo tom que os dele, que escorriam até os ombros e laterais do rosto.

— Então por que eu estou encarando uma versão feminina medíocre e baixinha minha? — O cara de cabelos pretos e olhos verdes perguntou, erguendo a sobrancelha preta para Débora que cruzou os braços, estreitando o olhar verde intenso e o encarando de volta nada satisfeita com a forma como se referiu a ela.

O mesmo riu, os lábios se curvando em um sorriso de deboche e gozação para Débora e sua atitude.

— Mag, por que estou encarando uma tentativa horrorosa de versão masculina minha? — Débora questionou a amiga parada entre ela e Lindsay, ambas paradas diante do trio que estava parado no mesmo esquema.

— Quem são vocês?

Magnólia perguntou, dando alguns passos para frente e para sua surpresa, o cara de cabelos vermelhos deu alguns passos para frente também parando diante dela. Ambos com um olhar de ódio um para o outro mesmo sem nem se conhecerem direito para se odiarem.

— Quem são *vocês?* — Matthew perguntou entre dentes.

— Nós alugamos esse apartamento — avisou o mesmo, o que fez Magnólia rir em escárnio.

— Nós alugamos esse apartamento. Não é atoa que estávamos aqui bem antes de vocês — ela apontou para os três, e depois para ela e suas amigas.

— Eu falei que estava estranho, mas vocês duas me escutaram? Não — Lindsay resmungou se virando para as suas amigas e gesticulando para ambas.

Nem Débora nem Magnólia desviaram o olhar dos caras.

Débora assassinava o cara de cabelos pretos e olhos verdes de gato preto diante de si, assim como Magnólia com o cara de cabelos vermelhos e olhos castanhos cor de cobre diante de si. E ambos sustentavam o olhar de ódio delas na mesma proporção, embora o de cabelos verdes tivesse um pequeno e zombeteiro sorrisinho no canto dos lábios.

— Onde está o contrato então? — Matthew perguntou, cruzando braços para Magnólia que abriu a boca indignada.

— Eu vou te mostrar o contrato seu invasor de apartamentos alheios — Ela respondeu erguendo a mão e o dedo do meio para ele, que abriu um sorriso diante do gesto vulgar e impróprio dela, dando risada.

— Estou esperando — ele falou.

— E onde está o de *vocês?*

— Tá aqui — O cara de olhos azuis disse, assumindo a frente e exibindo o contrato nas suas mãos. Magnólia pegou o contrato dele e começou a folhear.

— Filho da puta! — ela exclamou furiosa.

— Hein? — Matthew arqueou a sobrancelha.

— Aquele velho safado enganou a gente! Pega aquele maldito contrato, Lindsay! — Magnólia falou, ignorando o cara na sua frente.

— O que quer dizer com isso?

Matthew se inclinou na direção dela até seu rosto aparecer no topo do contrato. Já Magnólia empurrou o rosto dele para trás com uma careta de nojo e ódio.

— Fica longe — avisou ela.

— E presta atenção, estou dizendo que o dono do apartamento enganou todos nós, fazendo dois contratos para seis pessoas!

A garota de cabelos vermelhos começou a andar pela casa até se sentar em uma das cadeiras da enorme mesa de jantar no mesmo ambiente da cozinha e da sala gigantesca, sem deixar de ler cada linha do contrato do trio masculino. Matthew adentrou completamente no apartamento seguindo a garota até a mesa e se sentando na cadeira perto dela.

— Aqui.

Lindsay estendeu o contrato e Matthew o pegou das mãos da loira começando a ler calado e com uma carranca idêntica a da garota ao lado dele.

— Entra aí, gente — A loira gesticulou para o loiro e o de cabelos negros.

— Oi, minha cópia — o loiro sorriu para Lindsay assim que ela pegou uma das malas para as empurrar para o canto da entrada, e desocupar o corredor.

— Oi — ela respondeu, sorrindo minimamente e em um tom mais baixo e tímido, o que deixou claro que ela já não era tão extrovertida com desconhecidos, ou com homens, como aparentava ser.

— Que fofa — ele murmurou sorrindo mais e se inclinando na direção dela, ao empurrar sua mala para o canto.

Lindsay recuou pela invasão do seu espaço pessoal, e corando se virou indo para o lado de Débora que ainda encarava o cara de cabelos negros, que também ainda a encarava de volta, ambos medindo o outro, ela com um olhar de desprezo, ele com um olhar felino brilhando em diversão e malícia.

— Vocês dois aí, parem de se comer na nossa frente ou vão para um quarto — o loiro falou apontando queixo para os dois parados e parecendo prestes a se atacarem, e com a menção das palavras dele pareceram sair do transe.

— Eu? No mesmo quarto que esse...projeto de mal gosto? Nem morta — Débora gesticulou ele e fez uma careta, agarrando o pulso de Lindsay ainda corada e a arrastando para a mesa.

— *Muito fofa* — o loiro murmurou para si mesmo e para o amigo de preto ao seu lado, que tirou o olhar verde gatuno das costas de Débora na jeans justa para o loiro, assumindo uma expressão mais fechada.

— Aquela desgraça humana em forma de mulher? — perguntou ele ao loiro, apontando queixo para Débora.

— O quê? Estou falando da loira.

— Hum — o de cabelos pretos respondeu ao entender, e adentrou no apartamento fazendo caminho até a mesa.

— Ela está certa. Ele fez dois contratos e nos enganou, o valor que estipulou para nós junto com o que estipulou para elas faz jus ao que esse lugar realmente custa.

Matthew constatou, jogando o contrato na mesa assim que terminou de ler. Ele bufou esfregando o rosto e as mechas vermelhas as bagunçando.

— Eu posso processar ele — Os olhos de Magnólia brilharam com a ideia enquanto ela ainda encarava o contrato em suas mãos.

Lindsay e Débora se encararam em pânico como se já tivessem escutado aquela mesma frase várias outras vezes antes.

— Ah não, não, não! — Débora se apressou e arrancou o contrato das mãos da amiga e o que estava jogado na mesa.

— Sim, sim, sim. Estamos no nosso direito! Ele nos enganou! — ela se virou para Débora que entregava o contrato do trio para o loiro, e o dela e das amigas para a loira.

— Guarda isso bem longe — ela implorou para os dois, apontando o dedo na direção dele já que Lindsay já tinha saído correndo para esconder o contrato.

— Que tipo de amigas são vocês que nem me deixam processar os outros e praticar meu curso de direito ao mesmo tempo??? — Magnólia exclamou indignada.

— Do tipo que fala que você não pode sair processando todo mundo assim só porque está cursando direito.

Débora respondeu, cruzando os braços.

— É claro que posso!

Magnólia respondeu de volta, também cruzando os braços.

— Acho que isso não importa quando nós todos alugamos um apartamento juntos sem a menor pretensão de morar juntos. Eu vou ligar para o dono e resolver isso — Matthew respondeu rispidamente, levantando da cadeira e tirando um celular do bolso.

— Não vai fazer o mesmo? — Débora perguntou a Magnólia que não se mexeu para pegar o próprio celular, a garota de cabelos vermelhos encarou a amiga e fez uma careta.

— Não. Ele não vai atender — ela disse, mexendo a mão no ar, gesticulando que seria perda de dentro.

— Como sabe disso? — o loiro de pé em frente a mesa de jantar perguntou.

— Ele acabou de nos dar uma volta, acha mesmo que vai nos atender? Ele vai responder no mínimo quando estiver perto do próximo pagamento — A de cabelos vermelhos respondeu, suspirando.

— Ele não atende. Pode tentar do seu celular? — Matthew voltou da sala e parou do outro lado da cadeira de Magnólia, que puxou seu celular e estendeu para o cara.

— Qual a dificuldade de fazer isso você mesma? Isso é do interesse de todos nós, não estamos aqui para dividir um apartamento com ninguém — ele franziu a testa, encarando a garota.

— Ele não vai atender, porra — Magnólia esbravejou.

— Se quer tirar a prova, ligue você mesmo — ela reforçou o celular que estendia para ele.

Matthew trincou o maxilar e apanhou o celular da mão dela começando a digitar o número e por a chamada no viva-voz. Lindsay reapareceu na sala e olhou para Débora perguntando com o olhar o que tinha acontecido.

— Ele não atende — Débora respondeu, e virou o rosto flagrando o cara de cabelos pretos e olhos verdes a encarando do outro lado da mesa.

— Perdeu alguma coisa? — Ela perguntou com uma expressão brava, levantando mais o queixo para questionar o cara.

— Sim — o mesmo respondeu, os lábios se curvando naquele sorriso meia boca cheio de malícia e provocações.

— E o que é que você perdeu em mim seu idiota? — Débora mexeu o queixo novamente para cima, mais irritada do que antes.

— Quando eu descobrir, te aviso — Foi o que ele respondeu, rindo brevemente e sustentando o olhar furioso de Débora que xingou ele entre alguns murmúrios.

— Ele não atende, o que faremos? — O loiro constatou ao ver o amigo ligando sem cessar para o dono do apartamento cada vez que a ligação caia na caixa postal.

— Vocês saem, simples assim. Chegamos primeiro, azar o de vocês.

Magnólia declarou simplesmente, se levantando da cadeira e pegando seu celular das mãos de Matthew.

— Não vamos sair. *Pagamos* por esse apartamento. Quem acha que é para sair dando ordens aos outros?

Matthew levantou a sobrancelha para Magnólia que levantou a dela de volta para ele.

— Nós também pagamos por esse apartamento. E não vamos sair — retrucou ela.

— Simples gente, o apartamento tem seis quartos, não tem? — o loiro começou a falar, mas ninguém respondeu. Ele suspirou e prosseguiu.

— Então pronto, ficamos os seis juntos no apartamento até conseguirmos entrar em contato com o dono — completou.

— Nem morta — Magnólia respondeu.

— Nem morto — Matthew respondeu ao mesmo tempo, ambos encarando um ao outro com ódio.

— Ok, eu não queria ter que chegar a esse ponto, mas vocês não me deram opção. Quem vota para dividirmos o apê? — O loiro perguntou, olhando para todos.

Lindsay foi a única que levantou a mão e recebeu olhares de repreensão das amigas, assim como o loiro que também era a favor. Os dois suspiraram pela falta de colaboração dos demais.

— Olha, ou dividimos o apartamento, ou um trio vai parar na rua essa noite. E dormir no asfalto não faz parte dos meus planos quando paguei por um teto bem confortável.

O loiro avisou, irritando-se com a resistência de Matthew e da garota de cabelos vermelhos, e a indiferença do seu amigo de cabelos pretos e de Débora.

— Ele tem razão — Lindsay disse para as amigas, recebendo um olhar de agradecimento do loiro.

— Quer saber? Façam o que quiserem, desde que ninguém entre no meu quarto e vocês ajudem a manter o apartamento limpo e organizado, não me importo se ficarem — Débora falou descruzando os braços e tirando o cabo do pirulito que estava na boca esse tempo todo, andando até a cozinha e o jogando no lixo.

— Concordo com ela — o cara de cabelos pretos murmurou.

— É claro que concorda, não temos outra opção — Débora alfinetou ele, sorrindo debochada ao voltar para a cozinha.

— Se depender de mim, vocês não ficarão mais do que uma noite — Magnólia murmurou, encarando diretamente Matthew ao dizer aquilo.

— Que coincidência, eu estava prestes a lhe falar o mesmo — ele cruzou os braços e sorriu sarcástico.

— Dá um tempo vocês dois, né? Mal vamos ver um ao outro, mal nos conhecemos também e vocês dois já querem se matar — o loiro bufou.

— Bem se está tudo resolvido, acho que podemos se apresentar, eu sou o Lorenzo — O loiro disse, erguendo no ar a mão que tinha duas tiras azuis de uma pulseira em torno do pulso, e correndo os dedos da mão livre pelo cabelo bagunçado que tinha algumas mechas caindo pelas laterais.

— Ninguém perguntou — Magnólia disparou.

— Quanto menos soubermos de vocês, melhor — e dito isso ela se virou e sumiu,

seguindo pelo corredor. O som da porta de um dos quartos se fechando ressoou pelo apartamento.

— Eu sou a Lindsay — a loira disse, sorrindo um pouco e acenando brevemente antes de também se retirar do ambiente sem nem esperar para escutar o nome do terceiro rapaz.

— E você é? — Lorenzo perguntou.

— Débora — a mesma disse.

— Legal. Qual o nome da de cabelos vermelhos? — Lorenzo questionou, seu tom animado e extrovertido nada condizente com a expressão que parecia entediada, o mesmo tédio que preenchia os olhos azuis do loiro.

— Magnólia — Débora respondeu.

— Esse é o Diego — O loiro segurou no ombro do amigo de cabelos pretos que estava sentado em uma cadeira. — E esse o Matthew, como já sabe.

Débora apenas assentiu.

— Estamos com os quartos do lado esquerdo — a garota avisou antes de se virar e também sumir pelo corredor, o som da terceira porta se fechando.

— Isso vai ser divertido — Diego murmurou irônico, se levantando da cadeira e andando até a entrada onde pegou suas duas malas e mochila.

— Para não dizer catastrófico — Lorenzo murmurou de volta, também pegando suas malas na entrada do apartamento e andando para o corredor.

— Não vai durar muito — Matthew murmurou por fim, empurrando suas coisas para o corredor e entrando no quarto do meio, enquanto Diego ficou com o último e Lorenzo com o primeiro quarto do lado direito.

As portas dos quartos deles se fecharam ao mesmo tempo, selando o fato de que agora todos estavam debaixo do mesmo teto, quer gostassem daquilo, quer não.



CAPÍTULO 01

“É tão óbvio assim?"

Lindsay

Rolei as mensagens na tela do meu celular que Mag e Deb mandaram entre si no nosso grupo, tentando descobrir uma maneira de se livrar do trio de caras que estava dividindo apartamento conosco. Eu achava tudo uma perda de tempo, pois o proprietário definitivamente não iria nos responder até resolvermos a situação nós mesmos, e todos tínhamos pagados por um mês inteiro e nenhum dos seis sairia antes do mês que pagamos vencer.

Lindsay:

Seus planos são um completo desastre.

Mandei a mensagem, rindo e ciente de quando as duas acordassem mais tarde ficariam furiosas por meu descaso. Por enquanto eu não tinha razão alguma para querer elaborar um plano que fizesse os rapazes saírem do apartamento, então não moveria um dedo para os expulsar.

Levantei da cama me espreguiçando.

Débora e Magnólia iriam dormir até tarde como de costume, algo que iria surrar elas quando as aulas na universidade retornassem e elas precisassem acordar cedo novamente. Felizmente, eu mantive meu costume de acordar cedo e não sofreria tanto assim na volta às aulas.

Larguei meu celular na cama e puxei uma das minhas malas com cuidado, a pondo em cima do colchão e a abrindo, encontrando meu conjunto de chá e minha caixa com todos os meus pacotes de chá lá dentro. Peguei o pacote de capim limão e a bolsa com minhas xícaras, saindo do meu quarto e andando até a cozinha.

O apartamento estava silencioso e ainda escuro, estava demorando para o sol nascer hoje e estava bastante frio aqui dentro. Fui na pontinha dos pés até a cozinha, guardando minhas outras xícaras em um dos armários e pondo uma de formato de gato na pia, começando a procurar por uma leiteira que eu jurei que tinha visto nos armários e que veio junto com o apê.

— Achei — sussurrei, apanhando a leiteira no fundo dos armários inferiores da pia.

— Pensei que seria o único acordando cedo, que coincidência — uma voz masculina me fez pular com a leiteira em mãos, girando na direção da bancada quadrada no meio da cozinha.

Lorenzo estava ali. O corpo um pouco curvado e os braços apoiados na mármore cobertos por uma camisa branca toda amarrotada, as madeixas loiras bagunçadas em todas as direções em torno do rosto preso em uma expressão desperta, mas serena. Os olhos azuis dele que ontem expressavam tanto tédio e desinteresse pela situação em que nos enfiamos agora estavam brilhando interessados como se tivesse encontrado a melhor distração para o seu tédio. *E eu não estava gostando disso*, porque ele olhava para mim como se eu fosse essa distração.

— É — murmurei, me aproximando da bancada para abrir a torneira da pia, lavando a leiteira e enchendo um pouco de água.

— Então somos os únicos que costumam acordar cedo? Bom saber que não estou sozinho nessa.

Lorenzo sorriu um pouco, pequenas covinhas apareceram nos cantos da sua boca quando ele o fez, o que o tornou um pouco fofo ao meu ver. *Não que ele fosse.*

— Parece que sim — falei, sem saber mais o que falar, apertando o botão da boca do fogão pondo a leiteira em cima para ferver a água.

— Chá? — Lorenzo esticou o braço, apanhando o pacote do meu chá de capim limão. Apenas acenei, vendo ele abrir, tirar um pacote e cheirar.

— Faz um para mim também? Adoro chá, mas o meu acabou, ainda tenho que comprar — Ele perguntou, inclinando um pouco a cabeça para o lado e sorrindo de canto.

Eu abri o armário tirando uma das minhas xícaras, uma preta comum, a pondo do lado da minha de gato.

Peguei o pacote de chá que ele tinha entre os dedos e tirei outro de dentro, abrindo ambos e pondo dentro das xícaras. Em seguida me virei, apagando o fogão e segurando no cabo da leiteira, depois despejando dentro das xícaras antes de abafar ambas.

— Lindsay, né?

Lorenzo perguntou, ainda apoiado nos braços enquanto eu estava parada em frente às nossas xícaras batucando as unhas na mármore, incomodada com o olhar azul e intenso do loiro me observando afinco.

— Sim.

— É um nome bonito, mas vou te chamar de lindinha, combina muito mais com você — Eu o encarei com a sobrancelha erguida, mas não consegui evitar que suas palavras me afetassem e as minhas bochechas esquentarem.

Lorenzo soltou um suspiro de contentamento e endireitou sua postura, contornando o balcão e parando na minha frente.

— Ah, você está corando de novo. Tão adorável — eu recuei na bancada ao ver ele erguer o braço e aproximando a mão do meu rosto, os seus dedos tocaram na minha bochecha e a minha respiração ficou presa no instante em que senti seu toque.

— Você cora com frequência ou é só comigo? — Ele sorriu convencido, seu dedão traçando círculos pela minha bochecha enquanto os outros dedos seguravam a lateral do meu

rosto, erguendo-o na altura do seu.

Eu o encarava congelada, em choque pela sua atitude ousada e evasiva dele em se aproximar e me tocar desse jeito, e pior, no meu corpo reagindo ao mínimo toque de um cara. Apertei as laterais da mármore entre meus dedos, tentando reagir, mas me sentia congelada sentindo o toque dele.

— Tira a mão — murmurei.

Lorenzo levantou as sobrancelhas surpreso, e riu divertido.

— Está com vergonha? Não tem porquê se sentir assim — ele sorriu um pouco mais, e meu coração disparou quando o vi morder o próprio lábio inferior ao me observar corar ainda mais.

— Você fica ainda mais deliciosa quando cora — sussurrou, se inclinando na minha direção e aproximando os lábios dos meus.

Eu arregalei os olhos para o comentário extremamente atrevida dele e consegui empurrá-lo, disparando para fora da cozinha e me trancafiando no meu quarto. Coloquei a mão no peito sentindo meus batimentos, meu coração parecia que estava prestes a sair pela minha boca e minhas bochechas poderiam facilmente fritar um ovo. Meu Deus, eles precisam sair daqui.

Escondi meu rosto entre as mãos e fiquei assim até que estava mais calma e meu rosto voltado a temperatura normal. Respirei fundo mais algumas vezes e após mais alguns minutos saí do quarto para pegar a minha xícara, esperando que ele tivesse retornado para seu quarto também.

Para o meu azar, Lorenzo ainda estava na cozinha, bebendo chá na *minha* xícara de gatinho. Ele me viu parada o encarando e levantou as sobrancelhas.

— Por que saiu correndo de mim?

— Porque me agarrou daquela maneira e tentou me beijar.

— Eu não agarrei você, e nem tentei te beijar. Eu estava apenas a elogiando, me aproximando um pouco mais, talvez. — Responde com um tom de sarcasmo, sorrindo antes de dar outro gole do chá na minha xícara.

— Você tem a tendência de elogiar as pessoas tocando nelas e se inclinando como se fosse beijá-las? — perguntei, cruzando meus braços.

— Você não tem muita experiência com caras, né? — Eu arregalei os olhos pela pergunta direta e indiscreta dele.

— Por que acha isso? — Troquei o peso da minha perna direita para a esquerda.

É tão óbvio assim?

— Estamos conversando por poucos segundos e você está mais vermelha que um tomate só por eu estar olhando para você, e quando cheguei perto de você e toquei sua bochecha você pareceu que iria entrar em combustão na minha mão — Lorenzo explicou, colocando a xícara na bancada sem desviar o olhar azul pesado com uma camada de tédio do meu.

— Porque você só faz perguntas descaradas e invade o espaço pessoal dos outros sem mais nem menos! — Guinchei irritada, tentando erguer o resto de dignidade e autoconfiança que me restava depois das palavras provocativas dele. Infelizmente não acho que tenha dado muito

certo.

— E se você age dessa maneira é porque ninguém nunca lhe fez essas perguntas antes, e nunca invadiu seu espaço pessoal antes, o que significa que também nunca invadiram outras coisas — Eu abri a minha boca em choque com a insinuação dele, mas não consegui arrumar um argumento que o desmoralizasse. Porque por pior que parecesse, *ele estava certo.*

— Caramba — Lorenzo suspirou surpreso, o olhar azul vagando pelo meu corpo no meu pijama de flores.

— Você é virgem. — Ele constatou, e meu rosto inteiro pegou fogo.

— O-O que te faz pensar isso? — cruzei mais meus braços, endireitando a minha postura.

— Eu nunca conheci uma garota virgem antes. Como é? — ele deu alguns passos na minha direção, e eu recuei em mais outros.

— Mais que raios de pergunta é essa?! — Sussurrei de olhos arregalados.

— Você já beijou alguém antes, né? Ou também nunca quiseram beijar você?

— O que quer dizer com *também* e *quiseram?!* — Soei extremamente ofendida, recuando em mais dois passos quando ele avançou em mais outros.

— Nunca beijou também — Ele afirmou de olhos arregalados.

— Tá, mas você não faz nada? Quero dizer, você nunca quis ou pensou nisso? — Lorenzo arregalou mais os olhos, me encarando como se eu fosse uma pessoa de outro mundo.

— Não tem nada de errado em ser virgem! E em não ter beijado! — Me defendi franzindo a testa, recuei em mais dois passos e estremeci ao sentir minhas costas se chocando na parede.

— Você nunca sentiu vontade de fazer essas coisas? — Lorenzo me encurralou na parede, apoiando o braço ao lado do meu rosto e me impedindo de correr para o corredor de novo.

— Não acha que está sendo *muito* inconveniente?! — levantei as sobrancelhas.

— Eu só estou curioso. É chocante encontrar uma garota tão bonita e atraente como você, sendo virgem, e pior, nunca tendo beijado na vida.

— Existem muitas pessoas virgens e que nunca beijaram por aí! E o fato de eu ser bonita e atraente não muda nada.

— Ok, mas me responde, estou curioso. Você já se tocou antes? — Ele perguntou, seus olhos azuis estavam cheios de interesse como se eu fosse um experimento que ele gostaria muito de testar.

— Dá para me deixar passar? — Pedi com a voz estrangulada na garganta.

— Quanto mais foge das minhas perguntas, mais óbvio fica o quanto inexperiente você é, e mais curioso eu fico, e eu só vou sossegar quando minha curiosidade for satisfeita — Lorenzo me alertou, e um brilho de excitação cruzou os olhos azuis dele que pareciam mais escuros por causa das pupilas dilatadas.

— Estou até com pena por você de perguntar, mas já teve um orgasmo, lindinha? — Acho que meu rosto tinha atingido um novo nível de vermelhidão pois Lorenzo olhou para as

minhas bochechas e riu.

Ficamos nos encarando por muito tempo em silêncio, ou para mim que estava morta de vergonha talvez parecesse como se fosse muito tempo. Até que o loiro molhou os lábios e soltou o ar.

— Quantos anos você tem?

Depois de todas essas perguntas sem noção agora que ele quer começar com as normais?!

— Vinte e três. — respondi.

— Por que nunca se envolveu com ninguém antes? — a perplexidade e indignação na voz dele havia diminuído, dando lugar para a curiosidade.

— Tem vergonha, é isso? — ele perguntou em seguida quando eu não conseguia arrumar palavras para responder, assim como em nenhuma das suas perguntas anteriores.

Lorenzo assentiu ao me observar, como se no meu rosto tivessem todas as respostas que minha boca e mente não conseguiam formular como uma pessoa normal.

— Mas....já quis? — o seu timbre abaixou o tom, se tornando mais sério e calmo, quase um sussurro.

— Já...— Consegui responder, e tanto ele quanto eu ficamos surpresos pela resposta que pulou para fora.

Lorenzo mexeu mais a cabeça como se tivesse escutado uma resposta inesperada, mas agradável. As mechas loiras nas laterais do seu rosto se remexeram quando ergueu a cabeça mais para cima.

— Por que nunca se tocou então? — Ele manteve aquele tom de voz baixo e firme que estava me ajudando a me acalmar e responder ele mais facilmente, não que fizesse meu constrangimento desaparecer ou a vermelhidão cessar, pelo contrário.

— Não sei o que fazer. — Confessei baixinho. — Tenho vergonha de falar para alguém sobre, então só deixo para lá. — Dei de ombros levemente.

Lorenzo se aproximou mais e eu me contorci na parede em resposta, tentando me esquivar, mas a mão do loiro encontrou o meu quadril e ele o segurou com firmeza, eu soltei um suspiro de surpresa e senti o momento que meu coração parou de bater.

— O-O que está f-fazendo?

Lorenzo se aproximou mais, mantendo somente uma pequena distância entre nossos corpos sem os encostar. A outra mão ao lado do meu rosto desceu e segurou a minha bochecha erguendo meu rosto para cima, forçando-me a encarar ele nos olhos. Eu ofeguei sem nem mesmo saber o porquê, e o olhar relaxado do loiro se fixou no meu ao inclinar na sua cabeça para baixo, as mechas loiras tocando a minha testa.

— Está sentindo alguma coisa? — ele sussurrou sua pergunta. Eu engoli minha saliva com dificuldade, incapaz de responder.

O loiro sorriu de lado e a mão na minha bochecha desceu até que seus dedos se prenderam no meu queixo virando o meu rosto para o lado. Ele se inclinou mais até que eu senti seus lábios tocarem minha outra bochecha. Eu fechei os olhos forte sem saber o que fazer, meu

corpo estava se contorcendo e meu coração acelerando cada vez mais rápido. E tinha uma pressão surgindo no meu ventre e entre as minhas pernas, fazendo com que ficasse mais complicado respirar.

— Sua pele é tão macia — Lorenzo sussurrou, e seus lábios na minha bochecha desceram para a linha do meu maxilar, eram pesados, macios e se moviam tão devagar como se estivesse saboreando cada centímetro da minha pele.

— O que você...— minhas palavras ficaram presas quando senti a mão no meu quadril apertar um pouco mais ao mesmo tempo que os seus lábios afundaram no meu pescoço, beijando minha pele profundamente, foi quando um gemido, um maldito gemido escapou do fundo da minha garganta e minhas pernas bambearam somente com essa nova sensação que sentia.

Lorenzo tencionou tanto quanto eu, e no instante em que eu gemi, ele recuou na mesma hora, enquanto eu tapava a minha boca envergonhada demais para qualquer outra coisa. *O que foi que eu acabei de deixar escapar?!*

— Um som muito gostoso de se escutar, lindinha — o loiro sorriu, a língua passando pelos dentes por um momento.

— Tão gostoso quanto sua pele.

Ele largou meu quadril e recuou, notei agora com a distância entre nós dois que ele estava respirando pesado, os ombros e peito movendo mais rápidos, e o dente prendendo com força no seu lábio inferior enquanto me observava com um olhar que eu não poderia encaixar com qualquer outra coisa além do olhar obcecado de um predador encarando a sua presa momentos depois de obtê-la exatamente como queria.

— Se quiser mais disso, é só me pedir que darei tudo, e mais do que poderia pensar ser possível. Vou lhe tocar em lugares que nunca pensou que homem algum a tocaria, e vou lhe fazer liberar muitos outros sons como esse que acabou de liberar para mim. — Lorenzo murmurou, o olhar pesado fixo do meu rosto.

— Vou te satisfazer por cada momento que quis isso e não teve, e por muitos outros. — prometeu. — Pense sobre isso, Lindsay, e me procure se a resposta for sim — ele deu mais alguns passos para trás e começou a andar em direção ao corredor.

— O chá estava ótimo, aliás — ele sorriu arrogante e sumiu no corredor.

Soltei todo o ar que estava preso dentro de mim quando escutei a porta se fechando, e ofeguei segurando nas mechas do meu cabelo tentando por todas as peças juntas. *Meu deus o que acabou de acontecer? O que eu deixei acontecer?*

Esfreguei meu rosto diversas vezes tentando dissipar todas as sensações estranhas que estavam borbulhando dentro de mim, mas não consegui me acalmar como precisava. Meu coração ainda batia forte, onde ele segurou e beijou queimava e a pressão no meu ventre e entre as minhas pernas pulsava. E ao relembrar do momento e da proposta indecente dele, tudo parecia se enrolar dentro de mim de tal maneira que minha respiração acelerava novamente.

E o pior de tudo foi que uma parte minha que eu nem sabia que existia, estava tentada a aceitar a proposta de Lorenzo. Uma parte de mim queria que ele cumprisse cada coisa prazerosa que prometeu.

As meninas vão me matar se souberem disso.

CAPÍTULO 02

“Por toda a eternidade"



Rolei na cama, peguei meu celular na mesinha de cabeceira e entrei no grupo com as meninas.

Lindsay:

Seus planos são um completo desastre

Revirei meus olhos, mas mordi o lábio para segurar o sorriso que subiu, pois ela estava falando a verdade. Os meus planos e os de Mag durante o restante do dia passado e da madrugada eram um completo desastre. Um mais brega e pior do que o outro. Acho que foi mais uma tentativa de amenizar a situação do que realmente resolvê-la.

Débora:

Pelo menos nós duas tentamos, né?

Lindsay:

Grossa

Débora:

Vc que leu com raiva, Lin

Lindsay:

Como sempre, né?

Débora:

Ainda bem que sabe ;)

Está na casa?

Lindsay:

Apartamento.

Débora:

Está nervosa?

Só me corrige quando tá nervosa

Lindsay:

Estou no mercado comprando

algo para o almoço, inclusive,

vem me ajudar com as bolsas

Débora:

Ok, mas vou tomar banho primeiro

Lindsay:

Então vai logo

Débora:

Grossa, está andando muito

com a Mag

Lindsay:

Você que leu com raiva ;)

Se fosse por isso eu deveria

ser irritável que nem você, né?

Bufei, revirando os olhos e levantando da cama decidida a confrontar Lin sobre desviar do assunto pessoalmente quando eu a encontrasse no mercado. Me agachei no chão do quarto, revirando as minhas roupas dentro da minha mala já aberta desde ontem, puxando minha toalha e uma muda de roupas e um conjunto íntimo junto da minha escova de dentes e meu sabonete.

Juntei tudo, segurando de um lado dos braços e destranquei a minha porta, parando assim que a porta do quarto de frente para o meu se abriu e a figura alta e arrogante do cara de cabelos pretos e olhos verdes surgiu.

Ele me encarou, parado na porta assim como eu parei na minha, os olhos verdes que eram maliciosos e impertinentes encontraram os meus e os lábios dele se curvaram em um sorrisinho irritante de provocação.

— Vou usar o banheiro — Avisei, já saindo do meu quarto e andando em direção a porta do banheiro no começo do corredor.

— Eu também.

— Avisei primeiro e preciso ir ao mercado, então você...— Senti um braço se fechar ao

redor da minha cintura quando eu abria a porta do banheiro, me suspendendo no ar e me pondo do outro lado do corredor.

— Estou pouco me lixando para isso.

— Ele entrou no banheiro e eu agarrei o seu pulso.

— Ei, ficou maluco?! — Tentei puxar ele para fora, mas minha tentativa foi inútil, ele parecia uma muralha. Seu olhar estreitou para minha mão no pulso dele.

— É a lei da selva, docinho, os mais fortes sobrevivem. Se quer ter uma chance de ganhar, melhor se tornar mais forte do que isso — ele gesticulou seu pulso ao puxar o braço para trás, facilmente se livrando do meu aperto.

Eu avancei para entrar no banheiro e empurrar ele para fora nem que fosse na base da violência quando ele fechou a porta na minha cara. Eu recuei furiosa, esfregando meu nariz.

— Docinho é a vó, seu bastardo! — soquei a porta e a chutei com ódio, ela estremeceu e eu escutei o som da maçaneta caindo do outro de dentro.

Eu arregalei e recuei, comprimindo a boca ao esconder ela com minhas mãos.

— Que porra você fez garota?! — ele bateu na porta do outro lado e a madeira estremeceu.

Eu tossi tentando sufocar a risada que veio, não consegui e comecei a rir do fato de que ele estava preso dentro do banheiro.

— *Ops* — falei, pondo a mão na boca.

— Acho que chutei com força demais, mas o que foi que você disse sobre a lei da selva mesmo? — Debochei, rindo ainda mais. Ele socou a porta de novo.

— Abre a porta agora e vou pegar leve com você — ele suavizou a ameaça e ira presente na voz dele para falar dessa vez. E eu bufei, rindo ainda mais com a tentativa de persuasão óbvia e barata dele.

— Se depender de mim você fica trancado aí nesse banheiro por toda a eternidade, *seu babaca* — respondi em alto e bom som, socando a porta de volta.

— Isso é para você aprender a respeitar os outros, se tivesse respeitado o fato que cheguei primeiro isso não teria acontecido.

— E não ouse me chamar de docinho outra vez, ou eu quebro a maçaneta do seu quarto com você dentro — avisei e dei as costas para o banheiro, andando de volta para o meu quarto e ignorando suas exigências para que eu abrisse a porta.

No meu quarto, troquei meu pijama por um short e uma blusa, enfiando minha carteira no bolso e as chaves do apartamento na mão ao sair do quarto e começar a andar até a porta.

Estava passando em frente a porta do banheiro, prestes a perguntar se ele já estava morrendo sem ar, quando a porta se abriu bruscamente e ele surgiu com uma expressão sombria no rosto, o maxilar trincado e os ombros parecendo rochas.

— Sua desgraçada, vingativa dos infernos, eu vou te trancar aqui dentro para você ver

como é bom...— Eu arregalei os olhos quando ele avançou para me agarrar e corri, escancarando a porta da entrada e disparando até o elevador.

No instante em que entrei, passando a tempo no vão das portas se fechando, eu escutei ele correndo atrás de mim, e assim que girei dentro do elevador ele surgiu na porta. Eu sorri perversamente e acenei debochadamente ao fechar das portas, escutando ele me xingar e bater nas portas furioso por perder.

Esperei o elevador chegar no térreo e assim que as portas abriram dei de cara com o maldito, ambos os braços apoiados de cada lado das portas do elevador esperando por mim. O meu sangue gelou quando ele abaixou a cabeça e me encarou ofegante e fervendo de raiva, os cabelos pretos bagunçados em todas as direções.

Não tinha a menor chance dele ter conseguido descer todos aqueles andares antes de mim!

— Vou te dar duas opções, docinho, ou eu te prendo no elevador, ou no banheiro, você escolhe — Ele sorriu ainda apoiado contra as laterais da porta do elevador, impedindo que se fechassem comigo dentro.

— Hum, duas opções? Puxa, que generoso...— Coloquei a mão no queixo, fingindo pensar.

— Já sei, nenhuma delas! — Exclamei, passando por debaixo dos braços dele e correndo pela portaria do prédio para fugir.

— Dessa vez não — o escutei esbravejando e assim que coloquei os pés para fora do prédio, senti os braços dele me agarrando e jogando-me violentamente nos seus ombros.

Eu gritei de susto chamando atenção de várias pessoas que passavam pela rua.

— Me põe no chão agora, seu homem das cavernas — exigi, batendo nas costas ele e sacudindo as pernas tentando chutar o rosto dele, e engasguei com a minha própria saliva quando ele cercou minhas panturrilhas, prendendo minhas pernas contra seu peito enquanto a outra me mantinha no seu ombro.

— Se eu fosse um homem das cavernas estaria te puxando pelos cabelos, e não lhe carregando confortavelmente no meu ombro — Ele respondeu e eu bati com mais força nas costas dele.

Ainda sim, por mais que me esforçasse, meus tapas e socos nas suas costas não estavam surtindo nenhum efeito, era como se ele fosse uma rocha.

— Eu vou gritar se você não me colocar no chão agora — Avisei, puxando a camisa dele irritada, ele continuou andando comigo de volta para dentro do prédio.

— Se gritar eu te bato — disse, uns instantes depois.

— *É O QUÊ?* — berrei indignada, e no mesmo instante eu senti um tapa na parte de trás da minha coxa, eu estremeci nos ombros dele pelo solavanco e se não fosse pelo aperto firme dele ao meu redor eu teria caído.

— *CAVALO!!!* — o xinguei, batendo com os dois braços nas suas costas tentando

machucar ele ou o desestabilizar o suficiente para escapar dos seus braços. E ele acertou outro tapa na parte de trás da minha coxa quando gritei, e eu estremeci novamente.

— Vou te colocar para me montar, então — Ele respondeu, divertido.

Eu abri a boca em choque e agarrei o portão da portaria, o forçando a parar.

— Solta essa grade agora — eu agarrei ainda mais as grades de ferro, negando várias vezes.

— Me solta que eu largo — o olhei por cima do seu ombro, agarrando a grade com mais convicção, nessa posição a única solução que ele tinha era me pôr no chão, pois ele não conseguiria me segurar e me desprender das grades ao mesmo tempo.

Em desistência ele respirou fundo e me colocou devagar no chão, segurando-me pelo buraco do cinto do meu short. Eu soltei a grade aos poucos e recuei, chutando certeira entre as pernas dele, puxando a porta da portaria e a fechando, o tracando do lado de dentro.

— Isso é pelos dois tapas na minha coxa, seu depravado — Comuniquei, apontando o dedo na direção dele.

Ele acertou as grades do portão trincando o maxilar em dor e de raiva também, me encarando furioso, e eu disparei para a rua sem olhar para trás nenhuma vez. Corri tanto que quase ultrapassei o mercado. Olhei para o caminho que segui para ver se ele tinha me seguido e após ter a certeza que não, suspirei aliviada e adentrei o mercado.

— Caramba, finalmente, achei que tinha dormido de novo, estou enrolando para ir para o caixa fazem mais de cinco minutos! — Lindsay resmungou baixinho, seu usual, assim que encontrei ela parada na seção de enlatados apoiada no carrinho de compras que tinha várias coisas dentro.

— Nossa, cinco minutos, que demora hein — murmurei, debochada.

Se ela soubesse a razão, cairia para trás.

— E é sim, onde já se viu. Você sabe que eu não gosto de usar aquelas caixas sozinha — resmungou, empurrando o carrinho para um dos caixas automáticos.

Eu comecei a empacotar as compras dentro das sacolas enquanto ela batia os códigos de barra na tela do caixa.

— Mag ainda está dormindo? — Lindsay perguntou, selecionando a forma de pagamento. Eu tirei a minha carteira e passei meu cartão antes que ela usasse o dela.

— Era minha vez de pagar — expliquei ao ver a expressão no rosto dela.

— Combinamos de dividir — protestou.

— E sempre esquecemos disso — ela concorda fazendo um pequeno bico, antes de morder o lábio inferior pensativa.

— Mag? — ela perguntou de novo quando já estávamos saindo do mercado e eu abri um dos pirulitos que ela tinha enfiado nas compras, em parte para disfarçar o fato de que ainda não tinha escovado os dentes por causa daquele cavalo.

— Já viu ela acordar antes do meio-dia? — perguntei de volta, a encarando com as sobrancelhas erguidas.

— Verdade. E os...outros?

— Se refere a tentativa falha de projetos de homens nos três quartos restantes? — ironizei, bufando ao tirar o pirulito da boca. Lindsay soltou uma risada baixinha, mas concordou.

— Só vi o cavalo daquele de olhos verdes.

— Diego — disse-me.

— Eu não estou nem aí se ele chama Diego, Diogo, Dieval ou desgraçado, quero ele e os outros fora do apartamento.

— Aconteceu alguma coisa para odiar tanto ele? — A loira me perguntou, abanando as sobrancelhas.

— Claro que não — minto, olhando na direção oposta.

Minha coxa estava ardida do tapa daquele bastardo, e eu esperava que seu saco estivesse doendo muito mais.

— E você, viu algum deles? Aconteceu algo para me corrigir e desviar do assunto quando perguntei? — olhei para ela, contente por desviar o assunto.

— Huh? Não. Não aconteceu nada, só que eu estava com fome — a loira deu de ombros, ajustando as sacolas de bolsas nas suas mãos.

Eu concordei, girando o pirulito dentro da minha boca e subindo os degraus da entrada do prédio com ela ao meu lado. Entramos no elevador e assim que adentramos o apartamento vi o cara de cabelos loiros sentado no sofá mexendo no computador, e o cara de cabelos pretos mexendo no celular. Ambos olharam na nossa direção assim que escutaram o som da porta abrindo.

— Bom dia, meninas — o cara de cabelos loiros disse sorrindo.

Vi Lindsay andar para a cozinha sem responder, e soube que ela tinha mentido sobre algo ter acontecido, assim como eu. Talvez omitido fosse uma palavra melhor, omitido algo que não queríamos que tivesse acontecido. Nada mais justo fingir que nada aconteceu quando não deveria ter acontecido.

— Estava bom até eu dar de cara com vocês — retruquei ao tirar o pirulito da boca, fechando a porta com o pé e levando as sacolas até a bancada, me juntando com Lin.

— Tão delicada...— O loiro comentou em um tom humorado, rindo ao voltar sua atenção para a tela do seu computador.

Mexi a mão no ar na direção dele dando a entender que nem valia a pena perder meu tempo debatendo e enfiei meu pirulito na boca, ajudando Lin a guardar as compras nos armários.

— Ei, o que foi isso na sua perna? — A loira apontou quando eu estava virada de costas para ela, pondo os sacos de arroz no armário do topo.

— Um mosquito que eu tentei matar — Respondi indiferente, ignorando o olhar verde

impertinente de Diego que senti nas minhas costas ao escutar a pergunta da loira.

— Nossa...matou o mosquito pelo menos? Quer uma pomada? — Ela se inclinou para ver a marca vermelha na parte de trás da minha coxa, tocando ali cautelosa.

— Não matei, mas danifiquei seu método de reprodução — Eu sorri e Lin me encarou de cenho franzido.

— O que vamos fazer? — perguntei para ela, apontando para as bandejas de carne e frango, fugindo do assunto

Não sem primeiro encarar Diego recostado no sofá me encarando com olhos cerrados, as sobrancelhas negras unidas. Eu segurei na ponta do meu pirulito, o girando entre meus lábios, e lhe lancei um sorriso meia boca de zombaria antes de virar a cara para ele, ficando de costas para o mesmo.

— Não sei, o que acha de strogonoff? — Lin cutucou meu braço com o dela, sorrindo sugestivamente.

— Em outras palavras, está me falando para cozinhar tudo, né? — a olhei com ar de reprovação, tirando meu pirulito da boca para falar.

— Eu faço o arroz! — ela estende o midinho, sorrindo.

— A sua carinha de anjo não me convence mais, já superei ela faz anos — estalei meus dedos, gesticulando o passado.

— Você é a melhor cozinheira entre nós três, Debbb — ela protestou, me abraçando. Eu sorri, convencida pelo elogio.

— Eu posso fazer o strogonoff — virei meu rosto ao som daquela voz que já era a que eu mais odiava.

Diego estava do outro lado da bancada da cozinha, ambos os braços apoiados na mármore e o par de olhos verdes brilhantes cujo olhar era idêntico ao de um felino pairando em nós duas.

— Ninguém aqui estava falando com você — falei, comprimindo a boca e mexendo o rosto na direção dele em repulsa.

— Você quem estava se recusando a cozinhar, estou arrumando uma solução prática para sua preguiça — retrucou, esfregando as mãos e suspirando ao revirar os olhos.

— Eu posso ajudar também, já que vocês compraram a comida, podemos fazer — o loiro apareceu ao lado de Diego, sorrindo.

Lindsay recuou do meu abraço e tornou a mexer nas sacolas, se virando para guardar mais coisas na geladeira com a aproximação do loiro.

— E quem disse que vamos deixar vocês comerem da nossa comida? — eu levantei a sobrancelha e estreitei meu olhar ao ver o loiro pegando algumas coisas da sacola e indo ajudar Lin a guardar as coisas.

— Você por algum acaso pretende nos deixar passando fome? — Diego cruzou os braços fortes na camisa preta contra o peito.

— Vocês têm mão e pernas, podem ir na rua comprar seus próprios mantimentos e cozinhar sua própria comida. E o mesmo serve para você e o outro lá que por sinal nem está acordado — apontei para o loiro e para o corredor onde o terceiro deles estaria dormindo.

— Sua amiga também não está acordada também — Diego pigarreou. — Tanto faz. Eu faço o arroz, você o strogonoff. E os outros lavam a louça. Agora está do seu agrado, docinho? — arqueou a sobrancelha para mim, e eu engasguei com minha saliva ao mesmo tempo que Lindsay se engasgou bebendo água da garrafa dela.

— Para com esse apelido! — apanhei uma lata de ervilhas e arremessei na direção dele. Para minha infelicidade Diego apanhou a lata no ar, a pondo na mármore e empurrando até que parasse na minha frente.

— Já é a segunda vez que tenta me machucar. Da primeira conseguiu, mas não vai conseguir novamente — apontou o dedo na minha direção, uma expressão séria.

— Isso é o que nós vamos ver — murmurei.

— Podem fazer a comida. Fico com a louça de livre e espontânea vontade — eu girei e vi a Lindsay saindo apressada da cozinha.

— Lin? Lindsay! Não me larga sozinha aqui com essas criaturas!!!! — exclamei, dando um pulo ao escutar o som da porta dela se fechando.

— Traidora!!!! — exclamei alto suficiente para que a loira me escutasse.

— Bom, então o almoço fica por conta de vocês, fico com a louça junto dela — o loiro declarou contente.

— Não vou cozinhar para marmanjo nenhum!!! — peguei a ervilha para arremessar na direção do loiro, mas uma mão agarrou meu pulso por trás, me impedindo de jogar a lata.

— Valeu, Diego — o loiro sorriu para o amigo que salvou sua cabeça da minha tentativa falhada de assasinato, e saiu da sala.

— Não pense que vou deixar barato o que fez comigo na portaria — senti os lábios de Diego na minha orelha, seu braço forçando o meu a se abaixar até que eu largasse a lata de ervilha de volta na bancada.

— Aquilo foi só o troco por ter dado dois tapas na minha coxa — chutei seu pé e acertei suas costelas, me livrando do seu aperto.

— Eu avisei que só faria aquilo se gritasse, você gritou porque quis, acho até que queria aquele tapa — ele deu de ombros e recostou no quadril na mármore, cruzando braços.

— Saia da minha frente. Não vou fazer almoço com você porcaria nenhuma — mandei, apontando para a sala.

— Vai sim. Eu vou fazer o arroz e você o strogonoff, e todos nós vamos almoçar.

— Não comprei essa comida para você e os parasitas dos seus amigos comerem, eu comprei para mim e para as minhas amigas — falei entre dentes, cansada de me repetir.

— Se esse é o problema, lhe pago por metade das compras, cadê a notinha? Deixa eu ver quanto deu — ele estendeu a mão.

— Você vai ver a notinha que eu vou te dar — fechei punho e arregalei os olhos quando ele o agarrou e me empurrou contra a bancada em que estava recostado.

— Você perdeu o juízo?! — me debati tentando puxar meu braço de volta e empurrar ele, até que senti seus dedos se enfiando no bolso do meu short puxando a notinha de dentro dele.

— Agora para de debater feito um peixe fora d'água e me fala o seu pix, vou transferir — Ele falou ainda me prendendo contra a bancada.

Eu parei de me debater, ofegante pelo esforço inútil.

— Minha pix é *vaisefuder* — Vociferei.

— Com letras minúsculas? Algum ponto ou caracteres separando? — A sua pergunta estava transbordando em veneno e cinismo.

Tentei puxar meu braço e ele o pressionou mais contra as minhas costas, eu me contorci, agarrando a lateral da bancada com a outra mão.

— Tá me machucando, porra.

— Você também me machucou aquela hora quando chutou o meu saco, porra — ele apertou mais meu pulso e minhas costas arquearam quando senti a dor pulsar mais, meu pulso era fino e ele não precisaria de muito para quebrá-lo se quisesse.

— Porque você me tacou nos seus ombros e bateu na minha coxa, desgraçado — Bati no seu braço com a minha outra mão e senti meu pulso torcer.

— Eu estou falando sério!!! — exclamei mais alto, chiando de dor.

Diego soltou meu pulso e se afastou na mesma hora assim que percebeu que eu realmente estava falando sério. Eu me virei, erguendo meu braço vendo a vermelhidão em torno do meu pulso e parte do antebraço.

— Droga, Débora, deixa eu ver — Ele se aproximou, erguendo as mãos para segurar meu braço, e eu esquivei, o empurrando com o braço para longe.

— Quando eu acabar de fazer o strogonoff você faz o arroz — Avisei, pegando uma das panelas que já tinham no apartamento, lavando ela para por o alho e tempero.

— Deixa eu ver o seu pulso, eu não queria ter te machucado pra valer.

— Meu pulso vai ficar ótimo se ficar bem longe dele e de mim — respondo, pondo a panela na pia e desviando dele para abrir a porta da geladeira, pegando o alho picado que Lindsay comprou.

Diego suspirou audivelmente e recostou ao lado da geladeira, me observando. Eu revirei os olhos o ignorando, e comecei a preparar o strogonoff diante do olhar impertinente e afiado dele durante todo o tempo, feito um estátua acompanhando cada gesto meu.

— Será que dá para parar de me encarar desse jeito? Está ficando estranho já.

Suspirei, cortando o peito de frango em cubinhos e pondo dentro da panela para pegar tempero.

— E como eu estou encarando você?

— Assim, feito um obcecado, sei lá, parece que vai pular em cima de mim a qualquer momento.

— Foi uma indireta?

— Não. Definitivamente não.

— Sabe, costumam dizer que a negação é o primeiro estágio — comentou com um ar de diversão.

— E costumam dizer também que a curiosidade matou o gato — rebati, apontando a faca na direção dele.

— Está dizendo que sou bonito ao me comparar com um gato? — perguntou, abrindo um sorriso que se encaixava perfeitamente no que poderia ser dito como um sorriso felino, um sorriso de um predador que tem confiança excessiva em si mesmo e em suas habilidades de caça.

Era essa a áurea emanando de Diego. A áurea de um predador felino, de um gato que se delicia em torturar a presa da maneira mais eficaz para sua vítima se contorcer, um predador que leva a presa ao limite sem de fato levá-la ao fim do joguinho de gato e rato. *Que brinca até cansar*. E era como se eu fosse o rato que ele estava se divertindo em torturar, um rato fácil de se torturar porque caía nas garras se irritando fácil.

— Não, estou dizendo que se continuar me olhando desse jeito, eu arranco os seus olhos — o alertei, apontando a faca na direção dele ainda escorado na geladeira, e tornando a cortar os cubos de frango.

— E depois o violento sou eu — Diego comentou em um ar de sarcasmo.

Eu mordi a ponta da minha língua para não dar uma resposta daquelas para ele porque sabia que era exatamente isso o que ele queria, ele queria me provocar e causar reações, queria que eu ficasse nervosa, queria me ver tentar escapar da maneira mais desesperada para poder me perseguir. E enquanto eu continuasse reagindo, ele continuaria me torturando, ele continuaria brincando. Tudo que eu precisava era ficar "parada" e uma hora ele se esqueceria da minha existência e abandonaria a brincadeira.

Respirei fundo e continuei a cortar o frango, ignorando o olhar de Diego acompanhando cada mínimo gesto meu por mais difícil que aquilo fosse.

Eles precisam ir embora daqui porque não vou aguentar muito tempo debaixo do mesmo teto que esse predador sem que uma catástrofe aconteça.



CAPÍTULO 03

“Ensinar boas maneiras"

Magnólia

Acordei escutando Débora gritando por Lindsay e chamando ela de traidora, o que me fez relembrar de todos os acontecimentos do dia anterior. E só de saber que aqueles três caras estavam no mesmo apartamento que eu, a minha cabeça doía. Latejando como se estivesse martelando um prego bem no topo.

Girei na cama segurando meu travesseiro por cima da cabeça e tampando meus ouvidos das vozes deles na cozinha, e tentei cochilar mais um pouco, até perceber que tinha perdido completamente o meu sono. Esperneei na cama, fula da vida porque nem nas últimas semanas de férias eu podia descansar em paz.

Pensei que eu e as meninas conseguiríamos relaxar depois da viagem e caos habitual, mas cansativo, que foi as férias em família nesse apartamento que tinha de tudo para ser um sonho desde que tivemos que sair do que estávamos porque o proprietário o vendeu, e agora tudo tinha sido arruinado.

Esfreguei meus olhos e fiquei em posição fetal na cama até sentir o cheiro do strogonoff dos sonhos da Débora, fazendo meu estômago começar a roncar na mesma hora. Enrolei por mais alguns minutos antes de realmente sentar na cama, me espreguiçar, deitar de novo e por fim levantar de vez da cama.

Arrumei meus travesseiros e guardei meus cobertores no armário, da onde tirei uma roupa qualquer e minha toalha junto da minha necessaire para poder tomar um banho.

O único som do apartamento era o da cozinha. Eu enfiei a cabeça para fora do corredor vendo Débora mexendo na panela de strogonoff, e me assustei ao ver a figura muscular e alta do cara de cabelos pretos e olhos verdes de gatuno encostado na geladeira observando minha amiga cozinhar, como se a observar fazer qualquer coisa fosse um ótimo passatempo, especialmente quando ela estava claramente incomodada com a atenção excessiva e proposital em si.

— Oi — sussurrei para Débora, que tirou a atenção da panela e olhou para o corredor, me

encontrando escorada na parede.

— Oi, assim, já que já está falando, deixa eu te perguntar — Eu assenti para que ela continuasse.

Ela e Lindsay sabiam que eu detestava falar assim que acordava, porém como eu havia acordado faziam alguns minutos me via disposta a falar um pouco, especialmente porque ela parecia prestes a voar no pescoço de alguém.

— Se eu matar alguém, você me ajuda a me livrar do corpo? — Deb me perguntou, tacando mostarda e ketchup no strogonoff. Vi o cara de olhos verdes sorrindo de lado ao escutar a pergunta dela, ciente que era ele esse alguém.

— Ajudo sim, só acho melhor debatermos antes como pretende matar, para vermos o método mais eficaz e menos sujo.

Débora concordou pensativa nos seus métodos baseados nos programas de assassinatos que ela assistia, e eu fui para o banheiro ao perceber que ela não iria falar mais nada e tranquei a porta ao entrar.

— Maçaneta estranha — murmurei comigo mesma ao fechar a porta, sentindo que o metal parecia estar meio mole.

Quando nada aconteceu, larguei a maçaneta e coloquei as minhas coisas na pia, começando a tirar meu pijama, dobrando e pondo do outro lado da pia. Tomei banho escutando as vozes de dois dos caras e de Lindsay e Débora gritando que o almoço estava pronto.

As duas já tinham aceitado o fato de conviver com esses caras ou eu estava ficando maluca?

Ao escutar Débora brigando com o cara que escutei se chamar Diego e o outro Lorenzo percebi que ela na verdade estava prestes a assassinar os dois, principalmente o Diego. Já Lindsay estava mais calada do que o seu normal, o que não era de se estranhar pois ela sempre teve timidez e dificuldade de conversar com estranhos, principalmente se os outros sendo homens. Algo que eu e Débora não conseguimos ajudar ela a superar como gostaríamos.

Estava saindo do banheiro quando Lindsay e Débora vinham da cozinha. Débora apontou o dedo indicador na minha direção assim que me viu.

— Você e o outro dorminhoco ficaram com a louça. Eu e o outro lá fizemos a comida, e a Lin e aquele outro lá lavaram metade da louça, portanto o resto é com você e o outro ali.

— Ei, desde quando viraram amigas daqueles dois?? — perguntei, começando a andar atrás dela para resmungar.

— Eu prefiro morrer do que virar amiga daquele demônio incorporado em corpo de homem — Débora disse em alto e bom som, abrindo a porta do seu quarto.

— Falando de mim, docinho? Estou ficando admirado em quantos apelidos carinhosos a sua boca ácida consegue produzir em menos de cinco segundos — Diego passou ao meu lado andando até a porta do quarto que estava dormindo, sorrindo para Débora que levantou o braço para bater nele, mas desistiu ao revirar os olhos.

— O que é isso no seu braço? — perguntei preocupada ao ver uma vermelhidão e pontos roxos em torno do pulso dela que seguiu meu olhar antes de abaixar o braço.

— Um cachorro, é, um cachorro nojento mordeu meu pulso — mentiu na maior cara de pau e fuzilou Diego que se virou para andar na direção dela que rapidamente entrou no seu quarto, fechando a porta na cara dele.

— Lin, que diabos aconteceu enquanto eu dormia? — me viro para a porta da loira, e me surpreendo ao perceber que já está fechada.

— Ok — murmurei, ainda mais desconfiada do caos e da confusão que aconteceu apenas durante a primeira manhã entre nós seis, e do quão pior poderia ficar até o final da noite.

Desisti de tentar arrumar outro plano para expulsar o trio masculino e larguei minhas coisas na minha cama, saindo do quarto e andando até a cozinha. Estava colocando a minha comida quando pelo canto do olho vi a figura de cabelos vermelhos alta e forte de Matthew adentrando na sala e na cozinha, esfregando o rosto e os cabelos prendendo em um coque, puxando as mechas vermelhas lisas e espessas para fora do alcance dos ombros cobertos por uma blusa branca amarrotada, ele parecia estar acordado pela mesma quantidade de tempo que eu.

A carranca e postura de quem sentia ódio por todo o mundo e começaria uma briga com o primeiro que o irritasse sem hesitação pairava no seu andar e expressão, já sendo parte de quem ele é. Não sabia dizer se o mundo ou alguém tinha feito algo para ele exalar essa raiva com tanta intensidade, mas eu sabia que a minha paciência era tão curta quanto a dele e nada de bom viria disso.

— Conseguiu falar com o proprietário? — Foi a primeira coisa que me perguntou, assim que olhou em volta e me notou na frente do fogão. Mal educado.

— Bom dia — pigarreei, enchendo a concha de strogonoff e pondo por cima do arroz no meu prato.

— E não, não consegui falar com o proprietário pois nem liguei para ele.

— Precisamos resolver esse problema — Ele respondeu, franzindo a testa.

— Quer exigir o que de mim? Você só acordou agora, senhor que está desesperado para resolver o problema — debochei, mexendo a cabeça de um lado para outro. Nenhuma resposta veio. — Vou ligar depois que comer, agora some da minha vista antes que eu perca meu apetite olhando para essa sua cara feia — mandei, tampando a panela e andando até a mesa, me sentando e pondo meu prato ali.

— Como se você fosse pudesse falar de alguém, *Magnólia* — Ele riu em descrença.

— O que é que está insinuando? — Arqueei a sobrancelha, pegando um garfo da gaveta que tinha alguns talheres e abrindo a geladeira para encher um copo de água.

— Que não está em posição para julgar os outros com esse nome, e lamento ser o primeiro a dizer, que é muito feio — Matthew argumentou, caminhando por trás de mim e pegando um prato para si de dentro dos armários.

— No dia em que a opinião masculina importar alguma coisa na minha vida, avisarei você, tá bom? — Sorri com cinismo, andando de volta para a mesa e me sentando na cadeira.

— Sua mãe certamente te odiava muito para lhe dar esse nome, né? — Ele riu do fogão.

Revirei os meus olhos, enfiando uma garfada de frango, arroz e batata palha na boca.

— E a sua deve se perguntar todos os dias onde foi que ela errou quando olha para essa sua cara.

— Seu nome é feio e longo, vou encurtar ele para o seu sinônimo, florzinha, tá bom? — Ele se sentou na cadeira do outro lado da mesa, ficando de frente para mim.

— *Florzinha* é a tua mãe — apontei meu garfo para ele, apertando o talher entre meus dedos.

— Minha mãe tem um nome muito mais bonito. E uma aparência muito mais bonita também — Matthew faz uma careta para mim, e eu respiro fundo desviando olhar para o lado.

— Tão temperamental. Acho que é de amiga para amiga, né? Ou você e a de cabelos pretos são irmãs? Ah, já sei, você é filha de pai ou mãe diferente, explica uma ser bonita e a outra não.

Ignorei os insultos dele e continuei comendo em silêncio. Não perderia o meu tempo e meu apetite batendo boca com uma pessoa que eu nem deveria ter tido o desprazer de conhecer. *Era só o que me faltava, ficar de papinho com ele.* Eu tenho é que me concentrar em me *livrar* dele e dos amigos dele.

— Não vamos sair daqui, sabe disso, né? — Matthew falou, quando não rebati mais os seus insultos infantis.

— Sabe que se depender de mim, vocês vão, né? Chegamos aqui primeiro e posso apostar que também entramos em contato primeiro.

— Nós também pagamos, nada disso importa.

— *Um mês*, vocês pagaram um mês — o corrigi, levantando meu rosto do prato para encontrar o dele.

Os olhos castanhos amendoados que pareciam avermelhados como cobre debaixo da péssima luz da mesa acima das nossas cabeças sustentaram o meu olhar.

— E vocês também.

— Não. Nós pagamos por *dois* meses — sorri de canto para ele, apoiando meu cotovelo na mesa e sustentando meu garfo entre os dedos.

— Acha mesmo que eu vou acreditar nisso? Você precisa melhorar seu teatro se está mesmo cursando direito, florzinha, porque nem uma criança caí nesse seu papinho — Matthew riu e revirou os olhos, tornando a comer.

Eu ri, remexendo meu garfo no prato.

— É o que vamos descobrir quando conseguirmos entrar em contato com o dono — dei de ombros, segurando meu copo de água e dando um gole.

— Olha, tudo seria mais fácil se simplesmente dividirmos o apartamento. Mesmo que só um trio fique, vai continuar tendo três quartos vazios. Se dividirmos todo mundo sai ganhando,

podemos dividir todas as despesas — ele argumentou mexendo a mão.

— Mudou de ideia rápido para quem estava tão seguro de que não sairia daqui, né? — zombei sarcástica, recostando na minha cadeira e largando o garfo no prato vazio.

— Estou tentando pensar numa solução que não prejudique ninguém. Esse apartamento fica num lugar bom e perto da universidade, o que é vantagem para todos nós.

Argumentou de novo, também largando seu garfo no seu prato vazio.

— É uma péssima ideia. Vamos nos matar em menos de uma semana. Eu acordei e Débora e Diego só faltavam se matar na minha frente — reclamei.

— Foi só o primeiro dia, não nos conhecemos e somos *bem* diferentes, é óbvio que vamos discutir — não perdi nem por um segundo a ironia quanto a menção de sermos diferentes, e semicerrei meus olhos para o sorriso fajuto de mulherengo que ele me lançou.

— Foi só o primeiro dia e eu tenho certeza de que até o terceiro estaremos na cadeia por tentar matar uns aos outros, ou pior, porque matamos — bati o dedo na mesa ao falar.

— Podemos conviver em paz se formos realmente morar juntos, é só questão de tempo, florzinha — respondeu, inclinando o rosto na minha direção por cima da mesa.

— Para de me chamar assim, meu nome é Magnólia. Se não gosta do meu nome, faça melhor, nem me chame.

Revirei meus olhos irritada com o apelido escroto e sem noção. Vi os lábios de Matthew subirem formando um sorriso

— Florzinha combina mais com você, afinal Magnólia é uma flor, não é? — Retrucou, reclinando de volta na sua cadeira, mas mantendo seu olhar por cima do meu.

— É. É sim.

— Então é perfeito. Embora você não seja delicada como uma...

— Seu abusado, você quer falar do nome de quem, hein? — Questionei mexendo meu queixo para cima algumas vezes o desafiando.

— Meu nome é comum — ele franziu a testa.

— Seu nome não combina nem um pouco com você, o que é muito pior do que um nome feio.

— Como se o seu nome combinasse com você — ele frisa mais a testa ao me retrucar, e eu suspiro alto revirando os olhos.

— Quer saber? Eu não vou perder meu tempo debatendo com um poste ambulante. Nós dois ficamos encarregados de lavar o restante da louça já que os demais fizeram o almoço e lavaram metade da louça que tinha — o comuniquei, me levantando da mesa e segurando meu prato e copo em mãos.

— Então levanta logo daí e vem me ajudar, porque eu não acho que consigo ficar mais do que cinco minutos na sua presença sem querer te esganar — me virei contornando a bancada e pondo meu prato e copo na pia.

— O que há de errado com a minha presença? Eu te deixo nervosa por algum acaso? — Matthew questionou com o tom mais falso e hipócrita de curiosidade que eu já escutei na minha vida antes ao parar do meu lado na pia e sorrir para mim.

— Cala essa boca grande e faz algo de útil, secando a louça, por exemplo. Enquanto eu lavo. — Puxei e taquei no rosto dele o pano de prato que estava pendurado na pia, começando a ensaboar os três pratos restantes.

— Então quer que eu faça outro tipo de uso dessa boca grande? — Ele sugeriu, pegando o primeiro prato limpo e molhado das minhas mãos.

— Ah, isso é possível, é? Por favor, me diga, para que outro uso essa sua boca grande é útil? — eu ri debochada, ensaboando os outros dois pratos e os três garfos.

— Entre as suas pernas, chupando você. — respondeu.

Arregalei meus olhos assim que ouvi a obscenidade que saiu da sua boca, e apertei o garfo entre os meus dedos apontando diretamente para ele.

— Escuta aqui, você não sabe respeitar uma mulher não??

— Foi você quem perguntou qual outro uso eu poderia fazer com a minha boca, não pode ficar brava se eu respondi, florzinha.

Um sorriso astuto feito o que uma raposa teria dado se fosse humana se formou nos lábios de Matthew. O tipo de sorriso que deixa explícito o tipo de encrenca que o cara de cabelos vermelhos é. Astuto, arrogante, nada confiável, cheio de si e esperto, tornando ele um perigo para qualquer um ao seu redor. E ele parecia adorar isso, parecia adorar usar a boca suja para pegar os outros desprevenidos e dominar a situação ao seu favor.

— Abaixa esse garfo, pretende me matar com ele ou o quê? — ele mandou, gesticulando com o queixo para o garfo que eu ainda tinha apontado na sua direção.

— Se continuar de gracinha, é isso mesmo que eu vou fazer. Eu vou pegar esse garfo, e enfiar ele na sua garganta até você sufocar, até você deixar de ser mandão e depravado — avisei, balançando meu garfo no ar bem na frente do rosto dele.

— A única coisa entre nós dois que vai sufocar a garganta de alguém aqui e ensinar boas maneiras não é o seu garfo, e vai ser na sua garganta, florzinha — Matthew murmurou perto da minha orelha, sorrindo de lado feito uma maldita raposa.

Senti meu rosto fervendo de tanta raiva. Joguei o garfo na pia, furiosa.

— Depravado!!! — xinguei, abrindo a torneira e espirrando água bem no rosto dele.

Matthew xingou por ser pego desprevenido, a mão cobrindo o rosto para secar a água que escorria desde seus olhos por seu nariz, bochechas e maxilar. Algumas gotas de espuma no cabelo preso.

— Vou fazer de tudo para expulsar você e os seus amiguinhos deste apartamento e vai ser essa semana! — comuniquei entre dentes, largando os pratos e talheres molhados na pia para ele secar sozinho, e saí da cozinha.

— Fique sabendo que não vai conseguir — escutei ele me alertar assim que dei as costas.

Mordi o canto interno da minha boca com força para não voltar lá e quebrar a cabeça dele com um daqueles pratos de cerâmica, e continuei andando pelo corredor até o meu quarto. Estava abrindo a porta quando a porta do quarto da Débora se abriu e Diego saiu lá de dentro carregando uma caixinha branca em mãos.

— O que estava fazendo no quarto da minha amiga? — perguntei dando alguns passos na direção dele. Ele colocou o olhar verde no meu rosto e franziu a testa.

— Não é da sua conta — respondeu ríspido, entrando no seu quarto e fechando a porta.

— Seu mal educado — bati na porta do quarto dele antes de me virar e abrir a do quarto da Débora, encontrando ela sentada na ponta da cama olhando para seu pulso que estava enfaixado.

— O que aquele idiota estava fazendo aqui? — perguntei para ela. Débora bufou, revirando os olhos.

— Me enchendo a droga da paciência para fazer isso — balançou o braço no ar, exibindo a faixa que envolvia seu pulso.

— E como isso aconteceu? Está doendo muito? — Me sentei ao seu lado na cama preocupada.

— Nem tanto. Não foi sério nem nada, aquele idiota que não sabe controlar a força e eu sou muito boa exagerando — Ela fechou a mão em punho como se fosse socar ele, mesmo que ele não estivesse aqui, e muito menos escutando nossa conversa.

— Foi ele quem fez isso? — Arqueei a sobrancelha.

— É. Mas esquece. Eu fiz pior — Ela se virou para mim.

— Mag, eles precisam sair daqui. Ou eu vou cometer uma loucura — sussurrou de olhos arregalados.

— Eu sei — Sussurrei de volta.

— Mas não sei como — Admiti, suspirando.

— Então é melhor descobrirmos, ou esse apartamento vai abaixo até o final da semana.

Débora concluiu, e eu concordei com ela, pois não haveria nenhum outro fim possível para nós seis além da cadeia ou da rua se ficássemos uma semana morando debaixo do mesmo teto, não haviam outras alternativas. E eu não me interessava por nenhuma dessas possibilidades.



CAPÍTULO 04

“Está fugindo de mim?"

Lindsay

Magnólia

Precisamos pensar em algo agora

Não vou suportar mais um dia

com aquela raposa!

Lindsay

Raposa?

Débora

Raposa?

Magnólia

O Matthew, caramba!

Lindsay

Deu um apelido para ele?

Magnólia

NÃO!!!!

é-um-insulto!

Débora

Ele parece mesmo com uma

Mas uma bem bonita e que eu

não me importaria de ser usada hehehe

Magnólia

@Débora ficou maluca?

Débora

Só estou falando os fatos

Ele é gostoso, só isso, ou

vão me dizer que não?

Magnólia

Não admito nem sob tortura

Lindsay

Pensei que achava isso do Diego

Débora

Quero que aquele predador morra

dormindo sufocado com o próprio ego

Lindsay

Predador?

Magnólia

Predador?

Tanto faz, no momento eles são

nossos inimigos. E nós precisamos nos livrar deles. Temos até o final da semana para pensar em como, portanto comecem a pensar nisso!

Vi que Magnólia parou de digitar após enviar a mensagem e eu suspirei, também saindo da conversa e fechando a aba. Olhei para o teto tentando pensar em alguma solução para o golpe em que caímos. E mais uma vez tudo que a minha mente conseguia pensar era em Lorenzo, nele me segurando e me beijando. Na proposta indecente que me fez e no quão perto eu estava de enlouquecer do tanto que fiquei pensando sobre isso o decorrer da tarde toda.

— Lin! — sentei na minha cama em um pulo quando escancaram a minha porta e vi Magnólia entrar, fechando a porta e andando até minha cama.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, me virando na direção dela.

— Eu quem pergunto, você tá vermelha, parece um tomate. Está tudo bem? Está passando mal? — ela me olhou preocupada e eu coloquei ambas as mãos contra as bochechas, choramingo e balançando a cabeça, não podia ser.

Toda vez que eu parava para pensar no episódio desta manhã, ou via Lorenzo ou pensava nele, meu rosto virava uma pimenta de tão vermelho que ficava.

— Não é nada — balancei a cabeça, ainda mantendo as palmas contra as minhas bochechas.

— Certeza? Sabe que pode contar qualquer coisa para mim e para Deb — eu assenti, e neguei sobre falar ao mesmo tempo. Mag suspirou ciente de que eu não conseguiria falar mesmo que tentasse, e concordou.

— Quando se sentir pronta, estaremos aqui, está bem? — eu assenti e ela sorriu genuinamente feliz por eu concordar.

— Tá, mas foi sobre outra coisa que eu vim falar. O aniversário da Deb é daqui dois dias. Precisamos ir encomendar um bolo, eu até tenho uma foto de um que sei que ela iria gostar — Abaixei minhas mãos das bochechas para segurar o celular de Mag quando ela o virou na minha direção.

Na tela tinha a imagem de uma foto redonda com o desenho de pirulitos, o doce e maior vício da nossa melhor amiga. O bolo era bastante colorido e tinham letras de forma que formam a tradicional frase feliz aniversário

— Ela vai gostar. O bolo vai ser de quê? — Perguntei, devolvendo o celular para Magnólia.

— Baunilha, e o recheio de amendoim com leite moça, é o favorito dela — Eu concordei com ela.

— Como vamos fazer se eles continuarem aqui? — Apontei com a cabeça para fora do quarto.

— Não sei. Por enquanto, vamos encomendar o bolo. Tem uma loja aqui na rua que faz encomendas para aniversários. Vamos lá comigo? Falar com eles e encomendar o bolo, docinhos e salgadinhos.

— Claro, vamos. Mas a Deb não vai suspeitar? — perguntei, já me levantando e pegando a minha carteira e chaves.

— Não. Eu fui no quarto dela e ela está dormindo. Se ela perguntar, eu arrumo uma desculpa na hora. Agora anda. — Ela agarrou meu pulso e saiu me puxando empolgada para fora do quarto.

Era sempre assim quando se tratava de aniversários, Mag ficava mais empolgada do que a própria aniversariante e fazia de tudo para o dia dela ser perfeito. E eu tinha certeza de que seria o mesmo esse ano, e no fim todas nós agimos e pensamos do mesmo jeito apesar da Deb ter um certo problema quando o aniversário em si era o dela.

— Ei, meninas, queríamos falar com vocês, pois estamos pensando em dar uma....— Vi Lorenzo nos chamar assim que aparecemos na sala onde.

Eu olhei para meus sapatos, calçando eles e tentando controlar meu rosto para que não corasse instantaneamente só com a presença e som da voz do loiro, que ainda é um completo estranho. Isso é muito humilhante

— Estamos ocupadas. Se for sobre ficarem no apartamento, falamos assim que voltarmos. Se não, é problema de vocês, tô nem aí, se virem — Mag falou, mais especificamente para Matthew pois encarou ele ao falar, agarrando meu pulso em seguida e disparando apartamento afora comigo.

— Esse bairro é bem movimentado e bonito até — eu falei, andando de braços dados com Mag pela calçada, olhando ao redor.

A rua era bastante movimentada e tinha bastante estabelecimentos comerciais, especialmente cafeterias com uma decoração mais fofa que a outra, e xícaras de todos os moldes, tamanhos e cores a venda.

— Lin, você tem xícaras demaaaaais — Mag me puxou quando eu quis entrar na cafeteria que tínhamos acabado de passar em frente.

— Só mais uma não mataaaaa — choraminguei, sendo arrastada por ela até a loja de bolos e doces mais a frente.

Eu olhei ao redor, admirada pelos bolos e doces em várias formas, cores, tamanhos e desenhos, andando com Mag até o balcão onde um dos funcionários veio nos atender.

— Oi, boa noite. Eu estava conversando com vocês pelo celular, eu perguntei se vocês podiam fazer esse bolo aqui — Ela mostrou a foto do bolo para o rapaz.

— Ah, sim. Fazemos sim. Aqui, tem os preços de cada tamanho e kits também — O rapaz puxou duas plaquinhas com ilustrações dos bolos, doces e salgadinhos que eles faziam por encomenda e os variados tipos de recheios e cobertura dos doces e dos salgados. Eu peguei uma e Mag a outra.

— Obrigada, podemos sentar em uma das mesas para decidir? — Mag olhou para o rapaz que estava nos atendendo.

— Sim, claro. Qualquer dúvida podem me chamar.

— Obrigada — Eu e ela falamos, andando até uma das mesas perto do balcão e sentando nas cadeiras.

— O que você acha desse aqui? A Deb come doce feito uma formiga — Mag sugeriu e apontou para um dos kits.

Olhei para o kit lendo as informações. O bolo daria mais de trinta fatias, vinham cem docinhos do mesmo sabor que fosse escolhido e cem salgadinhos.

— Parece bom. Mesmo que os outros acabem comendo, acho que dá para todo mundo — murmurei, olhando para as outras opções.

— E quem falou que vamos deixar eles comerem? Eles não vão ajudar em nada! — Magnólia retrucou, já irritando-se ao relembrar dos rapazes.

— Hoje eles insistiram para ajudar no almoço. Acho que o Diego até pagou metade das compras que a Deb pagou. Eles vão querer ajudar, sim, pelo o que estou vendo.

Mag bufou, revirando os olhos.

— Eles são uns intrometidos, isso sim — resmungou, balançando a perna debaixo da mesa.

— Olha, se a gente continuar brigando vai ser pior. Não é melhor a gente só tentar conviver pacificamente até resolvermos a situação? — comentei.

Pelo o que eu observei durante o almoço Débora e Diego só faltavam se matar com os garfos, ele pertubando e provicando ela, e ela caindo na pilha. E eu só faltei virar um móvel da casa porque não conseguia falar nada com o olhar e sorrisos de Lorenzo para mim, só faltou eu morrer quando fomos lavar nossa parte da louça e ele ficou do meu lado tentando puxar assunto, e eu fiquei feito uma máquina travada sem conseguir formular uma resposta. A atitude que Débora e Magnólia tinham para enfrentar as suas respectivas versões masculinas e quaisquer outros caras era nula dentro de mim, e as minhas tentativas de superar esse bloqueio nunca obtinham sucesso.

— Não. Aquele idiota disse que meu nome é feio. Tudo bem que meu nome é feio, mas aí só eu posso admitir isso!

— Vocês quatro estão parecendo crianças implicando uns com os outros, isso sim — falei em tom de provocação, sorrindo para a cara que ela fez pela comparação que fiz.

— Saco — Mag cruzou os braços.

— Tá. Talvez tenhamos exagerado. Eu vou pensar sobre esse convívio pacífico, mas não garanto nada — Ela tornou a me alertar. Eu sorri orgulhosa por ela ao menos cogitar repensar, algo muito raro para a Magnólia.

— E você para de me olhar assim, sua pacificadora chata — resmungou comprimindo a boca.

Eu ri, agarrando o rosto dela e beijando a sua bochecha, a abraçando enquanto ela fingia espernear.

— Que orgulho da minha esquentadinhaaa — apertei ela em meus braços uma última vez antes de recuar, vendo ela vermelha por tentar fugir do abraço. Eu dei risada, escondendo a boca e empurrando sua cabeça de leve e no fim ela também estava rindo comigo.

— Vamos encomendar esse aqui mesmo então. Se os rapazes quiserem participar e comer, eles podem pagar pelas bebidas, o que acho? — Aponto o kit que ela falou e me levanto da cadeira.

— É, pode ser. Melhor voltarmos antes que a Deb acorde ou apareça aqui, ela parece que sente quando estamos em um lugar que tenha doce — Eu cobri a boca ao começar a rir, mas concordei.

Retornamos ao caixa e fizemos a encomenda para o dia do aniversário da Deb, dividindo o valor total entre nós duas e saindo da loja após confirmar a encomenda.

— Talvez não seja tão ruim assim conviver com eles ao invés de viver em pé de guerra — Magnólia comentou pensativa quando estávamos no elevador, já voltando para o apartamento.

— Tenho certeza de que vai valer a pena dar esse voto de confiança para eles — Fechei a mão em um gesto encorajador para ela, e saí primeiro assim que as portas abriram, mas congelei no mesmo instante quando escutei o som de música vindo da porta do apartamento.

— Que música é essa? — Mag me perguntou, trocando um olhar confuso comigo, e eu que começava a ter uma ideia do que poderia ser, a encarei de volta sem falar nada.

O som foi ficando mais alto conforme nos aproximamos da porta. E no instante em que abrimos, vi a ideia de paz indo embora do corpo e da mente de Magnólia quando nos deparamos com várias pessoas no apartamento bebendo e conversando ao som de uma música que eu não conhecia.

— Eu vou mandar eles direto para a cadeia — Magnólia jurou, fechando a porta e seguindo para a sala, eu corri atrás dela agarrando o seu pulso.

— Mag, pensa comigo, se você matar eles ou os agredir, pode ser presa, como vai se tornar advogada se tiver ficha?! — Coloquei minha outra mão no ombro dela, tentando acalmá-la antes que ela encontrasse os rapazes em meio às pessoas circulando pelo apartamento. Mag fechou os olhos, respirando fundo quando refletiu sobre as minhas palavras.

— Isso, isso, inspira — Eu inspirei junto com ela. — E expira — eu e ela expiramos juntas.

— Mais calma? — Perguntei, vendo ela abrir os olhos ainda mantendo o exercício de respiração.

— Sim — Suspirou.

— O som está muito alto? — Matthew apareceu na nossa frente segurando um copo de bebida e com um sorriso de provocação nos lábios, olhando diretamente para Magnólia que fechou a mão na minha com força.

— Lindsay estava me convencendo a convivermos como pessoas normais — As palavras de Mag pegam tanto Matthew como eu de surpresa, mas é quando percebo onde ela quer chegar. — Graças a sua festa, acabo de mudar de ideia. E se depender de mim vocês podem ir parar debaixo da ponte!

Ela agarrou o copo que ele segurava e entornou em cima da cabeça de Matthew e me largou sozinha com ele ao seguir para o seu quarto, batendo a porta com tudo.

Eu olhei para o copo caído no chão e a bebida escorrendo pelo cabelo e rosto do cara contraído em raiva, os olhos borbulhavam em fúria assim como os de Mag antes dela sair.

— A sua amiga está brincando com fogo, e ela não vai gostar quando se queimar — Matthew deu um meio passo na minha direção e eu recuei em um, assustada, foi quando senti minhas costas colidindo com alguém.

— Cara, deveria falar isso para a garota que te deu um banho, não para ela. Além do mais, você bem que pediu por isso, né? A garota é um pitbull — olhei para trás e encontrei Lorenzo, um sorriso persistindo no rosto ao ver o estado do amigo.

— Não enche, Lorenzo — Matthew avisou com a respiração curta e nos deu as costas, andando para o seu quarto por onde sumiu ao fechar a porta assim que entrou.

— Acho que um acordo de paz está fora de cogitação, né? — Lorenzo abaixou a cabeça e olhou para mim, sorrindo mais. E eu entrei em pane novamente, sentindo minhas bochechas de imediato mais quentes.

Eu comprimi a boca e tudo que consegui fazer foi desviar do olhar dele e sair andando em direção ao meu quarto no corredor. Estava prestes a fechar a porta quando a mão de Lorenzo agarrou a maçaneta, me impedindo de fechá-la.

— Está fugindo de mim, Lindsay? — ele perguntou, abrindo mais a porta para se inclinar na lateral nela, o olhar azul mudando do habitual tédio para satisfação ao me encarar.

— Não — falei, segurando o lado de dentro da maçaneta.

— Então por que está me evitando o dia todo? Estou te deixando desconfortável? — sua expressão mudou para medo ao fazer a pergunta.

— Não — falei de novo.

— Então o que é? — ele deu alguns passos para dentro do meu quarto, ficando diante de mim e restando apenas uma mínima distância entre nossos corpos. O dele é muito mais alto e forte do que o meu, fazendo com que eu me sentisse uma formiga em comparação a ele.

— E-Eu só não sei o que falar, você me deixa nervosa — meu tom de voz abaixou e

duvidei que ele teria conseguido me escutar com a música vibrando nas paredes da casa.

— Um nervoso ruim? Ou um nervoso bom? — ele abriu um sorrisinho cheio de intenções que fizeram eu perder a capacidade de falar novamente. Meu rosto começou a ficar mais quente.

Eu desviei o olhar e me virei, andando para a cama sem conseguir responder, querendo uma sacola para esconder meu rosto e o quão embarassada estava ficando com essa reação que Lorenzo estava arrancando de mim assim tão facilmente.

— Isso é porque você está cogitando aceitar aquilo que falei de manhã?

Escutei a porta fechando e os seus passos me seguindo, eu me virei dando de cara com ele. Meus lábios se separaram quando pensei em responder, só que no instante em que tentei, o olhar azul do loiro se fixou no meu de uma maneira tão intensa e séria que eu entrei em estado de completa paralisia.

— Tá, você não consegue falar sobre essas coisas em voz alta. O que acha de eu fazer uma pergunta, e você acena uma vez para sim, e duas para não? — Lorenzo sugeriu, a mão grande correndo pelo cabelo, bagunçando as madeixas loiras que pareciam estar um pouco úmidas.

— Okay — consegui falar depois de respirar fundo. Ele assentiu, acho que tão ansioso quanto eu, só que ele ao menos não estava vermelho ou com problemas para fala.

— Eu te deixo nervosa no sentido de que gostaria que eu ficasse longe de você? — ele começou. Eu acenei duas vezes para negativo, dizendo não.

Todo o corpo dele relaxou e o sorriso retornou ao rosto do loiro.

— Bom, muito bom.

Ele me encarou calado por mais alguns segundos antes de parecer pronto para fazer sua próxima pergunta.

— Então eu te deixo nervosa no sentido de que gostaria que eu ficasse mais perto? — ele abaixou mais a cabeça, cheio de expectativas dentro dos olhos azuis. E quando eu acenei para que sim uma vez, foi como se fogos de artifício explodissem nas íris azuis tão parecidas com as minhas quando se tratava da tonalidade.

— Significa que tem pensado em aceitar o que lhe propus de manhã? — Sua voz saiu ansiosa quando perguntou após alguns segundos de tensão e silêncio entre nós dois.

Eu acenei positivo mais uma vez e o sorriso do loiro naquele instante poderia ser comparado com o de uma criança que ganhou exatamente aquilo que pediu de natal, e não conseguia fazer outra coisa além de sorrir radiante e ansioso para estrear o brinquedo. Só que dessa vez não foi malicioso, e sim empolgado, contente e realizado. E eu acabei sorrindo de volta, nada como ele, muito constrangida, mas contente também.

— Então você aceita? Você quer isso comigo? — Lorenzo perguntou, se aproximando minimamente de mim. E quando eu acenei uma vez que sim, os lábios do loiro se separaram formando um o de choque e euforia.

— Certeza? Você quer mesmo fazer comigo as coisas que sempre teve vergonha de fazer com os outros? E quer que eu lhe mostre tudo isso? — Lorenzo perguntou como quem refletia

mais seriamente sobre o que faríamos. E eu acenei positivo novamente.

— Quer mesmo que eu seja o seu primeiro em tudo, lindinha?

— Sim, Lorenzo — eu consegui reunir as palavras e as colocar para fora sem demorar tanto quanto antes. — Eu quero que você seja meu primeiro em tudo.

Lorenzo mordeu seu lábio inferior com força e recuou um pouco, ainda sorrindo para mim.

— Ok, ok, eu não achei que fosse mesmo aceitar, você me pegou desprevenido — ele riu como se agora ele parecesse constrangido nessa situação.

— Por que me fez a proposta se nem acreditava que eu aceitaria? — franzi a testa, inclinado minha cabeça um pouco para o lado.

— Bem, achei que iria acabar me achando um maluco, ou sem noção, a forma como lhe fiz aquelas perguntas foi péssima — ele riu, coçando a parte de trás da cabeça.

— Foi péssimo mesmo, mas… acho que se não fosse por elas, eu não acabaria aceitando — dei de ombros.

— Tem certeza, Lindsay? — ele tornou a encurtar a distância entre nós dois, meu nome sendo pronunciado de um jeito suave.

— Tenho certeza, Lorenzo — aceno uma vez.

— Então agora o que me resta é cumprir com a minha palavra — o sorriso malicioso surgiu ao pequeno curvar de canto dos seus lábios, sua cabeça abaixando-se mais de encontro a minha.

E aqui estava eu ficando nervosa novamente e corando instantaneamente.

— C-Como isso vai funcionar? — Ele sorriu ao me ver nervosa e gaguejando, aquilo aumentando o sorriso arrogante dele e massageando ainda mais o seu ego.

— Não quero assustar você. Por isso vamos começar devagar, bem devagar. Com coisas mais… calmas.

— E o que seriam essas coisas calmas?— faço uma careta ao tentar imitar o tom que ele usou ao falar a mesma palavra.

— Com o básico dos básico, é claro. Um beijo. Vou te ensinar a beijar, lindinha — Lorenzo sorriu como se já tivesse todas as suas futuras ações e falas planejadas e decoradas de có e salteado, e eu engasguei com a menção da palavra beijo, agora entrando em estado de nervos total.

— U-um b-beijo? — pisquei olhando ao redor me sentindo sufocada e com calor de repente.

— Se quiser, lógico — Lorenzo se apressou em dizer, recuando.

— Eu quero, só… realmente nunca fiz isso antes — Admito olhando para o chão e querendo sumir ao falar em voz alta.

— Nada mesmo? Nem um selinho? Nem aqueles tutoriais que falam que tem por aí?

— Não.

— Bem, vamos praticar bastante então.

Ficamos alguns segundos em silêncio, apenas nos encarando como se somente aquilo bastasse para satisfazer nós dois e as necessidades que vínhamos sentindo.

— Vou começar pelo mais importante. Posso te tocar? — o loiro questiona.

— Onde?

— Bem, quero tocar no seu rosto, no seu cabelo...— seus olhos seguem para onde diz.

— Seu pescoço, seus braços… seu corpo. Onde se sentir confortável, é onde estarei tocando. E onde não se sentir segura para ser tocada, eu não tocarei — me promete, seu olhar pairando no meu.

— Qualquer lugar — Consegui reunir coragem suficiente para dizer.

— Qualquer lugar? — ele levantou ambas sobrancelhas surpreso pela minha resposta.

— Sim, pode me tocar onde quiser… — Minha voz não passa de um fiapo, não de insegurança e sim por timidez, e mesmo assim ele entende, atento no movimento dos meus lábios quando falo.

Lorenzo não hesitou mais do que um segundo. Eu senti a mão dele se fechar na minha bochecha e seu dedão tocar meu queixo, erguendo meu rosto para que eu o olhasse nos olhos. Ele sorriu tentando me acalmar.

— Não tem porque se envergonhar por isso, ok? Não tem nada de errado com isso, ou de estar fazendo tudo isso só agora. É o seu corpo e o seu tempo. E quero que saiba que me sinto honrado por querer fazer essas coisas comigo — ele falou, seu dedão traçando carícias por meu queixo até a minha bochecha que parecia estar em chamas.

— Ok — ele riu brevemente da minha resposta estrangulada, seu dedão continuou fazendo círculos invisíveis pela minha bochecha, o toque áspero sendo carinhoso e cuidadoso.

— Precisaremos trabalhar em mais do que só algumas palavras. Por enquanto quero que me diga se quer parar, e eu paro. Se gostou de algo, ou se não gostou também, assim farei mais ou não farei nenhuma outra vez, ok? — eu acenei que sim.

— E agora? — sussurrei.

— Agora feche os olhos, e somente sinta. Apenas me deixe beijar você e conduzir tudo, aham? — Ele falou, a sua outra mão indo até a lateral do meu pescoço, fechando seus dedos na parte de trás da minha nuca onde senti um aperto. Ele puxou um pouco minha cabeça para trás, meus olhos se fecharam sozinhos e um suspiro separou meus lábios.

— Você reage tão bem para mim, Lindsay, e eu adoro isso — A voz do loiro estava carregada de um tom mais grave e sério, e eu abri mais meus lábios no que pareceu ser automático quando senti ele escovar sua boca no espaço entre a minha.

Lorenzo recuou logo depois que se aproximou, e por alguns instantes não o senti perto dos meus lábios como antes. Eu franzi a testa confusa, estava abrindo os olhos quando senti seus lábios pesados cobrindo os meus por inteiro, destruindo qualquer pensamento e ação coerente que eu tinha. Seus lábios tinham o gosto de álcool misturado com bala de maçã-verde, e eu gostei. Me fez querer mais, e relutante, mas ao mesmo tempo decidida deixei meus lábios se mexerem nos dele, acompanhando os movimentos sutis que o loiro conduzia.

Ele se afastou um pouco e seus lábios tocaram na minha orelha, um arrepio reverberando todo o meu corpo no instante que ele o fez.

— Posso avançar? — o loiro beijou abaixo do lóbulo da minha orelha.

— Está gostando? — seus lábios dessa vez envolveram a ponta do lóbulo da minha orelha e eu ofeguei, sentindo aquela pressão surgindo e uma sensação de expectativa se formando também dentro de mim.

— Sim, sim — sussurrei ambas respostas ainda de olhos fechados.

Dessa vez quando os lábios do loiro reencontraram os meus, estavam bem mais pesados e ágeis. Eles se moveram um pouco mais por cima dos meus, me instigando a separar mais até que senti sua língua quente roçando meu lábio inferior antes de deslizar para dentro da minha boca. Pensei que a sensação seria extremamente estranha e desconfortável, mas quando ele insinuou sua língua por cima da minha movendo os lábios junto dos meus, percebi que minha percepção sobre como beijos seriam e como são estava muito errada no instante em que aquele mesmo gemido que me escapou de manhã, me escapou de novo no meio do meu primeiro beijo.

Lorenzo apertou mais suas mãos em torno de mim, os dedos na minha nuca se afundando um pouco mais no meu couro cabelo e a que mantinha meu rosto erguido seguiu a mesma pressão. A respiração antes calma dele começou a encurtar misturada com a minha conforme nossos narizes se pressionavam um no outro e eu começava a mover minha língua, seguindo o exemplo lento dele.

Segurei nos ombros dele quando senti que minhas pernas não conseguiriam me sustentar tão bem quanto eu gostaria, e aquilo pareceu enviar um sinal errado para ele, pois ele recuou, ofegante assim como eu.

— Por que… parou? — eu suspirei, abrindo os olhos e encontrando o olhar azul do loiro atento no meu rosto, os lábios um pouco vermelhos como meu rosto inteiro certamente estava.

— Respirar é uma boa razão, lindinha — ele brincou, sorrindo um pouco. — Mas a maior razão é para saber se está tudo bem.

— Sim, tudo bem — afirmei, respirando fundo e ainda segurando nos ombros dele, gostando da sensação de os tocar.

— Quer um segundo beijo?

Acenei positivo, e ele riu.

— Acho que podemos pôr em prática o falar um pouco mais agora. Vou perguntar de novo, quer um segundo beijo? — Ele ergueu a sobrancelha loira para mim, olhando-me com desafio, mas alegria também.

— Sim, eu quero um segundo beijo — Falei após respirar fundo.

Lorenzo avançou mais rápido que antes, tomando meus lábios com mais avidez, e eu me surpreendi por conseguir retribuir quase na mesma voracidade, o que fez ele recuar só um pouco e sorrir entre meus lábios.

— Para uma completa inexperiente, você aprende bem rápido, lindinha — Zombou, e me calou antes mesmo que eu formulasse uma resposta ao continuar com o beijo.

Eu inspirei fundo, deixando sua língua circundar a minha um pouco menos lento que os

dois anteriores. Eu inclinei meu rosto um pouco ao tocar hesitante os seus ombros e enlaçar seu pescoço ao sentir ele chupar a minha língua, um novo som me escapando pela sensação nova, e nos segundos seguintes eu estava seguindo o seu exemplo e fazendo o mesmo com a sua língua, um pouco mais devagar e bem menos experiente que ele. Me assustei e me surpreendi ao escutar um gemido vibrando da garganta do loiro.

— Vai devagar comigo também, eu não pensei que aprenderia a ser tão boa beijando assim tão rápido — ele suspirou ao quebrar do beijo da minha parte pelo som que escutei dele, e no quanto aquilo aumentou a pressão sufocante meu corpo, especialmente no meu ventre e entre as pernas.

— É algo ruim? — Eu ri ao comentar divertida.

— Não, mas está tornando mais complicado me controlar por aqui — Ele riu descontraído.

Eu mordi meu lábio inferior sem saber o que dizer, e encarei Lorenzo quando escutei um suspiro sôfrego vindo dele.

— Virgem cruel e irresistível — Ele murmurou, movendo o dedão até o meu lábio inferior o puxando para fora do meu dente e me beijando com mais força. Meu rosto ferveu mais ainda, e eu precisaria me acostumar com isso se pretendia continuar com o que eu e ele estávamos fazendo.

Me movi para chegar mais perto dele, apertando um pouco meus braços ao seu redor, mas de repente a mão de Lorenzo que estava na minha nuca agarrou meu quadril travando meu corpo no mesmo lugar.

— Ainda não — Ele falou, as palavras se formando sobre os meus lábios.

— Por quê? — eu perguntei, também sem afastar meus lábios dos dele.

— Porque não quero ultrapassar as linhas e te assustar. Você nunca fez, sentiu ou viu nada disso antes. Mesmo que eu queira mais, irei devagar com você.

Eu assenti, e ele recuou um pouco, me forçando a relaxar o aperto ao redor dos seus ombros e pescoço. Nossos olhares se encontraram e agora era ele quem estava ligeiramente corado.

— Por hoje acho que já foi o suficiente. Amanhã passamos para o próximo nível.

— E como o próximo nível vai ser? — Perguntei, mordendo meu lábio inferior de novo.

Lorenzo apertou meu quadril, seus dedos cravando na parte de trás do meu quadril empurrando um suspiro para fora da minha boca que de repente estava selada na nele por alguns segundos, antes de se separar novamente.

— Amanhã você descobre, lindinha.

Lorenzo colocou suas mão por cima dos meus braços os abaixando, beijou as pontas dos meus dedos e sorriu antes de sair do quarto e fechar a porta. Assim que a porta bateu, eu caí sentada na cama com a mão na boca, o coração quase saindo para fora do peito e o corpo todo ardendo e pulsando como se estivesse em chamas.

Amanhã...

Suspirei caindo para trás na cama, e somente agora tornei a escutar a música na casa

vibrando as paredes enquanto tudo em mim estava vibrando ansioso por tudo que viria amanhã e os niveis que eu iria alcançar.

CAPÍTULO 05

“Estraga prazeres"

Débora

Peguei uma lata da bebida alcoólica de morango de dentro das outras que os rapazes tinham comprado e eu ajudei quando falaram que queriam dar uma festinha, porque se eu era a única contra, não me restava nada a obter alguma vantagem desse som alto e pessoas misturadas. E foi com a bebida, óbvio.

— Você está sempre com um pirulito na boca — Diego zombou aparecendo ao meu lado na mármore da pia que tinha virado estação de bebidas, copos e gelos.

— Por quê? Queria que eu estivesse com outra coisa na boca? — alfinetei de volta, revirando os meus olhos e dando outro gole da bebida que tinha um gosto de morango mais espesso, era minha primeira vez experimentando esse sabor e gostei bastante por ser mais doce do que julguei que seria. Dei outro gole e comprimi meus lábios lendo os ingredientes no rótulo, interessada.

— Do jeito que você chupa esse pirulito estou começando a cogitar que seria interesse te ver chupando outras coisas, docinho — Diego respondeu, a uma altura irritante como imaginei. A bebida travou na minha garganta por um instante antes que eu conseguisse me recompor antes dele perceber.

— Uma pena para você, pois nunca descobrirá — Virei o rosto para retribuir o olhar malicioso e impertinente dele.

— O que te faz pensar que não irei descobrir? — Ele elevou a sobrancelha preta para mim e eu elevei a minha de volta, colocando o pirulito na boca e chupando devagar antes de o tirar outra vez.

Aqueles olhos verdes caíram para a minha boca e o movimento dos meus lábios e língua chupando e lambendo em torno da bola de açúcar, um sorriso de canto sem vergonha curvou seus lábios enquanto seu olhar se tornou lascivo ao se fixar na minha boca.

— Porque eu não faço caridade — respondi, dando outro gole da bebida.

Diego riu abaixando o olhar por um momento, sua postura rígida e arrogante retornando

para a linha dos seus ombros e íris dos olhos quando me olhou novamente.

— Está dizendo que só preciso pagar você? Não sabia que era garota de programa, deveria ter me dito antes — Ele riu em zombaria, olhando em volta por um momento e observando as pessoas se servindo da mesa de bebidas e as outras espalhadas pelo apartamento.

Não me abalo nem por um instante com o que ele disse em forma de insulto, e dei risada divertida com a resposta, dando outro gole da bebida.

— Se eu fosse, você não seria capaz de pagar o meu preço.

— E qual é o seu preço, docinho? — ele apoia o antebraço e o cotovelo na mármore, curvando o corpo grande e de ombros largos na minha direção.

— Você, de joelhos, bem na minha frente — contei, ciente de que se humilhar e implorar eram palavras fora do baralho de Diego, que ele não se sujeitaria a se humilhar ou implorar por uma mulher, ou ninguém, nem se sua vida dependesse disso.

Diego ficou sério e calado quando eu falei a minha condição e eu soube que tinha ganhado assim que os segundos se passaram e nenhuma resposta ou outra reação veio. Sorri para ele e lancei uma piscadela antes de dar as costas e andar para o outro lado do apartamento, me sentando no espaço vazio que achei em um dos sofás na sala.

Vi Mag e Lindsay aparecerem na minha frente. Mag estava matando com o olhar todos os presentes na festa, e se não fosse pela mão da loira no pulso dela eu poderia afirmar que Matthew conversando com uns caras do outro lado seria o primeiro a morrer.

— Você se bandeou para o lado inimigo, vaca — Mag chutou minha canela e eu xinguei, acertando a dela de volta.

— Olha, se vocês tivessem sido contra teríamos um impasse, mas eles falaram que vocês nem quiseram escutar eles e quando eu acordei já estavam comprando as bebidas — dei de ombros.

— Querem beber um pouco? — sugeri, apontando para as bebidas na bancada.

— Não. Vou comer algo na rua antes que eu mate um — Mag encarou Matthew ao falar isso.

— Quer ir conosco?

— Sair essa hora? Não. Vou voltar para o meu quarto daqui a pouco — Balancei a cabeça em sinal de negação.

— Ok, qualquer coisa manda mensagem, não bebe muito — fiz uma careta, mas assenti.

Mag remexeu meu cabelo e Lindsay sorriu acenando antes de ser arrastada para fora do apartamento.

— Para onde elas foram nessa hora? — Joguei minha cabeça para trás no sofá para encontrar o dono da voz que me fez a pergunta, e encontrei Matthew olhando para onde as meninas tinham passado ao sair.

Eu observei ele de cabeça para baixo. Ele estava usando uma camisa branca de mangas longas e os cabelos vermelhos de mechas lisas espessas estavam presas para trás em um coque selvagem e um úmido.

— Foram comer — Matthew abaixou a cabeça e me encarou com aquele ar natural dele de quem parecia estar prestes a arrumar uma briga a qualquer momento. Ar de quem preferia desferir socos do que ficar falando.

— Comer? Essa hora? — Ele franziu mais a testa e pareceu ainda mais bravo.

— É. Era isso ou a Mag mataria você na frente de todas essas pessoas — eu ri, e ele suavizou a ira natural que emanava e riu revirando os olhos, sua expressão suavizou por um instante antes de retornar a carranca rígida e inquebrável.

— E por que não foi com eles? Você é a última do trio que pensei que toparia uma festa e estaria sentada no meio de todo mundo — Ele apoiou a mão no sofá ao lado da minha cabeça ainda inclinada para trás.

— Por quê? Que tipo de leitura fez sobre mim? — Fiz uma careta de desgosto.

Matthew sorriu largamente, contudo o seu sorriso era um sorriso de quem parecia estar criticando você ou criticaria na primeira oportunidade.

— Do tipo anti social, que vive trancafiada no quarto assistindo seriados e se entupindo de besteiras, doces principalmente — ele olhou a lata de bebida e o pirulito que eu ainda segurava entre os dedos.

— Talvez eu seja — Mexi as sobrancelhas.

— E talvez eu seja social e curta festas também — acrescentei, divertida.

— Então você sabe ser interessante — Ele sorriu, se inclinando na minha direção.

— Ficaria surpreso — virei meu rosto um pouco mais, sorrindo de volta, e de repente um braço forte agarrou Matthew pelos ombros o puxando para trás até ele estar com a postura ereta de antes. Eu e ele olhamos para trás e eu bufei ao ver Diego ali atrás, carregando bruscamente o amigo para longe sem mais nem menos.

— Estraga prazeres — suspirei, bufando e levando a borda da lata nos meus lábios dando um último gole.

— Por que não foi com elas? — A voz grave do bastardo soou atrás de mim no sofá, bem contra a lateral da minha orelha.

— Porque esse é um país livre? — Respondi, sem nem virar meu rosto para o encarar. Senti seus lábios se afastarem da minha orelha e vi ele contornar a minha lateral no braço do sofá até que se sentou do outro lado.

— Vai para o quarto, boas garotas não deveriam estar acordadas nessa hora — Debochou, o queixo apontado o corredor ao exigir tal ordem.

— Essa é a vantagem de ser uma garota má. Elas dormem a hora que querem, brincam com quem e com o quê querem também — sorri presunçosa para ele antes de pôr meu pirulito na boca, tornando a chupar ele.

Diego ficou calado novamente, contudo permaneceu sentado no sofá de frente para o meu. Ao invés de sustentar o meu olhar pairando nas suas íris verdes ficou encarando a minha boca o tempo todo que chupei o pirulito como se fosse a única atração da qual ele não parecia incomodado de assistir indeterminadamente, como se fosse impossível ficar entediado com o que via nos meus lábios.

— Ah, acabou — Estalei ao tirar o palito da boca já sem a bola de açúcar, lambendo meus lábios uma última vez

— Acabou a tortura, você quis dizer — Diego ironizou de volta.

— Você ficou me olhando chupar o pirulito porque quis. Está considerando se ajoelhar por algum acaso? — levantei a minha sobrancelha para ele, me inclinando nas minhas pernas e apoiando os cotovelos nelas, meu queixo entre as mãos.

— Está doida por isso não é? — perguntou de volta, desviando o olhar do meu como no momento na cozinha.

— Você de joelhos seria uma visão, eu poderia viver com isso com toda certeza — concordei, sorrindo maldosa e o medindo de cima para baixo, imaginando como ele ficaria de joelhos.

— Não me ajoelho diante de mulher alguma, docinho, são elas que se ajoelham para mim — Diego respondeu, sua voz grave sendo capaz de reagrupar a arrogância e a superioridade do ego insuportável que eu tinha abatido de dentro de si ao ponto da sua voz sair como nada mais nada menos que um rei se vangloriando do seu poder.

— Acho que já percebeu que eu não sou como elas.

Diego contraiu o maxilar mantendo-se calado, só que ele cometeu um deslize e a sua linguagem corporal vacilou, e eu estreitei o meu olhar vitoriosa quando vi o seu quadril fazer um movimento mínimo diante do meu olhar medindo-o, uma reação involuntária do corpo dele reagindo a excitação vibrando dentro de si e sendo forçada a permanecer contida. Acho que ele não percebeu que o fez, focado em manter controle sobre si mesmos e seus próprios desejos dominantes e os submissos agora lutando para o obrigar a ceder. E aquilo me fez rir usando da mesma superioridade e malícia dele.

— Acho que alguém não consegue controlar os próprios desejos — cantarolei, e levantei do meu assento dando curtos passos até estar com minha perna entre as dele.

— Do que está falando? — ele suspirou, se fazendo de sonso e sorrindo tão falso que se tornou óbvio. Acho que no fundo era a sua intenção.

Eu virei de lado e sentei no colo dele sem pensar duas vezes, sentindo exatamente o que previ que aconteceria no instante em que ele falou do meu pirulito.

Diego estava duro debaixo da minha bunda quando me movimentei em seu colo, mais duro do que eu estava esperando. Quando minha bunda pressionou bem na ereção dele, a mão enorme dele agarrou a lateral do meu quadril e ele endireitou a postura desencostando-se do sofá ao deixar um gemido abafado escapar.

— Estou falando disso aqui, de você de pau duro só porque me viu chupar um pirulito. E do quanto quer implorar para eu chupar você.

— Não fale coisas das quais pode se arrepender — me alertou, os seus lábios raspando pela minha orelha e a sua mão dando um aperto mais agressivo no meu quadril, aquilo fez meu corpo reagir e por uns instantes minha respiração saiu do meu controle.

— Que foi, nunca te chuparam antes daquela maneira? É isso? Estou com pena por você, faço um boquete melhor do que chupo pirulito — provoquei, rindo arteira antes de mudar para um sorriso inocente, totalmente contraditório às minhas atitudes e palavras.

Diego ficou me encarando como se eu tivesse feito ele ficar sem palavras, o aperto ao meu redor afrouxando, eu tinha levado ele a nocaute julgando pelo olhar perdido nos meus lábios de novo. Desacostumado a ser confrontado dessa maneira, especialmente tão diretamente.

— O gato comeu a sua língua, foi? — debochei. — Que pena, achei que havia encontrado um oponente a altura — dei uma leve carícia na bochecha dele e me levantei, saindo da sala e largando Diego lá no sofá.

— O que tu fez com ele? Acho que nunca vi Diego sem palavras antes.

O loiro surgiu do meu lado quando eu estava quase no corredor, acompanhando meu ritmo despreocupado mudando subitamente para as bebidas na mármore.

— Pergunta para ele, talvez faça ele sair do transe — dei de ombros pegando três latas da bebida de morango para levar comigo para o meu quarto.

— Eu vou sair daqui antes que ele me veja — Lorenzo disse, e antes que eu pudesse perguntar o porquê o loiro já tinha desaparecido.

Girei, segurando as três latas de bebida entre meus braços e comecei a andar para o corredor que também tinha algumas pessoas escoradas conversando e bebendo. Tinha parado na minha porta para destrancá-la e abri-la quando vi Diego andando na minha direção pelo canto do olho.

— Que foi? Perdeu alguma coisa? — perguntei, revirando os olhos.

— Perdi, e foi a sua boca longe da minha.

Eu recuei, pega de surpresa pelas palavras dele e sem ter tempo algum para reagir, pois as mãos dele agarraram ambos os lados do meu rosto e ele me empurrou contra a parede chocando os seus lábios contra os meus tão forte que minha cabeça girou e me senti tonta. Ele não me deu opção de fugir ou me afastar, ele simplesmente tomou a minha boca, me prensando contra a parede e o seu corpo, enfiando a língua na minha boca e exigindo que eu o beijasse de volta, quase que me desafiando a tentar rejeitá-lo.

Apertei as latas que segurava entre meus braço, e cedi ao beijo e o controle dele, o gosto predominante e forte de vodka mergulhou na minha boca assim que o retribui na mesma intensidade e desespero, como se a qualquer momento fôssemos ser obrigados a nos separar um do outro e nunca mais fôssemos ter essa chance, como se fosse a primeira, porque era, e a última, porque no fundo sabíamos que haviam grandes chances de ser.

Uma única sensação predominando: a de que não estávamos se beijando, e sim de que Diego era quem estava *me* beijando, quase ou definitivamente como se estivesse me reivindicando, como se quisesse deixar o beijo, a textura de seus lábios e de sua língua impregnados no meu ser, para que eu o sentisse mesmo que quando o beijo chegasse ao fim.

Meus lábios se moveram na mesma agressividade e exigência que os seus, minha língua se enrolando em torno da língua dele e meu rosto se inclinando em busca de um melhor ângulo. As mãos dele segurando meu rosto desceram para meus ombros e cercaram as minhas costas, prendendo-me nos seus braços, seu peito esmagando o meu e as latas de bebida que eu ainda segurava, recusando-me a deixar elas caírem.

Meu dente se prendeu no lábio inferior de Diego antes que eu o chupasse para prosseguir com outro beijo. Ele apertou a lateral das minhas costas e ergueu a outra mão para agarrar um

punhado do meu cabelo, o puxando agressivamente entre os seus dedos até um gemido de dor e prazer pular para fora da minha boca na sua.

— Bom saber — Diego murmurou, afastando-se abruptamente. Eu abri olhos e o encarei confusa e ofegante, desnorteada. Talvez fosse a melhor palavra para como me sentia depois da intensidade desse beijo.

— Bom saber o quê? — perguntei, franzindo a testa para ele.

Diego se limitou apenas em sorrir, a malícia e arrogância retornando com tudo para a sua postura e olhar, que estava tão verde que jurei parecer brilhar.

E ele não me respondeu, somente sorriu um pouco menos arrogante, a expressão suavizando por um instante antes dele me dar as costas e retornar para a festa.

— Cavalo — xinguei, revirando os olhos e tentando passar por cima do formigamento nos meus lábios e de como minha respiração ficou fora de controle.

Abusado, pensei, abrindo a porta e me trancando dentro do meu quarto onde minha fachada caiu e eu fiquei com a cabeça apoiada na parede inspirando e expirando várias vezes até me acalmar quando a ficha do beijo mais intenso e avassalador da minha vida começou a cair duramente em cima de mim. Ainda podia sentir seus lábios nos meus e temia por quanto tempo ainda sentiria.

Amanhã vai ser como se nada tivesse acontecido. Disse para mim mesma, de novo e de novo, certa de que podia facilmente fazer isso acontecer, e certa de que era o que Diego também planejava fazer. De que aquilo tinha sido só...só um devaneio.

Fingir que aquele beijo nunca aconteceu porque não deveria ter acontecido e não iria se repetir.

Eu quero que se repita.



CAPÍTULO 06

“A maçaneta está estranha"

Magnólia

— Essa maçaneta tá estranha, cuidado — falei para Lin quando saí do cômodo após levantar apertada para ir ao banheiro e esbarrar com ela e sua mania pavorosa de acordar antes do sol nascer para beber chá.

A loira concordou com um joinha e um sorriso, ciente de que não foi uma tentativa de conversar, e sim um aviso, pois eu estava tentando me manter no mundo dos sonhos e mataria quem me despertasse mais do que a minha bexiga fez.

De volta no meu quarto deitei enrolada no meu edredom e pegando no sono de imediato.

Quando acordei o apartamento estava mergulhado no silêncio, estava tão calmo que fiquei na cama só sentindo a paz e a tranquilidade nada condizente com o caos que este lugar estava com a festa, e certamente ficou ao final.

Alguns bons minutos depois de acordar completamente, estiquei meu braço e peguei meu celular da mesinha de cabeceira, lendo as mensagens das meninas no nosso grupo.

Magnólia

Onde vocês estão?

Débora

Bom dia, mal educada

Magnólia

Olha que fala, o antro da educação

Débora

Que bom que você reconhece

Lindsay

Eu estou explorando as cafeterias da rua

Magnólia

@Lindsay comprando mais xícaras,

você quis dizer, né?

Lindsay

Nunca é demais!

Débora

Eu estou comprando meu gloss, ele acabou desde que voltamos

Magnólia

E o apê? E aqueles parasitas?

Débora

Eles limparam tudo

Lindsay

E eles não são parasitas, pagaram os mesmos que nós três

Magnólia

Traidoras

Larguei meu celular na cama e me espreguicei antes de me sentar, esfregando meus olhos algumas vezes.

Decidida a cozinhar o almoço dessa vez, eu levantei da cama já a arrumando e fui até o meu armário onde já tinha colocado algumas coisas desde o primeiro dia que chegamos.

Tirei tudo que precisaria e saí do quarto andando direto para o banheiro, girando a maçaneta e pondo minhas coisas em cima da pia ao entrar. Foi o quando o som do chuveiro aberto me alertou, eu virei o rosto na direção do box e me deparei com o vidro esfumaçado do vapor quente e a visão embaçada e nua do corpo de Matthew lá dentro, o rosto no vão aberto e a sobrancelha arqueada para mim.

— *O que você está fazendo seu idiota?!* — Exclamei me virando totalmente na direção do box.

— Estou tomando banho, não percebeu? Ou agora é cega em momentos específicos e eu não sei? — respondeu de volta.

— Sem trancar a porta? Seu imbecil! — Gesticulei a porta e a trinca, ainda encarando ele.

— Pessoas normais batem na porta antes de entrar — retrucou ele.

— E você não mora sozinho, tem seis pessoas nesse apartamento e só um banheiro, isso não passou pela sua cabeça?! É sua obrigação trancar a porta.

— Dá muito trabalho — respondeu sem nem tentar disfarçar o cinismo.

— É só fechar a droga da porta e girar o clique, é tão difícil assim, ou você é mesmo só músculos?? — Empurrei a porta e girei o clique.

— Viu? — bati na madeira duas vezes, ainda encarando ele.

Foi quando escutei o barulho de algo caindo. Eu me virei para trás a tempo de ver a maçaneta do banheiro no chão. Meu coração parou de bater ao som do metal se chocando no piso até que fosse parar debaixo da pia.

— Você quebrou a maçaneta — Matthew afirmou, enquanto eu me agachava no chão, pegando a maçaneta.

— Não. Ela já estava estranha — Me defendi, tentando encaixar ela de volta no buraco da porta.

— Ela estava funcionando muito bem até *você* bater essa porta — Matthew surgiu do meu lado, bloqueando minha lateral. Eu tirei a minha atenção da maçaneta ao dar de cara com ele só com uma toalha branca enrolada ao redor do quadril e o corpo todo molhado, água escorrendo e pingando.

— Vai colocar uma roupa, sem noção! Não sou obrigada a ficar te vendo semi nu! — Mandei, desviando meu olhar de volta para a maçaneta, mas por mais que eu tentasse não conseguia encaixar de volta.

— Não vou pôr roupa nenhuma. Eu estava no meio do meu banho que você interrompeu, se está tão incomodada, feche os olhos — cuspiu de volta no mesmo tom irritado.

— Que saco, para de rebater e me ajuda aqui — Estendi a maçaneta para ele e troquei de lugar com ele, que tentou encaixar a maçaneta e também fracassou. Eu suspirei alto.

— Não satisfeita por bater a porta, ainda quebrou a maçaneta. Não adianta, isso não encaixa mais, vai ter que trocar — ele colocou a maçaneta na pia e destrancou a porta, o que foi o mesmo que nada, pois não adiantava destrancar a porta sem que alguém a abrisse do lado de fora.

— Não foi minha culpa! Ela já estava com defeito! — Matthew revirou os olhos agindo como se não acreditasse em mim, e pela forma como os revirou vi que ele realmente não acreditava. Sendo que eu não tinha nenhum motivo para mentir, e muito menos um que fosse ficar trancafiada justamente com ele, entre todas as pessoas do mundo, dentro de um banheiro!

— Você sempre joga a culpa nos outros das merdas que você faz?

Perguntou, fixando as íris castanhas naquele tom acobreado escurecidas e cheias de cólera, essa era a palavra perfeita para definir Matthew, seu olhar e áurea impregnando no seu rosto, postura e forma de agir e andar. O seu olhar castanho escuro que em alguns momentos na luz parecia cobre, parecia o reflexo da ira, um dos sete pecados capitais, e quanto mais eu olhava para ele, mais irritada ficava, como se sua raiva fosse contagiosa, me dando nos nervos e fazendo tudo dentro de mim ferver de modo impulsivo e incontrolável.

— Vai se foder. Vamos chamar por alguém — comecei a bater na porta e a chamar por ajuda falando que estávamos trancados no banheiro.

Quando depois do que pareceu ser minutos berrando sem que ninguém respondesse, só então eu me lembrei de Lindsay falando que estava nas cafeterias do bairro, e de Débora completando ao dizer estar comprando seu gloss que só vendia do outro lado da cidade.

— Lorenzo e Diego saíram. E pelo que vejo as suas amigas também — Matthew murmurou, cruzando os braços e encostando o quadril na pia.

— E por que você não me disse isso antes de eu me esgoelar gritando por eles desse jeito

esse tempo todo?!

Indaguei ainda mais irritada com ele e com essa situação, eu não suportaria ficar mais de cinco segundos trancada com ele sem perder o juízo.

— Porque queria ver o quão desesperada você estava para sair daqui, e você estava gritando bastante.

— Lógico, eu não sei se percebeu, mas ficar trancada com você não é nenhum sonho que está se realizando. Eu diria que está mais para um dos meus novos pesadelos — Falei olhando para ele de cima para baixo, parando no olhar dele no fim, torcendo meu rosto em uma expressão de repulsa.

— Ficar trancada comigo te assusta, florzinha? — subiu a sobrancelha direita na minha direção antes de apoiar a cabeça na porta, um sorrisinho aparecendo ali.

— Me apavora — fingi sentir um calafrio de pavor.

— Por quê? É a ideia de não aguentar ficar sozinha comigo e acabar percebendo que há outras coisas mais excitantes nesse medo?

Respirei fundo, ignorando suas provocações e a ideia de sairmos dessa situação brilhou na minha mente.

— Você é um homem — constatei empolgada pela primeira vez na presença dele, me xingando de estúpida por demorar tanto para pensar nisso, pondo a mão no queixo por um momento.

— Estou começando a acreditar que você realmente possui algum problema de vista, ou mental, se bobear — Matthew constatou, arregalando um poucos os olhos, o que me fez revirar os meus.

— Arromba a porta — apontei, compartilhando enfim a ideia mais óbvia, e única, para sairmos dessa situação.

— Foi uma ordem? — ele endireitou a postura se desencostando da porta e da pia, mantendo seus braços cruzados contra o peito já praticamente seco se não fosse pela água que ainda escorria do seu cabelo vermelho roçando por cima dos ombros.

— E que diferença isso faz? — cruzei os braços.

— Porque se foi uma ordem, eu não vou fazer nada.

— Como é que é? E por quê? Que diferença faz? Você quer sair daqui o tanto quanto eu! — exclamei.

— Ou você me pede com educação, ou vamos continuar trancados aqui dentro — falou com um ar de simplicidade, em um dar de ombros casual.

— Só se for por cima do meu cadáver — Disparei, fechando punho no meu limite de todas as suas provocações e temperamento insustentável.

— Então ficaremos aqui até alguém voltar, florzinha.

— Já mandei parar com esse apelido, porra — avancei, mas parei no mesmo instante ao descruzar do braços dele, que me fez relembrar que o mesmo continuava apenas de toalha.

— Põe pelo menos uma droga de roupa, pervertido — exigi, cruzando braços e recuando

para me encostar na parede de frente para a pia.

— Não — o encarei, arqueando a minha sobrancelha.

— Não? — perguntei de volta.

— Não — afirmou convicto.

— Não vou vestir roupa alguma, e se me ver só de toalha é o problema, eu tiro a toalha para você — ele tocou na barra da toalha e eu arregalei os olhos, apontando meu dedo para a toalha.

— Pode parar!!! Tira a mão daí, agora!

— Foi outra ordem? — ele ponderou, começando a desfazer o canto preso da toalha. Meu coração começa a bater mais rápido com a ameaça.

— Para agora com isso, Matthew.

— *Outra* ordem? Isso está ficando interessante. Estou começando a acreditar que quer me ver nu, florzinha — Ele tem a cara de pau de começar a rir e simular uma dancinha, se exibindo.

— Para com isso agora — mandei, mais vermelha de raiva do que nunca.

— Para você de achar que pode sair mandando em mim. Você pode até achar que é uma rainha para sair dando ordens, como faz diariamente, mas eu não vou obedecer nenhuma delas — Notei que o rosto dele também ganhava um pouco de cor pela intensidade da raiva crescente que estávamos sentindo um pelo outro nessa discussão e no acúmulo das anteriores desde que nos conhecemos.

— Não tira essa toalha! — praticamente gritei, meus olhos já quase saltando para fora pela insistência dele de brincar com isso.

— Ou o quê? — ele desfez o canto preso e pude ver a o canto do seu quadril exposto, desafiando-me ao perguntar.

— Se tirar essa toalha...— comecei a ameaça, ainda apontando o dedo na direção dele.

— Você vai? — ele riu outra vez.

— Se tirar essa toalha eu tiro a roupa e fico nua também! — As palavras saem da minha boca em desespero antes mesmo que eu tenha tempo para pensar direito nelas, e no instante em que saíram eu quis me enfiar em um buraco. *Nunca fui boa pensando sob pressão ou nervosismo, e sempre falava ou fazia algo vergonhoso quando o acontecia,* o que era péssimo para quem aspirava ser advogada, mas esse defeito nunca me foi tão humilhante quanto agora.

Matthew parou o que estava fazendo e me encarou com uma expressão ainda mais séria do que o seu usual.

— Isso foi um convite? — me perguntou, desconfiado.

— O quê? Não! — rapidamente neguei cheia de convicção, ao mesmo tempo que meu olhar desceu de volta para a lateral exposta do seu quadril como que esperando pelo segundo que aquela toalha cairia, e bom, eu não tinha a menor ideia do que aconteceria em seguida se isso de fato acontecesse.

— Que bom, porque eu não pretendia aceitar — suspirou, aliviado, e prendeu a toalha novamente na lateral do quadril. Já eu o encarei extremamente ofendida.

— O que quer dizer com isso? — Cruzei os braços e ergui as sobrancelhas.

— O quê? Achou que por algum acaso você faz o meu tipo? — cruzou os braços de volta e riu transbordando em escárnio.

— Como se você fizesse o meu, idiota — bufei, virando o rosto na direção do box.

Apesar de não querer admitir, no fundo, grande parte do meu ego agora estava machucado pela forma como me menosprezou, e a ideia que brilhou na minha mente pareceu tão boa quanto insana.

Por que não tirar a prova?

O pensamento rodou na minha mente, e eu decidi que se ficaria mesmo trancada neste banheiro com um dos pecados capitais, faria questão de ver ele rastejando por mim e me mostrando todas as faces que um pecado pode ter, das mais cotidianas para as mais imundas. E de repente todo o ódio, *odioso,* que eu estava sentindo por ele se agarra em outra coisa. Toda a ira dentro de mim revira, e se funde para algo ainda mais intenso, *a luxúria*. Ambos os pecados agora entrelaçados e apertando um ao outro e exigindo coisas absurdas que nunca pensei que iria de fato querer fazer e sentir.

Ao menos não outra vez.

Ao menos não nessa intensidade.

Ao menos não por ele.

— Quer saber? Se vou ter que ficar presa aqui vou tomar o meu banho enquanto isso, o que era a minha intenção desde o início — puxei a presilha do meu cabelo, libertando as mechas que escorreram, alcançando praticamente metade das minhas costas. Assim que o desprendi, pus o acessório na pia.

— Faça o que quiser, não estou nem aí. Se quiser se matar eu até me finjo de morto para lhe inspirar — Matthew respondeu, uma pitada de gozação no fim.

— Se for para um de nós dois morrer, esse alguém não será eu — O encarei entediada, puxando a minha blusa para cima, ficando só com a calça do meu pijama.

Do canto do olho vi Matthew arregalar os olhos quando tirei a blusa, sem sutiã ou top por baixo, seus olhos arregalados e vidrados nos meus seios como se fosse a primeira vez que estivesse vendo um par de peitos antes.

— Que foi? — questionei, controlando a todo custo a vontade de sorrir por ver que o tinha desestruturado por não ter acreditado que eu realmente iria tomar banho.

— Pensei que fossem maiores — Murmurou, fingindo estar desapontado.

— Babaca — o xinguei, tirando a minha calça, ficando totalmente nua, me forçando a aparentar confiança, apesar de ser a primeira vez que eu ficava nua na frente de outro homem desde o meu ex, uns dois anos atrás.

Matthew baixou o olhar para o restante do meu corpo que ficou exposto, e eu revirei meus olhos dando as costas para ele, andando devagar e entrando no box, carregando meu sabonete e esponja de corpo em mãos e os pondo no chão de propósito só para minha bunda ficar no ar por alguns segundos.

— Está olhando o quê se estava falando que eu não sou o seu tipo trinta segundos atrás?

— arqueei a sobrancelha ao flagrar ele olhando para a minha bunda assim que ergui meu corpo.

— Estava olhando a pintinha que você tem na nádega direita. E acho que essa é a única coisa adorável em você.

— Conta outra, vai — pedi, fechando a porta do box e olhando para a pintinha que eu realmente tinha na banda direita da minha bunda.

Tinha entrado debaixo da cascata de água morna quando através do som das gotas caindo escutei a porta do box deslizando. Eu virei meu rosto para o lado, passando minhas mãos por meu rosto molhado até meu cabelo o pondo atrás das orelhas e sustentando o olhar de Matthew, parado ali na frecha que abriu do box para me espiar nua e molhada do lado de dentro.

— Sabe, eu não terminei o meu banho como gostaria...— começou, a voz mais baixa. Eu precisei me esforçar para entender e notar a mudança de tom, que foi do rancor usual dele para um tom mais agradável, macio, foi como soou. Só que eu não iria ceder tão fácil assim.

— E o que isso tem haver comigo? — ergui a sobrancelha, me virando debaixo da cascata, meus seios, barriga e pernas de frente para ele, tudo ao alcance dos seus olhos em meio as gotas de água escorrendo por cada canto exposto.

— Você interrompeu o meu banho, nada mais justo que divida o seu comigo — ele murmurou, mantendo o tom de voz potente só que envolvido em um exterior atenuado.

— Quer tomar banho comigo, é isso? — zombei. — É assim que flerta com uma mulher? Porque se for, eu estou assustada — eu dei risada sem parar de encarar seu rosto, ele tirou seus olhos do meu corpo e me encarou afinco.

— Eu não quero só tomar banho com você, Magnólia. Eu quero *te tomar* nesse box até você não aguentar mais.

Meu coração disparou assim que as suas palavras atingiram não apenas os meus ouvidos, mas o meu corpo principalmente. E custou tudo da minha sanidade para eu me manter parada, porque eu queria ver ele ceder primeiro, mais do que já estava.

— Pensei que eu não era o seu tipo — Falei ligeiramente confusa, franzindo a testa e desligando o chuveiro.

— Acabei de mudar de ideia — respondeu praticamente no mesmo instante que terminei de falar, percebi que por detrás da determinação tinha desespero também.

— Você não parece do tipo que muda de ideia tão rápido assim — comentei com desdém.

— Por você eu já percebi que vale a pena mudar de preferência, de pensamento, de atitude e até mesmo de nome — Matthew empurrou mais a porta do box, o suficiente para entrar, fechou a brecha aberta e andou até estar na minha frente.

A sinceridade e os sentimentos no que tinha acabado de confessar tinham me deixado sem palavras, tanto porque estávamos nos movendo rápido demais e sentindo coisas demais.

Eu nunca gostei de apressar as coisas e demorava muito tempo para confiar quando se tratava dos sentimentos dentro do meu coração, só que Matthew despertou um lado meu que não se importava com o tempo, e apenas com os sentimentos.

E no fim ele estava certo, eu tinha medo dele, medo de ficar sozinha com ele, medo de

conviver com ele, porque ele me despertava vários sentimentos em mim de uma só vez, e eu me tornava fraca diante deles. Tinha percebido desde o instante que entrou, embora não quisesse admitir e nem pensasse em admitir para ninguém em voz alta, nem para as paredes.

Eu tinha tanto medo de me machucar por ser imprudente pela segunda vez, por confiar nesses mesmos sentimentos que podem ser o ápice de tudo, te levarem ao topo no mundo em um minuto para então te tacarem no chão e no fundo do poço no minuto seguinte. E eu já tinha vivenciado os dois lados da mesma moeda desses sentimentos, pois o mesmo amor que aqueceu meu coração uma vez, também quebrou e esfriou os cacos restantes dele.

— Diz alguma coisa — voltei ao momento presente, sentindo as mãos grandes e os dedos longos de Matthew cavando fundo entre as mechas do meu cabelo, levantando meu rosto até encontrar seu olhar desesperado. — Me manda parar e arrombar a porta, ou me manda beijar você. Independente de qual for a ordem, eu cumprirei — ele sussurrou, pressionando a testa na minha.

— Me beija, Matthew, agora — mandei. No mesmo instante ele cumpriu a ordem e me beijou.

Os olhos dele fecharam e seus lábios envolveram os meus, os puxando para si, os dedos enfiados na parte de trás da minha cabeça apertaram as mechas, fechadas contra seus punhos com mais firmeza. Deixei meus olhos se fecharem junto e puxei ele para perto com as duas mãos se fechando em seus ombros, ele me concebeu esse contato empurrando-me contra o azulejo frio e prensando todo o corpo nu e grande por cima do meu, curvando-se para continuar com a boca na minha.

Na colisão do corpo dele contra o meu, seu quadril se chocou no meu, fazendo com que sua ereção estivesse pressionada na minha pele e roçando na minha virilha, causando um atrito que arrancou um gemido meu e dele ao mesmo tempo, e que foi abafado por nosso beijo se aprofundando no toque da ponta da sua língua a escorregar por debaixo da minha, antes de facilmente mover-se por cima.

As mãos nos meus cabelos afundaram o máximo que se era possível, seus dedos pressionaram meu couro cabeludo, forçando-me a levantar mais a cabeça de encontro a sua, forte o suficiente para que eu sentisse, mas não para doer, não, para aumentar mais o domínio sobre mim, e consequentemente fazer minha excitação aumentar junto.

— Para alguém que acabou de mudar de ideia, está bem empolgado, não? — Eu comentei sarcástica ao quebrar o beijo por meio de um murmúrio ofegante, sorrindo ao encontrar seu olhar no meu.

E foi como se eu estivesse olhando para um Matthew completamente diferente do que conheci e discuti, a ira havia desaparecido completamente dele, tudo nele tinha suavizado, o desejo estava ali pulsando, junto dele tinha um outro sentimento que eu não tinha visto nele ainda, fazendo seu olhar brilhar, seu olhar e semblante estavam alegres, e seus olhos sorrindo, ou foi a peça que minha mente e coração já amolecido quis me pregar.

— Porque talvez eu tenha dito que você não era o meu tipo só para irritar mais você. Você fica ainda mais linda irritada — sussurrou, seus lábios mantenho uma linha séria, mas seus olhos continuavam a sorrir.

— Eu já sabia, só queria te escutar admitir isso — sussurrei de volta, e dessa vez seus

lábios formaram a linha de um sorriso bem humorado e puro.

— Satisfeita? — brincou, roçando os lábios nos meus e se afastando.

— Bastante — Eu mordi meu lábio inferior e o observei em silêncio por um momento.

— Acha que estamos indo muito rápido? Só te conheço faz dois dias, e a única coisa que sei é o seu nome, e você o meu — seu sorriso sumiu, porém nada no seu olhar e expressão se foi.

— Eu sei mais do que o seu nome — falou como se minhas palavras tivessem sido uma ofensa, sendo que era uma clara provocação por seu tom de voz.

— Ah, sabe? Então me diga — exigi, duvidando que realmente saberia.

— Eu sei que você gosta de dormir até tarde — Matthew tornou a encurtar a distância entre nós, seus lábios tocaram o meu queixo e seus olhos se fecharam.

— Sei que fica ainda mais ranzinza quando acorda — continua, seus lábios traçando a linha do lado esquerdo do meu maxilar até a curvatura para o meu pescoço.

Eu nem tinha intenção de retrucar as alfinetadas pois tudo que eu fazia era suspirar de olhos fechados, minhas mãos presas ao redor dos ombros largos dele, movendo meu quadril levemente na ereção que pressionava minha coxa e a parte da minha virilha.

— Sei que você adora ameaçar que vai processar os outros por mais bobo que seja a situação — eu comecei a rir quando ele beliscou meu lóbulo, pondo entre os dentes.

— Eu sinto cócegas! Para! — me contorci tentando esquivar dos dentes dele se prendendo no canto do meu lóbulo, rindo alto do contato.

— É mesmo? — ele riu antes de passar a língua pela região. Eu gargalhei, empurrando seu peito.

— Pa-ara Matthew! — sufoquei outra risada sentindo arrepios causados pelas cócegas.

— Como se fala? — seus dentes roçaram pela partezinha sensível da minha orelha.

— *Por favor, por favor paaaraaa!* — implorei, Matthew recuou dando risada e eu acertei um tapa no seu ombro, sem fôlego.

— Se eu soubesse que só precisava lhe fazer cócegas para me obedecer, já teria feito muito antes — falou, ainda sorrindo do meu estado.

— Vai se foder — suspirei, enfim, mais calma.

— Prefiro foder *com* você — Entendo de imediato as insinuações na frase, o que me faz corar pela frase mais indecente, algo que nenhum cara conseguiu fazer há anos.

Matthew olha para as minhas bochechas e sua mão tocam elas, seu dedão acariciando a região com cuidado e carinho, um sorriso pequeno surgindo conforme ele me observa corando ainda mais com o toque.

— Linda — sussurrou como se fosse a mais incrível das palavras, e trouxe meu rosto para mais perto do seu, beijando-me novamente.

Eu sorri por um instante com a forma tão sincera e doce na qual me disse, que visto de longe poderia parecer estranho dado seu exterior, antes de retribuir o beijo que começou lento e calmo, como o primeiro teria sido se fôssemos menos agressivos e desesperados anteriormente, se nossos sentimentos mais radicais não tomassem conta dos mais singelos, se não nos

movéssemos ferozes e instáveis como o fogo consumindo tudo no seu caminho com voracidade, sem deixar nada para trás. Era assim que nosso beijo e toques estavam se graduando, agindo feito chamas e nos enlouquecendo ao ponto da combustão.

Meus lábios se afastaram dos de Matthew ao sentir a mão pesada dele tocando na minha coxa nua e molhada, movendo os seus dedos sorrateiramente, traçando a água pelo caminho até minha virilha onde desenhou uma flor invisível entre as gotas de água, cuja me fez revirar os olhos tanto de prazer quanto de implicância, suspirando pela sensação.

— Adoraria lhe dar um orgasmo agora, pois sei que está desesperada por um — Matthew sorriu, subindo os dedos até meu umbigo o contornando. Minha barriga e abdômen se contorceram com o toque.

— Sim… — Eu suspirei de novo, inspirando para tentar conter a antecipação que ele estava querendo criar, ciente que estava conseguindo.

— Mas acontece que agora está na hora de você receber umas ordens, Magnólia, e cumpri-las para receber sua recompensa — Arqueei minha sobrancelha para ele, que segurou meu queixo com carinho.

— Ordens? E que ordens? — Me arrependi de perguntar no mesmo instante ao ver o sorriso lascivo nos seus lábios. Seu dedão tocou meu lábio inferior o traçando de uma ponta para outra.

— De joelhos — ele olhou brevemente para o chão ao me ordenar.

— Você vai usar essa boquinha e língua implicante para me fazer gozar, e somente depois disso poderá gozar também.

O clima entre nós dois tinha mudado novamente, a arrogância e ira retornou para suas orbes e postura conforme empurrava o cabelo vermelho para trás prendendo de qualquer jeito as mechas em um coque, cravando o olhar no meu rosto ao recuar dois passos.

— Algo com que devo me preocupar? — questionei, soando séria, e ele soube o que eu estava querendo dizer de imediato.

— Não — a resposta veio sincera, e eu sabia que era loucura sentir que podia confiar em alguém que tinha acabado de conhecer, mas senti que podia e foi o que eu fiz. Da última demorei tanto para confiar, mesmo suspeitando, e no fim me ferrei. Dessa vez era diferente.

— Idem — Murmurei, e devagar me coloquei de joelhos no box molhado e na frente dele.

Matthew sorriu, me avaliando naquela posição como se fosse a cena mais improvável e a mais incrível do momento.

— Quis foder essa sua boca desde que te conheci, acredita? — ele brincou, se aproximando, sua mão agarrando seu pau, subindo e descendo em torno da ereção em meio as gotas de água.

— A situação é pior do que eu pensava então — comentei em um tom irônico, e suspirei surpresa quando ele agarrou meu queixo de jeito rude para erguer meu rosto até eu estar encarando-o.

— Vamos ver se você sabe fazer um bom uso dessa boca além de usar ela para testar a

paciência dos outros.

— Claro que sei — rolei os olhos convencida, e ele riu em resposta.

— Abra a boca — Mandou.

Mordi meus lábios por um momento antes de separar meus lábios, abrindo minha boca um pouco. Matt deslizou seu dedão pelo meu lábio inferior antes de afastar a mão e sorrir.

— Bom, agora comece, vamos ver se sabe mesmo pagar um bom boquete — tornou a demandar, sua voz soando mais áspera e apressada, um pouco de desafio ali.

Respirei levemente e com uma das minhas mão toquei na sua coxa, percorrendo meus dedos entre as gotas de água, ao mesmo momento em que com a outra fechei dedos em torno da sua ereção grossa e longa, no primeiro toque dos meus dedos apenas o sentindo, Matthew ofegou, empurrando o quadril para frente e apoiando o antebraço no azulejo acima do meu corpo, curvando-se minimamente para baixo.

— Vamos lá, odeio esperar, me toque direito de uma vez, Mag — murmurou, e arfou quando eu pressionei minha palma contra seu pau para cima e para baixo começando a masturbá-lo.

— Assim, é? — debochei, e aproximei meu rosto da glande avermelhada separando mais meus lábios só para os fechar ao redor da pele sensível e a chupar devagar.

— Porra. Isso. Desse jeito — um gemido se impulsionou para fora da sua boca enquanto a minha chupava em torno da glande do seu pau, e minha mão continuava a recuar e avançar pela ereção.

— Olhando para mim, Magnólia — ele usou sua outra mão para agarrar a lateral do meu rosto, erguendo de novo para cima até eu encontrar seus olhos de cobre tensionados pelo acúmulo de prazer que começava a se contorcer dentro de si.

— Faça olhando para mim — A entonação na sua voz persistia na ordem quando proferiu mesmo que com a respiração cortada.

— Bata duas vezes na minha perna se não aguentar — seu dedão circulou minha bochecha quando murmurou aquilo, eu dei um meio aceno e o carinho na minha bochecha se foi tão rápido quanto veio.

— Você sabe ser uma boa garota quando quer — Matthew se aproximou o máximo possível e segurando no meu rosto empurrou os quadris na minha direção e um pouco da extensão do pau para dentro da minha boca.

Meus lábios deslizavam pela pele quente e molhada da cascata do chuveiro, minha saliva se misturando às gotículas de água junto da minha língua que sentiu o peso da sua ereção se empurrando aos poucos para dentro de minha boca.

Matthew grunhiu, o maxilar contraiu, os seus olhos se fecharam por alguns segundos antes se focar novamente na visão diante de si e começar a recuar e empurrar os quadris afundando mais o seu pau para dentro da minha boca, acelerando conforme fui abrindo mais minha boca e o chupando de volta, minha língua se movendo junto toda vez que seu pau se afundava um pouco mais.

Ele perdeu o controle da hesitação e cuidado de manter um ritmo calmo em poucos

segundos, e logo estava fodendo o pau para dentro da minha boca com avidez e força, segurando meus cabelos para controlar a movimentos e batendo no fundo da minha garganta sufocando-me por alguns instantes em meio aos seus gemidos, meus olhos se encheram de lágrimas com a pressão na minha garganta ao sentir sua glande se afundando e raspando, e eu bati duas vezes na sua perna sem fôlego algum e com lágrimas escorrendo ao engasgar.

Matthew gemeu e puxou minha cabeça para trás, tirando o pau de dentro minha boca no mesmo instante, saliva escorrendo entre meus lábios e lágrimas escorrendo pelo canto dos meus olhos quando tossi e puxei o ar, abaixando um pouco a cabeça, focando meu olhar no chão.

— Tudo bem? — ele perguntou sem fôlego pelo prazer, seu dedão tocou minha bochecha daquele jeito gentil novamente. Somente sacudi a cabeça já com meu fôlego praticamente recuperado.

— No fim você não aguenta, né? — ele riu divertido.

— Vai se foder seu… — eu engasguei quando ele empurrou o pau entre meus lábios, fazendo-me receber sua ereção de volta.

— Se já pode me xingar, pode continuar chupando meu pau, então chupa — exigiu, seus dedos descendo para agarrar meu cabelo de novo contra sua palma tornando a controlar as investidas duras e brutais na minha boca.

Matthew gozaria logo, pude sentir pelo aperto entre meus cabelos se intensificando e a pulsação em torno dos meus lábios quando suas investidas relaxaram por alguns segundos e seus gemidos começaram a se tornar uma sequência entre xingamentos e chamadas pelo meu nome. Ele fincou os dedos na minha nuca tão forte que gemi, fincando as minhas unhas em torno das suas pernas que eu segurava para me manter ajoelhada, meus joelhos estavam doendo e mais lágrimas me escorriam conforme ele acertava minha garganta de novo e de novo afundando totalmente o pau dentro da minha boca, e eu sugava minhas bochechas em torno na sua ereção e a percorria com a língua, chupando.

— Vou gozar, me deixa gozar nessa sua boca, Mag — pediu entre dentes, no seu olhar fixo na minha boca e no meu rosto tinha uma pergunta nesse momento, eu apenas apertei sua perna em um sim, sem poder falar e ele concordou.

Senti sua glande roçando na minha garganta onde se afundava antes de recuar, o seu abdômen se contraiu e ele grunhiu, avançando e afundando todo o comprimento na minha boca onde o sentia pulsar. O meu nariz pressionou a sua virilha e meus dedos fincaram nas suas pernas ao pulsar sufocante do seu pau e sua glande acertando minha úvula.

— Porra, Magnólia!

Matthew gemeu meu nome alto, seus olhos se fecharam e sua cabeça tombou para trás, vários dos fios vermelhos de seu cabelo em torno do rosto ao puxar as mechas com a mão livre, a agonia do alívio estampada no seu rosto, seu pomo de Adão se mexendo quando senti seu pau vibrando dentro da minha boca e ele começou a gozar, afundando o quanto conseguia na minha garganta que se fechava mais ainda pela rigidez a pressionando. Engasguei mais ainda, sentindo ele tão fundo na minha garganta e o líquido quente enchendo minha boca, e enquanto ele continuava gozando na minha boca gemendo audivelmente, eu me contorcia em desespero porque precisava, *e queria*, gozar também.

Matthew puxou meu rosto para trás pelo aperto dos dedos em meu cabelo, tirando o pau

da minha boca ainda sem abaixar a cabeça. Eu apoiei as mãos no chão tossindo algumas vezes e limpando a boca, um gosto adocicado impregnado na minha boca.

Limpei os cantos da minha boca com saliva e resquícios de esperma escorrendo, respirando fundo, minha garganta pulsando.

— Só algo muito bom, certo? — ele perguntou, ainda sem fôlego assim como eu. Ele porque tinha acabado de gozar, e eu por ter feito ele gozar.

— Certo — concordei, aceitando sua mão para me levantar do chão, e deixando que beijasse minha bochecha, sorrindo levemente ao me trazer para os seus braços.

— Sua vez de me sufocar entre suas pernas… — ele sussurrou na minha orelha, antes de me beijar.



CAPÍTULO 07

“Com você"

Lindsay

O amanhã veio, só que Lorenzo não apareceu de manhã quando fui tomar meu chá, e eu logo imaginei que teria sido porque ele e os seus amigos ficaram arrumando a casa depois que a festa terminou já quase de manhã. *Ele devia estar dormindo.* Pensei, enquanto lavava a xícara do meu chá frio porque fiquei demorando a bebê-lo, na expectativa inquietante de que o loiro subitamente apareceu como da primeira vez.

Retornei para o meu quarto quando nada disso aconteceu e como era domingo e o sol já estava iluminando a cidade decidi que sairia para explorar as cafeterias do bairro que vi que eram pelo menos umas três que vendiam cafés ou chás e bebidas especiais exclusivas do estabelecimento. Seria uma boa maneira de começar o meu dia, e de me distrair quanto a Lorenzo e como seria o "próximo nível".

Tomei um banho, reparando realmente que a maçaneta estava um tanto estranha, meio mole, como Mag me alertou cedo quando eu ia fazer meu chá e ela vinha do banheiro lutando para manter seu sono. Porém eu me recordava bem que quando chegamos aqui a maçaneta estava perfeita. Decidi não me importar e tomei meu banho, trocando o pijama por um vestido floral branco todo preenchido de pequenas flores azuis, arrumando as alças finas e a longa fenda que ia da lateral da minha coxa até uns quatro dedos abaixo do meu joelho onde a bainha do vestido acabava.

Prendi meu cabelo com um elástico velho e frouxo que eu me recusava a jogar fora e saí do apartamento depois de pegar minha bolsa, pondo meu computador, celular, chaves e carteira dentro, decidida a zanzar pelo bairro até ser tarde suficiente para algo acontecer quando eu voltasse.

Talvez eu estivesse sendo impaciente e até exigente para alguém que não se interessava mais por nada disso a menos de cinco dias atrás, *mas eu sinceramente não estava me importando.*

Eu tinha certeza que isso que Lorenzo estava fazendo comigo era mais por ele e seus próprios prazeres do que por mim, sentimentalmente falando, e sabia também que ou eles iriam

embora ou eu e as meninas iríamos do apartamento depois de um determinado período, e quando esse dia chegasse, tudo acabaria por ali.

Estava me conscientizando quanto a isso para não me apegar a nada além da experiência que poderia vivenciar com um outro cara e por essa razão talvez estivesse um tanto desesperada para experienciar o máximo que podia antes que não pudesse mais com Lorenzo, o primeiro que realmente estou conseguindo passar do nível de desejar internamente e assistir partir sem conseguir ao menos verbalizar meus pensamentos.

Lorenzo conseguia me entender, e achava meios de conseguir caso eu não conseguisse falar, algo que nenhum outro sequer cogitou tentar, e isso aquecia meu coração de uma forma estranha, mas extremamente reconfortante. Tanto quanto o mesmo calor intoxicante que ele provocava no meu corpo, fazendo-me ansiar por mais como se fosse uma droga. E temia demais me viciar nessa droga. Temia tanto quanto simplesmente não dava a mínima se me viciasse.

— Distrair, distrair — repeti, pondo ambas mãos nas minhas bochechas ao sentir que estavam pelando, ao entrar no elevador e apertar o botão.

Respirei fundo e expirei lentamente algumas vezes para me acalmar e dissipar grande parte dessa vermelhidão, contente por estar conseguindo controlar um pouco mais. *Sem estar na presença dele*, lembro, pois na sua presença isso era uma causa perdida tinha percebido, e eu não me incomodava tanto quanto estava no começo porque ele parecia gostar, parecia adorar na realidade. Como se fosse a prova mais fascinante do que ele me fazia sentir por ele.

Minha atenção muda de rumo assim que paro na frente da primeira cafeteria, entrando nela e respirando fundo aquele aroma maravilhoso de chá e café. Fui andando e olhando ao redor do ambiente iluminado e decorado em tons vermelho, azul e verde, a cafeteria era baseada no desenho animado *"As meninas super poderosas"*, um dos meus desenhos favoritos quando criança. E não apenas meu, mas de Deb e Mag também. Assistimos os episódios sempre juntas, ora na casa dos meus pais, ora na casa dos pais de Deb e ora na casa da mãe de Mag que moravam todos próximos o suficiente para podermos estar sempre juntas.

Perdi um tempo enorme só admirando a decoração e tentando decidir quais das xícaras inspiradas no desenho animado e seus personagens eu iria levar. E ao ver uma da personagem docinho decidi levar para Débora, pois Mag e eu sempre afirmamos que ela e essa personagem combinavam bastante. Juntaria a xícara ao presente de aniversário dela que seria daqui um dia. Acabei comprando a da florzinha para Mag e a da lindinha para mim, rindo de como no fim mesmo depois de crescermos, acabamos carregando um pouco do desenho conosco, pois ainda via elas como as personagens do desenho animado.

Paguei pelas xícaras e algumas outras coisas que também me apaixonei na seção de loja da cafeteria, como blusas do desenho e até bonequinhos fofíssimos dos personagens. E por fim sentei em uma das cabines no segundo piso, bebendo de uma bebida exclusiva da cafeteria enquanto isso. A bebida, pois acabei não optando nem por chá nem café ao ver o menu, era inspirado também no desenho, uma mistura das três personagens. Tinha uma cobertura doce, forte e leve ao mesmo tempo. E a cor era uma mistura de vermelho, azul e verde. O vermelho no topo, o verde no fundo e o azul no meio, antes que eu girasse o canudo misturando tudo.

Assim que terminei de beber e tirei mais algumas fotos do lugar que iria frequentar bastante se continuasse morando por aqui, saí para a próxima cafeteria alguns metros mais adiante e do outro lado da rua. E se eu tinha ficado encantada na primeira, fiquei pasma na

segunda ao me deparar com a decoração e o ambiente inspirado e decorado na pantera cor de rosa! *Eu vou sair daqui mergulhada em bolsas e xícaras.*

Dei alguns pulinhos animados, passando em frente à estátua da pantera cor de rosa. Era como voltar para a minha infância. Eu teria que arrastar Magnólia e Débora para estas cafeterias comigo nem que fosse na base da ameaça ou puxão de orelha, como nossas mães adoram fazer até hoje em dia, especialmente a tia Lídia, mãe da Mag.

Descobri que esta cafeteria também tinha vários tipos lindíssimos e variados de doces. Estava ainda explorando o primeiro piso perto de algumas das crianças que estavam com os pais quando meu celular vibrou na minha mão e a mensagem surgiu na tela quando eu tirava uma foto do ambiente. Cliquei na mensagem que era da Mag no nosso grupo perguntando onde estávamos, e respondi ela logo depois de Deb, entre nossas matinais farpas, logo abandonei a conversa em aberto e continuei vagando e batendo fotografia para algumas pessoas que também estavam andando pelo local tão encantadas quanto eu.

Demorei muito mais tempo na segunda cafeteria, comprei uma miniatura da pantera cor de rosa e bebi uma bebida especial inspirada na própria pantera. Saí do lugar com duas bolsas a mais do quando entrei, e fui andando para a terceira onde travei na entrada ao me deparar com o foice de *"Billy&Mandy"*

Eu odiava esse desenho na mesma proporção que adorava, até hoje não sei definir qual dos sentimentos realmente ganhou, mas eu amei a cafeteria que descobri ser uma mistura de cafeteria com lanchonete pois durante a noite eles vendiam alguns lanches. Essa aqui tinha certeza que Deb viria, pois ela adorava a Mandy e o puro osso, *nem consigo imaginar a razão*, pensei rindo brevemente.

Fiquei na cafeteria por mais um tempo, provando alguns diferentes tipos de café até perceber que passava de uma hora da tarde, e meu estômago roncava por comida de verdade. As meninas não tinham falado mais nada, então decidi mandar uma mensagem no grupo para saber se estavam no apartamento.

Lindsay

Vocês estão no apartamento?

Débora

Estou voltando, mas tem um engarrafamento maldito desse lado então vou demorar, e eu já comi por aqui mesmo

Lindsay

Conseguiu seu gloss?

Débora

Sim, e já tenho quem tire hoje de noite

Lindsay

Mentira, quem é?

Só que como Débora adorava torturar os outros, ela não visualizou mais as minhas mensagens, deixando-me morrer de curiosidade sobre com que pessoa ela iria sair. Deb era a mais social de nós três, ela adorava sair, especialmente para beber, e conhecia bastante gente da

universidade e de fora da universidade, o que tornava muito difícil de descobrir quem seria essa pessoa.

Voltei para o apartamento imersa nas minhas hipóteses tentando lembrar de possíveis conhecidos que já vi Deb conversando e que poderiam ter despertado o seu interesse que era bastante exigente, ninguém veio na minha mente do minuto que comecei até o minuto em que parei ao entrar no elevador. Estava apertando o botão quando uma mão grande se enfiou entre as portas, impedindo que se fechassem. Eu recuei assustada com a súbita aparição e com o barulho da mão agarrando o metal, mas suspirei ao ver que era Lorenzo.

— Corri para conseguir alcançar você, não me escutou te chamando? — Lorenzo sorriu empolgado ao entrar no elevador e parar na minha frente, eu recuei ficando encurralada entre o canto metálico do elevador e seu corpo.

— Não… — murmurei, já sentindo minhas bochechas quentes.

Lorenzo sorriu e seu olhar azul sem traço algum daquele usual tédio e desinteresse comum desceu para meu corpo no vestido que eu usava, mordendo o seu lábio inferior ao fazê-lo.

Não era como se a visão dele não me fizesse sentir a mesma coisa. Lorenzo por si só já era de tirar o fôlego de qualquer um, mas havia algo sobre ele usando camisas azuis escuras que definitivamente o tornavam ainda mais atraente. As duas tiras da pulseira azul estavam em torno do seu pulso como desde o primeiro em que nos conhecemos. Notei que ele carregava uma sacola em uma das mãos.

— O que é isso? — eu e ele perguntamos juntos, olhando um para o outro pela sincronia. Um sorriso maior crescendo no rosto dele.

— Você primeiro — disse, dando um passo final e apoiando a mão na minha cintura, eu suspirei baixinho olhando para o painel dos andares para me certificar de que não estava perto do nosso.

— Acabei comprando umas coisas nas cafeterias do bairro — eu consegui dizer, relutante, mas disse.

— Xícaras e pacotes de chá? — ele perguntou bem humorado, seu rosto se inclinando em direção do meu, me pondo em estado de paralisia total.

— A-Aham — gaguejei, minhas mão apertando as alças das minhas bolsas, meus lábios já se mantendo brevemente separados, deixando explícito que se ele quisesse me beijar, eu queria também.

— Eu acho que nunca me cansaria de ver quão bem você reage a mim, Lindsay — Lorenzo sussurrou e encurtou a distância entre nós dois, beijando-me e me prensando entre o canto do elevador e seu corpo. Eu arfei, beijando o loiro de volta.

Dessa vez não tinha o gosto de álcool nem maçã verde da noite anterior. E sim o gosto predominante de mel, se era dele ou de algo que bebeu eu não sabia, mas sabia que tinha gostado e o beijado ainda mais, saboreando aquele gosto se misturando aos meus lábios e língua que se enrolou na língua dele aprofundando o beijo.

A mão que Lorenzo mantinha na minha cintura a apertou mais forte, afundando mais a cabeça e a língua na minha, me beijando com uma urgência maior do que a da noite anterior, e se

era esse o próximo nível do qual me falou, eu queria muito mais dele. Muito mais.

Encontrei-me em uma luta interna sobre largar as bolsas que estava segurando e deixar que as xícaras se quebrassem só para poder segurar nos ombros e braços do loiro, ou permanecer segurando as bolsas que vinha carregando como se fossem minha própria vida durante toda a manhã. Pela primeira vez minhas xícaras não são tão importantes assim.

— Você está com um gosto doce fora do seu comum — O comentário brincalhão do loiro ao separar os lábios me fez rir um pouco e corar ainda mais.

— Você também… — digo.

— Ah, é? — brincou, erguendo as sobrancelhas para mim ao se afastar o suficiente para que pudéssemos nos olhar.

— Sim. Está com gosto de mel — ele sorriu ciente de que tinha sido flagrado.

— Gosto de pôr mel no meu chá. E também fui em uma cafeteria, mas não era por aqui — Explicou.

— Onde fica? — perguntei interessada, mas as portas do elevador se abriram e fomos forçados a nos afastarmos um do outro e sair.

Nossa conversa morreu e eu soube que não teria como prosseguir com ela agora que entrávamos no apartamento. Estava a caminho do meu quarto quando escutei um barulho do banheiro e a voz do Matthew, e da *Magnólia?*

Eu parei de andar na mesma hora e me virei na direção de Lorenzo que tinha a mesma expressão de choque no rosto. Nos aproximamos ambos da porta e o loiro deu duas batidas.

— Matthew? Magnólia? São vocês ou colocaram algo no meu chá? — O loiro perguntou sério, porém estava sorrindo divertido para mim.

— Porra, até que enfim! Sabem por quantas malditas horas estamos aqui dentro trancados?! Abre essa porta, Lorenzo — Um Matthew muito calmo e ofegante, totalmente oposto da fala que esperei vir carregada de sua fúria, falou do lado de dentro do banheiro.

— Você está sozinho? Porra, quando a gente precisa que tenha alguém na casa todo mundo some!

Eu abri a boca para falar ao escutar a voz da Magnólia, mas Lorenzo cobriu minha boca com a sua mão e balançou a cabeça duas vezes, apontando para meu quarto e para nós dois. Eu entendi de imediato, se Mag soubesse que eu voltei iria comigo para o quarto e reclamaria de Matt o restante do dia.

Assenti para Lorenzo que sorriu contente, tirando a mão da minha boca, roubando-me um selinho que me tornou um tomate na hora.

— E por que vocês dois estão trancados aqui dentro?! — o loiro perguntou, erguendo a mão e segurando a maçaneta.

E essa era uma pergunta que eu estava muito interessada em ouvir a resposta.

— Magnólia invadiu o banheiro quando eu estava tomando banho — Matthew respondeu e eu escutei o barulho de um tapa.

— Esse imbecil estava no banheiro com a porta destrancada! Eu achei que não tinha

ninguém e entrei, aí a maçaneta acabou quebrando e ficamos trancados. — Magnólia respondeu, mas nem a voz dela nem de Matthew estava carregada da raiva usual que continha. Parecia até mais...*ofegante?*

Lorenzo e eu trocamos um olhar desconfiado.

— E vocês dois não se mataram depois de passarem horas trancados no mesmo lugar? — o loiro riu, abrindo a porta ao girar a maçaneta, foi quando a mão de Matthew agarrou a frecha aberta, impedindo que mais que aquilo fosse aberto.

— Valeu — Matthew se limitou a somente agradecer, eu olhei os dedos dele na lateral da porta.

Por que ele não queria que Lorenzo abrisse a porta e os visse? E por que Mag não saiu correndo como eu poderia jurar que faria?

— Vocês estão bem? — O loiro perguntou, fingindo um tom bastante conveniente de preocupação, ao mesmo tempo que gesticulou para que eu fosse para meu quarto.

— Sim. Valeu. Pode ir. — aquela foi a última coisa que escutei de Matthew e Lorenzo antes de entrar no meu quarto. Não demorou menos do que dois segundos para o loiro entrar e trancar a porta atrás de si, segurando uma risada.

— Está pensando o mesmo que eu? — ele cochichou dando passos largos na minha direção.

— Que é muito estranho Mag não ter saído correndo por aquela porta no instante em que a abriu? — eu zombei no mesmo tom, e Lorenzo riu, concordando.

— Acho que não somos mais os únicos se trancando em um cômodo juntos. — brincou, erguendo a mão e segurando meu rosto entre seus dedos.

— Será mesmo que eles dois… Você sabe… — murmurei, perdida no seu olhar azul. Ele riu, arrastando seu dedão até os meus lábios.

— Se eles *transaram?* Definitivamente. Matthew estava com uma voz de quem tinha acabado de gozar — ele riu, e sorriu largamente ao ver que eu fiquei ainda mais vermelha pela forma tão branda na qual falava.

Não que eu não estivesse acostumada com esse linguajar vindo das meninas e da minha própria família e outras pessoas, mas ele tinha esse efeito diferente em mim e parecia que eu sempre teria uma reação única só para ele e tudo que fizesse ou falasse: ficar vermelha.

— Eles passaram na nossa frente, lindinha, como ousam…?! — Lorenzo resmungou, ligeiramente ofendido por não sermos os únicos vivendo um "romance" no mesmo apê.

— A Mag estava ofegante — eu constatei baixinho, acreditando que realmente aquilo tinha acontecido entre ela e Matt. No nosso banheiro. A ideia me fez franzir a testa em reprovação e senti um calafrio.

— Que nem você — ele sussurrou, me deixando confusa com a mudança abrupta da conversa.

— Eu não estou ofegante — sussurrei de volta, sem entender, e Lorenzo se curvou na minha direção.

— Mas vai estar daqui alguns segundos — previu com convicção.

— E por quê?

— Porque eu estarei beijando você — prometeu confiante de suas palavras, e me beijou.

Não durou muito, embora a vontade de minha parte não faltasse, mas ele parecia querer fazer outra coisa, tanto que se afastou após o beijo deixando-me exatamente como disse que deixaria: ofegante.

— Mas primeiro — ele levantou a sacola que ainda segurava na altura dos nossos olhos.

— O que é isso? — Perguntei olhando para a sacola de papel branco e então para ele.

— Eu trouxe isso para você da cafeteria que fui, tinha ido encontrar minha mãe e quando vi isso lá… lembrei logo de você.

Um pequeno e genuíno sorriso surgindo ao curvar tímido dos seus lábios, e ele me estendeu a sacola branca esperando que eu a aceitasse. Eu aceitei na mesma hora e dei uns pulinhos ansiosos até a beirada da cama, me sentando nela e abrindo a sacola vendo que tinha uma caixa retangular dentro dela.

Estava tirando a caixa de dentro da sacola quando Lorenzo se sentou na minha frente do outro lado da cama, me observando apreensivo.

Eu coloquei a caixa na cama observando a cor azul escura da embalagem e o nome da marca grifado no meio, junto de outros detalhes belíssimos em tons de dourado. Tracei alguns dos detalhes da caixa antes de a abrir, puxando para cima pelas laterais e não pude nem conter o suspiro de choque e encantamento que veio assim que vi o que tinha dentro. Meu queixo se abriu e eu tapei a boca sem palavras.

— Você… gostou? — Escutei Lorenzo perguntar, havia receio e medo na sua voz.

— Você comprou mesmo isso para mim?! — eu perguntei ainda de olhos esbugalhados para o belíssimo conjunto de xícaras de chá feitas de cerâmica.

Havia um conjunto de oito copinhos pequenos de chá, todos de cerâmica e um mais absurdamente lindo do que o outro em suas próprias cores e detalhes mínimos que eu passaria horas apreciando e sem me cansar. Era lindo demais. Nunca tinha visto um conjunto de chá tão lindo e exótico antes.

— Sim, pensei que você gostaria — ele sussurrou, seus olhos se apertam para mim como se minha reação eufórica não fosse esperada, e agora fosse a causa da felicidade em seus olhos.

— Gostar? Lorenzo, gostar é eufemismo, eu amei, adorei, é lindo… — eu toquei em um das xícaras de cerâmica sem alça e moldadas em formato de um copinho fundo, essa era verde água e tinha traços escuros pelo interior e laterais, como se fosse um cristal de mármore.

— Eu sabia que você gostava de xícaras e quando vi esse conjunto, não consegui não comprar para você.

— É tão lindo e diferente.

— Eu sei que não é exatamente uma xícara como as suas, e talvez até tenha algo parecido, mas...

— É lindo e único, cada uma delas, assim como você, Lorenzo. Obrigada pelo presente, vou lembrar de você sempre que usa cada uma delas — eu o interrompi, pulando nos seus braços. Talvez sem pensar muito bem, pois quase caí, mas o loiro foi rápido em me segurar pela

cintura e em me acomodar de lado em seu colo.

— De nada, Lin — ele sussurrou, envolvendo os braços em torno das minhas costas quando o abracei.

— Achei que elas eram lindas também. Lindinhas, como você. — eu sorri com o trocadilho sobre o apelido e fechei os olhos, ainda abraçando ele, sentindo o cheiro gostoso da colônia misturada ao seu próprio cheiro. Acho que tinha acabado de encontrar a minha fragrância favorita, *e não era de chá.*

— Podemos estrear elas mais tarde, se quiser — Ele sugeriu, roçando o nariz no meu ombro nu e esfregando os lábios em um beijo terno.

— Eu iria amar! — recuei em seus braços e encontrei seus olhos serenos pairando por meu rosto, seus dedos afastaram as mechas que escaparam do meu coque até estarem atrás da minha orelha.

— Estou gostando de você e disso que começamos, gostando mais do que falei para mim mesmo que iria e deveria, mas eu não dou mais a mínima para isso — A sua voz era baixa e firme ao confessar.

Meu coração começou a acelerar novamente ao pesar dessas palavras e como elas iam totalmente contra tudo que vinha me fazendo acreditar que era a realidade, quando na verdade é o oposto de tudo isso. Lorenzo estava sentindo as mesmas coisas que eu, não era só um momento de diversão.

— Eu também...— Confessei, me sentindo encorajada a dizer isso já que ele também estava se sentindo do mesmo jeito que eu.

— Sério? — suas sobrancelhas sobem em surpresa, nem eu e nem ele esperávamos essa confissão um do outro em tão pouco tempo.

— Sim — Aceno.

— O que faremos com isso agora? — mordi meu lábio inferior, já tensa só de pensar no caos que tudo poderia se tornar, principalmente por minha falta de experiência em absolutamente tudo que envolvia duas pessoas em um enlace íntimo como esse.

— Não é como se eu fosse te levar para o altar hoje — Lorenzo riu e eu o acompanhei.

— Embora isso fosse fazer minha mãe *muito* feliz — ele pareceu cogitar a possibilidade, só para rir da minha cara de assustada.

— Estou brincando, lindinha — beijou a ponta do meu nariz.

— Sua mãe sabe sobre mim? — murmurei.

— Sim. Veja bem, eu tentei esconder esse fato lindo dela — me encarou ao mencionar o adjetivo.

— Só que quando eu vi o conjunto de xícaras que queria comprar para presentear você, ela percebeu tudo, e ela como uma grande fofoqueira pegou o conjunto que era peça exclusiva antes de mim e disse que só me daria se eu contasse — O loiro suspirou indignado com a atitude da mãe, embora parecesse estar acostumado com aquilo.

— Então agora a minha mãe sabe sobre você, quer te conhecer, e exige que eu te leve no aniversário do meu tio no próximo final de semana — Ele mordeu o lábio inferior ao terminar de

falar, me encarando apreensivo. — Não precisa ir se não quiser. Minha mãe consegue ser bem intrometida quando quer, não quero que ela ou o resto da família te deixe constrangida, e eles são excelentes nisso.

Um riso sem graça escapou da garganta dele que coçou a parte de trás da nuca sem saber o que fazer, olhando ao redor embaraçado pelo que tinha acabado de contar.

— Acho que gostaria de ir, se quiser me levar — Falei após uns segundos calada, pensando.

— É mesmo? *De verdade?* Não precisa ir só porque falei, ou porque acha que deva ir — As mãos ao redor do meu corpo se intensificaram no aperto ao súbito pico de euforia do loiro com a minha resposta, seus olhos brilharam com a resposta e o sorriso puro encheu seu rosto ao curvar dos lábios separados.

— Eu quero ir. É uma oportunidade de conhecer sua família, e algo me diz que se eu não for, eles vão culpar você — Lorenzo riu, concordando.

— É, eles iriam mesmo. Iriam certamente me proibir de entrar se eu aparecesse lá sem você. E mandariam Matt e Diego ajudarem eles a sequestrar você, só para conhecê-la.

Lorenzo confessou. Eu fingi estar assustada e arregalei os olhos para aquilo.

— Sua família pode ser pior do que a minha, então — murmurei em tom de pânico.

— Nunca poderemos apresentá-los então, como casaremos agora? — murmurou de volta, arregalando os olhos. E demorou apenas alguns segundos para começarmos a rir juntos.

Eu sabia que era muito cedo para tudo o que estava acontecendo, e tudo que já iria acontecer entre ele e eu. Nós dois sabíamos disso. Mas como Lorenzo disse, eu não dou mais a mínima para isso.

CAPÍTULO 08

“Já viu que horas são?"

Débora

Meu aniversário era amanhã e pela primeira vez eu estava preocupada em ficar longe das meninas por causa das outras pessoas que estavam no mesmo ambiente que elas. No caso do *mesmo*. Uma pessoa em específico.

O beijo que aconteceu naquele corredor ficou martelando na minha cabeça a madrugada e o restante do dia todo. Não conseguia parar de lembrar aquele breve momento e achava enervante o quanto um pequeno momento podia se estender além do tempo que durou, mesmo já tendo acabado. O beijo continuou na minha mente mesmo tendo acabado da mesma forma súbita e eloquente que começou. E meu coração acelerava cada vez que eu relembrava o incidente. Sim, incidente. Aquilo foi um erro, o maior erro da minha vida. E eu não iria cometê-lo novamente.

Deveria estar odiando. Queria estar odiando. Implorava comigo mesma para estar odiando. *Mas não odiei e não odiaria.* Eu gostei, continuaria gostando. Gostando até demais para quem não suporta a presença daquele cavalo arrogante de olhos verdes.

Com esse pensamento, não voltei para o apartamento na hora que falei que voltaria. Ao invés disso, continuei andando pela cidade comprando algumas coisas e acabei aceitando ver meu irmão, Pablo. E dali fomos parar em um barzinho que conhecíamos e costumamos nos reunir apenas nós dois. Eu e ele saímos para beber juntos algumas vezes para conversarmos e matar a saudade desnecessária que eu dizia que ele sentia, e a que ele afirmava cheio de si que eu sentia dele também.

Pablo morava na mesma cidade, mas era piloto de avião, então era extremamente raro a gente conseguir se encontrar pois nossos horários quase nunca batiam, enquanto eu estava cursando minha segunda tentativa de carreira na universidade, ao descobrir depois de tentar e me forçar ao máximo nos últimos três anos com arquitetura. Sentia que não iria chegar a lugar algum enquanto cursava, até que depois de me sentir um lixo por ter o diploma e sem nenhuma pretensão de o usar, e agora por mais maluco que fosse, eu estava prestes a começar um curso novo e completamente diferente do que tentei encaixar para mim.

— Você está diferente, sabe que reparei nisso, né? — Pablo murmurou quando pedimos mais algumas bebidas.

Eu o encarei entediada, odiava o fato dele me conhecer tão bem, em especial porque Pablo e eu éramos irmãos gêmeos, o maldito era a cópia da personalidade da mamãe enquanto eu a cópia da personalidade de papai.

Pablo era um observador nato, e para piorar a sua capacidade de perceber coisas sobre os outros, ele era meu gêmeo, e aquilo ajudava ele a notar coisas mais específicas sobre mim, assim como eu sobre ele.

— E isso é uma tentativa de falar que engordei, emagreci, sou patética ou...— deixei o resto no ar, mau humorada e bebendo um gole da bebida extremamente doce do jeito que eu gostava, o álcool bem distante no gosto, embora bastante presente no meu sangue e na cabeça.

Pablo suspirou das minhas autocríticas, acho que nunca se acostumaria com a minha capacidade de me criticar quando bebia.

— Isso é uma tentativa de perguntar quem te fez ficar tão quieta enquanto bebe? Você fala para caramba quando bebe, é razão pela qual sempre bebemos, para desabafar — Pablo falou, ele deu um gole de uma bebida mais fraca, pois diferente de mim, ele não estava querendo se enfiar no esquecimento em plena véspera do aniversário.

— Não sei do que está falando, cala essa boca, gêmeo insuportável — implorei, dando um segundo gole que virou um terceiro e um quarto até eu abaixar o copo na metade.

Pablo levantou as sobrancelhas como se minha atitude entregasse alguma coisa, nada ofendido por minhas palavras e insultos cujo dizia ser minha forma de demonstrar afeto para os outros na maior parte do tempo, na outra parte esquecida ele dizia que eu iria descobrir quando conhecesse alguém e me tornasse grudenta feito um ursinho carinhoso.

— Débora, quem é? Você está bebendo demais, não vai conseguir dar um passo se beber o resto disso — Pablo falou, se inclinando na mesa para me encarar de perto, dessa vez curioso e preocupado.

— Não tem ninguém, que saco, só quis comemorar meu aniversário antes! — reclamei, endireitando minha postura e apanhando meu copo.

Pablo segurou meu pulso e o arrancou da minha mão, pondo fora do meu alcance. Eu não tentei puxar de volta pois eu sabia que não teria forças para isso nesse momento, e apenas resultaria em sermão de alguém que se acha mais velho só porque nasceu cinco segundos *depois* de mim.

— Se não quer falar sobre ele, não vou forçá-la, mas você sabe que beber para fingir que os seus sentimentos por esse cara não estão aí, não vai adiantar, porque tudo vai continuar aí quando acordar amanhã. — Pablo deu um cascudo na minha cabeça, e eu empurrei a dele furiosa por ele ser capaz de descobrir tantas coisas sobre mim que eu nem mencionava para ele.

— Anda, bebe um pouco de água — Ele me entregou o copo que um dos garçons do barzinho trouxe. Bebi alguns goles até me sentir bem melhor, e ele julgar ser suficiente.

— Consegue andar? — eu acenei, ele levantou e eu fiz o mesmo.

Pablo pagou a conta alegando que era meu presente de aniversário adiantado, e me segurou pela cintura para me dar suporte na pequena caminhada até o seu carro.

— E eu? O que vou ganhar de presente? — Pablo perguntou, uma vez que já estávamos no seu carro e ele dirigia para o prédio do apartamento.

— Vai chegar na sua casa hoje de manhã — Contei, esfregando meu rosto para dar uma breve acordada, e comecei a revirar o porta-luvas dele ciente que ele sempre tinha aquelas pastilhas de balas dos mais variados sabores, encontrei cerca de quatro pequenos pacotes de sabores e cores diferentes, topando com embalagens de camisinhas durante a minha busca.

— Uau! Alguém aqui transa bastante! — eu debochei, exibindo alguns dos pacotes. Pablo bufou arrancando elas das minhas mãos e enfiando de volta no mesmo lugar, me fazendo rir.

— Ao menos um de nós dois tem que se divertir, né, maninha? — Me provocou e eu acertei sua nuca, fazendo-o resmungar pelo estalo.

— Eu me divirto e muito, sua peste. — Resmunguei e peguei a caixinha de menta, enfiando várias das pequenas balinhas na minha boca, mastigando elas depois de chupar até todo o doce ter perdido o sabor.

— Com esse cara que te tirou do sério, por exemplo? Algo me diz que ainda não chegaram na parte da diversão, você gosta de ir direto ao ponto e some depois. Algo me diz, também, que dessa vez você está evitando ir direto ao ponto, porque se for, não vai querer fugir depois — Pablo argumentou, parando com o carro em frente ao meu prédio.

— Sou eu que bebo além da conta, e é você quem fica falando besteira?! — Revirei meus olhos, enfiando a caixinha de volta no porta luvas e o fechando.

— Então estou certo. Você não me deu nenhuma resposta concreta — nós dois descemos do carro ao mesmo tempo, e ele correu para me segurar mesmo eu repetindo mil vezes que estava perfeitamente capaz de andar e entrar sozinha.

— Sã e salva, maninha — Pablo falou assim que paramos em frente a porta do apartamento. Ele sorriu alegre de verdade.

— Feliz aniversário, peste — eu murmurei erguendo meus braços os envolvendo ao redor das costas de Pablo que fez os mesmos com os seus, abraçando-me de volta e contente, pois era o tipo de coisa que eu só fazia em datas comemorativas, se não visse a pessoa fazia muito tempo ou se fosse situação de vida ou morte.

— Feliz aniversário, maninha — ele sussurrou.

— Não se prive de viver seus sentimentos por mais que pareça assustador confiar neles, e não se torture com coisas que nem foram sequer conversadas ainda — ele sussurrou novamente antes de recuar e beijar a minha testa.

— Eles podem me machucar se eu confiar neles, se deixar ficarem por tempo demais...— argumentei baixinho, batucando meu coração.

— Eles vão te machucar ainda mais se empurrá-los para longe de você porque vai passar o restante da sua vida se perguntando o que teria de fato acontecido se tivesse pensado menos, e sentido mais — argumentou de volta, e estava certo mais uma vez.

Eu que era covarde demais, e toda a coragem de amar e sentir loucamente sem pensar nas consequências que Pablo herdou de mamãe faltou em mim, que herdei de papai toda a desconfiança e falta de crença nos sentimentos das pessoas quanto a mim, criando muros entre os

sentimentos fortes do coração, nunca me permitindo viver mais que um instante de descuido, que de descuido não tinha nada, pois até este descuido era perfeitamente bem planejado.

Eu não gostava de descuidos sentimentais que de fato eram descuidados, de atitudes abruptas movidas no calor do momento, de atitudes causadas pelo coração e pelos desejos. Eu gostava de ter bastante certeza do que queria e de como queria, e somente então o teria do jeito que calculei e pelo tempo que calculei, o menor possível.

E Diego havia tomado uma atitude impensada beijando-me, ele não ligou para o fato que mal nos conhecíamos, de que eu chutei o saco dele, o xinguei e tratei mal, ele simplesmente deixou seus sentimentos tomarem conta e me beijou. E eu me vi contaminada pela atitude dele ao beijá-lo de volta, ao retribuir sua atitude impensada de modo ainda menos racional. E coisas que acontecem sem serem planejadas nunca tem um fim exato. Eu beijei ele de volta sem meu planejamento, sem o fim que teria estipulado, aquilo deixou o ocorrido em aberto, e isso tinha causado uma bagunça dentro de mim.

— Papai é igualzinho a você, mas ele derrubou esses muros, confiou na mamãe e está com ela até hoje, não está? E eles são felizes juntos.

Pablo argumentou, e eu não poderia discordar daquilo. Nossos pais se amavam mais que tudo, e apesar das divergências comuns que tiveram ao decorrer dos anos eles resolveram todos esses problemas juntos e estão mais próximos do que quando casaram, e isso é um fato.

— Meu presente vai chegar de tarde, me manda mensagem dizendo o que achou depois, e se cuida — Pablo me abraçou mais uma vez, bagunçou meus cabelos e beijou minha testa antes de ir embora, acenando uma última vez antes de entrar no elevador e realmente sumir.

Fiquei alguns instantes parada até finalmente reagir e com um esforço que já me irritou profundamente, destranquei e abri a porta. O apartamento estava silencioso, mas tinha uma luz vindo da sala, parecia que era a televisão.

Dei alguns passos e saltei para trás quando a figura alta e sombria de Diego surgiu. Eu me choquei contra a parede do corredor no susto, sentindo meu coração acelerar mais do que o normal, não sabia se era por causa do susto ou por causa da presença esmagadora de Diego, que agora causava muitas reações ao meu corpo que eu não conseguia conter, reações que todos os caras com quem me envolvi momentaneamente não me causaram nem durante o sexo.

— Satanás! Quer me matar de susto?! — Perguntei com a mão no peito onde meu coração batia rápido.

— Você sabe que horas são?! — perguntou de volta, o tom pesado e grave carregado de fúria.

— Umas dez horas, e daí? Seu encosto desgraçado, cavalo endemoniado dos infernos, eu me assustei, caramba! — empurrei ele, soltando meu fôlego e começando a tentar sair das minhas botas de salto alto e lidar com aqueles malditos laços que agora pareciam um labirinto na pouca luz do corredor e meu estado lento.

— Não, são quase duas da manhã porra, sua irresponsável. Não pode sumir desse jeito o dia todo e não responder as mensagens de ninguém, deixou todo mundo preocupado — ele pareceu ainda mais transtornado com meu descaso e eu revirei os olhos suspirando alto.

— Todo mundo? — zombei. — Não sei de quem está falando. As únicas que devem ter se preocupado foram as minhas amigas, você e seus dois amiguinhos não são nada meu.

Respondi no mesmo tom, ainda tentando encontrar o bendito laço da minha bota.

— E pelo que vi, não se importa nem com elas — Diego retrucou em um tom pesado de crítica.

— Minhas amigas sabiam onde eu estava. Mandei uma mensagem para elas avisando que demoraria. E desde quando minha vida e as coisas que eu faço tem haver com você?! — eu levantei meu rosto, batendo o pé no chão furiosa por não ter conseguido tirar os sapatos e pelo sermão que ele estava me passando.

— Tem noção do quanto fiquei preocupado?! Achando que estava com outro cara por aí — Diego avançou e eu soltei uma risada ácida.

— E se eu estivesse? E na verdade, eu estava. Ele até me trouxe aqui. Nada disso é da sua conta. — respondi cutucando seu peito e o empurrando, mas não surtiu efeito algum pois o peito dele parecia uma rocha.

— É da minha conta, sim — Retrucou rispidamente.

— E por quê? — cutuquei seu peito de novo, ele não parecia se incomodar com isso, não parecia nem estar sentindo uma coisa.

— Porque não gosto da ideia de você com outro cara que não seja eu. E vou fazer o que for preciso para impedir que queira isso por outro cara que não seja eu.

Diego decretou em bom som, como se quisesse se certificar de que eu escutasse bem cada uma das suas palavras ditas e preenchidas de ciúmes. *Ciúmes*. Ele estava com ciúmes de mim, do meu irmão, tecnicamente falando. Ele não sabia que ele era meu irmão, porém, acho que não acreditaria se eu falasse. *E por que eu estou permitindo isso?* Pensei mordendo o canto da boca para tentar manter minha razão.

— Eu não sou e nem serei nada sua, então é melhor tirar essa obsessão da sua cabeça — apontei o dedo na direção do rosto do Diego.

— Não foi o que pareceu ontem quando me beijou no corredor — Ele retrucou praticamente no mesmo instante em que terminei de falar, tão imerso na discussão quanto eu.

— Aquele beijo foi o maior erro da minha vida, e a culpa foi sua que saiu me agarrando. E acho bom nunca tentar fazer isso outra vez, ou vou me garantir de destruir isso que chama de pau — rosnei, me inclinando e esticando na direção das minhas botas.

— Eu sei que beijei você primeiro, mas lembro bem que você retribuiu sem nem pensar duas vezes — Diego não vacilou nem por um segundo apesar da frieza e repulsa nas minhas palavras.

— Me deixa em paz — Exigi. — Eu não quero nada de você! Não quero que me dirija mais a palavra, que sequer fique perto de mim.

— Acontece que eu quero. Quero proferir milhões de palavras e que mais da metade delas sejam provocações para fazer você ficar assim, toda nervosinha — ele agarra o meu queixo, me obrigando a sustentar o olhar verde impertinente e gatuno dele.

— Insuportável — praguejei, e seus lábios estremeceram, se curvando em um sorriso de deleite.

— Irritável — rosnou de volta.

— Cavalo arrogante — cuspi.

— Montadora deliciosa — provocou de volta, a malícia retornando ao seu olhar e no curvar de seus lábios para um sorriso.

— Montadora? — franzi a testa.

— Ainda vai me montar, e vai ser no meu rosto, docinho — profetizou.

— Nem morta — Respondi entre dentes.

— Bem viva, encharcada e gemendo meu nome — sussurrou, o olhar verde de gato brilhando. — E quero ficar perto de você o quanto for possível, quero ficar tão perto de você que a única coisa que vou sentir vai ser o seu corpo no meu — seu dedão esfregou o canto do meu queixo entre minha boca e maxilar.

— Sai — empurrei ele que me viu tentar tirar as botas altas de novo.

Recuei de surpresa, me amparando na parede de novo quando Diego subitamente se ajoelhou na minha frente diante das minhas pernas.

— Eu tiro isso, docinho. Está tentando tirar essas botas desde que entrou, qual a dificuldade de fazer isso? — resmungou ao segurar o sapato e desfazer o laço, começando a puxar devagar a bota até tirá-la do meu pé.

Não formulei uma resposta, tudo que eu conseguia focar era em Diego ajoelhado na minha frente, era nele se ajoelhando quase como se fosse no automático, sem nem pensar duas vezes. Era na imagem daquele impertinente arrogante de joelhos tirando meus sapatos com o máximo de cuidado e atenção. As palavras dele na noite anterior dizendo que não se ajoelhava diante de mulher alguma estavam sendo repetidas na minha cabeça, eu queria desprezá-lo, provocá-lo, me gabar por ter ele de joelhos, mas tudo que eu consegui fazer foi ficar observando-o hipnotizada. Porque por mais que tenha dito que queria vê-lo desse jeito, não alimentei um pingo de esperança de que ele iria realmente fazê-lo.

— O quanto você bebeu? — Diego se levantou e acho que ele não tinha se atentado ao fato do que tinha acabado de fazer, parecia ter feito sem pensar e a ficha certamente estava longe de cair.

— O suficiente para matar você se continuar falando comigo.

Resmunguei tentando parar a maldita palpitação no meu coração ao respirar mais fundo e soltar o ar bem devagar. Esse exercício não estava ajudando. E Diego estava bufando para minha resposta e ameaça, nada intimidado por ela.

— Anda, me diz, consegue andar até o seu quarto, ou terei que carregar você até lá também? — ele duvidou arqueando a sobrancelha escura para mim, os olhos brilhando maliciosos como o sorrisinho de canto que se formou nos lábios dele.

— Prefiro a morte do que ser carregada por você — o empurrei para longe, dando alguns passos lentos ao sentir meus pés doendo, um resultado das horas que passei andando para um lado e para o outro.

— O que está fazendo? — murmurei enquanto andava com Diego ao meu lado como um cão de guarda ou um espírito obsessor.

— Me certificando de que não vai cair, ou parar no quarto errado — respondeu, e eu fingi

estar prestes a agarrar a maçaneta de um dos quartos dos seus amigos só para irritá-lo.

Diego agarrou minha mão, me puxando para o outro lado do corredor.

— Se continuar me provocando vou te bater de novo, e vai ser nessa nessa bunda — sussurrou na minha orelha, abrindo a porta do meu quarto e me levando para dentro.

— Não lembro de ter lhe convidado para entrar no meu quarto — murmurei, lutando com o zíper da minha jaqueta agora que estava em um ambiente fechado e começava a sentir calor.

— Não lembro de ter pedido por sua permissão — ele fechou a porta e veio na minha direção, substituindo as minhas mão pelas suas.

— *Quão bêbada você está?* — sussurrou como se fosse uma lamentação para si mesmo, e abaixou o zíper da minha jaqueta a deslizando por meus braços e costas, retirando-a do meu corpo.

— Você está de tirar o fôlego. — Diego exalou ao ver que eu usava um vestido no estilo de uma camisola, vermelho vibrante e de alças finas.

— Eu sei — respondi.

— E sabe que sinto uma puta falta de ar toda vez que olho para você também? — murmurou, se aproximando novamente ao jogar a jaqueta na poltrona que tem no meu quarto.

— Não. Vou aparecer bastante na sua frente então, para ver se em uma dessas faltas de ar você tem um ataque cardíaco e morre de uma vez! — Comentei sarcástica.

Diego segurou ambos os lados do meu rosto e se curvou, beijando-me. Eu tentei recuar e fugir dessa mudança de planos, mas dessa vez mas não consegui, no segundo que senti os lábios urgentes dele implorando o contato dos meus, eu cedi, beijando ele de volta e prensando meu corpo no dele em busca do aperto dos seus braços e do toque das suas mãos.

Diego me trouxe para perto de seu corpo com um puxão forte, fechando sua mão e o braço em torno da minha cintura, e eu fui de bom grado, enlaçando meus braços ao redor dos seus ombros e me inclinando o quanto era possível até o momento em que senti ele cair para trás e eu por cima dele na poltrona.

Ele mais que depressa me acomodou entre as suas pernas e endireitou a sua postura, possuindo meus lábios e boca outra vez. Sua língua arrastando-se por cima da minha e a minha por debaixo da sua. Chupei sua língua e ele gemeu, se inclinando mais na minha direção.

— Quem era esse cara, Débora? — Diego me perguntou ao afastar os lábios dos meus, entre um suspiro alto de prazer, sua cabeça tombando para trás e seus olhos verdes se encontrando com os meus, feito dois ímãs.

— Meu irmão — respondi baixinho, beijando seu maxilar. Ele praguejou, agarrando meu queixo para respirar fundo entre meus cabelos e pescoço, causando arrepios por toda aquela área.

— Não minta para mim. Você está cheirando ao perfume desse cara quando deveria estar cheirando ao meu! — seus dedos se emaranhavam entre os fios do meu cabelo, os agarrando e apertando.

— Não estou, ele é mesmo meu irmão — suspirei e olhei ao redor para achar meu celular e mostrar a ele.

— Está bem, acredito em você — respirou, e puxou meu rosto para baixo, me calando

com outro beijo ainda mais frenético que o anterior. — Chega. Eu não deveria nem ter feito isso com você agora — Diego recuou e me forçou a fazer o mesmo, sem fôlego assim como eu.

— Não estou bêbada — falei, beijando seu maxilar e descendo para o seu pescoço.

Ele grunhiu, apertando minha cintura e cabelos em resposta. Seu corpo se contorceu embaixo do meu, e havia algo extremamente excitante sobre a forma como ele reagia a mim e especialmente sobre o som que emitiu, meu corpo vibrou em resposta e minha calcinha ficou molhada.

— D-Débora — ele gemeu baixinho quando comecei a beijar seu pescoço e mordiscar a pele fina.

Eu conhecia muito pouco sobre Diego, e mesmo assim o pouco que observei, especialmente ontem na festa, era que ele não era do tipo que se submetia a nada e a ninguém, ele estava no controle desse tipo de situação e não abriria mão desse poder por nada, desse traço dominante forte. E ninguém acreditaria se eu falasse que esse mesmo Diego arrogante, predador e cheio de si estava entregue desse jeito para mim, gemendo meu nome baixinho e desesperado enquanto eu apenas beijava o seu pescoço.

Nem eu estava acreditando no que via e ouvia, entretanto ali estava ele, a sua cabeça tombada para trás, seus olhos fechados e o rosto preso em uma expressão rígida e franzida de prazer conforme suspirava a cada novo beijo meu.

— Não para! — Ele murmurou ainda de olhos fechados.

— Ah, não sei, eu devo? — ameacei, rindo divertida.

— Por favor, não para… — suplicou tão facilmente que por um instante cogitei estar realmente bêbada pra caralho. Não esperava tanta submissão dele e vindo tão facilmente e de bom grado assim.

— Não parar exatamente com o quê, Diego? — tombei um pouco minha cabeça para o lado, e me inclinei beijando sua orelha.

— *Isso* — Ele suspirou alto e gemeu quando chupei abaixo no seu pescoço, mantendo a sucção por alguns segundos. — Não para com isso, não para de me beijar assim.

Ambos os apertos na minha cintura e cabelo aumentaram, e a pressão da rigidez do pau dele em contato com a minha calcinha se tornou maior também. Eu não aguentei e remexi meu quadril devagar, roçando por cima da sua calça bem onde a pressão era maior, minha calcinha molhada em contato com sua ereção me fez ofegar em uníssono com ele.

— *Não posso fazer isso com você* — ele praguejou, enfiando o rosto no meu pescoço e mordendo tão forte que me contorci, gemendo tanto de prazer quanto de dor. — *Não com você assim* — ele sussurrou com os lábios roçando por onde seus dentes cravaram, sua língua circundando a marca.

Um piscar de olhos meus e ele se levantou da poltrona, me carregando consigo em seus braços até me pôr deitada no meio cama. Se inclinando por cima do meu corpo, o olhar felino dele varreu todo o meu corpo naquela posição como se quisesse se lembrar detalhadamente desta cena na cama, especialmente da marca que deixou no meu pescoço e que o fez sorrir ainda mais arrogante e soberbo do que pensei ser possível.

— Porém, é bom que saiba que continuaremos isso quando você estiver sóbria, portanto,

nem pense em tentar fugir de mim como fez hoje, porque dessa vez eu não vou te deixar escapar. — Ele apontou o dedo no meu rosto antes de traçar meu nariz e lábios, parando na ponta do meu queixo.

— Vai me caçar se eu o fizer? — Provoquei, separando meus lábios e empurrando eles para engolir seu dedo o chupando. Diego se curvou mais, seus lábios se separaram e um suspiro pesado preenchendo o quarto.

— Vou *pegar* você, e quando eu te pegar, vou brincar com você até você não aguentar mais, docinho — ele empurrou mais o dedo criando curtos vaivém dentro da minha boca.

— É o que nós dois iremos ver — respondi quando ele puxou seu dedo para fora da minha boca, ele o moveu até debaixo do meu vestido e eu gemi ao sentir ele pressionar o dedo contra o meu clitóris.

— É o que *eu* vou ver, Débora — Respondeu, fazendo um gesto circular no meu clitóris e se afastando ao som do meu segundo gemido e remexer dos quadris. Ele me deu as costas e saiu do quarto sem mais nenhuma palavra.

Merda. Merda. Merda. Foi tudo que consegui pensar enquanto ofegava novamente só por causa daquele toque mínimo, e para piorar a burrada, eu queria ser pega por ele, queria estar de novo nos braços daquele maldito predador.

CAPÍTULO 09

“Ironia do destino."

Diego

Desde criança sempre vi minha mãe ter tudo decidido pelo meu pai. Ele decidia o tipo das roupas que ela deveria usar, decidia as pessoas com quem ela deveria manter no seu círculo de amizades e decidia até mesmo quando ela poderia ou não sair. Desde criança sempre vi a mulher mais incrível desse mundo obedecendo o homem que sequer era grato por ela *amá-lo*.

E da mesma forma que vi meu pai controlando a minha mãe, cresci escutando ele me ensinando que deveria me tornar um homem que dá as ordens, e não aquele que as recebe. Fui ensinado da pior maneira possível que o único jeito de ter é aprendendo a controlar a situação e pessoas ao seu redor até elas funcionarem do jeito que você quer, e que mulheres eram parte do jogo também, mas que elas eram as peças insignificantes desse jogo, que eram as que poderia usar e me divertir com menos seriedade do que os outros, que elas estavam ali para eu comandar de outros jeitos, para brincar até cansar.

Meu pai era um homem que sempre tinha tudo ao seu alcance, e se não tivesse, tudo que precisava era dar ordens para ter, não importava o preço e as coisas necessárias para obter, mas ele tinha.

Comandar o negócio do meu avô foi a grande causa para isso, a maior razão para ele se tornar a pessoa dando as ordens até mesmo para a própria mulher que apesar de jurar amar, apenas via como um meio de se exibir. Um troféu bonito de se ver e para fazer os outros invejar.

E ironicamente, logo meu pai, que sempre ensinava sobre ordenar e nunca ser o ordenado, seguia as ordens do meu avô, cada uma delas, desde a mais suja para a mais humilhante. Era sempre assim, meu avô mandava e ele cumpria. E o mesmo homem que ditava milhares de ordens e ditou muitas outras para o próprio filho, era subordinado das ordens do próprio pai mesmo que esse não estivesse mais na sua vida nem na de mais ninguém.

Meu avô estava morto, mas meu pai continuou seguindo suas ordens sem nem se dar conta, seguiu um legado sujo que eu acho que quando criança jurou que nunca seguiria, e não apenas o legado como cada um dos passos sujos do pai, tratando a mulher, o filho e os outros ao seu redor como objetos que poderia jogar fora caso não fossem do seu agrado.

Segui a estrita e insana criação dele por toda a infância e parte da adolescência, até que não suportava mais seguir um caminho que me tornaria igual a ele. Eu não queria ser ele, nem meu avô, nem nenhum outro homem da família. Eu não queria ser nada deles. Eu não queria ser daquele jeito.

Minha mãe permaneceu ao lado de meu pai até ficar doente e morrer. Nunca consegui entender a razão para ela ter aceitado viver uma vida e relacionamento daquele, e sinceramente preferi não descobrir, ela nunca me foi uma mãe presente de qualquer maneira quando meu pai sempre me arrastava com ele para o mundo do dinheiro e das pastas.

Então, quando minha mãe morreu, percebi que aconteceria o mesmo que eu. Eu seria só uma peça no jogo de poder da família, viveria uma vida de farsas e padrões, uma vida estipulada por uma sociedade antiga e fanática, não que a de agora não fosse. Ter deixado a família para trás, que no fim era meu pai e meus dois irmãos mais velhos, foi mais fácil do que eu pensei. Foi como se esse dia já existisse dentro de mim e eu só precisasse do momento certo para vivenciá-lo, para vivê-lo. Atualmente eu gostaria que a morte da minha mãe não tivesse sido o momento certo para a realização disso, mas não havia nada que eu pudesse fazer para mudar esse fato.

Abandonar todo aquele mundo foi fácil, porém abandonar os costumes e amarras nas quais cresci e fui ensinado que foi difícil. Eu ainda era filho do meu pai, neto do meu avô, e filho da minha mãe. Eu cresci cercado por eles e o mundo deles, e por mais que não gostasse desse fato, herdei o sangue deles, suas qualidades, e principalmente, os seus *defeitos*. A mania de controlar as coisas ao meu redor, de controlar momentos que queria vivência, de me pôr em primeiro, não por ser certo e sim por me achar superior, esses foram um dos defeitos que ficaram impregnados em mim desde que parti.

Eu tentei controlar muitas coisas no começo, e se não fosse pela ajuda de Lorenzo e Matthew, eu estaria certamente de volta para a casa do meu pai por achar que não tinha conserto e que seria um maldito controlador incapaz de ver as coisas acontecerem como devem acontecer, e não como *quero que aconteçam.*

Se não fosse pela minha tentativa desesperada no passado para tentar fazer amigos ao invés de os ter automaticamente por ser quem sou, ao decidir alugar o apartamento que tinha e o dividir com dois desconhecidos da universidade, eu ainda estaria preso em mais amarras como todos os homens da família, e afogado nos meus próprios desejos e sonhos como todas as mulheres da família ficaram uma vez que perceberam que não poderiam sair daquele mundo depois de entrarem nele.

Lorenzo e Matthew foram os primeiros amigos que tive, amigos de verdade, não aqueles que andam com você por interesse, porque sabem da onde você vem, o valor do patrimônio da sua família ou por como você aparenta. Amigos de verdade que me odiaram no instante em que começaram a conviver comigo e perceberam que eu queria controlar eles, amigos que me mostraram que aquilo era errado e as razões porque eram, amigos que foram pacientes comigo e com as minhas tentativas de ser alguém melhor, amigos que continuaram comigo mesmo tendo visto meu pior e não se acovardaram e deram as costas. Meus primeiros e únicos amigos, meus salvadores. Não seria nada como pessoa sem eles. E apesar de hoje carregar os meus próprios defeitos e resquícios da criação da minha família, posso dizer que não sou como meu pai ou meu avô, e meus irmãos, e nem a minha mãe e minha avó.

Lorenzo, Matthew e eu ainda brigamos muito apesar de virarmos melhores amigos e muitas vezes minha personalidade e de Matthew causaram grandes problemas entre nós dois,

porque ele perdia a calma muito rápido e não suportava receber ordens, enquanto eu sabia ser insuportável e não suportava ser contrariado. E sem Lorenzo essa amizade certamente teria sido jogada pelos ares na vigésima briga.

Atualmente posso finalmente dizer que quase não brigamos mais, ou não como antigamente, e que aprendemos a resolver esses problemas juntos da mesma forma que os criamos.

Achei que não teria uma dor de cabeça com nenhum dos dois nunca mais, ao menos não por causa do meu maldito temperamento hereditário, não até aquela garota aparecer e me tirar dos eixos. Não até dar de cara com a minha versão feminina desenhada em um corpo insuportavelmente perfeito de dar água na boca, com uma personalidade forte para não dizer irredutível. Um temperamento frio, mas doce e violento de tirar qualquer um do sério, que me fazia ficar louco das melhores maneiras possíveis e absurdamente obcecado em apertar cada um dos pontos fracos dela e a torturar até sua paciência ir pelos ares.

Desde o segundo que entrei no apartamento e coloquei meus olhos diretamente nela, sem nem prestar atenção nas outras ao meu redor, soube o que era estar perdido e no lugar exato ao mesmo tempo, soube o que era querer lamber o chão que alguém passa e soube o que era sentir que todo o ar no mundo tinha sumido porque por mais que inspirasse, simplesmente não se consegue de fato respirar. Soube o que era aquele estranho sentimento chamado se apaixonar. E apesar de não conseguir me impedir de cutucar a razão desse sentimento para me tornar marcante na sua vida, mesmo que do pior jeito possível, eu também senti medo e repulsa por esse sentimento.

Porque no fundo, eu morria de medo de ficar que nem a minha mãe e as mulheres da minha família, tão apaixonadas por alguém ao ponto de não enxergar as coisas erradas que o dono desse sentimento lhes fazia ao ponto de me perder nesse sentimento e não conseguir ver mais nada além dele. Porque o amor é um sentimento entorpecente, especialmente quando vem de uma forma tão intensa e abrupta ao mesmo tempo, você experimenta desse sentimento e fica embriagado nele, não consegue mais encontrar a lucidez. Você fica dependente fisicamente e psicologicamente desse sentimento, ele te amolece ao ponto de reduzir os seus movimentos e se sentir bem com aquilo.

E eu morria de medo de ficar embriagado no amor para sempre, ficar entorpecido em um sentimento que nas mãos erradas faz de você um escravo que não tem total ciência de que é um escravo. Débora poderia me entorpecer da mesma forma que me manter na mais pura lucidez, e esse era o problema, eu não sabia quais desses sentimentos o meu amor por ela me causaria. Se ela fosse como o meu pai e me tornaria seu escravo, se ela amava como se manipula, ou se amava da forma natural e pura do amor. E o único modo de descobrir que tipo de amor e sentimento teria entre nós dois, era experimentando. Mas, o problema de experimentar a droga errada é que se ela for forte e você muito fraco, *você não percebe que está se viciando e ficando cego nela.*

Decidi que ficaria longe dela até a situação do apartamento se resolvesse, e no mesmo instante em que decidi sobre isso, dei de cara com ela ao sair do meu quarto, a impedi de entrar no banheiro primeiro, a taquei nos meus banheiros em uma atitude infantil da qual nunca ousei fazer antes, e percebi que não conseguiria e nem queria ficar longe daquele perigo em forma de mulher no instante em que a toquei e tudo em mim implorou para nunca mais ficar longe daquela pele e daquele corpo.

E descobri também que ela não amava como meu pai. Especialmente quando me chutou sem nem pensar duas vezes e saiu correndo pela rua. Coisas que nenhuma pessoa que ama como pessoas como meu pai faria, primeiro porque pessoas como meu pai nunca perdiam o controle e partiam para a agressão, segundo porque ela me odiava e a ideia de amar a apavorava, talvez mais do que me apavorava.

Eu não poderia afirmar que as coisas que nem começaram entre Débora e eu dariam certo, ou que ela realmente não tentaria em algum momento me controlar através dos sentimentos que estou nutrindo cada vez mais por ela, independente disso decidi que iria até o fim para descobrir. Era tarde demais para não experimentar de qualquer maneira, tudo já tinha se perdido no instante em que tentamos usar aquele banheiro ao mesmo tempo.

O beijo naquele corredor durante a festa foi eu tentando descobrir se tudo que estava sentindo não era ou não poderia vir a ser recíproco. E era. E foi bom, foi muito bom saber que era, tão bom que fiquei sorrindo o restante daquela festa relembrando o beijo e o fato de que ela me retribuiu.

— Espero que não esteja pensando em como ameaçar Lorenzo também — A voz de Matthew soou nos meus ouvidos, estourando a bolha em que eu estava.

Ele estava do outro lado da bancada da cozinha imitando minha posição e me encarando com um dos seus sorrisos de crítica, aqueles em que está achando graça ao reprovar alguma coisa em alguém. E suas palavras me fazem perceber que ele ainda não encerrou o episódio da festa quando o arranquei de perto de Débora no segundo em que notei o clima começando a se formar entre os dois, logo ela que é minha.

Matthew não gostou da ordem de ficar com as mãos longe de Débora embora eu não tenha dado opções, e quando a festa acabou, ele usou o fato de estarmos limpando tudo para trazer o assunto à tona e questionar minha atitude. Ele retrucou minha ordem falando sobre eu não poder exigir que ele ficasse longe de alguém, e muito menos Débora, mas deixou claro que entendeu que a razão foi e meu ciúme e o fato de eu não saber reagir bem a esse sentimento quando nunca o senti antes por uma mulher que sentia algo além de tesão.

— Eu já entendi que errei em alguns pontos sobre como falei, Matthew — Respondi, já irritado. — E não aja como se não fosse fazer o mesmo se eu estivesse naquela mesma situação com a Magnólia — Sorri de lado ao trazer à tona o mais novo ponto de ruptura do meu melhor amigo.

— É óbvio que aquele loiro foi fofocar com você sobre o incidente no banheiro — Ele respondeu com um ar de falso cansaço.

Penso em mencionar sobre a maçaneta que saiu metade do bolso dele quando deveria ter sido do bolso da Débora, verdadeira responsável por quebrar a maçaneta, só para irritá-la, mas decidi não contar porque ela acabou fazendo uma excelente ação juntando eles dois antes que se matassem e nos dessem dor de cabeça. Se Matthew e Magnólia continuassem naquele pé de guerra, um trio realmente terminaria debaixo da ponte.

— Eu mato o maldito do Lorenzo — ele murmurou consigo mesmo.

— Estava vindo do quarto dela, né? Deveriam gemer mais baixo na próxima madrugada, porque se alguém além de mim tiver a mania de beber água de noite, vou ficar muito puto com vocês dois! — sorrio, vendo seu maxilar se contraindo e o olhar estreitando.

Eu já tinha até me habituado com essa expressão, Matthew a fazia praticamente o tempo todo. Ele parecia viver com raiva o tempo todo, e eu vivia para irritá-lo o tempo todo, pois sempre achei muito divertido. Já recebi bastante socos por causa disso, e devolvi muitos outros.

— Melhor manter essa boca fechada, Diego — Matthew apontou o dedo na minha direção antes de cruzar os braços erguendo o tronco da bancada.

— Por quê? Magnólia te mandou ficar com a sua fechada sobre vocês dois, e você *obedeceu?* — perguntei mantendo minha posição.

Matthew ficou ainda mais irado e me lançou um dos olhares que costuma lançar quando estou irritando ele demais, na maioria das vezes porque tenho razão.

— Pensei que odiasse ser mandado. O que mudou? Por que está obedecendo as ordens de uma mulher? Eu era bem menos opressor e ranzinza, poxa — Dei risada e recuei para longe da bancada quanto ele tentou me acertar um soco.

Diferente de Lorenzo, Matthew era provocado muito mais rápido e mais fácil, e preferia resolver as coisas com os punhos, falando somente em último caso. Não que ele não possuísse bons argumentos, e sim que seu temperamento e sentimentos sempre falam mais alto que as suas razões, e ele nunca foi bom em medir palavras e ações na maioria das vezes, sendo agressivo e rude.

— Não estou obedecendo ordem nenhuma, nós dois estamos de acordo quanto a isso — resmungou, desistindo de me perseguir.

— Se você gosta de ser enganado — dei de ombros.

— O que está fazendo aqui parado feito um maluco? — ele mudou de assunto, certamente eu estava certo.

— Me assegurando que a Débora não vai fugir de mim de novo — respondi.

— Se ela está fugindo de você deve ter bons motivos para isso — Lorenzo murmurou aparecendo na cozinha, sorrindo divertido embora aqueles olhos sempre estivessem expressando desinteresse mesmo que realmente esteja interessado. Ao menos não quando está olhando para Lindsay.

— Devo ajudá-la a fugir, então? — O loiro me perguntou.

— Certamente. Ele está tão obcecado que está fazendo guarda para que ela não saia — Matthew foi se unir com o loiro e eu revirei os olhos.

— Ah, os três estão aqui. Perfeito — Magnólia apareceu na cozinha com Lindsay seguindo ela.

Desde que a de cabelos vermelhos ficou trancada com Matthew ela ficou menos irritada, embora a expressão ranzinza estivesse estampada no rosto dela agora.

— Por quê? Vai tentar nos expulsar de novo? — Questionei, indo para a máquina de café decidido a fazer um porque eu mal dormi a noite toda, temendo que Débora fugisse e nunca mais aparecesse, pois meu medo de perder ela já era explícito e impossível de ser ignorado.

— Olha aqui — Magnólia apontou o dedo na minha direção e Lindsay abaixou o braço dela e abraçando, ou segurando pelo que me pareceu.

— Queremos falar com vocês sobre a Deb — Eu larguei o pó do café na mesma hora.

— O que aconteceu com ela? — me viro na direção delas dando alguns passos até estar na frente de ambas.

— Nossa, mudou de tom rapidinho — Magnólia falou pensativa e debochada. Lorenzo soltou uma risada junto de Matthew.

— O que aconteceu com ela? — Repeti revirando os olhos, sem paciência e começando a me preocupar mais ainda.

— Ela está ficando mais velha — Lindsay disse baixinho, ela e Magnólia se inclinando no corredor para se certificar de que Débora não vinha.

Hoje é o aniversário dela. Ela tinha ido beber para comemorar, então? Mas sozinha? E eu estive com ela durante todo aqueles minutos com ela sem nem saber. Eu nem ao menos tinha um presente para ela, e não queria sair para comprar ao invés de ficar com ela.

— Por que não nos avisaram isso antes?! — Perguntei encarando as duas.

— Porque vocês se enfiaram aqui só fazem alguns dias? — Magnólia rebateu comigo, levantando o queixo e o nariz empinado.

— Mentira, quão velha? — Lorenzo riu ao falar, e Lindsay o encarou.

— Se ela te ouvir fazendo uma piada dela, ela vai te matar, e eu nem estou brincando — a loira disse em um tom baixo e sério. Magnólia concordou com a mesma expressão.

— Ela tem problema com idade? E quantos anos ela está fazendo? — Matthew murmurou, se escorando na lateral da bancada.

— Ela tem sérios problemas com isso. Embora goste de aniversários, ela detesta o dela, embora ame por causa do irmão. — Lindsay ponderou, ela e Magnólia riram baixinho.

— Irmão? Irmão gêmeo? — Lorenzo perguntou tão surpreso quanto Matthew e eu.

Débora falou que o perfume era do irmão, porém eu nunca pensei que era um irmão gêmeo.

— Sim. O Pablo. Enfim, hoje é aniversário dela e nós encomendamos bolo, docinhos e afins — Magnólia falou apressada e baixinho, enquanto Lindsay se certificava que Débora não vinha.

— Vamos comemorar de noite, então estamos deixando vocês avisados sobre, se quiserem participar, vão ter que comprar as bebidas, se não quiserem, falem agora que eu tenho que ir lá comprar, e então? — ela terminou, intercalando o olhar entre nós três.

— Eu pago as bebidas — murmurei.

E com isso os quatro me encararam.

Lorenzo sorrindo grande, Matthew sorrindo em gozação e as garotas com expressões desconfiadas.

— Ok. A bebida favorita dela é essa aqui — Magnólia puxou o celular do bolso e virou na minha direção, eu conhecia e combinava perfeitamente com o gosto de Débora.

Era extremamente doce e o álcool alto, e eu já tinha percebido o quanto aquela criaturinha boa de chute e socos é fissurada em coisas doces, como se tivesse ficado presa na fase de criança.

— Do que ela gosta? — pergunto.

— Como assim? Acabei de falar — Magnólia apontou para a tela novamente.

— Não me refiro à bebida. Do que ela gosta normalmente? Que tipo de presentes ela gosta de receber?

Especifiquei, impaciente com a perda de tempo porque quero fazer o mais rápido possível para voltar antes que Débora acorde.

— Olha ele, todo desesperado para comprar um presente de aniversário para ela — Lorenzo comentou com seu típico ar bem humorado.

— Né? Olha só para ele, todo interessado em comprar as bebidas sozinho. Nós também vamos ajudar, viu? — Matthew comentou em seguida.

— Do que ela gosta? — repeti impaciente para as duas que ainda não tinham me respondido.

— Deb gosta de qualquer coisa desde que tenha pensado realmente nela ao comprar. E acredite ela vai saber se pensou realmente nela ou só comprou por comprar — Magnólia respondeu por fim depois de me olhar como se estivesse tentando detectar alguma coisa que pouco me importava se encontrou ou não.

— Se ela acordar me mandem mensagem — Avisei e saí da cozinha retornando ao meu quarto para pegar minha carteira e a chave do apartamento.

— E o que te faz pensar que ela vai aceitar um presente seu, Diego?

Magnólia tornou a falar quando cruzei a sala até a porta de entrada, Matthew e Lorenzo vinham de seus quartos com suas carteiras e celulares em mãos. A garota de cabelos vermelhos me encarou com um olhar estreito, sabia que ela estava criticando tudo em mim e certamente não me achava nada digno da sua melhor amiga.

— O que te faz pensar que ela não aceitaria algo meu? — respondi ríspido, abrindo a maçaneta e saindo do apartamento.

Lorenzo e Matthew entram no elevador comigo e começam a rir no instante em que as portas se fecham.

— Do que estão rindo? — perguntei, andando pelo estacionamento até o carro de Matthew, já que os dois estavam me perseguindo e eu não poderia usar minha moto.

— De nada — Lorenzo tossiu entre outras risadas que escaparam.

— É só que achamos inusitada a sua disposição de comprar as bebidas e um presente para a garota que quase estragou seu pau com um chute — acrescentou o loiro, entrando no banco de trás enquanto eu pegava as chaves de Matthew e ocupava o do motorista.

— Sabe o que eu acho inusitado? Você comprou um jogo de xícaras *exclusivo* e caro pra caralho para uma garota que disse supostamente estar só interessado — Respondi para Lorenzo que franziu o cenho, fazendo uma careta. Matthew deu risada, tanto ele quanto eu jamais iríamos esquecer desse detalhe.

— Não foi tão caro assim — Ele respondeu de volta.

— Isso é papo de pessoas podres de ricas. — Matthew respondeu, era sempre o que ele

falava quando Lorenzo dizia sobre algo não custar tão caro assim, e de fato era verdade, não que Matthew pudesse falar de alguém.

— Tanto faz. Eu estou ofendido, Diego nunca comemora aniversários ou compra presentes para as pessoas, e agora está desesperado para fazer as duas coisas por uma garota que até então parece odiá-lo — Lorenzo esbravejou do banco de trás.

— O máximo que recebi de você foi um feliz aniversário desmotivante e eu aposto que você vai mimar ela todinha hoje — O loiro cruzou os braços.

— Pare de ser infantil — murmurei. — Ela é diferente — acrescentei de propósito, só para irritá-lo mais, ao sorrir.

— Eu sou seu melhor amigo! Nós dois somos! — apontou para Matthew e si mesmo, Matthew revirou os olhos e sacudiu a cabeça, ainda rindo.

— O que ela tem que nós não temos? — o loiro resmungou.

— Ela tem o coração dele — Matthew comentou sarcástico e me encarou ao falar, esperando que eu tentasse desmentir ele.

Não respondi ele porque o que ele falou era a verdade, ela tem o meu coração, mesmo que fosse cedo demais para isso, *já era dela de qualquer maneira.* E jamais seria de um outro alguém.

— Se você não me der um presente no meu aniversário e me fizer uma festa surpresa que nem as meninas fazem, não me considere mais seu amigo — Lorenzo bufou.

— Tá bom, Lorenzo — suspirei estacionando o carro em frente ao depósito de bebidas.

Descemos os três e não demorou para acharmos as bebidas, seriam apenas nós seis no fim, então não comprei muito.

— Já sabe o que vai comprar de presente para ela? — Matthew perguntou quando eu dirigia para as lojas do centro.

— Não.

— A Débora parece meio complicada para presentear. E não conhecemos ela bem, o que complica. Vou dar o dinheiro e ela compra — Lorenzo disse já determinado sobre essa ideia.

— Lá vai você usando o dinheiro da forma errada novamente.

— E como isso pode ser a forma errada? Eu ficaria muito feliz se alguém me presenteasse com dinheiro no meu aniversário, eu poderia comprar o que eu quisesse, melhor do que correr o risco de comprar algo que a pessoa não gosta, ou *já tem.*

O loiro frizou diretamente para Matthew e eu soube que eles começariam a discutir. Se tinha algo que Lorenzo não perdoava fácil era ganhar coisas que já tinha.

— Como eu ia saber que você já tinha a droga daquele fone de ouvido se não te vi usando ele?! — Matthew rebateu já furioso pela menção do episódio de anos atrás.

— Fuxicando nas minhas coisas como eu faço todo ano com vocês! Sabe, estou pensando seriamente em trocar vocês pelas meninas. Elas me parecem bem mais atenciosas do que vocês — O loiro considerou.

— Então vai. Aposto que Magnólia e Débora te matam em um dia, e Lindsay perde o

interesse em dois com o seu drama insuportavelmente desnecessário — Matthew o encorajou, abrindo a porta do carro quando estacionei com o carro no shopping.

— E eu aposto que a Magnólia vai ficar de saco cheio de você em menos de quatro dias — Lorenzo falou, também descendo do carro.

— E eu aposto que vocês dois não durariam um dia longe um do outro — comentei, andando em direção ao shopping. Os dois pararam de falar e eu soube que a discussão tinha sido esquecida ali.

No fim, Lorenzo comprou um cartão com limite de quatrocentos reais como forma de presente para Débora de uma loja que vendia de tudo. Matthew comprou um saco de pirulitos e alguns doces que Magnólia contou que eram os favoritos dela, e eu comprei algo que eu nunca pensei que cogitaria comprar para alguém na vida.

Nunca me rendi aos meus desejos. Ao menos não ao ponto de me entregar totalmente ao controle de outra pessoa durante o momento, era sempre eu fazendo tudo, eu beijando, eu tocando, eu dominando cada posição. Porém quando eu caí naquela poltrona com ela, todo e qualquer controle que eu pudesse pensar em ter e querer evaporou e eu me rendi totalmente ao controle que ela naturalmente já exercia sobre mim, e eu não me arrependo nem um pouco da decisão, apesar de não ter sido o momento ideal. E por essa razão queria muito repeti-lo, muitas e muitas vezes. Eu queria ela por muitos e muitos anos.

E agora eu esperava que esse presente de aniversário mostrasse para ela o quanto eu estava disposto a fazer de tudo por ela e por nós dois se ela aceitasse me dar essa chance.



CAPÍTULO 10

“Convencê-la disso."

Lorenzo

Era muito engraçado ver o Diego olhando para todos aqueles anéis que a vendedora estava mostrando para ele. Eu nunca pensei que um dia veria o mesmo cara que tinha pavor de sentimentos como esses, comprando algo para a causa desse sentimento.

— Estamos mesmo vendo isso?

Matthew murmurou para mim, enquanto eu e ele estávamos um pouco afastados e observando Diego conversando com a mulher que tinha mostrado vários tipos de anéis para todos os tipos de situações e relacionamentos, e ele extremamente crítico negava para todos e gesticulava para ela mostrar outros ao citar detalhes que nem eu e Matthew fazíamos a menor ideia que existiam.

— Estamos, pior que estamos — Murmurei como resposta.

— Acho que a vendedora está decidindo entre esganar ele ou ficar admirada em como ele entende de jóias — Matthew comentou com um ar divertido.

— Por que o senhor não dá uma olhada na coleção de anéis Napier? São os que...

— Não quero nada que venha da Napier — Diego interrompeu a vendedora na menção dos anéis que eram da empresa do seu pai, pronunciando o sobrenome como se fosse uma doença contagiosa. A vendedora o olhou surpresa, mas logo disfarçou e concordou, mostrando anéis de outras marcas.

— Eita, como ama a família — Murmurei, Matthew tossiu para engolir a risada estrondosa que estava prestes a dar dentro da loja com o meu comentário, e eu precisei fazer o mesmo.

Diego que tinha a audição de um tuberculoso nos encarou severamente pelo canto do olho ciente das piadinhas que estamos fazendo dele e dessa situação, uma mania de repreensão herdada do pai pelo que percebemos ao longo dos olhos desde que o conhecemos, e observado através do próprio pai dele nas vezes anuais que foi no apartamento de Diego que dividimos para tentar obrigar o filho para voltar para a família, família que no vocabulário dos Napier significa

empresa e dinheiro.

— Só um colar aqui pode comprar uma casa — Matthew murmurou, olhando para um dos cordões de brilhantes em uma dos colares expostos dentro dos vidros.

— Não exagere — falei, mas ao olhar os dígitos do cordão ao qual ele se referia, arregalei os olhos bastante chocado. Eu nunca comprei uma jóia na vida, embora visse minha mãe sempre usando algumas, então nunca tive um conhecimento grandioso sobre o preço delas.

— Isso custa os olhos da cara — sussurrei em choque.

— Olha quem fala, quer que eu fale os dígitos daquele conjunto de xícaras de porcelanas extremamente fáceis de quebrarem que você comprou para a Lindsay? — Matthew me encarou em tédio.

— É diferente — protestei.

— E por quê? Vai me dizer que se ela não fosse obcecada em fazer coleções de joias no lugar de xícaras você não iria comprar uma dessas aqui para ela?

Eu tornei a olhar para aquele colar de brilhantes azuis. E comecei a pensar no quão bonito ficaria em Lindsay, acho que qualquer coisa ficaria bonita em Lindsay, na verdade *ela* faria qualquer coisa ficar bonita.

As xícaras de chá exclusivas que comprei para Lin foram caras, para não dizer *absurdamente* caras, mas não existia preço algum no mundo que me impedisse de presenteá-la. Eu pagaria qualquer preço por ela, compraria tudo o que ela quisesse, todas as xícaras de chá do mundo, de novo e de novo, sem nem pensar duas vezes.

— Não disse para cogitar comprar, puta que pariu, eu sou o único sã daqui, vamos embora — Matthew me empurrou para longe do colar e eu ri, andando em direção a Diego que andava ao nosso encontro segurando a sacola luxuosa da joalheria.

— Podemos ir — Diego comunicou, andando em direção a saída.

Eu e Matthew nos apressamos para alcançar ele, um de cada lado seu e olhando para a sacola pequena que ele segurava.

— Cadê? Deixa a gente ver. Você passou a última meia hora criticando todos os anéis da joalheria, esse daí tem que ser tipo, o único em todo o mundo — Eu tentei pegar a sacola e ele agarrou meu pulso, o afastando.

— Vão ver quando ela estiver usando — respondeu.

— *Se* ela usar — Matthew argumentou, sorrindo para a carranca que Diego lançou para ele em uma inversão de papéis entre os dois.

Matthew, contudo, argumentou algo muito perto de se tornar uma verdade. E Diego sabia que um anel, apesar de ser um acessório, também significava algo muito importante quando era dado para alguém como a Débora, no seu caso. É a representação de algo duradouro, eterno até. E ele sabia também que era *muito* cedo para isso, duvido muito que Débora aceitaria algo do tipo, e ele certamente sabia disso também. Então eu estava curioso para descobrir como ele faria ela aceitar aquele anel que berrava compromisso. Algo que nenhum dos dois parecia ter tentado antes. Mal podia esperar para o momento em que ele entregasse o presente para ela.

— Voltamos — Anunciei assim que entramos carregando os engradados de bebidas.

Magnólia surgiu no mesmo instante e gesticulou até a cozinha.

— Ela acordou? — Diego perguntou pondo a bolsa da joalheria na pia e carregando o engradado que segurava na outra mão para a pia.

— Sim, mas está falando com os pais dela, os meus pais, e os da Lin por vídeo-chamada — Magnólia respondeu, abrindo os engradados, limpando as garrafas e começando a por dentro do freezer.

— Vocês não são irmãs mesmo? Puxa — Diego riu e ela mostrou o dedo do meio para ele, que riu ainda mais.

— Foi um elogio — retrucou em sua defesa.

— Suas famílias moram juntas ou o quê? — Matthew perguntou, entrando com o último engragado. Eu fechei a porta e tirei meus sapatos.

— Basicamente — Magnólia deu de ombros.

— Eu mato o gêmeo bastardo do Pablo!!!! — Débora apareceu na sala furiosa.

Lindsay a precedia e eu precisei me controlar para não agarrar ela quando a vi mordendo aquele lábio inferior, segurando uma risada. E eu mordi o meu para me conter.

— O que ele fez? — Magnólia perguntou quando Débora parou no meio do corredor.

Antes que Débora pudesse responder nós seis, escutamos a porta da entrada do apartamento se abrindo e várias vozes falando ao mesmo tempo. Vi Débora, Lindsay e Magnólia ficarem ainda mais brancas e baterem as mãos na testa soltando um "fodeu" em conjunto.

— Me diz que não é mais gente que assinou contrato para este apartamento — Matthew murmurou vindo na minha direção para olhar para a entrada.

— Antes fosse — Magnólia suspirou lamentativa.

Eu olhei na direção da entrada do apê e vi três homens e três mulheres de meia idade entrando no apartamento falando sobre a localização e do bairro que pareciam conhecer extremamente bem. E não precisei olhar muito todos eles para saber quem eram, se tratava da família das meninas. E aquilo sim era um caos completo, se o que estava acontecendo entre nós seis já era uma avalanche de acontecimentos súbitos, conhecer a família delas era algo ainda maior, e eu só não diria pior porque seria muita maldade e eu não queria pensar dessa forma dos pais da Lindsay.

— Deb, minha filha!!!! — uma das três mulheres exclamou, uma de cabelos castanhos e olhos verdes usando roupas sociais brancas, que correu do espaço da entrada até Débora que estava petrificada perto da geladeira.

— Feliz aniversário, meu amor, minha menininha, coisa linda da mãe — A mulher apertou Débora tão forte que pensei que iria quebrar a garota menor por pouca coisa, por causa dos saltos que a senhora usava.

— Apartamento bom, parece até com o que nós dividimos nos tempos da universidade — A segunda mulher entrando falou, tirando os saltos altos com a ajuda de um dos homens de meia idade ajoelhado os tirando para ela, e soube que era a mãe de Lindsay pois tinha os cabelos loiros como os dela.

— Diacho, Bianca, você não sabe tirar esses sapatos para entrar não? — a mulher loira

falou para mãe de Débora.

— Vai se foder, Michelle — respondeu a mãe de Débora sem largar o corpo da filha, essa que estava repetindo várias vezes: *"Mãe, já deu, pode me soltar"*.

— O que estão fazendo aqui? Não disse o endereço para vocês justamente para termos algo chamado privacidade — Magnólia respondeu ao lado de Lindsay.

— Querida, não há nada que alguns contatos não possam descobrir — a terceira mulher respondeu, andando ao passar pela entrada e olhando ao redor curiosa, essa tinha cabelos vermelhos mais puxados para o ruivo e olhos castanhos, usava roupas na cor vinho.

— Com contatos vocês querem dizer Pablo, né? Ou o papai — Lindsay expôs.

— Exato. Pablo é nosso melhor informante, e seu pai o reboque — um dos homens de meia idade falou, irônico, ele usava o mesmo conjunto social de blusa social branca, gravata e calça social dos outros, a única diferença eram as cores das gravatas.

— Eu vou matar aquele gêmeo — Débora avisou, conseguindo se soltar dos braços da mãe.

A porta se fechou e os outros dois homens de meia idade que tinham saído para pegar algo entraram carregando bolsas.

— Para tudo! — a mãe de Débora pediu, encarando Matthew, Diego e eu, que estávamos nos mantendo um pouco mais afastados, somente observando a interação.

— Michelle, Lídia, são os nossos genros! — Ela exclamou, parando de andar bem na nossa frente e nos observando com um sorriso enorme no rosto.

— Ba-ba-do.

A mulher que tinha tirado os saltos altos veio, parando do lado direito da mãe de Débora. Os cabelos loiros e lisos dela eram curtos na mesma altura que os da mãe de Débora.

— Gente, eles são as versões masculinas delas! — a terceira mulher que vestia vermelho comentou, parando do lado esquerdo da mãe de Débora.

Assim como as outras duas, os cabelos lisos dela também eram curtos. Todas as três tinham o mesmo corte na altura dos ombros, a única coisa mudando era a cor das madeixas.

— Estão assustando os garotos.

Um dos homens murmurou, esse usava gravata verde escura e sem dúvida era o pai de Débora, pois tinha os cabelos pretos e era tão sério quanto ela, acho que sério era o termo errado, era antipatia a palavra que melhor se encaixava no olhar, postura e expressão do homem e da filha. Ele andou na direção de Débora, ignorando tudo e a abraçou. A casca de frio, rígida e insensível evaporou naquele momento, assim como a da filha.

— Estão traumatizando eles, isso sim — o segundo homem que usava gravata azul falou, também andando na direção de Débora.

— Acho que estão constrangendo eles, na verdade. — O terceiro homem que usava gravata vermelha se pronunciou, também caminhando até Débora, cada um tinha uma bolsa de tamanho diferente, eram presentes para a aniversariante.

— Não fiquem assustados, meninos, ninguém aqui morde não, viu? — A mãe de Débora

disse.

— Fale por si própria, porque eu mordo. — a mulher à direita dela pigarreou, estreitando os olhos na nossa direção.

— Cala essa boca! — a do meio rebateu.

— Tá, vamos às apresentações. Eu sou a Bianca, mãe da Débora. Aquele com cara de bravo é o Thomaz, pai dela. — Ela falou, colocando a mão no peito e em seguida apontando para o homem de gravata verde ainda abraçando a filha, ignorando os protestos dos outros dois.

Os olhos verdes da mãe da Débora eram totalmente diferentes dos da filha que eram antipáticos, frios e cheios de audácia, certamente puxados pelo pai, a cor verde brilhante era a única semelhança. Certamente Débora foi a gêmea que puxou a personalidade do pai e aparência da mãe.

— Eu sou a Michelle, mãe da Lindsay, e aquele ali de olhos azuis é o William, pai dela. — A mulher da esquerda disse, sorrindo e apontando para o homem loiro que empurrava o pai de Débora, o obrigando a largar a filha.

— E eu sou a Lídia, mãe da Magnólia, e aquele de cabelos castanhos escuros é o Sebastian, pai dela. — A da direita falou, também pondo a mão no peito e apontando o dedo na direção do homem puxando o pai de Lindsay para conseguir abraçar Débora.

— Agora vamos ao que interessa, ó aqui, vocês prestem atenção que se mentirem eu puxo as orelhas. Quem é o meu genro? — Bianca perguntou, sorrindo e de mãos unidas na frente do corpo.

— Diego. — Matthew e eu respondemos ao mesmo tempo, apontando para ele do meu lado.

— Sabia! — Bianca deu um pulo, sorrindo ainda mais. Já as outras duas reviraram os olhos, bufando.

— Que saco, nós apostamos no de cabelos vermelhos. — As duas resmungaram, e eu soltei uma risada do sorriso convencido que Matthew fez.

— Não tem genro nenhum, o Pablo é um grande de um fofoqueiro!!! — Débora tentou exclamar e fugir do abraço de urso de um dos homens, porém fracassou.

— Não escuta ela não que ela mente.

— Bianca sacudiu a mão e trocou de lugar com Michelle para ficar na frente de Diego que tinha os braços cruzados e uma expressão fechada em silêncio.

Ele estava nervoso, muito nervoso. Diego sempre ficava de cara fechada e calado quando estava nervoso ou sem graça. Seu normal é irritar as pessoas ao seu redor, as torturando em seus pontos fracos, é ficar sorrindo maldoso e encarando da mesma forma. Ele sempre tinha algo para falar, e quando ficava calado e fechado ao mesmo tempo era quando estava sem saber o que fazer ou reagir. Uma pena que só Matthew e eu soubéssemos disso.

— Agora, quem é o meu genro? — Michelle perguntou, olhando entre Matthew e eu.

— Lorenzo. — Matthew apontou para mim, e Bianca bufou.

— Saco, apostei no de vermelho. — A mãe de Débora resmungou.

— Então esse com cara de bravo é o meu genro, é? — Lídia comentou encarando Matthew, o olhar estreito avaliando ele.

— Genro é uma palavra muito forte, senhora. — Matthew foi o único com coragem de contradizer elas, e pensei que Lídia mataria ele por retrucá-la a altura.

— Gostei de você. Só por causa disso quero que seja meu genro. Mag, é melhor pedir ele namoro ainda hoje! — Lídia falou apontando para Matthew. A filha junto de Lindsay estavam abraçando os homens que estavam juntos de Débora, elas viram o rosto quando escutam aquilo.

— Nem morta. — Magnólia rebateu.

— Posso dar um jeito nisso. — Lídia respondeu.

Já eu olhei para a mulher loira me observando calada e com uma expressão séria. Ela era o oposto de Lindsay na personalidade, assim como da minha própria mãe. E eu me contentei em apenas a encarar de volta, calado. Tinha a sensação de que ela definitivamente não tinha gostado de mim.

— Para de amedrontar o garoto desse jeito, Michelle! — Bianca acertou a nuca dela, que acertou a dela de volta e recebeu outro tapa, mas de Lídia.

— Eu só estou observando o garoto, suas chatas! — Michelle suspirou, esfregando a nuca.

— Ele é muito quieto. Me diz que você não é tímido, não vou suportar uma cópia exata da Lin. — Michelle me implorou e eu ri, e aquilo fez ela sorrir.

— Ah, ele não é tímido.

— Não, só achei que tinha sido reprovado. — respondi, estendendo a mão.

— Ah, foi aprovado. Garoto bonito, Lin, e educado. Gostei… — Michelle bateu na minha mão de leve e me abraçou. Eu ri ao abraçá-la formalmente de volta, percebendo que talvez ela se parecesse um pouco com a minha mãe.

— Qual deles é meu genro mesmo?

Os três homens perguntaram ao mesmo tempo, andando na nossa direção enquanto as duas mulheres mãe da Lindsay e da Magnólia se afastaram para abraçar a aniversariante vermelha de tantos apertos.

— Não tem genro nenhum. — Débora e Magnólia resmungaram.

— Liga não, elas mentem.

— Eu conheço você de algum lugar. — O homem de gravata verde, pai da Débora, falou para Diego, que ficou ainda rígido como se também o reconhecesse de algum lugar.

— Das fotos que achamos ao puxar as fichas deles, querido. — Bianca comentou, rindo.

— Ela está mentindo, garotos. Não puxamos ficha nenhuma, só as câmeras do prédio do apartamento desde que se mudaram para saber quem era o namorado da Débora, e descobrimos que foi combo de namorados, né? — Lídia explicou.

Eu e Lindsay nos encaramos na mesma hora quando falaram aquilo, o pai dela olhando diretamente para mim e me estendendo a mão para que eu apertasse.

— Inclusive, Lindsay, que safadeza! — Escutamos a mãe de Lindsay falar com ela, que

ficou mais vermelha do que Débora, escondendo o rosto entre as mãos.

O pai da Lindsay era nitidamente o pai dela. Os olhos azuis eram a semelhança idêntica e fiel, porém, apesar do mesmo tom dos da filha, o azul dos seus olhos eram sérios e gelados. E a sua personalidade também não parecia ser como a dela.

— Não sei se gosto da ideia desses garotos serem as versões femininas delas, porque parece que são algum tipo de parente, e isso é estranho. — O pai de Magnólia murmurou, mas estava rindo ao falar aquilo e apertar a mão de Matthew.

— Eles não se parecem em nada com elas. Só a cor do cabelo e dos olhos, existem muitas pessoas assim por aí — William respondeu, ainda segurando minha mão e me avaliando como sua esposa fez.

— Mas é muito estranho mesmo.

Thomaz concordou com Sebastian, trocando um aperto de mão com Diego que notei ainda estar tenso, algo que só acontecia quando mencionava o pai ou família, ou estava diante deles. E o pai da Débora encarava Diego com um olhar de que realmente o conhecia de outro lugar, e esse outro lugar só podia ser da família Napier. E se fosse o caso, as coisas entre eles poderiam dar muito errado, pois a família Napier tinha bastante inimigos e polêmicas. Principalmente pelo histórico de relacionamentos.

— Vocês todos, para a sala.

Lídia mandou, e todos obedeceram na mesma hora. E ficou claro de quem Magnólia puxou a mania de dar ordens ditas em tom de ameaças.

— Apartamento bonitinho, queridas. — William elogiou, abrindo a porta da sacada, enquanto os demais se espalharam nos dois sofás largos da sala.

— É, mas caímos em um golpe e esses três vinheram junto. — Magnólia apontou o dedo na nossa direção.

— Num golpe? Meu deus que horror, passa pro seu tio o nome do dono do apartamento que ele encontra, eu preciso conhecer o responsável por me dar um genro. — Lídia comentou, rindo da careta de fúria que a filha mostrou como resposta.

— Então vocês três estão morando juntos. Melhor do que pensei, fica mais fácil de se acostumar para quando casarem. — Lídia comentou em seguida, satisfeita, sentada no braço do sofá, as pernas por cima das do marido sentado no canto a segurando pela cintura.

— Casamento uma vírgula! — Débora pigarreou e levou um tapa na nuca da mãe.

— Casamento e ponto final! — A mãe dela respondeu, sentada no outro braço do sofá com as pernas também por cima das do marido. Era como olhar para duas pinturas idênticas só que com cores diferentes.

— Já transaram? — Michelle perguntou.

— Querida! — William pigarreou, segurando os ombros com carinho ao sair da porta da sacada, e se sentou na cadeira ao lado da dela. Cadeiras essas que nem vi arrastarem para lá.

— Querida o caramba. Ela puxou isso de você, ali, parece uma pimenta. — Michelle apontou a filha sentada ao lado de Magnólia e Débora.

— Transaram nada, só olhar a cara dela e dele. Mas aposto que Mag e Débora sim, olha a

cara delas e a cara deles de... — Lídia apontou e foi interrompida pela tosse do marido, a repreendendo.

— Quer um remédio, amor? — Ela perguntou irônica para o marido, que bufou negando, mas sorrindo de lado e escondendo com os dedos na frente da boca.

— O que estão fazendo aqui? Não podem aparecer no nosso apartamento assim sem um aviso prévio de pelo menos um mês. — Débora se pronunciou, revirando os olhos.

Eu dei uma breve olhada para Matthew e Diego ocupando os dois lugares restantes no sofá, enquanto eu preferi me recostar no outro braço do sofá perto de Diego. E nem eles nem eu sabíamos o que falar. E a família delas era uma mistura fiel da minha, isso era certo. E eu estava receoso com a ideia de todos se conhecerem no futuro ciente que seria um caos.

— Vocês nunca passam os aniversários com a gente por causa dessas benditas faculdades, eu disse que tínhamos que ter planejado as gestações para nascerem na época das férias. — Sebastian resmungou, revirando os olhos,causando um riso em conjunto das mães e os outros dois pais.

— Vou parar de cursar então, já que soa como algo tão ruim, e viver numa ilha deserta a base de coco e peixes! — Magnólia respondeu sarcástica.

— Desde que me dê um neto, ao menos eu estou permitindo tudo. — Lídia respondeu, recebendo um balançar de reprovação do marido e lançando um de volta para o mesmo.

— Então vou continuar na faculdade. — a resposta fez Lídia revirar os olhos, e os outros rirem.

— Ainda não responderam. Por que vinheram? — Débora tornou a reclamar.

— Porque Pablo ligou para a gente falando que você estava mantendo seu namorado no sigilo, e que não apresentaria ou assumiria ele para a gente nunca. — Bianca respondeu, enrolando a gravata verde do marido entre os dedos.

— Então visitamos eles, fuxicamos as câmeras, e depois, quando os bonitinhos voltaram, entramos em ação — Sebastian continuou.

— Correção: Eu hackeei as câmeras, bando de ingratos e ingratas. — William resmungou, segurando os joelhos da mulher por cima dos seus.

— Valeu mesmo, tio. Vou me lembrar de contratar um hacker melhor que o senhor para encher seu computador de vírus — Débora respondeu, fazendo uma careta e um joinha.

— Pode mandar, Deb, querida, estou querendo testar os novos métodos de segurança que andei criando — William respondeu, sorrindo empolgado com a hipótese, embora tenha sido mais uma resposta de provocação para ela.

— Sabe o que eu realmente acho? — Lídia perguntou.

— Não, e não queremos saber — Mag rebateu e a mãe dela tacou a revista que tinha na mesa de centro bem no rosto dela, recebendo um xingamento de volta.

— Eu acho que estamos falando demais e nos esquecemos da principal razão pela qual vinhemos aqui — Lídia explicou depois de desviar da revista que a filha arremessou de volta na mãe, e que parou no chão perto da porta da bancada.

— Que seria? — Lindsay questionou, a voz dela sendo a única baixa entre todos os casais

e filhas.

— Conhecer os nossos genros! Eles estão calados com cara de crianças que levaram bronca dos pais, tadinhos. — ela nos encarou.

— Antes não tivesse perguntando, Lin — Débora e Magnólia lamentaram.

— Então, estão morando juntos faz poucos dias e já estão namorando, esse é o namoro mais rápido da história! — Michelle concordou, olhando na nossa direção.

— Ninguém aqui está namorando! — Matthew e Magnólia falaram juntos, e se entreolharam no instante seguinte, o que apenas fez todos os mais velhos darem risada.

— Quer confirmação melhor que essa? Vocês até falam juntos. — Lídia gargalhou.

— Quem começou esse rolo primeiro? — Bianca perguntou, e houve um silêncio em conjunto. Eu sabia que tinha sido Lindsay e eu, mas pelo bem dela me mantive calado, não queria mesmo ver ela mais envergonhada do que já estava.

— Bom, levando em consideração que Lindsay acorda cedo e eu soube que Lorenzo também, todas as estatísticas apontam para eles dois. — Magnólia foi quem nos enfiou na roda, e dessa vez foi Lindsay quem acertou um tapa na nuca dela.

— Isso aí filha, meu orgulho! — Michelle fez um joinha para a filha, e William fez uma careta, mas não pareceu se opor apesar de me encarar torto.

— Traidora, e você que ficou trancada no banheiro por *horas* com o Matthew?! — Lin respondeu e Magnólia amaldiçoou a amiga com um olhar, e todos escutamos Sebastian engasgando e tossindo algumas vezes.

— No banheiro? Por horas? — Ele encarou a filha e depois Matthew que apesar de querer esganar Lindsay, se contentou em rir.

— Sua filha tem o hábito de não bater nas portas e invadiu o banheiro enquanto eu estava tomando banho, e não satisfeita quebrou a maçaneta com nós dois dentro. — Matthew respondeu indiferente ao arregalar de olhos do que poderia ter sido o seu sogro.

— A culpa foi sua! Quem entra no banheiro e não tranca a porta?! — a mesma rebateu.

— E o que é que vocês ficaram fazendo no banheiro? — O pai dela continuou.

— O mesmo que eu e você fazemos, meu bem. — Lídia respondeu.

— Pera aí! — Bianca interrompeu, de testa franzida e a palma da mão estendida no ar.

— Estão me dizendo que a minha filha ficou em último? Débora! Que decepção, eu agarrei o seu pai no mesmo dia! — ela sacudiu a cabeça parecendo realmente decepcionada, puxando o marido pela gravata para ressaltar.

— E foi parar na primeira página como ladra de homens comprometidos. — Débora zombou de volta, e aquilo arrancou uma risada alta do pai dela e do restante dos casais mais velhos.

— Foi mesmo, essa ladra de homens comprometidos! — Michelle disse ainda rindo, fingindo desgosto ao balançar a cabeça duas vezes.

— Estão saindo do foco de novo. Eu mal escutei eles falarem, tenha santa paciência! — Lídia chamou a atenção dos demais.

— Vamos lá, Lin e Lorenzo começaram com isso, depois Mag e Matt, e por último Deb e Diego, decorei. Agora quem pediu em namoro primeiro? — Sebastian questionou.

— Não tem namoro nenhum! — Lin, Mag e Deb gritaram ao mesmo tempo.

— Liga não, elas mentem. Quem pediu em namoro primeiro?

— Realmente não tem namoro nenhum. — eu falei.

— Eu não vi o Diego negar até agora, foi você que pediu primeiro, né? — Bianca perguntou, se inclinando para o lado no braço do sofá para poder encarar o rosto rígido de Diego.

— Acho que vocês podem é ir embora. — Débora falou, se levantando e carregando as sacolas de presentes com ela, andando em direção ao corredor.

— Deb, querida, para onde está indo?! — William perguntou.

— Me matar. — respondeu ela.

— Ah, usa uma das roupas que eu te dei de presente! Elas são literalmente de matar qualquer um! — Lídia exclamou de volta.

— Melhor esconder aquilo em outro lugar se vai pedir mesmo, querido.

Bianca piscou para Diego e apontou para a pequena bolsa da joalheria na bancada da cozinha, esquecida com a chegada de todos. Todos olharam naquela direção soltando suspiros de surpresa, enquanto as meninas empalideceram novamente junto do próprio pai da Débora, o que eu vi como um sinal ruim.

Diego piscou, parecendo sair dos pensamentos que se enfiou e se levantou, pegando a bolsa e sumindo no corredor. Bianca fez um gesto de vitória.

— Sa-bi-a! — sussurrou ela.

— Os últimos sempre serão os primeiros, viu só, querido? — ela segurou na gravata do marido de novo.

— Vi, vi que esse garoto está pedindo para morrer. — Thomaz murmurou em um tom de voz sério, encarando o corredor por onde Diego e a filha passaram.

Matthew e eu nos encaramos ao escutarmos aquilo. Esse aniversário acabaria mal e pelo olhar de pânico que Lindsay me lançou, eu soube que ela me confirmava minhas hipóteses.

Minha maior preocupação, entretanto, era o pai de Lin, porque ele também não parecia nada satisfeito comigo, assim como Thomaz não parecia satisfeito com Diego.

Eu nunca quis relacionamentos sérios pelo simples fato de que nunca me interessei em coisas duradouras, nunca consegui vivenciar coisas e situações duradouras. Desde pequeno sempre me cansei de pessoas e coisas muito rápido, sempre acabei entediado facilmente e isso me custou muitas coisas e pessoas que eram importantes na minha vida por cortá-las da minha vida no instante em que não me entretém mais.

Se ganhava um brinquedo, enjoava dele ao concluir as funções nas quais foi feito, ou as funções pelas quais eu me interessei, ou até mesmo antes deles. E conforme cresci, se me interessava por alguém sempre tinha uma razão, se fosse nas amizades era porque tinham alguma qualidade que eu gostaria de conhecer, e logo enjoava da mesma qualidade pela qual me interessei. E se fosse com garotas, enjoava delas no segundo seguinte após ter tido o que atraiu

minha atenção, fosse tocar seus rostos, conversar com elas por uma semana entre trocas de ideias complexas e banais, ou apenas trepar com elas e proporcionar diversão até me sentir satisfeito. Seja como fosse, eu sempre me cansava no fim. Minha amizade com Matthew e Diego era a única exceção, não importava o quanto discutimos ou a quantidade de tempo que passamos juntos e coisas que aprendemos um com o outro e um do outro, eu não conseguia me ver sem meus melhores amigos, ou sem a minha família de sangue.

Lindsay atraiu a minha atenção de imediato, especificamente o fato dela nunca ter tido absolutamente nada com nenhum outro homem e querer descobrir essas coisas *comigo*, me deixar fazer essas coisas com ela, foi como estar no topo do mundo. De início foi por interesse, pela minha habitual fissura, pela ideia de preencher o espaço de desejo e curiosidade forte que ela abriu dentro de mim para satisfazer meu tédio, especialmente a ideia de todas as diferentes coisas que queria mostrar e principalmente fazer com ela, o que já foi um indício de como era diferente, pois nunca me fissurei por mais de uma pessoa e mais de uma única coisa nela ao mesmo tempo. Com Lindsay foram várias ao mesmo tempo, desde a conhecer, tocá-la, a fazer ela corar, a beijá-la e fazer mais daqueles gemidos deliciosos escaparem dos lábios macios e perfeitos dela.

E então, as xícaras ficaram impregnadas na minha cabeça por alguma razão, e eu lembrei dela em um momento que minha atenção estava focada em outra pessoa e coisa totalmente diferente, e isso nunca me aconteceu antes. Nunca. Minha atenção sempre se tornou fissurada naquilo que eu estava interessado em um momento específico seja no que fosse, se eu estava conversando com minha mãe, meu foco seria voltado apenas para minha mãe, nada além dela.

E pela primeira vez na minha vida, meu foco saiu do automático e a loira viciada em chás e colecionar xícaras, lindas e até engraçadas, brilhou na minha mente, e fez com que eu me desse conta de que ela não era mais uma das minhas fissuras momentâneas. Eu queria ensinar tudo que propus, mas não apenas isso, eu queria vivenciar muitas outras com ela, eu queria conhecê-la melhor ao invés de só senti-la e satisfazer a vontade que despertou dentro de mim. Eu queria coisas fora do meu foco, eu queria várias coisas ao mesmo tempo com ela, e eu nunca quis isso antes.

E eu não queria mesmo ver quaisquer chances de um relacionamento de verdade entre Lindsay e eu serem destruídas quando mal começamos algo, quando mal me conscientizei da importância que ela vinha a se tornar para mim.

Entretanto, acho que o pai dela estava mais do que disposto a encontrar mais do que alguns empecilhos entre sua filha e eu. E algo me dizia que ele conseguiria convencê-la disso.



CAPÍTULO 11

“O lado bom."

Matthew

Eu não queria relacionamentos. Nunca quis. Achava eles uma perda de tempo e um pedido para ser trocado e machucado pela pessoa que supostamente deveria causar justamente o oposto. E sempre tive prioridades mais importantes, como minha vida pessoal e meus estudos na universidade.

Para mim envolvimentos deveriam ser passageiros, momentos que servem para nada além de dar prazer um ao outro, e esse sempre foi meu único ponto em me envolver fisicamente com as mulheres, o sexo sempre me foi um ótimo meio de extravasar todos os meus sentimentos, e claro o prazer de sentir cada um deles até entrarem em combustão. Nunca foi nada além disso, nada além de uma coisa natural e carnal.

Só que ao escutar Magnólia não apenas concordar comigo desde nosso momento no banheiro que seria apenas sexo, e então, agora afirmar com tanta convicção e até repulsa pela ideia de não namorarmos, me incomodou *demais*. Ela praticamente disse aos quatro cantos da sala que não cogitava nunca ter algo sério comigo, e que a ideia parecia até mesmo a desagradar pela forma no seu tom de voz.

Talvez eu tenha me incomodado com a confirmação saindo da boca dela porque eu detestava que os outros decidissem as coisas por mim, e ela fazia aquilo com certeza demais. Ou talvez porque o fato dela concordar comigo me afetasse tanto quanto o fato dela discordar em tudo comigo, e sair me dando ordens.

Independente de como, me incomodou e não consigo parar com esse incômodo, e o fato da família dela, de Débora e Lindsay estarem no apartamento só piorava a situação porque eu queria ir confrontar ela e simplesmente não podia.

— Não acham que já está na hora de irem embora? — Magnólia perguntou para a mãe e o pai, quando os pais de Débora foram conhecer o quarto dela e com uma desculpa esfarrapada arrastaram Diego junto. O mesmo aconteceu com Lorenzo e os pais de Lindsay.

Assim restaram apenas eu, Magnólia e os pais dela na sala. Eu me mantive sentado no outro sofá enquanto eles três continuaram no outro. Lídia sentada no braço do sofá com as pernas

por cima das do marido que a segurava para que não caísse para trás toda vez que se mexia, o que acontecia muito pelo que reparei.

— Não. Quero conversar com Matthew primeiro, e ele não parece incomodado em conversar conosco, está incomodado em conversar conosco, querido? — Lídia falou encarando a filha, em seguida me olhando ao fazer a pergunta.

Os cabelos ruivos dela eram de um tom bem avermelhado, embora houvessem mechas ruivas legítimas, porém os de Magnólia eram vermelhos, o que me fez confirmar a ideia de que ela tingia o cabelo para ficar naquele tom mais vermelho. E apesar de puxar esse traço físico da mãe, como a mania de ditar ordens em tons de ameaça e aparentar ser brava e agir ainda mais brava e ameaçadora, a cor dos olhos castanhos era do pai dela.

— Não, não me incomodo, senhora.

Respondi fracamente, e recebo o olhar mortal que esperava receber de Magnólia, o olhar estreitando na minha direção por eu não concordar com ela. E a satisfação que eu tinha de a contradizer, especialmente pelo quão absurdamente deliciosa ela ficava com raiva, claro que ela ficava ainda mais bonita perdida nos sentimentos e suspirando daquela forma que suspirou no banheiro e durante essa noite quando fui para o seu quarto enquanto todos dormiam.

— Viu, só? Perfeito. Ele é um cavalheiro, adorei — Lídia sorriu ao me escutar chamando ela por senhora.

— Isso se chama respeitar os mais velhos, querida — Sebastian corrigiu a esposa, só para a provocar eu percebi de imediato, e funcionou pois Lídia o encarou estreitando os olhos antes de revirar os mesmos, bufando.

— Ah, querida, não fique brava, foi só uma piada — ele sussurrou, abraçando a cintura dela que o afastou lutando para segurar a risada da manha que o homem estava fazendo em busca do seu perdão.

— Para caramba! Você deveria estar bancando o sogro assustador e não implorando meu perdão na frente dele! — Lídia bufou de novo e Sebastian sorriu, encostando de novo no sofá.

Magnólia observava tudo com uma expressão de tédio e irritação. E eu só conseguia ver aqueles lábios dela se franzindo enquanto observava a cena ao seu lado no sofá, como se nunca tivesse presenciado ela antes.

— Por quê? A Magnólia aparenta detestar o garoto, e ele só falta babar nela, motivo suficiente para eu gostar dele — Sebastian olhou da filha se contraindo em raiva para mim, e ficou sério. — A ideia de saber que ficaram trancados no banheiro não me agradou, lógico, mas desde que não me apareçam com um neto tão cedo estou satisfeito, diferente da maluca da sua mãe. — ele concluiu de forma prática e bem humorada, humor que acho que não foi junto na geração da filha. Ao menos não que eu tenha visto até agora sem nenhuma camada de provocação, acidez e resmungo.

— Que marido que eu fui arrumar, hein? — Ela suspirou.

— Ok. Matthew, ignora eles dois, tudo bem? Se eu fizer alguma pergunta indelicada ou que não quer responder, é só avisar — Eu assenti para Lídia que sorriu, se remexendo no braço do sofá e sorrindo extremamente realizada.

Magnólia revirou os olhos, pairando do outro lado do cômodo decidida a ignorar essa

interação da qual ela não tinha se preparado nem um pouco para vivenciar, nem eu, mas tinha acontecido e eu não queria dar a impressão errada aos pais dela mesmo sem saber se realmente passaria alguma outra linha futura com a filha deles. Talvez só para irritá-la.

— Perfeito. Me recuso a falar de assuntos universitários que William pode descobrir para mim, portanto vou aos íntimos mesmos. Seus pais moram aqui por perto? — Ela perguntou empolgada pela ideia cuja resposta já seria a primeira decepção dela.

— Não tenho pais. — respondi, um pouco mais baixo. — Bem, eu tenho, só que não posso considerá-los como pais. — corrigi.

Lídia abriu a boca, mas soube que tinha sido pega desprevenida pela minha resposta, tanto que não falou mais nada. Só ficou me encarando pensando em palavras. Magnólia me encarou surpresa, pois não sabia, nem tinha como saber se não conversamos de nada sobre a vida um do outro e só nos envolvemos perdidamente sem pensar em nada além daquela bolha de prazer e sincronia que se criou entre nós dois no banheiro, e no seu quarto.

— Ah eu sinto muito, querido, não quis...— Lídia se interrompeu, limpando a garganta. Eu sorri para tranquilizar a mulher que parecia estar totalmente envergonhada por simplesmente querer saber mais sobre o seu "genro" e tocado no pior assunto para o conhecer.

— Eu sei, e não me importo. Não é como se falar sobre isso fosse mudar alguma coisa. — ri por um instante antes de pensar naquela forma antiga, mais prática e curta de resumir e contar sobre minha história. — Eu cresci em um orfanato. — Comecei, e parei no mesmo instante.

Cocei meu maxilar ao pausar por outro momento para evitar falar coisas desnecessárias, como o fato de que sofri bullying durante os primeiros anos que fui abandonado naquele lugar frio e praticamente sombrio. Na quantidade de absurdos que passei ali e vivenciei nas mãos de outros órfãos como eu, e os responsáveis e funcionários do orfanato. Vivi lá dentro obedecendo tudo que me mandavam fazer sem se importarem nem um pouco com o que eu achava sobre aquilo, ou sobre como não sabia muitas coisas e tinha até medo, pois afinal eu era só uma maldita criança.

Em quantas vezes apanhei de outros para finalmente conseguir reunir força e coragem para agredir de volta por ser a única forma que eu tinha de me proteger da agressão física e psicológica dos outros. De todas as vezes que chorei por ter machucado alguém, mesmo que esse alguém tenha me machucado primeiro e eu só estivesse me defendendo, em meio uma tentativa dolorosa de sobreviver a tudo aquilo.

— Antes eu morava com minha mãe de sangue, ela me abandonou lá quando eu tinha quatro anos. Fiquei no orfanato até estar com dez anos, então fui adotado por um casal. Só que não fiquei com eles por muito mais do que até completar catorze anos, pois eles se divorciaram. Fiquei sob a tutela do meu pai adotivo que me mandou para estudar em um internato...

— Basta! — A voz Magnólia soou, me interrompendo.

Eu a encarei, e pela primeira vez desde que nos conhecemos, a fúria que era sempre lançada para mim foi na direção dos pais.

— Ele não vai responder nenhuma das perguntas de vocês! — Ela falou, se levantando e balançando a mão no ar furiosa. Eu fiquei a observando por um momento, *isso era uma tentativa dela me proteger, ou dar ordens outra vez?*

— Não me importo de responder. — falei encarando ela.

— Isso não significa que seja certo responder. — ela respondeu de volta, me encarando indignada com minha indiferença.

— Não vai fazer diferença alguma para mim não contar, não vai diminuir ou aumentar tudo que já sinto. — Magnólia me encarou sem saber o que falar, e eu segurei o pulso dela a fazendo se sentar ao meu lado.

— Matthew, não tem mesmo que responder. É a sua história, claro, escutaremos ela se contar, mas continua sendo a sua história e não tem a obrigação de contá-la para mais ninguém se não quiser.

Sebastian falou, me encarando compreensivo sobre esse assunto, possivelmente preocupado em me incomodar. Porém, eu estava sendo sincero. Eu não me importava de falar, ao menos não o resumo que ocultava as dores, agressões, traumas e tristeza. A versão que eu criei para contar para qualquer um que perguntasse não era incômodo algum para mim, a versão que eu criei para fazer os outros acreditarem que apesar de tudo que passei, eu sobrevivi e estava bem. A versão em que tudo começava mal, terminava relativamente bem.

Era fácil não sentir nada contando a versão de uma história que era a mesma dita para todos que a perguntavam. E é o que eu fazia sempre que perguntavam, repetia o mesmo que estou repetindo para os pais de Magnólia, uma verdade que encobria alguns fatos, só o lado bom da verdade, e no fim, a maioria das pessoas só consegue responder ao lado bom de qualquer maneira, o lado ruim sempre faz qualquer um se sentir triste, desconfortável e lamentoso. E poupar os outros disso era poupar a mim mesmo de sentir o triplo do que eles sentiriam ao escutar o lado bom e o lado ruim da minha história.

Nenhum deles precisava saber que fui infeliz e amedrontado na maioria deles, que me senti rejeitado pela maioria daqueles que entraram na minha vida e que vi todos os que entrarem saíram sem que eu pudesse fazer alguma coisa para impedi-los. Nem que quando encontrei o único traço de possível acolhimento, foi tirado de mim em pouquíssimo tempo.

— Não me importo. — Repeti, e esperei para que eles decidissem se queriam realmente continuar escutando, e quando Sebastian abaixou um pouco a cabeça em concordância, pude continuar.

— Depois do divórcio dos meus pais adotivos, fiquei estudando em um internato, onde via meu pai adotivo raríssimas vezes. Ele morreu em um acidente de carro e por causa disso eu descobri que tinha um avô adotivo, que foi quem me tirou do internato para morar com ele.

— Sentimos muito. — Lídia murmurou e eu concordei, olhando para baixo por um momento ao sentir os dedos de Magnólia tocando por cima dos meus. Ela estava tentando me reconfortar de maneira relutante e determinada.

Meus dedos relutam um pouco antes de tocarem de volta nos dela, e quando vi já estava enlaçando minha mão na sua com força, sentindo meu coração bater muito rápido e forte pelo contato tão banal, mas que ao mesmo tempo era tão íntimo.

— Meu avô adotivo estava doente, então eu não fiquei tanto tempo como gostaria, ou como poderia ter ficado anos antes. Ele morreu quase um ano depois que me levou para morar com ele. Conheci Lorenzo quando fui morar com meu avô, e desde então… ele, sua família e Diego são o que posso dizer ser uma versão caótica de uma família adotiva. — finalizei sorrindo

um pouco, como em todas as vezes que contei a mesma coisa com apenas algumas modificações mínimas de pessoa para pessoa.

— Nada do que eu falar vai tornar melhor ou pior o seu passado, como imagino que saiba. Mas posso dizer algo bem contente quanto ao futuro, ou presente, melhor dizendo. — Lídia falou após pigarrear por causa dos segundos calados.— Magnólia não estaria do seu lado se não importasse, independente do que falasse. — Ela apontou o dedo para a filha, e sorriu para mim do mesmo jeito amoroso que minha mãe adotiva e de sangues sorria, talvez ainda mais, já que no fim a minha mãe adotiva e de sangue foram embora sem nem me dizer que iriam.

— Por isso podemos dizer que agora tem uma família ainda mais caótica na conta, e que vai competir com a do seu amigo. — Sebastian foi quem concluiu o que sua esposa começava, e a sincronia deles poderia ser cômica se eu não achasse linda a forma como os dois pareciam se completar, como todos os casais de mais velhos aqui parecem se completar, como *parecem amar de verdade*, e a maneira natural e até automática como o faziam, como acontecia.

Eu achava a coisa mais linda do mundo, e secretamente, a vida inteira sempre invejei aqueles que tinham algo do tipo, pois desde meus pais e meu avô, eu não conseguia me permitir sentir nada parecido por mais ninguém. Não até colocar meus olhos nela, e segurar a sua mão de volta como se fosse a boia em alto mar me impedindo de afundar, embora eu soubesse que Mag fosse fazer uma careta engraçada se eu apertasse a sua mão um pouquinho só mais forte do que eu já sei que estou apertando.

— Obrigado. — Foi tudo que saiu, tudo que consegui fazer sair pela minha boca.

— Agora deixe suas perguntas para outras ocasiões, mãe. — Magnólia exigiu, com uma das suas carrancas ameaçadoras que para mim eram a coisa mais fofa do mundo, embora eu nunca fosse admitir isso em voz alta.

— Quer dizer que vão ter outras ocasiões?! Escutou, Seb, querido? — Lídia sorriu novamente, eufórica com o furo que a sua filha tinha deixado escapulir, e dessa vez foi Mag que apertou forte a minha mão. E eu tentando confortar ela de volta acariciei seu dorso com meu dedão.

— Escutei, mas algo me diz que vão demorar um pouco, meu bem. — Sebastian riu.

— Exato. — Magnólia respondeu.

— Tudo bem, tudo bem. Eu posso esperar um pouquinho. — Lídia suspirou, empurrando as mãos no ar.

— E agora? Você e Lin encomendaram um bolo muito pequeno. — Sebastian balançou a cabeça quando Lídia soltou.

— Tio, eu vou processar o senhor por invasão de privacidade e muitas outras coisas, saiba disso! — Magnólia se inclinou na direção do corredor, e não demorou nem cinco segundos para o homem loiro e de gravata azul aparecer na sala.

— Não pode fazer isso com seu tio favorito, Mag. — William falou com um semblante apavorado ao andar na nossa direção.

— E quem foi que disse que você é o tio favorito dela? Era eu quem colocava ela nos ombros e saía correndo por aí — Thomaz apareceu, remexendo na gravata verde dele e se livrando dela.

— Você era um inconsequente, a garota caiu dos seus ombros por causa disso. — William respondeu entre um resmungou, sentando do lado de Magnólia e realmente acreditando na falsa ameaça da garota de cabelos vermelhos.

— Bobagem, foi só um tombo, toda criança sofre algum em um determinado momento da vida — Thomaz bufou, pondo a gravata dobrada de lado na mesa de centro.

O pai de Débora parecia estar mais bem humorado do que quando entrou e conheceu Diego, lamentavelmente eu tinha certeza de que era só por causa da filha, porque ele não pareceu confiar ou ter interesse algum em aprovar o envolvimento e futuro relacionamento da filha com meu amigo. E eu tinha certeza do motivo: a família do Diego. A família Napier e todos os rumores, boatos e fatos rondando os magnatas das jóias preciosas do mercado internacional. As joias da empresa e a empresa em si eram o único ponto positivo da família, pois a família em si era um aglomerado de intrigas e boatos, na maioria das vezes sujos e fora outras coisas piores.

— O negócio é o seguinte, vocês apareceram aqui sem mais nem menos — Magnólia tornou a falar, endireitando a postura dela do meu lado.

— Falando assim parece que fomos péssimos pais — Sebastian comentou com um olhar de falsa tristeza.

— Que somos uma péssima família — Thomaz acrescentou, sentando na ponta do braço sofá em um cruzar de braços.

— E que somos uma péssima companhia — William acrescentou do outro lado.

— Vocês apareceram do nada e não tem comida nem panela para todos, porque vocês comem feito sobreviventes de uma ilha recém resgatados — Ela terminou, suspirando.

— O que vocês andam comendo? E onde andam cozinhando?! — Lídia perguntou, saltando de pé e andando até a cozinha abrindo armários para se certificar do que havia, e era apenas os mantimentos que elas compraram no segundo dia.

— Nada, já que não sabíamos quem iria ficar e sair, então ficou por isso mesmo. — Débora apareceu, Lindsay vinha atrás assim como Lorenzo, e a mãe das duas. Diego não voltou.

— Então vamos lá naquele mercado comprar, e quando voltar vou fazer carne assada com agrião e pirão que eu sei que você ama. — Bianca pulou nas costas de Débora que soltou uma reclamação, agarrando as pernas da mãe para que não caísse.

— É. Vamos deixar os pombinhos respirarem um pouco. — Michelle concordou e as três gesticularam para os maridos que levantaram na mesma hora.

— Aleluia — Débora falou.

Os seis saíram soltando provocações entre si, da mesma forma na qual entraram. E quando a porta bateu e tudo ficou em silêncio, suspiramos no mesmo instante.

— Bem, feliz aniversário, Débora. Meu presente. — Lorenzo falou, coçando a nuca e estendendo a pequena caixinha dourada da loja.

Débora o encarou chocada, para então ficar constrangida. Com toda a confusão da família das três ela não reparou que deixamos os presentes na pia, para a sorte do Diego que pelo que eu conhecia bem, iria entregar o presente dele quando os dois estivessem sozinhos e sem a chance de ninguém para interromper.

Eu levantei mesmo sem querer, porque o vazio que ficou na minha mão quando os dedos e a palma da mão de Magnólia os deixaram foi a sensação de vazio mais estranha que senti desde a morte do meu avô adotivo. Foi como se ficasse faltando, como se agora fosse muito errado não sentir a mão dela junto da minha, como se tivessem sido feitas para ficarem enlaçadas, e não separadas.

— É, feliz aniversário. — Desejei para Débora, pegando a sacola com doces e pirulitos que eu soube por Mag serem os favoritos dela, e senti que estava entregando a sacola para uma criança.

Esse lado da garota de cabelos pretos definitivamente era o lado criança dela que não cresceu, e era até engraçado por estar em uma personalidade tão irritável. Ao meu ver, Lindsay combinaria mais com o vício de doces.

— Ah...— Ela pareceu ainda mais chocada, e segurou a sacola e a caixa, olhando de Lorenzo para mim, constrangida.

— Obrigada. — Ela disse baixinho, e sorrindo sem graça.

— De nada. — Falamos juntos.

Eu olhei para o corredor ainda sem nenhum sinal de Diego. Estava prestes a ir lá quando vi Magnólia levantar e acenar com a cabeça para que eu a seguisse, e eu só podia estar com algum maldito problema na mente para simplesmente sair seguindo ela feito um cachorro com o rabo entre as pernas.

— Sinto muito. — Foi a primeira coisa que deixou sua boca quando entramos no meu quarto e ela fechou a porta.

— Sente muito pelo o quê?

— Você sabe pelo o quê. — Disparou, e suspirou em seguida. — Sinto muito pelos meus pais, e pelos seus, por tudo que passou, de verdade.

— Não precisa. Não me importo com nada disso. — respondi, e foi uma boa mentira. A mesma que digo para todos, até mesmo Lorenzo e Diego quando eles percebem que estou triste ou que tive alguma recordação ou pesadelo, embora eu não saiba como eles notam isso se nunca estou perto deles quando acontece.

— A sua atuação pode enganar os meus pais e até os seus amigos, mas eu não caio nesse papinho de que está tudo bem, Matthew. — Ela respondeu furiosa com a minha mentira.

— Então se deixe enganar. — sugeri.

— Está brincando, né? — cruzou os braços e levantou mais o queixo para continuar me encarando.

— Parece que estou brincando, Magnólia? Se eu quisesse estar conversando sobre meu passado com você teria feito isso enquanto ficamos trancados no banheiro, ou ontem aqui no quarto, e não lembro disso ter acontecido. — Respondi no mesmo tom, e me arrependi no mesmo instante ao ter soado mais rude do que pretendia, não só rude, mas insensível.

Praticamente dei a entender que não queria nada dela além da intimidade e do prazer, além das coisas que seu corpo poderia proporcionar ao meu, quando já não era mais assim, e muito menos era o que eu queria dizer.

Tudo no olhar de Magnólia mudou, voltando para aquele olhar rancoroso e sério que encontrei quando nos conhecemos.

— Não foi o…

— Obrigada por esclarecer, então. Vou continuar deixando claro para eles que não namoramos e nem iremos até eles entenderem isso. — Ela abriu a porta do quarto.

— Espera, não foi o que eu quis dizer, Magnólia. — Agarrei o pulso dela, tentando impedi-la de sair do quarto, mas a larguei quando ela me encarou em forma de aviso.

— Eu entendi muito bem o que você quis dizer, Matthew, não se preocupe. — Murmurou irônica e saiu do quarto.

Eu olhei para o espaço vazio em que ela estava e suspirei, apoiando a cabeça na parede e fechando meus olhos para tentar me concentrar no que tinha acabado de acontecer, antes que agisse no impulso e por causa dos sentimentos do momento borbulhando dentro de mim.

Eu tinha feito uma burrada. Uma grande burrada. Tinha afastado da pior maneira possível a única pessoa que viu através da minha falsa indiferença quanto ao meu passado, quanto a toda a minha vida. Tinha simplesmente confirmado que não havia chances algumas de querer algo além do sexo com ela, quando pela primeira vez eu queria, e precisava pensar em uma forma de reverter isso, precisava pensar em uma forma de salvar qualquer resquício que Magnólia teria sobre me dar uma segunda chance, pois eu sabia que a primeira tinha se perdido no instante em que ela passou por essa porta e eu deixei, deixei ela sair que nem aquele mesmo covarde no orfanato que deixava outros me agredirem e controlarem como bem entendiam.



CAPÍTULO 12

“Não seja desrespeitosa."

Lindsay

Lorenzo e eu entramos no meu quarto assim que meus pais e os de Deb e Mag saíram para comprar as coisas para o almoço simples e pequeno que se transformou em um grande almoço em família.

— Desculpe por tudo isso. Nossa família consegue ser… — Mordi meu lábio inferior tentando pensar na palavra que mais se encaixaria.

Loucos? Fora da casinha? Malucos de pedra?

— Inusitados. — Lorenzo completou por fim, sorrindo suavemente e fazendo aquelas covinhas que eu achava muito fofas apareceram levemente de cada lado da boca.

— É. — eu concordei, andando até a minha cama e me sentando na beirada, um pouco mais para trás. — E me desculpa pelo meu pai. Não parece, mas a verdade é que ele é tímido. E acaba parecendo antipático, pode-se dizer. sussurrei, olhando para Lorenzo.

E apesar de ser verdade, meu pai foi mal educado, ignorando Lorenzo desde o instante em que entramos no meu quarto com a desculpa de que ele e minha mãe queriam ver meu quarto e minhas coisas. E se não fosse pela mamãe tornando a situação mais agradável, teria sido pior. Eu vi quão deslocado e sem graça Lorenzo ficou, e o quanto se esforçou para ao menos ganhar algumas palavras de resposta do meu pai, porém o senhor William costumava fazer sua mente sobre alguém muito rápido e o fato do que viu nas câmeras de segurança foi o que fez ele usar como ponto para não gostar de absolutamente nada em Lorenzo, sem nem mesmo dar uma chance para ele, ou pensar que eu gostei daquele momento no elevador.

— Acho que entendo ele. Eu ficaria zangado se visse uma possível filha ou irmã mais nova se agarrando com um cara que eu não conheço no elevador… — ele riu brevemente, andando para se sentar ao meu lado na cama.

— Mesmo assim. Ele sequer falou com você. Foi muito errado da parte dele. — balancei a cabeça.

— Ele é seu pai, lindinha, acho que é normal que fique protetor e não vá com a minha

cara assim tão facilmente. No fim, nos conhecemos há muito pouco tempo, lembra?

Eu ri quando ele mencionou esse fato óbvio que por alguma razão eu acabava esquecendo. Era como se já estivéssemos todos dividindo esse apartamento faziam meses. Era muito estranho voltar para a realidade em que era menos do que uma semana.

— É verdade. — sussurrei — Mas mesmo assim...— teimei, bastante decepcionada com a atitude do meu pai, ele que sempre era tão cordial e respeitoso simplesmente ignorou a presença de Lorenzo, e eu não gostei nem um pouco daquilo.

— Desde que você acredite que eu quero mesmo continuar isso que começamos, me basta por enquanto. — Lorenzo murmurou, e sua mão grande tocou minha bochecha para afastar algumas mechas que roçavam por ali, as pondo atrás da minha geladeira.

E com esse pequeno gesto retomou a vermelhidão, eu comecei a sentir minhas bochechas esquentando e as batidas do meu coração acelerando consideravelmente.

— Eu… — disse, mordendo meu lábio inferior. *Acredito que vai acabar me matando antes mesmo de me fazer perder a virgindade pela forma como meu corpo entra em combustão toda vez que me toca.*

— Linda. — ele sussurrou para meu estado vermelho. — Lindinha. — Em seus lábios tem sorriso meia boca de aquecer o corpo de qualquer uma e trazer aquela pressão gostosa no meu ventre aparecendo, logo ele se inclinou beijando meus lábios suavemente, mas decidido do que queria.

No mesmo instante deixei meus olhos se fecharem e me inclinei, estava gostando de beijar cada vez mais quando Lorenzo o fazia, e sentia fogos de artifício toda vez que o loiro parecia gostar disso ainda mais do que eu.

Os lábios dele se moveram mais por cima dos meus, aprofundando o beijo ao empurrar a língua entre meus lábios a introduzindo para dentro da minha boca, a movendo por cada extremidade da minha. E aquilo fez minha respiração pesar tanto quanto a dele. Eu suspirei começando a movimentar minha língua de volta como vinha me habituando e imitando os movimentos da sua, já ansiando por mais, o beijando um pouco mais intensamente. Lorenzo não recuou como fez das últimas vezes, pelo contrário, me beijou de volta com ainda mais força e desejo.

A mão na minha bochecha serpenteia para minha orelha, se enfiando nas mechas do meu cabelo até segurar na parte de trás da minha cabeça, entre minha nuca e meu couro cabeludo. Eu subi minhas mãos tocando seus antebraços e acarriciando-os, sentindo a tensão em cada centímetro que toquei, subindo devagar para seus braços até envolver seus ombros em minhas mãos tão pequenas comparadas ao seu corpo forte e aos seus ombros largos.

— Lindsay…— ele murmurou na minha boca, afastando-se, e eu me aproximei novamente, me senti no automático, como se meu corpo não aguentasse mais esperar e exigisse pelo menos uma nova experiência agora mesmo, e o beijei novamente.

Lorenzo grunhiu na minha boca, me beijando com fome e mais exigência, sua língua pesou mais quando reencontrou a minha e seus lábios começaram a se mover com mais avidez, me forçando a acompanhar o ritmo desenfreado que aquilo tomou.

Ele usou o seu outro braço para cercar a minha cintura e parte das minhas costas, me erguendo um pouco do colchão conforme seu corpo se moveu na direção do meu e ele nos

empurrou pelo colchão até que em um gesto bruto e súbito o loiro me girou, me pondo sentada no espaço vazio entre as suas pernas, fazendo minhas costas encostarem contra o seu peito. Nós dois sentados na cama diante da porta fechada.

Nessa nova posição eu não conseguia ver o rosto dele muito bem, ele estava recostado na cabeceira da cama enquanto eu nas suas costas. Porém enquanto eu não conseguia ter uma boa visão dele, eu sabia que ele tinha uma visão completa minha, das minhas pernas esticadas pelo colchão entre as suas, do meu corpo e principalmente do meu rosto.

— O que você quer experimentar agora? O que quer que eu te mostre? — Lorenzo questionou, seu rosto abaixando-se até que seus lábios tocaram no meu ombro nu, roçando pela alça fina do vestido que eu estava usando.

A posição, o forte do peito contra as minhas pernas, a pressão entre as dele nas minhas costas, suas palavras e o toque dos seus lábios poderiam me levar à loucura. E ao mesmo tempo que estava sentindo muito de uma só vez, eu queria sentir mais, eu queria sentir tudo até não suportar sentir mais nada.

— Vou perguntar de novo, Lindsay — o timbre na voz de Lorenzo ficou mais baixo e grave, mais sério, como ficou quando nossos momentos se perdiam entre beijos e toques.

— O que você quer experimentar agora? O que quer que eu te mostre? — ele repetiu, espalhando beijos suaves do meu ombro até o colo da minha clavícula, sua língua traçou a linha do osso devagar e minha cabeça foi no automático para trás, apoiando-se entre o seu peito e ombro. Um suspiro me escapou e minhas pernas se prensaram, e algo que eu tinha reparado era que toda vez que minhas pernas se apertavam a pressão gostosa no meu ventre e mais abaixo se intensificava.

— Q-Quero mais, quero sentir algo novo. — sussurrei, mesmo estando em chamas para falar, pois sabia que ele pararia se eu não respondesse ou tentasse ao menos verbalizar o que queria.

— Quer que eu alivie isso que está sentindo, é isso? Quer gozar pela primeira vez? — perguntou, seus lábios atacaram a lateral do meu pescoço, porém, sem usar a força de sempre ou o roçar dos dentes como costumava fazer ao decorrer desses dias em que avançamos para esses tipos de coisas.

— Sim. — suspirei, me contorcendo até sentir o braço dele cercar de uma ponta da minha cintura até a outra e seu quadril encaixando na minha bunda, me prendendo na cama em seus braços e pernas.

— Está certa disso? — Ele perguntou, soando um pouco mais sério.

— Estou. — minha resposta foi rápida e talvez apressada já que o fez rir.

— Não posso deixar você passar vontade. — ele sussurrou, suspirando e segurando meu queixo com a sua outra mão, virando meu rosto de lado para encontrar o seu, e quando o fez, pressionou os lábios por cima dos meus, beijando-me.

— O que vai fazer então? — perguntei quando ele tirou os lábios dos meus, deixando-me ofegante.

O loiro sorriu, traçando meu lábio inferior com o polegar.

— Lembra de que pode me pedir para parar a qualquer momento, certo? — eu assenti.

— Bom. Se não conseguir falar, mas quiser falar, dê duas batidinhas na minha perna. — Eu franzi a testa confusa, mas concordei.

— Me mostre se entendeu — ele apontou o queixo para sua perna, eu estiquei meu braço e dei duas batidinhas de leve na perna dele coberta pela calça.

— Boa garota. — sussurrou e então seu dedo indicador e médio se empurraram para dentro da minha boca, pegando-me totalmente de surpresa. — Você vai gostar disso quando estiver dentro de você. — ele explicou contra a minha orelha.

— Agora chupa eles bem devagar. — me instruiu, e mesmo a sensação sendo estranha para mim, não era desagradável, só nova. Envergonhada a princípio e sem ter muita certeza se estava fazendo aquilo certo, comecei a chupar seus dedos.

— Use a língua.. .isso...— Lorenzo mordeu seu lábio inferior quando eu fiz como sugeriu, chupando seus dedos e os rodeando com minha língua. Os olhos azuis do loiro estavam vidrados na minha boca e sua respiração tinha ficado bem mais ofegante.

— Está bom. — ele mexeu a cabeça ao tirar os dedos da minha boca e levar esses mesmos dedos até debaixo da barra do meu vestido.

Eu observei tudo calada, a expectativa se desenrolou dentro do meu estômago, do meu ventre e entre minhas pernas onde sua mão tocou. E um ofego me escapou quando eu senti seus dedos serpenteando por debaixo da minha calcinha tocando bem na minha virilha, se arrastando devagar mais para baixo, sua palma cobrindo meu clitóris e seus dedos úmidos descendo mais até a minha entrada onde a umidade dos dedos dele encontrou a minha própria, o senti tensionar e travar os dedos quando alcançou minha entrada, e nessa altura eu ofegava mais do que nunca.

— Porra! — ele murmurou — Você já está encharcada, Lindsay. — ele respirou na minha orelha, soltando um outro grunhido. — Tão molhada… reagindo tão bem para mim — ele começou a beijar meu pescoço novamente, sorrindo entre os beijos e lambidas breves que arrastava pela pele já extremamente sensível do meu pescoço.

— Vou ficar mal acostumado — Murmurou bem humorado, mordiscando o lóbulo da minha orelha ao mesmo tempo que seu dedo indicador e o do meio rodeavam a minha entrada molhada, apenas sentindo a lubrificação com os seus dedos a espalhando pela região, sua mão se movendo debaixo da minha calcinha a empurrando para o lado.

Eu gemi, fechando meus olhos e focando unicamente naquela sensação nova que conseguia ser tão boa mesmo que ele não estivesse fazendo nada além de roçar os dedos por toda a minha extensão úmida.

— L-Lorenzo, mais, por favor. — implorei, minhas pernas se separando um pouco mais e meu quadril se remexendo ao roçar dos seus dedos que nunca tocavam diretamente lá.

— Olha só que coisinha adorável, mas gananciosa. Para uma virgem totalmente inexperiente, estou surpreso. — o loiro brincou, beijando minha bochecha e rindo brevemente. Eu quis responder ele, mas tudo sumiu ao meu redor quando o dedão dele pressionou a ponta do meu clitóris e girou, meu corpo se arqueou acima do meu e um suspiro mais alto me escapou.

— M-Meu Deus! — soltei, sentindo seu dedão começar a traçar círculos contra o meu clitóris também escorregadio da minha excitação. Ele o pressionou ainda mais para impedir que seus gestos vacilassem e aquilo fez um gemido subir da minha garganta para fora da minha boca de tão bom que era.

— Se for chamar por alguém, eu quero escutá-la chamando meu nome. Não por Deus. Não seja desrespeitosa com ele, muito menos comigo. — Lorenzo exigiu em um tom severo, aplicando mais rapidez na forma como seu dedão circulava o meu clitóris e seus outros dois dedos começavam a roçar na minha entrada, fingindo estarem prestes a entrar entre minha umidade só para recuarem.

— Chame por mim, sou eu que estou aqui tocando você. Chame por mim quando sentir que tudo vai se desfazer, por mim, fui claro? — ele mordeu a parte de trás do meu pescoço e eu me contorci entre o aperto da minha cintura e a mão enfiada na minha calcinha.

— Sim, sim! — exclamei entre gemidos, e os lábios dele cobriram os meus superficialmente.

— Quietinha, não estamos sozinhos. — ele me lembrou, as palavras sendo formadas entre os meus lábios antes que ele enfiasse a língua na minha boca iniciando um beijo desesperado e brusco, eu me engasguei em um gemido silenciado pelo beijo quando senti seus dois dedos se empurrarem para meu interior, meu quadril se erguendo no ato e uma sensação estranha me invadindo.

— Desculpe. — ele pediu, repetindo aquilo mais algumas vezes.

— Está doendo? — ele sussurrou, beijando minha bochecha.

Eu suspirei. Não estava sentindo dor. Não quanto seu polegar continuava a esfregar o meu clitóris de um jeito lento e forte. Sentia sim um incômodo, uma sensação estranha por ser algo novo e tão íntimo, mas não era ruim, nem doloroso. Só bastante diferente. Por isso neguei, minha cabeça rolando para trás no peito dele e meu peito subindo ao arquear do meu corpo.

— Bom, muito bom. Você está tão molhada, porra, daria tudo para sentir seu gosto agora. — ele gemeu no meu pescoço, e lentamente seus dedos começaram a recuar para se afundarem um pouco mais na minha entrada, recuando de novo e afundando um pouco mais que antes.

A sensação estranha foi sendo pouco a pouco substituída por uma gostosa, uma que me fazia querer mais. A pressão entre minhas pernas e meu ventre intensificava, e quando dei-me conta eu estava empurrando meus quadris ligeiramente de encontro aos dedos do loiro que agora se moviam mais rápidos e curtos a cada ida para meu interior. A rapidez do dedão dele no meu clitóris começou a acelerar quando meu interior se apertou contra os dedos dele e meus gemidos e ofegos foram escapando com mais frequência.

— Lorenzo...— Chamei, me esforçando ao máximo para manter um tom baixo que somente ele escutaria, meus olhos fechados com força, rezando para ninguém voltar para o apê agora e nos interromper.

— Sim?

Eu soube que ele estava tão perdido quanto eu ao escutar sua voz grave sair ofegante, sua respiração quente em contato com minha orelha e outrora meu pescoço. Ele arfou baixinho, apertando minha cintura com mais força, até estar prensando mais suas pernas e quadril ao meu redor, aquela pressão entre minha bunda estava mais dura ainda e cada vez que meus quadris se mexiam eu a senti roçar no meu corpo de volta. Ele estava tão excitado quanto eu. *Estava gostando disso tanto quanto eu.*

— Eu… não sei.. estou...— eu ofeguei sem saber como explicar, era diferente de tudo que eu já tinha sentido.

Meu coração batia mais rápido, minha respiração estava acelerando e se perdendo a cada esfregada do seu dedão e estocada do seu dedo para o meu interior, o meu corpo estava se contorcendo entre ele e meus quadris se movendo o máximo que o aperto do loiro permitia, em busca de algo que eu não fazia a menor ideia de como era. A sensação era a de um nó se apertando dentro do meu ventre ou entre aquela região, e ao invés desse aperto doer, ele só fazia o prazer crescer quanto mais se apertava.

— Eu sei. — Ele respondeu, esfregando o nariz por meu pescoço e os lábios alcançando a minha garganta no instante seguinte. — Você vai gozar. É isso o que está acontecendo. Está perto de gozar. — o loiro me explicou, as palavras saindo entrecortadas por seus lábios estarem ocupados roçando de volta para a minha orelha.

— *Lorenzo!* — chamei, agoniada pelo quanto aquele prazer conseguia se tornar maior e seus movimentos maiores e mais precisos, acertando de novo e novo o mesmo lugar com seus dedos.

— Quero que goze, Lindsay. Quero que deixe vir nos meus dedos. Goze para mim, sim? — ele beijou meu maxilar e desceu para meu pescoço mais uma vez, seu dedão roçava rudemente na ponta sensível do meu clitóris, esfregando sem pausa. Seus dedos recuavam pouquíssimo, se empurrando para dentro novamente tão rápidos quanto saíam.

Meu deus, meu deus.

Mordi meu lábio inferior para conter o gemido alto que começou a me escapar quando todo aquele prazer acumulado dentro de mim espalhou um tremor por todo o meu corpo, minhas mãos se fecharam, uma apertando o braço de Lorenzo e a outra o colchão, e um alívio indescritível começou a tomar conta de mim junto do arquear das minhas costas e a inquietação de cada terminação minha.

— Isso… Você está gozando para mim, Lin.

Lorenzo gemeu de forma arrastada contra a pele do meu pescoço, seu quadril pressionando o meu e minhas pernas se fechando com sua mão ainda entre elas. Seus dedos foram diminuindo os movimentos conforme meu próprio corpo começava a se acalmar e aquela sensação inebriante se esvai pouco a pouco, deixando apenas minha respiração descompensada para trás.

— Você conseguiu ficar mais quieta do que eu. — o loiro brincou, beijando minha bochecha. O aperto das suas pernas e mão na minha cintura afrouxaram, e a que permanecia por debaixo da minha calcinha recuou devagar, arrancando um breve ruído meu ao sentir seus dedos saindo de meu interior.

— Como se sente? — Lorenzo endireitou mais sua postura, esticando a mão que anteriormente estava me tocando para puxar o pacote de lenços umedecidos que eu tinha na mesa de cabeceira, limpando seus dedos com resquícios da minha excitação.

— Incrível conta? — suspirei, e escutei ele rir.

— Você parece a pantera cor de rosa, lindinha. — brincou, beijando a ponta do meu nariz e me envolvendo com ambos os braços em um abraço leve.

— Não tem graça. — resmunguei, mas sorri levemente, ainda voltando aos meus sentidos depois dessa explosão de sensações tão fortes. Depois de *gozar* pela primeira vez. Era estranho pensar na palavra, precisava me acostumar.

— Tem um pouquinho de graça sim. — Ele concordou risonho. — Melhor levantarmos. Seus pais podem voltar a qualquer momento. E acho que seu pai me mandaria direto para o caixão se soubesse o que acabei de fazer com a filha dele. — Lorenzo brincou, me libertando de seus braços.

Me sentei na cama, virando meu rosto para encontrar o dele, que imediatamente fez grande parte daquela vontade voltar feito as ondas batendo violentamente na margem da praia, consumindo a areia e recuando só para se chocar ainda mais faminta e veroz. Foi o que senti ao ver o rosto ruborizado de Lorenzo, as madeixas loiras desalinhadas e uma gota de suor escorrendo pela lateral da testa, e, meu deus, a forma como ele me olhava. Eu não consegui encontrar palavras para descrever. Algo como urgência e fissuração, como se ainda necessitasse de mim, de várias coisas ao mesmo tempo e todas essas coisas o fascinassem.

— Não me olhe assim, Lin — Lorenzo implorou, suas pernas se moveram e ele apoiou as mãos no colchão, se inclinando na minha direção. Eu recuei, caindo deitada no meio da cama, minha cabeça voltada na direção da porta.

— Assim como? — mordi meu lábio inferior, vendo ele subir o corpo acima do meu sem se encostar em mim, seus antebraços pressionaram contra o colchão de cada lado dos meus ombros e o seu rosto pairou por cima meu, alguns fios loiros encostando na minha testa.

— Como se eu fosse um caçador, e você a caça, faz parecer que quer que eu a ataque. — um sorriso descontraído e nada condizente com as suas palavras surgiu ao curvar mínimo dos seus lábios.

— E se eu quiser?

Lorenzo mordeu seu lábio inferior, observando-me calado e sacudindo a cabeça por alguns instantes, um olhar divertido nas íris azuis.

— Você não quer que eu ataque você, Lindsay, não como eu quero.

— Por que acha isso? — franzi o cenho.

— Porque se as coisas fossem feitas do meu jeito, eu já teria te atacado naquela cozinha, teria te provado ali mesmo. — Comecei a corar no mesmo instante, acho que nunca me acostumaria com essas palavras mais diretas. — Eu teria chupado, beijado, lambido e fodido cada canto até você se desfazer de novo e de novo, eu teria te comido até ficar cheio. — ele se abaixou, beijando minha testa. Seu gestos carinhosos e suas palavras sujas iriam me destruir da melhor maneira possível.

— Estou indo devagar porque é isso o que você merece. Porque é o certo. Porque tudo isso é novo para você, e eu não o farei de qualquer jeito, quero que goste de cada etapa, não que fique perdida entre elas. Independente do tempo que leve de uma para a outra.

— Por isso, não me olhe assim, não sabe quão difícil fica quando me lance esse olhar. — pediu gentilmente, esfregando seu nariz no meu.

— E como é que eu vou saber que estou fazendo isso? — sussurrei, e ele riu concordando.

— Um ponto para você. Acho que o que me resta é melhorar meu autocontrole, né? — sua piada me fez rir.

— Agora, melhor trocar de roupa, ou tomar um banho. Vou resolver minha situação no

quarto. — ele recuou e rapidamente já estava de pé do outro lado da cama.

— Não quer que eu… — comecei, olhando para a rigidez marcando na sua calça, mordendo meu lábio inferior conforme observava.

— Não. Não está na hora. — ele me interrompeu, enquanto eu ainda tinha minha atenção na sua calça. — Desgraça, lidinha, não me olha assim. Desse jeito aí mesmo, não. — implorou desesperado, e eu cobri minhas bochechas, olhando para o outro lado do quarto. *Aquilo era grande.* Pensei, e pensei também em como seria sentir dentro de mim no lugar dos dedos dele.

— Você vai me destruir da melhor maneira possível. — Lorenzo suspirou, eu girei no colchão e antes que eu pudesse falar algo, ele já tinha saído do quarto e eu estava sozinha relembrando o momento de ainda há pouco.

Não pude ficar na cama sonhando acordada quando lembrei dos meus pais, e corri para o banheiro. Nenhuma das meninas ou dos meninos estavam na sala, e as portas dos quartos estavam todas trancadas.

Eu tomei um banho apressada e troquei aquele vestido por uma calça de moletom e uma blusa de usar em casa mesmo, já que de noite nos arrumaremos para cantar parabéns para a Débora, como em todos os anos. Ao sair, as portas de todos os quartos, menos a do Lorenzo, se abriram.

Me surpreendi ao ver que Matthew saiu do seu quarto e Mag do dela, enquanto Débora e Diego saíram do quarto dele parecendo mais relaxados. E me auto impedi de pensar na razão da tranquilidade dos dois ou ficaria evidente na minha cara.

— Lin, você é filha do William, precisa defender nossa privacidade. — Mag falou enlaçando o braço no meu, me acompanhando para meu quarto.

— Também acho. — Débora resmungou.

— E por algum acaso vocês andaram fazendo algo fora do apartamento? — Perguntei divertida. Diego riu com a minha pergunta.

— Tá rindo do quê, ô seu palhaço? — Deb questionou já irritada. — Saiba que se meu pai viu as filmagens desde que chegamos você é um homem morto.

Deb acrescentou, encarando Diego como forma de alerta de algo que os dois fizeram, e para irritar o tio Thomaz precisava ser bem grave, porque apesar de ser o mais sério dos três aquilo era só a casca dele, por dentro era bem diferente.

— E o que vocês dois fizeram de tão grave? — Mag, eu e Matthew perguntamos, e nos entreolhamos por causa da coincidência.

— Nada que chegue aos pés do que você e Lorenzo fizeram, graças ao bom Deus. — Débora ergueu as mãos para cima e saiu andando para a sala.

— Quando eles chegarem, me chamem então. — Mag disse, entrando de volta no quarto dela.

Eu vi Matthew dar meio passo na direção dela assim que viu ela prestes a entrar no quarto. Ela fechou a porta sem nem se dignar a encarar ele, mesmo ciente que o de cabelos vermelhos aparentou querer conversar com ela.

— Que merda você fez, Matt? — Diego agarrou o ombro do amigo ao perguntar, embora

tenha sido mais uma alfinetada pelo sorriso que ele carregava.

Eu decidi retornar para o meu quarto, eu conhecia Magnólia bem demais, a minha infância inteira. E quando ela ficava chateada ou irritada de verdade com alguma coisa ou alguém, ela precisava de pelo menos algumas horas para querer conversar sobre, isso se fosse algo leve. E algumas vezes, dependendo do que fosse e da gravidade, ela mudava totalmente diante daquilo.

Na nossa infância, na escolinha, eu me lembrava muito bem de uma amiga que Mag tinha feito e que começou a virar minha amiga e de Deb também, um dia a menina manchou a tela do desenho que Mag tinha feito, se foi de propósito ou não, isso eu não lembro, o que eu sei é que Mag não se vingou ou falou alguma coisa, ela simplesmente nunca falou mais com a garota.

O mesmo se aplicou para relacionamentos que deram errado, como o seu primeiro e único namorado que descobrimos estar namorando ela e outra garota de outra universidade ao mesmo tempo. Assim que Magnólia descobriu sobre a mentira, ela não brigou, não se vingou ou quis descobrir mais, ela apenas tirou o anel, vendeu, gastou o dinheiro do anel com bebida para nós três comemorarmos sua solteirice e nunca mais olhou na cara dele. Ela sofreu calada a dor do término e da traição, mas nunca disse uma única palavra sobre além de "O anel rendeu mais garrafas do que eu esperava".

Mag mudava radicalmente diante de algo que importava muito para ela, e a convencer a mudar de ideia era extremamente difícil, para não dizer impossível. Ao invés de argumentar e conversar quando algo realmente a incomodava ou magoava, e não como faz normalmente com coisas banais, ela simplesmente se fechava e ignorava aquilo até não surtir mais efeito algum nela.

Era um defeito que Deb e eu desde pequenas soubemos lidar, como eu não sei, mas felizmente sempre conseguimos resolver todos os nossos argumentos e discussões. As coisas já funcionavam diferente para qualquer um fora desse círculo.

Seja o que Matthew falou para ela, as chances de qualquer coisa que tinha entre eles dois se tornar algo mais sério agora eram praticamente nulas. E eu fiquei muito triste, tanto por ela quanto por ele. Decidi amanhã que tentaria conversar com ela junto da Débora. E esperava não ser tarde demais.

CAPÍTULO 13

“Toca como um sino."

Débora

Meu pai era conhecido por ser uma pessoa antipática, fechada e sarcástica, algo do qual qualquer um além da família sabia que era mentira. Porém nunca pensei que fosse ver ele sendo um grande de um mau educado que ignora a presença dos outros independente de quem seja, muito menos alguém que sua filha apresentou mesmo que indiretamente, e no aniversário dela.

E mesmo assim ele o fez. Ele ignorou a presença de Diego desde que entramos no meu quarto, tanto que vi minha mãe lançando olhares fulminantes na direção dele sempre que Diego não estava olhando. Foi constrangedor e eu decidi ir falar com Diego assim que ficamos sozinhos no apartamento.

Ao invés de bater na porta, decidi girar a maçaneta e abri devagar quando percebi que estava aberta. Abri o suficiente para espiar dentro do cômodo que tinha o tamanho e padrão do outros, a única diferença era que ele tinha mudado os móveis de lugar, a sua cama agora estava do lado esquerdo da parede na vertical, enquanto todas as demais eram no fundo do quarto e de frente para a porta.

Diego estava deitado de costas, o antebraço jogando por cima dos olhos enquanto o outro braço estava aberto por cima do colchão, as pernas esticadas e beirando na cama. Ele só usava preto e o mesmo estilo de camisas pretas lisas com mangas curtas, e era o que vestia agora.

Entrei no quarto, fechando a porta. Eu sabia que ele tinha me escutado entrar. Diego era mais observador do que parecia, ele só se fazia de distraído e irritante por pura espontânea vontade.

Caminhei até a cama e sentei do lado esquerdo dele, esticando minha mão e tocando no seu braço com receio. Ele estremeceu e devagar exibiu o rosto preso em uma expressão conturbada, uma que começou a se formar desde o instante em que entramos no meu quarto e meu pai agiu daquele jeito.

O olhar verde impertinente e malicioso estava apagado. A verdade é que tinha se apagado no segundo em que meu pai comentou que achava conhecer ele de algum lugar. Eu não fazia a menor ideia de onde, mas sabia que meu pai era um ótimo fisionomista e se falou aquilo é

porque realmente já viu Diego antes, e essa menção foi responsável por destruir toda a arrogância e confiança insuportável dele.

— Sinto muito pelo meu pai. — Murmurei, sentando por cima dos meus calcanhares. — Não vim questionar nada sobre a aparente razão dele o destratar por achar te conhecer de algum lugar, só queria me desculpar por ter te feito passar por aquilo. — remexi as mechas no meu cabelo, suspirando.

— Você fica fofa sem graça. — os lábios dele se curvaram devagar até formarem um pequeno sorriso de zombaria, que me fez revirar os olhos.

— Se não se incomodou, então vou embora.

Revirei meus olhos e senti a mão dele tocando meu braço, seus dedos que eram um pouco ásperos roçaram a lateral do meu braço e subiram até o meu ombro, eu quis impedir o arrepio que senti pela carícias, mas acontece que não tinha como eu impedir a reação involuntária do meu corpo que parecia gostar e muito dos toques dele.

— Por que odeia seu aniversário? — Ele perguntou, e eu fiz uma nota mental de matar Mag ou Lin, quando descobrisse qual das duas falou sobre esse detalhe justamente para o Diego.

— Eu não *odeio*, só que conforme a gente cresce, os aniversários acabam perdendo a graça, e eles se tornam sem sentido. — dei de ombros.

Desde que comecei a estudar e a crescer, os aniversários para mim se tornaram apenas em um lembre anual de que o tempo estava passando e que em cada ano é uma obrigação você ter concluído ou alcançado algo impressionante. Tudo começa na escola, e conforme você atinge a maioridade, isso gira em torno da universidade. Cada ano que se passa é um ano em que você deveria estar progredindo no seu futuro, em ser alguém, em trabalhar em algo importante. Os aniversários era o momento em que se pensava em tudo que fez ao decorrer do ano, e tudo que faria nos próximos meses a seguir, eles me faziam pensar nas coisas que alcancei e nas coisas que fracassei, e se falhei mais do que acertei. E me incomodava e muito a sensação de ver o tempo passando e sentir que não estava fazendo nada, nem chegando em lugar algum, que eu não tinha me decidido de verdade sobre alguma coisa e no fim continuaria sendo decepcionante.

— É uma maneira Débora de ver as coisas. — Diego riu ao sentar na cama, a malícia retornando junto do olhar impertinente e a postura confiante e arrogante dele. — Mas é bem entediante e deprimente. — acrescentou, sua mão abandonando meu braço e cruzando a lateral oposta da minha cintura, me puxando para mais perto de seu corpo.

— E quem foi que disse que era para ser interessante ou ter graça? — Rebati, deixando que ele me trouxesse para mais perto.

Eu estava me esforçando para negar tudo que sentia perto dele desde o beijo, porém desde que acordei e lembrei do que aconteceu na poltrona no meu quarto, eu cheguei a conclusão que não conseguiria evitar esses sentimentos e vontades, e que talvez não fosse tão ruim assim ceder a eles, pois não significava que os admitiria, apenas tiraria proveito enquanto durasse, era a melhor solução para essa situação.

— Não pense que esqueci ontem à noite. — Diego sussurrou na minha orelha, seus lábios roçando a lateral do nervo da região.

— Ontem? Ah, se refere a você de joelhos para mim? É, eu me lembro muito bem disso. — comentei, sorrindo em sarcasmo.

A lembrança de Diego de joelhos me ajudando a tirar meus sapatos agora era vaga, bem distante na minha mente pesada de todo o álcool que varreu meu corpo e os acontecimentos da madrugada e do momento no corredor. Porém o fato dele ter se ajoelhado tinha ficado gravado na minha mente mesmo assim, e era de fato uma lembrança maravilhosa de se recordar.

— Eu estava te ajudando a tirar os sapatos. — me corrige rigidamente, porém é perceptível que o fato de ter se ajoelhado mesmo que para me ajudar ou não, não o incomoda mais como na festa, como se estivesse confortável com aquilo.

— Você estava de joelhos, é isso o que importa.

— E você sabe o que isso significa, então? — questiona, erguendo uma sobrancelha de forma superior, segurando meu queixo com dois dedos, o dedo do meio pressionando bem abaixo do meu queixo para o levantar mais na altura do seu rosto, enquanto o indicador permaneceu acima do meu queixo em transversal onde a ponta roçava perto dos meus lábios.

— O quê? — me fiz de desentendida.

— Que agora está na hora de eu descobrir se eles lábios chupam um pau tão bem quanto chupam um pirulito, foi o nosso trato, não foi, docinho?

— Aquilo não foi um trato. — estreitei meus olhos.

— Foi combinado de qualquer maneira. Me disse que a condição para eu ter esses lábios era eu de joelhos para você, já teve sua recompensa, agora é a minha vez. — o dedo indicador subiu, apertando o meio do meu lábio inferior.

— Não se preocupe, hoje é o seu aniversário. Vou cobrar o boquete que me deve outro dia. Hoje é você quem deve ser recompensada, e bem recompensada. — seus lábios se selaram na minha bochecha, fazendo-me rir da tentativa clara dele de ser carinhoso. — Eu queria ter feito isso com calma, mas imagino que seus pais vão ficar até seu aniversário acabar. — Suspirei frustrada só de lembrar do caos que só minha família faria até irem embora.

— Sim.

— Então imagino que esse vai ser o último momento sozinhos que teremos pelo resto do dia. — Eu concordei.

— Nesse caso, feche os olhos, por favor. — pediu, acariciando meu lábio de uma extremidade para a outra.

— Por favor? Estou admirada que essa palavra faz parte do seu vocabulário. — Dei risada.

— Feche esses olhos de jade sem retrucar, docinho. — eu ri novamente pela comparação e por o que antes soou como um pedido cortês, agora era dito como uma ordem. Eu queria retrucar ele novamente, mas minha curiosidade tinha sido despertada e eu precisava saciar ela, então fechei meus olhos, me entregando a seja lá o que Diego estivesse armando para mim.

Senti o corpo de Diego se afastar do meu e seus passos pelo quarto, escutei ele pegar alguma coisa e sentar novamente ao meu lado na cama, e nessa altura eu já estava quase morrendo de curiosidade enquanto mordia o canto da boca impaciente.

— Já posso abrir os olhos? — Resmunguei quando alguns instantes de silêncio se passaram, onde eu apenas escutava a respiração dele e a minha.

— Feliz aniversário, docinho. — Diego me desejou ao pé da minha orelha.

— Obrigada. — sussurrei, sorrindo minimamente, sentindo arrepios se espalharem ao escutar sua voz grave e séria falando assim tão perto da minha orelha. E me fez pensar que gostaria de escutá-la desse jeito em outros momentos.

— Pode abrir os olhos agora. — falou, e eu os abri no mesmo instante, a primeira coisa que vi foi o seu rosto que estava um pouco mais longe do meu, mas então ele mexeu o braço e senti algo tocar meus dedos por cima do meu colo.

Abaixei minha cabeça e abri a boca ao ver ele pondo uma caixa de joalheria entre meus dedos. A caixa era verde claro, revestida por veludo, e como de se esperar, era macio ao toque. Era uma caixa de anel, e quando abri ela, aquilo se confirmou. Tinha um lindo anel de jade ali dentro da caixinha, responsável por tirar o meu fôlego.

Eu nunca gostei de joias, ou acessórios em geral, nunca usava brincos, cordões, colares e anéis, em parte porque sempre os perdia. Pôr um anel no meu dedo era um atestado de burrice, porque em menos de algumas horas o usando, ele já teria sumido e eu não saberia dizer como e quando.

Apesar de não usar jóias ou bijuterias, minha mãe usava, ela adorava jóias e bijuterias e papai era viciado em presentear minha mãe com elas, então cresci vendo os mais extravagantes e discretos tipos de brincos, colares, pulseiras, anéis e tornozeleiras, e sabia muito bem diferenciar um réplica de uma legítima. E o anel de jade dentro da caixinha de veludo que Diego me presenteou era uma pedra legítima. E era linda. Simplesmente linda.

— Você ficou maluco…?!

— Não diz nada, só aceite e abra, por favor. — ele me interrompeu, interrompendo também minha tentativa de ficar brava com ele quando na verdade meu coração batia acelerado e eu me sentia emocionada mesmo sem saber o porquê.

— Não posso aceitar isso, Diego — respondi, sustentando seu olhar que agora estava sereno, e me vi falhando ao tentar soar firme com o olhar que ele me lançava.

— Eu sei o que parece. E não, eu não estou pedindo sua mão, Débora.

— E o que está fazendo, então? — debochei, alisando a caixa entre as minhas mãos com meus dedos.

— Não aceite esse anel como um pedido de compromisso nem nada do tipo, encare como um presente, porque é o que é. Um presente de aniversário meu para você. — Se explicou, tocando minha bochecha e circulando seu dedão pela minha pele.

— Eu queria algo que fosse como você, verde, difícil de se quebrar e linda. E uma jade é exatamente isso, ela é linda, e tão resistente que se você bater nela, ela não se quebra, mas sim toca como um sino, que nem você.

A sua ironia em *tocar como um sino*, que nem você se me batessem, não passou despercebida, mas não me importei, as palavras dele sim. E elas simplesmente arrancaram qualquer possível palavra minha que eu usaria como resposta. Não consegui falar nada, não consegui brigar com ele, ou fazer qualquer outra coisa. A única coisa que consegui fazer foi sorrir de verdade para ele pela primeira vez, sem deboche e nem maldade, só um sorriso. Pequeno, mas sincero e emocionado.

— Obrigada. — eu consegui falar alguns instantes depois.

Admirei o anel dentro da caixa mais uma vez. Era fino e pequeno, feito todo de ouro, a pedra pequena de jade no centro em um círculo, o adorno de ouro relembrando o de uma coroa circundando de forma sutil e discreta. Simples, eu poderia dizer, embora eu soubesse que de simples do anel não tinha nada.

— Posso pôr para você? — ele perguntou e senti que estava ansioso por aquilo, mesmo que tenha dito não significar nada além de um presente.

— Sim, claro. — concordei, olhando para seu rosto a tempo de ver o sorriso de felicidade que apareceu ao curvar dos seus lábios. Seus olhos verdes brilhavam de alegria por eu ter aceitado não apenas o anel, mas ele o colocar em mim.

Diego tirou o anel da caixinha que se tornou pequeno na sua mão grande, ele segurou a minha mão e deslizou devagar o anel no meu dedo indicador, e o anel encaixou perfeitamente, o que o fez sorrir satisfeito, especialmente em quão bonito ficou no meu dedo.

— Como sabia o número do meu dedo? Para o anel… — Perguntei, imaginando que mataria Mag ou Lin quando descobrisse qual das duas revelou esse fato para ele.

— Senti pela forma dos seus dedos. — ele murmurou.

— E isso é possível? — eu ri.

— Claro que sim.

O seu dedão roçou no anel antes dele erguer minha mão na altura dos seus lábios e beijar acima do anel tão cordialmente que parecia uma miragem por sua atitude não combinar em nada com as do Diego que eu convivi nesses últimos dias.

— Só uma lembrança do que você simboliza para mim, e uma forma de você lembrar de mim também. — me confessou, ainda segurando a minha mão.

— E eu vou.

E eu iria. Toda vez que olhasse para esse anel, lembraria dele, das suas palavras, e desse momento, e de como nenhum outro momento que vivenciei com um outro cara estaria perto desse com Diego. E iria tornar possível o fato de manter esse anel no meu dedo, de *nunca perder* ele, nem que precisasse colar no meu dedo.

Eu sabia que haviam grandes chances desse presente se tornar uma razão para mágoas e rancor, especialmente pelo que ele parece estar evitando me dizer e que meu pai estava mais do que disposto a me contar na primeira oportunidade sozinho comigo, mas neste momento, aqui com Diego, eu não me importo com nada disso.

— Posso beijar você? — Ele perguntou.

— Ah, agora você pergunta se pode? — rebati, sorrindo e inclinando um pouco minha cabeça para o lado.

— Um beijo de aniversário. — falou, ignorando minha provocação.

— E qual seria a diferença desse beijo para os outros? — levantei a sobrancelha e olhei para os lábios dele.

— Esse não seria eu tentando saber se você me queria o tanto quanto eu a quero, e sim eu

sabendo que você quer.

— Ok, você pode me beijar. — Diego sorriu e começou a se aproximar.

A minha mão que ele segurava ele moveu até estar repousando no seu ombro, para enlaçar minha cintura e me trazer para o seu colo, me pondo sentada por cima das suas coxas na beira da cama. Eu enlacei o outro lado do seu pescoço e toquei na sua nuca com a ponta das minhas unhas, era o primeiro momento calmo que tínhamos desde que nos conhecemos, e eu gostava disso, dessa intimida e calmaria.

— Você fica ainda mais bonita com essa boquinha na minha, sabia? — A malícia tinha retornado para cada célula dele quando me fez essa pergunta, especialmente no seu olhar.

Já tinha um retruque pronto para ele. Diego sabia disso muito bem. Tanto que nem me deu tempo de disparar uma resposta afiada de volta, e pôs os seus lábios por cima dos meus, os movendo devagar, totalmente diferente do beijo no corredor e do beijo no meu quarto. Seus lábios apenas pressionaram por cima dos meus, sem exigir mais nada, um longo selar que virou um beijo quando ele recuou e tornou a se aproximar.

Eu abaixei minha cabeça já que tinha ficado um pouco mais alta no seu colo, apertando meu braço ao redor do seus ombros e afundando os dedos da minha outra mão entre as mechas pretas que escorregaram no meu toque.

Diego fez uma pausa para morder meu lábio por um momento e o chupar devagar, e quando ele torna a me beijar, o beijo está carregado daquela urgência contida nos nossos beijos anteriores, se tornando mais frenético e exigente ao pressionar da sua língua por cima da minha, serpenteando ao redor das extremidades da sua.

O calor antes inexistente agora tornava-se maior e sufocante, como uma só chama de fogo se espalhando na palha e tornando aquela pequenina chama em um incêndio faminto, devorando tudo ao seu redor e espalhando mais da quentura insuportável das suas chamas que a cada consumação, mais altas e necessitadas se tornavam, e mais queriam queimar para se saciarem.

Diego girou nós dois, me pondo deitada na cama e subindo em cima do meu corpo, seu quadril se chocou contra o meu e nossos lábios se separaram quando nós dois gememos pela fricção bruta da sua ereção na minha boceta por cima do pano das nossas roupas.

Eu quis olhar para ele, mas sua boca já estava na minha e sua língua se movia junto, e para não perder aquele contato, eu enlacei minhas pernas ao redor do corpo dele prendendo seu quadril no meu para poder continuar com aquela fricção rígida bem contra o meu clitóris e a superfície da minha boceta.

Diego grunhiu na minha boca e suas mãos agarraram os lados do meu quadril, eu resmunguei quando ele afastou o corpo do meu, e sufoquei na sua boca e na pressão da sua língua quando ele chocou o quadril de volta no meu, simulando uma estocada por cima das roupas bem no meu centro. Meu gemido foram engolido por seus lábios e língua que se recusaram a deixar minha boca, beijando-me de novo e novo como se quisesse possuir cada canto da minha boca e do meu beijo.

— A porta, Diego, está destrancada. — o alertei ao conseguir afastar minha boca da sua, ele agarrou meu queixo com força e virou meu rosto na direção da porta.

— Fica de olho, então. Se ela abrir, você me avisa. — mussitou enquanto beijava a linha

do meu maxilar, sorrindo pela provocação.

— Eu estou falando sério. — resmunguei, suspirando no segundo seguinte quando os lábios dele foram direto para o meu pescoço, beijando de cima a baixo, percorrendo sua língua e dentes pela minha pele a tornando ainda mais sensível ao toque.

— Eu também estou falando sério, ou você não consegue ficar de olhos abertos e vigiando a porta enquanto estou presenteando você?

Duvidou de mim em um tom de claro desafio e desdém, seus lábios traçando a curvatura do osso da minha clavícula, beijando entre eles.

Me contorci debaixo do seu corpo, limitada pelas suas mãos que persitiam, segurando as laterais dos meus quadris e eu soube que para dificultar minha resposta ele recuou e chocou os quadris nos meus, beijando meu ombro ao gemer em uníssono comigo. Revirei os olhos de prazer, sentia que poderia gozar só dele gemendo comigo. Nunca escutei um gemido tão excitante, ou escutei um homem gemendo tão desinibido comigo. Diego era uma exceção, e tinha uma parte gananciosa dentro de mim que queria ele e esses sons apenas para mim. Só para mim, para mais ninguém.

— Seu grande maldito...

Um sequência de suspiros e gemidos foram me escapando no momento em que as mãos dele abandonaram meu corpo e se chocaram contra as laterais da minha bunda, acertando um tapa de cada lado, espalhando um tremor de prazer por todo o meu corpo que se resumiu em molhar mais minha calcinha.

— Se ficar me xingando, vou devolver em tapas, e você sabe que eu não blefo, docinho.

Me alertou com aquele tom arrogante e nojento de superioridade dele, e se a pressão no meu interior não fosse muito mais insuportável de sentir do que a sua arrogância, eu rebateria.

Diego sorriu em pretensão, erguendo um pouco o corpo no topo do meu, as suas mãos rodaram na minha bunda e subiram para as minhas coxas, seus dedos e palmas apertando e acariciando todo o caminho até seus dedos estarem circundando o osso de cada lado do meu quadril.

— Docinho é a...— Perdi o ar e a fala quando a mão dele desceu direto pela minha virilha e seu dedão encontrou meu clitóris inchado por cima da calça de moletom folgada que eu estava usando, o tecido já manchado por causa da minha excitação. — Aí, *bem aí.* — estreitei meus olhos, quase os fechando pelo prazer que aquele toque trouxe.

Mordi meu lábio, o prendendo desesperada entre os dentes para sufocar meu gemido de alívio e desespero entrelaçados em uma só mistura ao sentir seu dedão começar a acariciar brevemente meu clitóris, só roçando seu dedo, mas o suficiente para destruir o restante de ar que me restava.

— Azeda é uma coisa que você não é, Débora. — Diego comentou divertido, seu dedão desceu um pouco, tocando bem no centro do meu clitóris.

Arqueei no colchão, fechando os meus olhos e gemendo baixinho. Ele fincou as unhas na lateral da minha bunda como repreensão.

— Fica de olho na porta. — mandou em repreensão ao meu fechar de olhos. — Ou quer que alguém entre e te veja se desfazendo desse jeito? Nessa bagunça...— perguntou, rindo.

O bastardo estava adorando estar se divertindo as custas do meu prazer, eu sabia bem que era isso que o excitava ainda mais, a tortura e provovação, me empurrar no meu limite e exigir coisas que eram praticamente impossível de se manter em um momento como esse.

— Toda vestida e se contorcendo...— murmurou, começando a girar o dedão contra o meu clitóris com um pouco mais de pressão, as minhas pernas se apertando ao seu redor em resposta.

— É o meu aniversário. — argumentei ao suspirar.

— E? — vi ele erguer a sobrancelha quando olhei para o seu rosto. Ele sabia muito bem o que eu estava implicando, só queria me ouvir dizer.

— E eu não deveria ser torturada desse jeito, caramba. — Choraminguei, esticando minha mão e agarrando ele pela camisa, o puxando até meus lábios tocassem nos seus. Eu não suportava mais a tortura, nem lutar contra minhas vontades.

— Não, não deveria. E o que quer que eu faça por você então? — ele falou na minha boca, beijando com ternura minha bochecha, sua outra mão empurrando minhas costas para cima, suspendendo um pouco meu tronco acima do colchão.

— Me faça gozar, sem joguinhos, Diego. Só me deixe gozar, por favor. — suspirei, gostando da sensação das minhas costas sendo mantidas acima do colchão pela sua mão.

— Tudo que a aniversariante pedir, ela terá. — Diego sussurrou, beijando meu queixo e subindo para os meus lábios.

A sua mão subiu e escorregou por dentro da minha calcinha, desceu empurrando minha ela para o lado, sua boca presa na minha impedindo que eu quebrasse o beijo e sim gemesse entre ele, e foi o que aconteceu, eu gemi conforme sua mão percorreu minha virilha até alcançar minha boceta, beijando ele enquanto isso e enrolando minha língua na sua para aquietar meu corpo.

— Porra. — gemi quando dois dos seus dedos roçaram na minha entrada brincando em torno, sentindo quão molhada eu estava, e me penetraram no segundo seguinte começando se estocar sem nenhuma provocação que certamente viria se eu não estivesse usando meu aniversário a meu favor.

— É isso o que você queria? Meus dedos te fodendo? — Diego perguntou, empurrando e recuando os dedos para dentro da minha boceta sem parar. Somente assenti, incapaz de responder alguma coisa.

— Se contenta com tão pouco, poderia ser a minha boca se não fosse tão desesperada… — lamentou, afundando mais seus dedos dentro de mim.

Eu gemi, jogando minha cabeça para trás, sentindo-a pender no ar por ele insistir em me manter nessa posição, não sabia a razão para ela, mas sabia que ele estava gostando do que via, talvez quisesse ver o quão eu me entregava aos seus toques e eu estava totalmente perdida neles.

— Eles voltaram. — sussurrei ao escutar o falatório na entrada no apartamento.

Meu corpo tensionou tanto de prazer quanto de pânico por saber que a porta não estava trancada.

— Melhor gozar para mim então. — Diego riu, e seu dedão alcançou meu clitóris para

me ajudar a ser empurrada para o orgasmo construindo-se no meu interior.

Me agarrei nos seus ombros, ofegante e em desespero pela sensação do orgasmo me devorando quase por completo, os dedos de Diego na base das minhas costas se curvaram junto dos que ele empurrava com rapidez e força para dentro da minha boceta, me atingindo fundo. Meus quadris se movimentaram de volta, acompanhando de jeito desleixado as estocadas dos seus dedos.

— Diego, eu vou… vou gozar! — suspirei, erguendo minha cabeça e encontrando o olhar verde já fixo no meu, aquele olhar agora estava mais predatório do que nunca comigo em seus braços e gemendo seu nome em reação aos seus toques.

— Goze, vamos lá, goze sabendo que sou o único que vai te fazer gozar a partir de agora. — seu dedão esfregou meu clitóris mais rudemente e seus dedos me estocaram bem mais rápidos, e aquilo me levou ao limite, meu interior se apertou nos seus dedos e eu me contorci, cravando as unhas nos seus ombros e começando a gozar, a sensação pondo meu coração na boca junto dos gemidos que o beijo dele engoliu para si, como se quisesse se certificar de cada som durante meu orgasmo fosse somente seu. Todos para si.

Relaxei segundos depois, sem fôlego e de olhos fechados. Minhas pernas tremendo e prensadas contra a sua mão e seus dedos que continuaram dentro de mim sentindo cada espamo que meu corpo ainda entregava após o orgasmo.

— Feliz aniversário, docinho. — Diego desejou novamente contra a minha orelha, sorrindo sarcástico ao mordiscar o lóbulo da minha orelha.

Eu ri, ainda mergulhada nas sensações.

— Mais tarde lhe darei mais presentes. — contou, beijando e chupando meu lóbulo, reconstruindo os resquícios daquele orgasmo com isso.

— E o que seriam esses presentes?

— Mais orgasmos, é lógico. Se quiser...

— Eu quero! — beijei ele ciente que seria a última vez por boas horas, e ele me retribuiu com paixão e intensidade.



CAPÍTULO 14

“Vale qualquer-coisa."

Magnólia

No final de tudo, as pessoas, principalmente os homens, são muito decepcionantes. Eles te usam, dão a entender coisas, e no fim fazem com que você se arrependa. Essa é a razão para eu não dar segundas chances. Segundas chances são apenas uma nova oportunidade de você ser machucado e feito de trouxa pela mesma pessoa que lhe machucou e lhe fez de trouxa pela primeira vez. E eu não estou interessada nisso.

Existem exceções contadas a dedo para aqueles que brigo e resolvo, essas exceções são a minha família, e minhas melhores amigas estão incluídas nisso porque elas são minha família. Nascemos no mesmo ano e crescemos como irmãs, brigamos, choramos e sorrimos juntas desde bebês, e elas, meus tios e meus pais eram os únicos aos quais eu dou segundas chances.

Matthew tinha perdido a dele. Ele perdeu a sua família de sangue, foi adotado, e então perdeu a sua família adotiva logo depois. Ele perdeu todas as pessoas que considerou como família, ficando sozinho de novo.

Eu não dava a mínima para o fato de que eu estava considerando um novo relacionamento por mais difícil que pudesse ser dado às nossas personalidades conflitantes, eu não dava a mínima se meus pais fossem a favor ou não, eu não dava a mínima para os meus medos e as minhas inseguranças, ontem de noite no meu quarto com ele eu me dei conta de que estava disposta a passar por cima de qualquer empecilho para ficar com ele mesmo que não durasse uma semana. E ele me fez perceber que nada disso sequer passou pela sua cabeça. Desde o momento no banheiro até o momento no meu quarto e tudo que aconteceu, a conexão que pensei ter sido mútua, tudo não significou nada para ele além de diversão momentânea. Tudo não passou de sexo.

Eu quis confortar ele e mostrar que poderia me contar sobre o que escondia de todos, sobre a dor, sobre o lado feio da sua história e tudo que vivenciou, que eu o escutaria e estaria ali. Ele me afastou, deixou claro que não queria aquilo, foi uma decisão dele, e eu respeitei. E respeitar sua decisão era me afastar dele também, porque me fez perceber a burrada que estava cometendo por estar sentindo tantas coisas por outro homem que mal conhecia, por estar confiando no sexo masculino depois de ser sido traída por um.

— Vocês compraram o mercado todo ou o quê? — Indaguei aos meus tios e meus pais quando eles entraram no apartamento carregando várias bolsas.

— Eu bem que tentei. — Minha mãe debochou, revirei os olhos e ela riu empurrando minha cabeça.

— Isso é… — Eu murmurei em choque quando meu tio William tirou um jogo de panelas amarelas da sacola, abrindo-o.

— Lindo? Maravilhoso? Divino? — ele sugeriu, sorrindo.

— Brega e berrante, podem levar de volta quando forem embora. — constatei, e ele fez uma cara de desapontado para mim, mas riu.

— Foi a única que tinha, lamento, Mag, querida. — meu tio Thomaz beijou o topo da minha cabeça, seguindo com a tia Bianca para a pia onde espalharam todos os legumes que compraram separando em bacias que minha mãe foi tirando das suas bolsas.

— O que é tudo isso? — Lindsay apareceu, usando as roupas que trocou depois de se trancar no quarto com Lorenzo, que apareceu logo atrás dela também usando outras roupas.

Ninguém aqui sabia ser discreto.

— O mercado inteiro. — resmunguei, segurando a bacia com batatas e uma faca que minha mãe me entregou para que eu descascasse.

— Lorenzo, sabe descascar legumes? — Tia Michelle perguntou.

— Sim, senhora. — A resposta do loiro causou um coro de suspiros de admiração entre as três.

— Ele é mais educado que vocês três juntos. — Bianca bateu no peito do meu tio Thomaz, que riu.

— Quer que eu te chame de senhora? Eu posso fazer isso, minha senhora. — meu tio segurou a mão dela e beijando todo galanteador.

— Matthew sabe descascar também?— minha mãe perguntou, e eu virei meu rosto um pouco para o lado ao ver Matthew entrar na cozinha.

— Sim, senhora. — Mais um coro de suspiros de admiração.

Eu e Lindsay nos entreolhamos e eu suspirei, andando para o sofá e me sentando já começando a descascar as batatas.

— E Diego? Sabe descascar legumes também? — Escutei a tia Bianca perguntar quando Débora e Diego entraram na cozinha juntos.

— Sim, senhora. — Diego respondeu, e o mesmo coro se repetiu.

— Até parece que não escutam isso e coisas mais bregas ainda dos seus maridos. — Débora disparou para as três, e veio se sentar no sofá de frente para o meu sem nada nas mãos.

— É meu aniversário, não vou fazer nada. — Deb sorriu ao me ver arquear a sobrancelha para ela, e eu sorri pois eu não a faria fazer nada além de se divertir e comer hoje.

Era o seu aniversário. O dia era dela, todo dela. Ela podia fazer absolutamente tudo que quisesse, ou pedir qualquer coisa, que eu faria sem nem hesitar. Aniversários eram as datas mais importantes para mim, achava aniversários simplesmente fascinantes, passar pela exata hora, no

mesmo dia em que se tinha nascido era uma sensação doida e incrível. E eu adorava comemorar, dar presentes, fazer as coisas que a aniversariante gostava em excesso.

— Quer alguma coisa? Sabe que farei. — falei para Deb.

Ela sorriu toda boba, era sempre assim, no seu aniversário e no de Lin e qualquer um da família eu cedia para conceder um desejo, já que normalmente eu nunca cedia e em aniversários eu simplesmente não conseguia dizer *não*. O que para todos da família era um prato cheio, porque eles sempre usavam contra todos os meus princípios e regras, na maioria das vezes eles usavam para me perguntar coisas minhas nada relacionadas ao seus aniversários só para que eu falasse de tudo que me recusava a desabafar.

— Ainda não sei o que eu quero esse ano, ainda estou pensando. — Débora respondeu, suspirando e pondo a mão no queixo.

Assim que ela o fez, notei o anel dourado com uma pedra verde no seu dedo. Era pequeno e delicado, mas notável e lindo. Especialmente por Deb raramente usar qualquer tipo de acessório. Ficou claro que esse era o presente que Diego comprou para ela, e ficou ainda mais claro que mesmo que ela não admitisse, ela estava sentindo algo por ele para aceitar a joia e usar. Ela não o faria se não sentisse, nunca fez por ninguém antes. Eu me senti feliz por ela, só esperava que Diego não a decepcionasse, felizmente Débora era esperta e caso ele o fizesse, ela saberia como se defender e até o machucar de volta se fosse preciso.

Contive um sorriso de alegria, e decidi provocá-la sobre isso mais tarde, amanhã de manhã quando fôssemos só eu, ela e Lindsay em uma das cafeterias que Lin queria mostrar para nós duas.

— Só lembre que só é válido até onze e cinquenta e nove, depois disso não é mais válido. — apontei na direção dela a faca que estava usando para descascar as batatas.

— Eu sei, eu sei. — ela sacudiu a mão no ar e suspirou ainda pensativa.

— Deb ainda não usou o vale *qualquer-coisa* de presente da Mag? Eu posso sugerir algumas coisas! — meu pai exclamou da cozinha.

Olhei para lá e vi ele com as mangas arregaçadas enquanto estava sentado em um dos bancos da bancada, descascando inhame. Tio Thomaz estava cortando a carne, e tio William preparando o tempero na panela. Já a minha mãe sentava em um dos outros bancos descascando batata doce, a tia Michelle de pé já cortava as folhas de agrião e a tia Bianca lavava o arroz.

— Vale *qualquer-coisa*? — Diego questionou, se sentando ao lado de Débora.

Matthew passou na minha frente e se sentou ao meu lado. Eu tornei a olhar para as batatas e continuei descascando elas.

— Exato! Sempre que é aniversário de alguém a Mag dá o seu vale *qualquer-coisa* para o aniversariante como presente. — meu pai falou, rindo.

— Que consiste em: ela faz ou responde qualquer coisa que o aniversariante pedir sem rebater… — minha mãe continuou.

— Sem reclamar… — Tio William continuou.

— Sem criticar… — Tia Michelle continuou os comentários maldosos da família que adoravam esse meu "vale *qualquer-coisa*" como os mesmos titularam.

— Ela só faz, ou responde, na hora! — Tia Bianca exclamou, mexendo uma colher de pau na panela do arroz, ainda usando seus saltinhos pela cozinha.

— É sério? — Lorenzo riu, sentando no sofá junto de Lin, ambos dividindo alguns dos vários legumes. A loira sentou no braço do sofá perto do loiro, de Diego e Deb do outro lado.

— Vocês usam eles muito mal, estou pensando seriamente em parar. — ameacei, levantando do sofá para jogar as cascas das batatas fora.

— *Não!!!!!* — todos eles exclamaram ao mesmo tempo.

— Ei, não pode fazer isso no meu aniversário!!! — Débora reclamou do sofá.

— Humpf. — Bufei, jogando as cascas na lixeira e retornando para o sofá, me sentando.

A campainha tocou duas vezes. Meu pai largou a bacia e foi para a porta enquanto limpava a mão em um pano de prato.

— Se for quem eu estou pensando… — Deb começou em tom de ameaça.

A porta se abriu e Pablo apareceu, usando uma blusa roxa e uma calça de moletom preto.

— Eu vou matar esse gêmeo fofoqueiro e é agora. — apontei a minha faca na direção de Pablo que entrou sorrindo e grudado no meu pai, o parabenizando novamente.

— Você não ousaria.

— Ela ousaria, e eu ajudaria, para você aprender a manter essa boca fechada! — Deb arremessou um travesseiro nele com toda a sua força, Pablo previu que ela o faria e recuou, agarrando o travesseiro com uma mão e rindo.

— Foi mal, maninha, mas se eu não contasse sobre seu namorado secreto a mamãe nunca teria um neto. — Ele sorriu e jogou a almofada na direção dela.

— Neto uma ova. — ela retrucou, abraçando a almofada e bufando.

— Olha só, voar ferrou minha vista ou eu realmente estou vendo essas versões masculinas delas? — Pablo murmurou, olhando do trio no sofá para as meninas e eu.

— Doidera, né? — Minha mãe comentou.

— Eles combinam em casal, literalmente. — Eu e as meninas reviramos os olhos da piada sem graça dele, enquanto os demais deram risada.

— Ok, deixa eu falar com a segunda aniversariante. — Pablo diz sorrindo.

Vejo a cópia masculina da tia Bianca andar pelo apartamento em direção a Débora que levantou para que ele a abraçasse até ela sufocar e chutar as pernas dele para que a soltasse.

— Vou adivinhar, ninguém fala. — Pablo zombou. — Esse é o namorado da Deb. — Apontou para Diego, que riu levantando do sofá e trocando um aperto de mão, parabenizando o gêmeo.

— Esse é o da Lin, óbvio. — Pablo sacudiu a cabeça, beijando a testa da Lin e trocando um aperto com Lorenzo que também desejou feliz aniversário para ela.

— E esse é o namorado o da Magnólia. — Pablo foi na direção de Matthew.

— Não tem namorado nenhum. — respondi, cortando as batatas da bancada da pia.

— Estranho seria se você admitisse que tem. — Pablo debochou, andando na minha direção. — E o meu feliz aniversário, onde fica? — perguntou parando na minha frente.

Eu levantei mais o queixo para encarar os olhos castanhos dele, os mesmos do tio Thomaz, mas que eram cheios da euforia da tia Bianca. Ele tinha saído com os cabelos castanhos e a personalidade da tia Bianca e somente os olhos e a altura do tio Thomaz.

— Escuta aqui, eu vou enfiar esse feliz aniversário no mesmo lugar que essa faca por ter ido fofocar para esses urubus. — Gesticulei a nossa família, que riu pois nem o pior dos insultos poderiam de fato insultá-los.

— Vai enfiar uma ova. — retrucou, e eu avancei a faca que estava usando para cortar as batatas na direção dele.

— *Olha o dia 12!!!* — ele exclamou, recuando, e a menção dessa data me faz parar. Era sempre assim, ele me ameaçando quando eu tentava matar ele por me irritar.

— Que saco. — esbravejei, abaixando a faca e bufando.

— Eu tenho um ódio do Pablo, ele fica usando essa data contra a Mag e até hoje eu não descobri o que é para usar também. — Minha mãe chiou irritadíssima, como ficava sempre que eu cedia quando Pablo tocava na data.

Dia 12 de março, fase da adolescência ainda, em que todos nós cometemos dúzias de burradas e fizemos dezenas de bobagens, especialmente ao descobrir mais sobre si mesma e as mudanças no corpo.

Esse dia foi quando eu estava sozinha em casa pois todos tinham saído para comer fora. Eu estava excitada pra caralho e decidi me masturbar onde estava mesmo, no sofá na sala da casa de praia. Pablo, que eu até então não sabia que estava na praia, apareceu na sala bem quando eu estava quase gozando, o desgraçado ficou ameaçando contar o que eu estava fazendo para o restante da família pois era uma peste desde pequeno e eu sempre odiei falar sobre qualquer coisa, quem dirá ser exposta daquela maneira, o que na época seria uma sentença de morte para uma adolescente. O meu eu de agora sabe que a atitude foi totalmente insana, mas como uma adolescente, não pareceu tão absurdo assim. Agora é, eu morro de vergonha por lembrar, e Pablo morre de rir ao relembrar.

Os anos passaram e ele continuou mencionando a data para me irritar e me contradizer em momentos como esse. Ele sabia que era infantil da sua parte, eu sabia disso, mas ele não ligava, para ele me desmoralizar e impedir minhas recusas para coisas que ele queria muito que eu fosse a favor, suas ameaças eram sempre por pedidos banais para a minha sorte, quando eu me recusava a assistir um filme, a escutar ele falando dos lugares que esteve por ser um piloto, ou a abraçar ele, como agora.

— E nunca vai, tia. — ele piscou para ela, e abriu mais os braços, ainda esperando por meu abraço. Acho que eu não via ele tinha uns bons meses. — Anda, Mag, ou vou ter que apelar e falar sobre o dia...

— Ai, ta, ta, cala essa boca! — tapei a boca dele antes de o abraçar. Pablo conseguia ser o mais irritante de toda a família quando queria. Eu bufei, abraçando ele e desejando feliz aniversário na sua orelha, cedendo e sorrindo quando ele agradeceu contente e me apertou com força.

— Agora saí, e isso é por ser um fofoqueiro dos infernos! — Chutei o joelho dele que

resmungou, se afastando de mim para esfregar o joelho.

— Sua bruta, sempre tentando matar os outros, coitado do seu namorado.

— Não tem namorado nenhum. — repeti, entregando a bacia com as batatas cortadas para tia Bianca que era quem estava no controle de cozinhar tudo.

Sentei no canto do sofá enquanto Diego, Lin e Lorenzo levavam suas bacias para entregar a minha tia. Deb me encarava daquele jeito que dizia: *sei que está escondendo algo*, e eu olhei para o anel dela e ergui a sobrancelha mostrando que ela também estava escondendo algo.

— Maninha, meu presente. — Pablo trouxe algo que tinha deixado na entrada do apartamento.

— Pensei que iria ser entregue por algum entregador, não por você. — Deb fez uma careta.

Apesar disso, ela sorriu sutilmente, sem graça, algo que sempre fazia quando recebia um presente. Fosse uma flor ou uma pedra ela ficava sem graça porque não sabia como reagir a presentes. Eu achava isso fofo, e nunca admitiria, especialmente porque ela me esganaria, mas achava fofo e sempre acharia pois por mais que ela soubesse que receberia algo, era como se ao mesmo tempo fosse pega de surpresa. Adorável.

— Iria, mas eu mudei de ideia já que toda a família veio conhecer o felizardo. — Pablo deu de ombros, e apontou o queixo para Diego que riu.

Deb abriu o presente que eram camisas de coleções especiais de alguns animes que Deb assistiu dos lugares que ele foi por causa do trabalho, as "vantagens de ser piloto" como o próprio adorava se gabar.

Débora abraçou o irmão pela segunda vez e agradeceu baixinho, levando o presente para seu quarto.

— Mag, tenho várias opções muito interessantes para o meu vale. — Pablo comentou, cruzando braços e recostando mais no sofá enquanto me encarava sorrindo.

— É melhor escolher logo uma, porque o seu aniversário não vai durar para sempre. — o aconselhei.

Matthew, que estava na cozinha ajudando em alguma coisa junto dos outros, se sentou no sofá bem ao meu lado. Tentei me manter parada, com minha família por perto seria pior reagir e seria também o fim do mundo se me afastasse mesmo que um centímetro. A pior parte é que eu queria me afastar dele justamente por querer *me aproximar mais.*

— Sempre tão mandona. — Pablo sorriu, e encarou Matthew. — Ela fica dando ordens para você também? — o gêmeo perguntou a ele, apontando o dedo na minha direção.

— Ela é filha da Lídia, é lógico que fica. — tia Michelle falou da cozinha, e vi minha mãe arremessar uma tampinha de garrafa na direção dela, a tampinha voo e acertou a tia Bianca no fogão.

— Quem foi? — A tia Bianca perguntou, pegando a tampinha do chão e esfregando as costas.

— Lídia.

— Michelle.

Ambas apontaram uma para outra, e eu balancei a cabeça, desviando minha atenção da guerra que começou entre as três.

— O tempo todo. — Matthew murmurou para Pablo que deu risada.

— O negócio é você descobrir um podre dela, que nem eu, ou acusar ela de algo. A Mag tem mania de tentar matar os outros.

Todos começaram a rir e eu revirei os olhos, cruzando braços e as pernas.

— E lá vai você desenterrando assuntos de séculos atrás — Bufei.

— Você me atropelou no meu próprio aniversário, como espera que eu esqueça uma coisa dessas? — Pablo franziu a testa e todos gargalharam novamente.

Éramos crianças, mas é claro que Pablo não esqueceria disso. A memória dele conseguia ser um absurdo de tão perfeita, ele nunca se esquecia de nada, lembrava de cada mínimo detalhe. E a verdade é que o meu vale *qualquer-coisa* começou por causa dele, no seu aniversário de cinco anos. Estávamos no jardim brincando naqueles carrinhos, ele estava me irritando como sempre, disse que não queria brincar mais e saiu andando, e eu atropelei ele com o carrinho, foi um acidente porque ele desceu do carrinho dele bem na hora em que eu avançava com o meu.

Acontece que Pablo não me perdoou, ele chorou tanto, mas tanto, que eu não sabia mais o que fazer para calar a boca dele, e no meu desespero e no choro estrudencedor dele, eu criei o vale *qualquer-coisa* e disse que se ele parasse de chorar eu faria qualquer coisa para ele, uma única coisa. Ele parou de chorar na mesma hora que prometi fazer qualquer coisa e exigiu que eu ficasse de mãos dadas com ele pelo restante do seu aniversário, e as meninas que eram ciumentas ficaram magoadas por causa disso e o meu vale que tinha sido uma tentativa de acalmar o gêmeo se tornou em uma espécie de tradição da minha parte para todos da família.

— É de família. Lídia tenta me matar todo dia. — Tia Michelle falou.

— Porque você é uma chata. — minha mãe rebateu.

— E você uma louca varrida. — As duas tornaram a retrucar.

— Acho que ela teria atropelado Matthew se tivesse tido a chance. — Diego comentou, e as meninas concordaram, rindo.

— Teria mesmo. — resmunguei, e senti a perna de Matthew encostando na minha como um leve cutucar, e eu quase chutei a perna dele para longe.

— Ela não é burra, eu iria dar parte dela na delegacia e isso mancharia a ficha dela, e ela prefere a morte do que isso. — Matthew respondeu rindo.

— Verdade. — Meu pai falou da cozinha, bebendo uma garrafa de cerveja e sentado em um dos bancos da bancada.

— Mas vocês acham mesmo que se ela atropelasse alguém a pessoa sobreviveria? — Tio Thomaz questionou, provando o caldo da carne ensopada que tia Bianca cozinhava.

— Obrigado, tio. — Murmuro, e levanto para fugir do contato com a perna de Matthew, abrindo o freezer para pegar uma das bebidas.

— Pega uma para mim, Mag, por favor! — Deb exclamou.

— Para mim também! — Pablo exclamou em seguida.

— O que foi isso?

Minha mãe fingiu estar pegando algo dentro do freezer para cochichar na minha orelha, se aproveitando do fato de que não tinha como eles na sala verem nada por causa da porta do freezer aberta.

— Isso o quê? — cochicho de volta.

— Você estava diferente quando voltamos. E nem está olhando para o Matthew. O que aconteceu? — manteve seu tom baixo, enquanto tirava garrafas de bebida e colocava na bancada para todos.

— Vocês perguntando da vida dele não é o bastante? — Pergunto de volta, para fugir da resposta.

— Eu sei muito bem que não foi isso, você estava de mãos dadas e tudo com ele naquela hora.

— Aquela hora foi ele contando sobre algo nada fácil de se contar e eu sendo solidária. E só para refrescar a sua memória, nós não somos namorados, e não vamos ser. — sussurrei, fechando a porta do freezer e andando de volta para a sala, distribuindo as bebidas.

Me sentei ao lado de Pablo como forma de fugir do contato físico com Matthew, e o gêmeo sorriu quando o fiz.

— Não pense que me bajular vai fazer com eu pegue leve no meu vale *qualquer-coisa.* — me alertou ao enlaçar o braço ao redor dos meus ombros.

— Saiba que tudo tem limites, e o vale também. — Alertei de volta, dando um gole de uma das bebidas extremamente doces e alcoólicas da Deb, culpando minha mãe por me fazer pegar a bebida errada.

— Acho que meus possíveis pedidos estão dentro dos limites. — Ele me respondeu, apertando meu ombro brevemente para me puxar para mais perto de si.

— Acho bom. — retruquei, bebendo outro gole da garrafa e olhando para Lin e Lorenzo sentados no sofá com Matthew.

— Não quer mesmo beber, Lin? — Perguntei, suavizando a minha voz.

— Não, prefiro ficar sóbria. — Ela brincou, sorrindo para mim. Eu sorri, balançando minha cabeça.

Lin nunca bebia, nunca gostou de beber qualquer coisa que tivesse muito álcool, diferente da tia Michelle e do tio William e todo o restante da família para ser sincera. Ela era sempre a sóbria em todos os momentos e que ficava tentando impedir os bêbados de cometerem loucuras.

— Lin só fica bêbada de chá. — Deb comentou divertida.

— Se vocês experimentassem me entenderiam. — A loira respondeu em um comprimir de lábios.

Notei Lorenzo olhando a boca dela antes de desviar e dar um gole na sua bebida, o loiro apesar de se manter perto dela tinha as mãos longe, para mim era óbvio que ele estava se controlando por causa do tio William, respeitando o fato de que ele não parecia o aprovar totalmente por causa da cena do elevador.

— Precisam de ajuda em mais alguma coisa? — Perguntei para os seis na cozinha.

— Se tirar a Bianca do fogão for uma opção de ajuda...— Meu pai apontou para a tia Bianca mexendo nas panelas.

— Ela não vai sair daí nunca mais. — Pablo falou.

— Não vai mesmo não. — Deb concordou.

— E por que eu sairia? Vocês são péssimos cozinhando. — Tia Bianca responde e aquilo inicia uma nova discussão entre eles seis de ego facilmente ofendido.

— Tá vendo o que você fez? — virei meu rosto para encarar Pablo, e apontei com a boca da minha garrafa para o caos na cozinha.

— Eu não sei do que você está falando

— Fez uma careta.

Eu revirei os olhos e virei o rosto para longe dele, foi quando não consegui mais ignorar aquela ira me perfurando desde que sentei no sofá oposto, e permiti o meu olhar ser puxado feito um imã para o de Matthew. O olhar de cobre dele não estava no meu rosto, e sim no braço de Pablo ao meu redor.

No instante em que meu olhar se fixou no rosto dele, ele ergueu o olhar e me encarou, as sobrancelhas se franzindo em um claro questionamento sobre a proximidade entre Pablo e eu. Matthew exalava ira, isso já fazia parte dele, só que agora eu pude ver que estava incomodado demais.

— Meu vale *qualquer-coisa.* — Débora murmurou de repente, atraindo não apenas a minha atenção, mas a de todos, eu sorri para ela feliz que tinha se decidido.

— Sim? Se decidiu? No último minuto do segundo tempo. — Zombei, me inclinando para escutar o pedido dela.

Débora se levantou e agarrou meu pulso, sua garrafa de bebida foi parar nas mãos de Diego e quando vi ela me arrastava pelo corredor para longe de todos e se trancava comigo no meu seu quarto. Não me surpreende, nenhum deles nunca falava sobre o que queriam como vale presente, especialmente porque na maioria das vezes eles usavam isso para me perguntar algo pessoal, ou para me coagir a passar o dia de mãos dadas como Pablo fez nos últimos anos e quase causou a nossa morte várias vezes durante o dia.

— Eu vi o que está acontecendo na sala, e principalmente, entre Matthew e você. — Ela falou assim que trancou a porta.

— Pensei que estava prestes a me contar o que queria como presente.

— E sei também que Matthew não é do tipo que se controla, assim como você. E ele vai explodir se continuar grudada no Pablo desse jeito, quer esteja fazendo isso de propósito ou não, está deixando ele com ciúmes e não quero ver uma briga em pleno aniversário, e pior, com a nossa família por perto. — Ela continuou ignorando totalmente o que tinha falado.

— Se ele está incomodado, o problema é dele, não temos nada. — respondo irritada com esse assunto.

— Sei que ele deve ter dito algo para você se afastar, e eu sei o que acontece quando se afasta de alguém, você simplesmente não volta, não importa o quanto isso te machuque. — Ela

prosseguiu, e suspirou.

— Então assunto encerrado.

— Meu vale *qualquer-coisa.* — pigarreou.

— Sim, o que tem ele? — sorri contente por ela mudar de assunto mesmo que tenha sido subitamente.

— É assim que estou usando ele. Dê uma segunda chance para o Matthew. — meu sorriso some no instante em que escuto seu pedido.

Recuei, franzindo a testa na hora.

— I-isso não faz parte do vale. — refutei, balançando a cabeça para ela.

— Vale *qualquer-coisa*. — ela mencionou.

— É o meu vale, vai voltar com sua palavra no meu aniversário? — cruzou braços.

— E por que você está pedindo isso? De todas as coisas essa… essa não… — mexi a cabeça sem conseguir arrumar um argumento bom o suficiente.

— Porque você vai se arrepender disso no futuro, Mag. Eu sei que é muito cedo, mas agora sei também que isso é só um detalhe para os sentimentos verdadeiros. — respondeu baixinho, mesmo que estivéssemos só nós duas no quarto.

— Não vou me arrepender.

— Você vai sim. E eu não vou ficar aqui discutindo isso. É isso o que eu quero como meu vale *qualquer-coisa*, quero que você dê uma segunda chance para o Matthew, e consequentemente seus sentimentos também. — dito isso, ela se virou e saiu do quarto.

Segunda chance? Essa ideia nunca se passa na minha cabeça, sempre a recuso de imediato. *Não. Não. E não.*

Entretanto, agora que preciso recusar as palavras simplesmente não saem, não consigo dizer o maldito não. E eu começava a me preocupar com a resposta, porque tudo indicava que *eu queria dar uma segunda chance para ele.*

CAPÍTULO 15

“As coisas que vocês fazem."

Diego

Débora usando o anel simplesmente tinha se tornado minha segunda obsessão. Ela era a primeira.

Não acho que conseguiria esconder a felicidade que eu estava sentindo por ela ter aceitado o anel, mesmo que não significasse nada, mesmo que fosse só um presente. O fato dela ter aceitado e ainda me deixar colocá-lo nela, fez de mim feliz como nunca me senti antes em relação a uma mulher.

A voz do pai de Débora soou baixa no meu quarto pouco depois que entrei para guardar meu celular que estava vibrando com mensagens dos meus irmãos junto de fotos minhas em uma joalheria comprando o anel.

— Napier.

É o que Thomaz diz, e eu já esperava o momento em que diria, ele havia me reconhecido como filho de Alexandre Napier no instante em que me viu. E não era difícil *não* ligar os pontos, com algumas pesquisas eu seria visto em algumas das fotos antigas com meu pai e irmãos, desde pequeno para as últimas antes que eu abandonasse a casa e tudo. E não era difícil também descobrir algumas coisas básicas da minha família, sempre houveram muitas especulações, muitos rumores e algumas confirmações.

— Diego Napier. — Ele murmurou, encostando a porta do quarto até a fechar.

— Sim, senhor. — murmurei, porque eu não queria que Débora soubesse disso, não agora, não no aniversário dela. Não queria estragar o dia dela, mas sabia que o pai dela não ignoraria o fato da minha família se eu estava com a sua filha.

— Conheci você quando era criança, não acho que lembre, mas eu lembro. Você estava sentado no sofá da sala de reuniões, observando tudo calado, uma criança daquelas sendo obrigada a agir como um adulto. — menciona com desgostoso quando termina de falar, dando alguns passos no cômodo e mantendo as mãos nos bolsos da calça social. — A Napier era o império de todo o mundo das joias naquela época. Agora as coisas mudaram um pouco, apesar dela continuar sendo importante no mercado...

— A Napier não me interessa. — O interrompi, mantendo-me parado no meio do cômodo.

Thomaz ergueu a sobrancelha e parou de andar a alguns passos de distância.

— Falaremos da sua família então. Seu pai é um exemplo nos negócios, mas como pessoa e nas relações ele é uma péssima pessoa, você sendo arrastado quando era só uma criança já é um grande motivo. Porém eu tive o infeliz desprazer de presenciar isso tanto da parte do seu pai quanto do seu avô, que conheci através do meu pai.

— O fato dele ser meu pai não implica mais em quem eu sou, e eu quero distância dele e do tipo de pessoa que ele é, e a que meu avô foi. — respondo.

— Você conviveu com eles tempo suficiente para aprender muitas coisas, especialmente sobre como tratar as mulheres. E eu sei bem a forma como os homens na sua família as tratam, eu sei as coisas que vocês *fazem.* — Thomaz franziu cenho para mim, como se o fato de ser filho e neto de quem sou bastasse. E bastava para muita gente. Já pensei assim de mim mesmo também.

A menção das esposas dos Napier era algo que presumi que o pai de Débora mencionaria. Era o assunto mais comentado por terceiros, no quão excepcionais as mulheres que se tornaram uma Napier eram, mas que o custo por serem quem são e a vida que viviam era, como por exemplo: a dominância e controle excessivo dos maridos.

— Não me compare com nenhum deles. Eu nunca trataria e nem traterei Débora como meu pai tratou minha mãe, como o meu avô tratou a minha avó e meus irmãos tratam suas esposas. — me defendo, mantendo minha voz o mais baixo possível.

A hipótese de tentar mandar, de sequer tratar Débora nem que por um segundo como eu via os homens da minha família tratando suas companheiras me deixava enojado. Eu preferia a morte do que a tratar como se fosse só uma aquisição. Tratar a minha futura esposa de qualquer maneira que não fosse a mais sublime e respeitosa de todas estava definitivamente fora de cogitação.

— Tenho motivos suficientes para não acreditar em você, e se eu fizer algumas pesquisas, acho que encontro muitos outros. E acho difícil ser só boatos. — Thomaz sugeriu, mexendo a cabeça em uma insinuação das coisas que poderia encontrar sobre mim.

— O senhor vai encontrar exatamente o que vou dizer: Larguei a família faz anos, e nunca mais voltei. — respondo logo em seguida.

— Nenhum Napier foi confiável quando se tratava de mulheres, todos as usaram como propriedade ou troféus, e eu não vou dar tempo para que o mesmo aconteça com a minha filha. Por isso, seja lá o que estiverem tendo, não vai durar muito. — Thomaz prometeu por fim, assumindo uma postura que vi muitas vezes no meu pai, acho que na verdade a única que via no meu pai, a que estava impregnada nele, a postura de poder de um homem rodeado pelo mundo dos negócios.

Acho que no fim, eu nunca vi nada além dessa postura no meu pai. Nunca vi ele sorrir ou rir sem que fosse programado, nunca vi a face do magnata das joias sair da forma na qual foi lapidada, impenetrável, indestrutível e invejável para aqueles que não viam as duas faces daquela joia.

— O senhor está certo, todos os homens da família Napier foram controladas, abusivos,

manipuladores e verdadeiros crápulas, não apenas com suas esposas, mas com todos a sua volta, as mulheres principalmente, e eu cresci vendo isso, cresci sendo ensinado a fazer o mesmo. — concordo algumas vezes.

— Eles controlavam tudo. Estavam sempre manipulando as pessoas ao seu redor e usando seu poder para mandar naquelas que se opuseram. Eu cresci vendo meu pai fazer o que queria da minha mãe, e meu avô fazendo o que queria da minha avó, e então meus irmãos com suas namoradas. Eu cresci vendo eles dominarem absolutamente tudo, e essas são lembranças que eu nunca vou conseguir esquecer. — prendo os dedos das mãos dentro dos bolsos da minha calça.

Falar é lembrar. É uma ação automática. É praticamente impossível falar sobre algo sem se lembrar das coisas que rodeiam esse algo, sem reviver essas memórias em cada palavra que é dita sobre esse algo. E lembrar de toda a infância e adolescência como um Napier sempre seria um inferno, ainda mais agora que eu tinha ciência de como tudo dentro daquela prisão sanguínea era, e quanto mais eu pensava mais erros eu notava, e mais ódio e repulsa eu sentia por cada um deles.

— Porém, o quê a minha família fez não é uma premonição de quem serei e do que farei. Eu escolhi ir embora porque não queria ser como eles, e me privei de ter qualquer relação porque temia que acabaria agindo como eles, como a criação que me deram. — Eu respiro bem fundo e olho para a porta fechada por um momento, antes de olhar de volta para Thomaz. — Só que não posso negar o que estou sentindo pela Débora, nem o quanto quero que dê certo, e nem o quão disposto eu estou para que dê certo, porque eu estou disposto a fazer de tudo por ela. E se ela me der essa chance, é o que eu farei.

— Acha que ela vai aceitar ficar ao lado de você quando descobrir quem você é? — Thomaz sacudiu a cabeça.

— Diego não é o pai, ou o avô, ou seus irmãos e sei lá mais quem da sua família. Ele estar aqui longe deles já prova muita coisa para mim, pai. — a porta se abriu e Débora entrou.

E eu não estava tão surpreso assim, Débora é esperta e observadora, o tanto quanto eu. E mesmo que ela estivesse no quarto com Magnólia eu sabia que notaria e estranharia minha ausência e a do seu pai no momento em que voltasse para a sala, e saberia a razão no mesmo instante, e não era do feitio da mesma sentar e esperar.

— Filha...

— Eu sei que o senhor se preocupa comigo. Sei que só quer me ver bem. Mas não pode presumir minhas atitudes e pensamentos com base nos seus, posso ter saído sua cópia, mas não seu clone. — Ela debochou, franzindo o cenho por um momento e andando na minha direção, parando do meu lado. — Se eu vou aceitar ou não, só eu posso dizer. E eu aceito. Aceito dar uma chance para Diego porque todos merecem chances, e porque acredito no que ele diz sentir, e no que eu estou começando a sentir.

Um sorriso surge no rosto dela ao olhar para o pai, e eu preciso focar na minha respiração para não perder o restante do ar que me restava, já que parte eu tinha perdido assim que ela entrou no cômodo. Não me cansaria de constatar como ela me faz perder o fôlego quando a vejo, nem do quão linda Débora é, ou do quão lindo seu sorriso verdadeiro conseguia ser. Do quão precioso é.

— Ele merece uma chance, como todo mundo. Não pode julgá-lo sem nem o conhecer devidamente primeiro, o histórico familiar dele não diz tudo, até porque se fosse o caso, eu estaria roubando o noivo de outra, como mamãe fez com o senhor. — Ela riu e Thomaz gargalhou, tossindo algumas vezes para se conter.

— Não foi bem assim. — ele resmungou, mas riu.

— Foi assim, sim. Eu li as notícias e tio William sempre mostra essa filmagem quanto tem a chance. — Débora revirou os olhos, ainda sorrindo.

Thomaz respirou fundo e olhou para nós dois, e concordou, decidido.

— É a sua vida. O que me resta é só tentar protegê-la e intimidar seu namorado, é seu primeiro relacionamento oficial, dá um desconto. — os dois reviraram os olhos juntos, sorrindo.

— Não estamos namorando ainda. — Débora lembrou, um tom de diversão.

— Ainda. — Thomaz repetiu.

— Ah, e você demorou muito para entrar. — seu comentário debochado para a filha me fez rir.

Ele me encarou, menos desconfiado do que antes, assentiu uma última vez e saiu do quarto fechando a porta.

— Não estamos namorando ainda. — Sou eu quem repito, encarando ela, em um sorriso maldoso. — Bom saber. — declaro, agarrando a sua cintura e pressionando sua bochecha contra a palma da minha mão antes de me curvar na sua altura e reivindicar seus lábios.

— Não fique se achando tanto, eu posso mudar de ideia a qualquer momento. — O canto da boca de Débora subiu um pouco em um sorriso de provocação quando afastou os lábios dos meus.

— Tenho meus meios de lhe fazer continuar comigo. — respondo contra os seus lábios.

— Ah, e quais seriam? — ela recuou o suficiente para estar de queixo erguido e me encarando, aqueles olhos de jade se fixando nos meus.

— Ficar de joelhos de para você. — sussurrei na sua orelha.

— Foi o nosso acordo, né? — ela deu risada.

— Aquela noite não valeu mesmo. — concordou comigo, se afastando totalmente. Eu afrouxei o aperto na sua cintura e abandonei a mão na sua bochecha e a de si.

— Falei com a Mag. Foi um golpe baixo usar meu vale *qualquer-coisa* com o Matthew, e estou triste com isso, mas sei que era a única forma deles dois se acertarem e manter meu irmão vivo. — Ela cruzou os braços e suspirou.

Eu tinha perguntado para Débora na sala se ela ficaria triste se o irmão dela ficasse muito machucado, porque Matthew não iria suportar muito tempo dele e da Magnólia abraçados, mesmo ciente de que não tinha direito nenhum de ter uma crise de ciúmes. E Débora disse que sim, então sugeri que usasse seu vale de aniversário para impedir essa tragédia. Infelizmente, apesar de querer ajudar, eu sabia que não foi assim que ela planejou usar esse vale.

— Menos mal. Matthew é uma pessoa ciumenta, justamente por nunca ter tido muitas pessoas ao seu redor, quem dirá por causa de uma garota. E ele vai precisar aprender a lidar com

isso. — me reaproximo de Débora que está levemente emburrada pelo vale perdido.

— Você também. — pontuou, apontando o dedo indicador na altura do meu queixo. Eu sorri antes de tentar morder a ponta do dedo dela que rapidamente o afastou, fazendo-me rir.

— Eu? — pergunto.

— É. Agora é bem óbvio porque tirou Matthew de perto de mim naquela festa, vocês dois precisam de aulas para controlar o ciúmes. — ela enlaçou meus ombros, suas unhas roçando da minha até a parte de trás do meu cabelo. Um arrepio desceu pela minha espinha e subiu pela minha cabeça, me fazendo fechar os olhos e estremecer só nesse seu pequeno toque.

— Você estava flertando com ele. — Resmunguei.

— Estava mesmo. — levanto a sobrancelha para a afirmação rápida que me ofereceu.

— E esperava que eu ficasse só assistindo? Não sou do tipo que assiste a minha garota flertando com outro cara.

— Eu não era sua garota, e ainda não sou. — respondeu, fazendo um breve bico com os lábios.

— Era sim, desde que entrei aqui. Ainda é, e sempre será. — Determinei, beijando a bochecha dela.

— Veremos. — Sussurrou ela em desafio, e eu apenas sorri de volta, a conduzindo para fora do quarto.

— Filha, prova aqui. Você também, filho. — Bianca chamou Débora e Pablo assim que eu e ela retornamos para a sala onde todos continuavam a beber e a conversar.

Matthew estava sentado e encostado no braço do sofá junto de Lorenzo, e Magnólia estava com Lindsay no outro. Ela parecia menos zangada, assim como Matthew, mas nenhum dos dois tinham conversado ainda, e eu sabia que só iriam quando a família das três fosse embora.

Seria um longo dia.



Débora tinha tirado todo o meu ar e concentração coerente no instante em que apareceu arrumada, usando aquele vestido preto curto e cheio de camadas que deixava as pernas expostas e parte das coxas grossas, enquanto a parte de cima escondia seus braços e seios e envolvia seu pescoço em uma gola, deixando muito pouco para minha imaginação que focou nas pernas dela e comigo me enfiando debaixo da barra daquele vestido. Bonita e perigosamente irresistível, era o que melhor descrevia Débora.

Lídia decretou que tiraríamos as fotos no bolo. Thomaz e Bianca fotografaram com Débora, depois com Pablo e em seguida com os dois juntos. E a sequência se repetiu com todos, até que por fim, depois de Matthew e Lorenzo, eu fui ao encontro dos dois aniversariantes. Magnólia fotografou nós três para então Bianca puxar o filho para que eu e Débora tivéssemos uma foto só nossa. E a ideia foi perfeita para mim.

Enlacei o quadril de Débora que revirou os olhos para o coro de suposições da sua família e dos nossos amigos. Sorri para ela, beijando sua bochecha e enlaçando minha mão na sua para a foto.

Magnólia, que parecia obcecada pelo ângulo perfeito, nos liberou somente depois de mais algumas fotos minha e de Débora juntos, e então Lídia anunciou que era hora do parabéns.

— Não quero cantoria. — Débora resmungou quando ela e o irmão colocaram cada um o número da vela no topo do bolo.

— Mas eu quero! — Pablo retrucou, o que fez ela bufar.

Thomaz apagou as luzes na sala e da cozinha, e assim que os gêmeos acenderam as velas, começamos a cantar parabéns. Débora parecia estar na linha entre amor e ódio pelos números no bolo e o fato de estar batendo palmas pelo aniversário, mas sua expressão de irritação logo desapareceu no início da cantoria e ela sorria feito uma criança quando ela e o irmão assopraram juntos a vela.

— O meu primeiro pedaço vai para esse chato que eu precisei aturar desde a barriga. — Débora disse quando cortou o seu primeiro pedaço e entregou para o irmão.

— E o meu vai para essa viciada em doces que eu chamo de irmã nas horas vagas. — Pablo respondeu, também estendendo a primeira fatia de bolo que cortou para a irmã, ambos se abraçando sem nenhum dos retruques e implicâncias que assistimos durante o dia todo.

Não demorou para os dois terminarem de distribuir as fatias de bolo e os pais das três, junto de Pablo, anunciarem que estavam indo embora. Apesar das filhas fingirem comemorarem, era só uma mania de provocar os pais, pois observei elas irem se despedir e não pude conter a pontada de inveja que senti ao ver eles se abraçando e na forma carinhosa na qual tanto as mães delas quanto os pais as tratavam. Eu não tive nada disso.

Meu pai me ensinou que sentimentos assim eram uma fraqueza, mas eu não teria me importado de ser fraco se fosse por um pouco de amor dele ou da minha mãe. Assim como não me importo se for visto como fraco pelos meus sentimentos pela Débora e por demonstrar o que eu sentia por ela, e eu seria o fraco mais feliz desse mundo se ela demonstrasse mesmo que só um pouco dos sentimentos dela por mim de volta.

Seria um eterno fraco se isso significasse ser amado por ela.

— Espero ver você quando ela for para casa. — Thomaz murmurou para mim quando fui me despedir dele. Eu sorri e concordei, trocando um aperto de mão com ele, e um abraço com Bianca que não me deu opção de me despedir com um aperto de mão.

— Um minuto de silêncio pela paz. — Magnólia murmurou assim que fechou a porta, e todos suspiramos de alívio embora esse dia com a presença da família delas três tenha sido divertido e o primeiro momento normal que tive com uma família de verdade.

— Meu deus, preciso beber mais. — Débora quebrou o minuto de silêncio e foi para o freezer, tirando uma latinha da bebida cheia de açúcar e álcool, retornando para o sofá e abrindo a lata enquanto andava e eu acompanhava o movimento daquelas pernas expostas, até que percebi que ela usava uma meia calça transparente.

— Eu dispenso a vela. — Lorenzo falou, se levantando quando Débora sentou do meu lado e eu beijei o ombro dela.

— Eu também. Boa noite. — Matthew murmurou, se levantando e indo para o seu quarto.

— Meu vale *qualquer-coisa.* — Débora apontou o dedo para Magnólia de pé, que revirou os olhos furiosa.

— Já sei disso. — Magnólia respondeu, se aproximou de Débora e beijando a testa da amiga.

— Feliz aniversário, chantagista. — a de cabelos vermelhos riu e saiu, seguindo o corredor na direção da porta do quarto dela.

— Feliz aniversário, Deb. — Lindsay sorriu para a amiga e beijou a testa dela também, antes de acenar para mim e seguir para seu quarto.

— Tchauzinho, usem o quarto porque não quero topar com vocês sem roupa no sofá. — Lorenzo murmurou e seguiu para o corredor, entrando no seu quarto.

— Deveria ser um crime. — murmurei, olhando para ela sentada com as costas apoiadas no braço do sofá. As pernas erguidas e brevemente separadas, exibindo a parte inferior de suas coxas na minha direção.

— O que deveria ser um crime? — ela arqueou a sobrancelha, e deu um gole da bebida na lata.

— A maneira como você arranca todo o meu ar sendo absurdamente de tirar o fôlego. — suspirei, tocando nos seus joelhos e afastando mais as suas pernas uma da outra para deslizar no sofá e ficar entre elas.

— Ora, mas eu não tenho culpa de ser assim. — seus lábios se curvaram em um sorriso maroto, cobertos pelos vestígios de um gloss e a bebida.

Senti e assisti a sua perna exposta cercando a lateral do meu corpo enquanto eu me inclinava na direção dela. Minha mão subiu e tocou seu joelho, circundando ele e escorregando pelo tecido fino da meia calça para a parte superior da sua coxa que comecei a alisar com meus dedos e a palma da mão.

— Mesmo assim, docinho. — suspirei, cercando sua cintura e beijando seu queixo. — Por que a aversão pelos aniversários? — a pergunto novamente, observando ela dar outro gole da bebida, esperando por uma resposta mais sincera com a bebida no seu corpo.

Ela suspirou, pondo a lata na mesa de centro da sala.

— Não que eu odeie aniversários, mas é que em um determinado momento, acho que eles se tornam uma espécie de lembrete. Das coisas que fiz, das coisas que não fiz, de quem já deveria ser e não sou. — Ela recua no sofá e apoia o cotovelo dele.

Talvez fosse a bebida que ela vinha bebendo desde que os pais chegaram que me permitisse ler ela melhor, independente, eu podia notar agora que Débora era muito exigente e auto crítica consigo mesma.

— E quem você deveria ser? — murmurei, vendo ela apanhar a lata e dar um longo gole, acabando com toda a bebida.

— Deveria ser alguém, mas ao invés disso sou uma indecisa de merda, meu irmão sabia o que queria, Mag sabe, Lin sabe, e eu estou voltando ao ponto de partida. — ela bufou, pondo a

lata de volta na mesa.

— Não deveria se cobrar tanto, docinho. Nem em seguir os outros. Não importa o tempo que demore para achar aquilo que realmente se sente feliz em seguir carreira. Não tem que ser igual a ninguém. — toco sua bochecha e circulo ela com meu dedão.

Débora bufou, ignorando tudo que falei.

— Você já é alguém. E alguém tão irritável, tão bonita, tão esperta...

— Para de me bajular. — ela resmungou, suas bochechas ficando um pouco mais vermelhas.

— Por quê? Não consegue escutar alguns elogios que já vira uma pimentinha? — arrastei meu dedo pela sua bochecha quente contra meu dedão.

— Calado! — retrucou.

— Só se for com a sua boca! — segurei seu queixo e selei nossos lábios por uns instantes, sentindo a textura do gloss e dos seus lábios se movendo nos meus.

— Acho que a *sua* boca ficaria melhor em outros lugares. — ela murmurou quando me afastei. Senti gosto de menta e de morango misturado com o álcool, sem saber ao certo qual era a bebida e qual era do gloss.

Por isso me inclinei, passando minha língua entre os lábios dela antes de chupar o seu inferior, sentindo o gosto de menta impregnado no gloss dela. Eu contive um gemido e aprofundei minha língua na boca dela de novo, sentindo ela me dar passagem no mesmo instante, a ponta da sua língua deslizando na minha quando aprofundei o beijo, inebriado pelo gosto dela.

— Em que tipo de lugares, docinho? — Ergui minha sobrancelha para ela, tirando minha boca da sua e a encontrando ofegante e corada.

— Tipo todo o meu corpo. — ela sussurrou, beijando meu maxilar e me puxando para mais perto ao cercar meus ombros.

— Concordo com você pela primeira vez. — comentei divertido, e beijei o seu pescoço levemente antes de recuar. — Mas não hoje. Não mais. — Ela levantou as sobrancelhas para mim.

— Por quê? E o papo de mais orgasmos como presente? — A observei franzir a testa e comprimir os lábios.

— Isso foi antes de você beber tanto, você pode até ter um teor alcoólico alto, mas ainda sim está levemente bêbada. — remexi as mechas pretas da franja do seu cabelo.

— Estou bem sóbria. — ela protestou.

— Está levemente bêbada. Eu te vi bêbada quando voltou de madrugada, não tem a menor chance de eu fazer algo com você assim. — afirmei.

— E quanto aos meus presentes? — cruzou os braços — Meus *orgasmos.* — ela me encarou em decepção.

— Você pode trocar eles por outra coisa. — sugeri, esfregando meus dedos na lateral da sua coxa, os subindo e descendo em uma tentativa de motivá-la.

— Então eu quero alguns beijos. — ela disse de imediato.

— Na boca não vale. — Respondo, ela bufou.

— Beijinhos na bochecha? — Tentou, suspirando em desistências sobre qualquer possível indecência.

— Sim — concordei.

— E no pescoço? — arqueia a sobrancelha, inclinando o rosto para mais perto do meu.

— Sem segundas intenções. — Pigarreei, e ela assentiu.

— E abraços?

— Quantos quiser. — aceno sorrindo.

— E vai ter que dormir de conchinha comigo.

— Durmo todas as noites se deixar. — Sussurrei, e ela sorriu satisfeita.

— Troca aceita. — Ela murmurou.

— Então vamos. Magnólia não vai falar com Matthew, e Lorenzo não vai para o quarto da Lindsay até entrarmos no quarto. — Comentei, a fazendo rir e concordar.

Cerquei suas costas e pernas, a suspendendo em meus braços no estilo de noiva. Débora enlaçou meu pescoço e ombros e descansou a cabeça na curva do meu pescoço, sua respiração mais acelerada soprando na minha pele.

— Meu quarto ou o seu? — Perguntei andando pelo corredor.

— O seu. — eu assenti, entrando no meu quarto e a deitando na cama para voltar na porta e a trancar.

— Você pretendia me contar sobre a sua família? Que era um Napier? — ela perguntou baixinho, sentando-se na cama.

— Sim, claro que sim. Eu só não queria que fosse agora, justamente no seu aniversário. Não queria estragar ele. — respondi ainda mais baixo e me sentei na lateral da borda da cama.

— Esse assunto te afeta muito ainda, não é? — ela me olhou e tocou minha mão, passando os dedos por cima dos meus.

— Sim. E para ser sincero, eu esperava que fosse me dar as costas quando soubesse. A maioria se aproxima por interesse, e a outra metade me dá as costas em desgosto, foi assim desde pequeno. — confessei, deixando meus dedos se interligarem com os dela.

— Eu já sabia que você não se aproximaria de alguém por interesse, então o que me restava era que me desse as costas quando soubesse. — trago sua mão até meus lábios e beijo os seus dedos.

— E quem disse que eu não me aproximaria de alguém por interesse? — Débora perguntou puxando a mão de volta.

— E você se aproxima? — acabo sorrindo maldoso ao devolver sua pergunta com outra.

— Oh, mais é claro, eu me aproximei de você por interessante. — afirmou, mexendo a cabeça.

— E quais os seus interesses em se aproximar de mim? — envolvi seu corpo com meus braços, e conforme me aproximo, ela recua até estar deitada no colchão comigo por cima.

— Te ter só para mim. — cochichou e me roubou um beijo, o que me fez rir, apoiando minha testa na sua.

— Bem, então seu plano funcionou. Sou só seu, docinho. — suspirei, abraçando ela e a trazendo para meu peito ao inverter as posições.

Débora apoiou o queixo no meu peito, virando-se de lado no colchão, e me encarou. Eu ergui a mão e afastei as mechas do seu cabelo que escorriam, bloqueando seu rosto. Coloquei elas atrás da sua orelha.

Esperei que ela falasse alguma coisa, mas ela se contentou em somente me olhar, como se houvesse realmente alguma coisa em mim que valesse a pena olhar. E achei irônico demais o fato de ser o aniversário dela, mas eu sentia que estava ganhando um presente por ter alguém como ela aqui em meus braços, olhando de volta para mim. Aqueles olhos de jade que enxergavam além do véu que me envolvia desde que me entendo por gente.

Enxergando quem eu realmente era e tudo que realmente sentia.



CAPÍTULO 16

“Isso não é roupa."

Lorenzo

— Não posso negar que minha filha está feliz com você, mesmo que seja cedo demais para afirmar qualquer coisa. — o pai da Lin murmurou para mim quando fui apertar a mão dele em despedida. — Desde que uma cena como aquelas não se repita perto das câmeras, acho que consigo ligar com isso. — ele riu por um momento.

— Não irá. — prometo, embora sentisse uma pontada de brincadeira na voz dele.

— Cuida da minha mini William, e ajuda ela a socializar mais, as meninas a mimam demais. — Michelle me pediu quando me abraçou.

— Ei. — Débora e Magnólia guincharam, e Lindsay revirou levemente os olhos azuis dando risada.

— Diego, pode perturbar bastante a Débora por mim, ok? — Pablo perguntou, vindo da cozinha com um pote cheio de bolo e docinhos os enfiando dentro de uma sacola, e abraçando a irmã.

— Nem precisa pedir. — Diego sorriu antes da mãe de Débora abraçar ele em forma de despedida, assim como a mãe de Magnólia fez com Matthew.

Prendi um sorriso ao ver Diego e Matthew ficarem tensos, acho que aquele era o primeiro abraço materno que eles recebiam em um longo tempo, já que a mãe de Diego nunca foi muito amorosa e presente emocionalmente com ele, e Matthew passou quase metade da vida no orfanato e quando foi adotado durou muito pouco para que o amor da sua mãe adotiva resistisse em suas memórias. E desde então eles fugiram e fingiram não precisarem de nenhum tipo de amor ou migalha desse sentimento vindo de qualquer pessoa.

A família das meninas foi embora tão barulhenta quanto veio, e foi estranho quando o apartamento ficou em silêncio e fomos cada um para os nossos quartos, deixando Débora e Diego sozinhos na sala. Claro que Diego sabia que só iríamos cada um para o quarto do outro quando ele e Débora saíssem da sala, e logo escutei as vozes dos dois no corredor e a porta do quarto dele se fechando.

Antes de ir para o quarto de Lindsay tomei um banho e troquei de roupa, pondo um moletom e uma blusa, mesmo que tenha tomado um antes e vestido uma roupa mais arrumada para o bolo, e assim que terminei, retornei ao meu quarto, esfregando meu cabelo na toalha ao sair.

Estava prestes a sair do meu quarto quando escutei alguém entrando no que pareceu ser o banheiro, e a porta de um dos quartos abrindo e fechando, e ao colocar a cabeça para fora da porta do meu quarto vi Magnólia entrando no quarto de Matthew, e torci que fosse para os dois se resolverem.

Bati na porta do quarto da Lindsay, mas quando não escutei resposta, presumi que ela era a pessoa no banheiro, então girei a maçaneta mesmo sabendo que era mal educado e entrei, me deitando confortável na cama dela que tinha seu cheiro, a esperando voltar. A imagem dela usando aquela saia e blusa curta no parabéns dos gêmeos e o cabelo loiro espalhado pelos seus ombros tinha me virado do avesso.

Havia algo extremamente viciante na forma como ela vestia algo tão revelador e a sua áurea de inocência permanecia emanando de si. Algo que me fazia querer preservar cada pensamento puro dela, na mesma proporção que queria ajudá-la a se corromper para os pecados mais perversos desse mundo.

Respirei fundo e ao som da porta se abrindo, abaixei meus olhos naquela direção. Lindsay me viu na cama assim que entrou, segurava suas coisas de banho e a roupa anterior nas mãos, usava uma camisola longa e preta, toda rendada no busto, tornando-se muito fácil ver a pele dos seus seios.

— *Você quer acabar comigo, lindinha.* — praguejei, fechando meus olhos por poucos segundos, porque logo estava encarando seu corpo naquela camisola indecente na região dos seus seios que eu podia ver que caberiam tão bem nas minhas mãos.

— Jamais. — ela negou, a cor avermelhada preenchendo as bochechas quando começou a corar.

— Então, o que é essa tentação em forma de camisola? — apontei para a peça no corpo dela, a acompanhando com os olhos, ela guardou suas coisas e quando começou a caminhar na direção da cama a minha respiração ficou presa na garganta, cada passo dela na camisola e a forma como seu corpo se movia reverberando no meu.

— Uma roupa de dormir. — ela disse baixinho após alguns segundos tentando ultrapassar a timidez que sentia, e ela vinha progredindo tão rápido que daqui uns dias só suas palavras seriam responsáveis pela minha morte.

— Isso...— admirei seus seios por debaixo da renda branca. — Não é uma roupa de dormir. — suspirei, meus olhos contornando a curva dos seios dela, tão pesados naquela renda, os bicos cobertos por um desenho de flor na renda.

— E o que é? — sussurrou, parando na frente da cama.

— É a arma mais letal desse mundo; a tentação. — Lindsay riu e eu me sentei na cama, deslizando no colchão até estar sentado diante dela que está de pé, minhas pernas descem e meus pés tocam o chão, minha cabeça na altura quase exata dos seus seios.

— Sou uma tentação nessa camisola então? E ao quê estou tentando você exatamente? — ela sorriu um pouco, sem malícia, apenas diversão, e mesmo o mais inocente dos seus sorrisos

poderia me pôr de joelhos, a forma como cada nova descoberta dela me fazia ficar ainda fissurado era absurda, enlouquecedora.

— A colocar esses seios nas minhas mãos, e depois na minha boca. — contei baixinho, enlaçando sua cintura e a abraçando, minha cabeça pressionando entre sua barriga.

— Eu não acho que me incomodaria. — ela disse, a timidez ainda presente na sua voz, e acho que isso nunca mudaria, era parte da essência dela, e eu me via gostando tanto disso.

A sua mão tocou na minha nuca, e com os dedos leves, ela começou a acariciar as mechas do cabelo, as afagando através de pequenos círculos. Eu apertei meus braços ao seu redor e pressionei minha cabeça na sua barriga, fechando meus olhos.

— Não acho que me incomodaria de dormir com você mexendo no meu cabelo desse jeito — Murmurei, gemendo baixinho ao sentir que suas unhas perpassam meu couro cabeludo entre as mechas.

— Posso realizar isso — Me disse.

Com a sua permissão, e sem afastar minha cabeça da sua barriga, a puxei firmemente contra meu corpo e a deitei na cama, subindo por cima dela e deitando minha cabeça no seu peito onde o coração dela estava batendo rápido e forte, assim como o meu.

— Acha que Magnólia e Matthew vão se acertar? — perguntei, meus olhos fechados e meu corpo relaxando por causa da carícia delicada dela na minha nuca e couro cabelo, arrepios desciam pela minha espinha toda vez que sentia suas unhas e me apertava nela toda vez que isso acontecia.

— Magnólia não dá segundas chances, mas espero muito que abra uma exceção para ele, para o que está sentindo...— Lindsay me respondeu.

— E o pior é que o Matthew é uma cabeça dura — lamentei, pensando que no fim nenhum dos dois iria tentar resolver seja lá qual desentendimento tiveram, e as coisas ficariam mal resolvidas.

— Os dois são — seu comentário me fez rir, meu nariz roçando sua pele que cheirava a amêndoas.

Respirei um pouco mais fundo, e não precisei de muito para simplesmente pegar no sono nos braços de Lindsay.



Acordei sentindo meu corpo contra o colchão, e a cama vazia. Abri meus olhos só para me certificar de que Lindsay realmente não estava aqui, e confirmar uma nova descoberta: a de que eu não gostava do vazio que ela ocupava ao dormir comigo. E acho que seria difícil eu conseguir dormir de novo, especialmente sabendo onde ela estaria.

Levantei da cama e saí do quarto, seguindo para a cozinha. O apartamento estava silencioso e ainda estava amanhecendo.

Encontrei Lindsay exatamente onde sabia que estaria, na cozinha preparando um chá para ela, dessa vez usando uma chaleira de porcelana pequena e branca. Ela estava enchendo um dos

copinhos de porcelana que eu lhe presentiei, e eu mordi meu lábio inferior com a cena, pois era tão comum, mas tão incrível nos meus olhos.

— Por que me abandonou na cama? — questionei em um resmungo ao abraçar ela por trás, a surpreendendo. Ela riu, tocando na minha mão que repousava na sua barriga.

— Você estava dormindo… — Respondeu baixinho, e tentou se virar para olhar meu rosto, não permiti, me pressionando mais nas suas costas ao abraçar ela mais forte, envolvendo sua cintura com ambos os braços e escondendo meu rosto na curva do seu pescoço.

— Deveria ter ficado comigo. — resmunguei de novo, esfregando meu nariz no seu pescoço.

Eu estava acostumado a acordar cedo desde pequeno, e minha mãe era meu oposto, ela não suportava acordar cedo. E eu sempre fui do tipo que acordava e não conseguia continuar na cama, pois obviamente eu ficava entediado, mas a ideia de continuar na cama com Lindsay soava tudo menos entediante. E minha vontade nesse momento era carregar ela de volta para o quarto.

— Isso é uma manha? — Ela comentou em um tom de provocação, mas manteve a voz baixa e sutil que era natural dela.

— Sim. Não me largue mais sozinho na cama. — Exigi ainda com o rosto enfiando na curva do pescoço dela.

— Ah, é? — duvidou.

— *Por favor* — Implorei, erguendo meu rosto para encostar na lateral do seu. Ela riu baixinho, e concordou.

Sorri satisfeito e a abracei mais ainda, suspirando de satisfação por ter ela em meus braços e pelo quão pequena e fofa ela era neles.

— Lorenzo...— Ela murmurou.

— Uhum? — murmurei de volta, beijando seu ombro, ela ainda usava aquela camisola e parado contra suas costas eu tinha a visão perfeita dos seus seios naquela renda.

— Você...— ela hesitou um pouco, e eu mordi meu lábio inferior vendo ela recuar o rosto para tentar me olhar, o decote aparecendo mais com o movimento.

— Eu? — sussurrei.

— Essa… pressão… na minha bunda — ela explicou baixinho, e eu pisquei saindo do transe, me dando conta que estava com uma puta ereção e abraçando ela.

Olhei para o seu rosto e ele estava tão vermelho. Ela mordia seu lábio inferior agora olhando fixamente para a xícara do seu chá.

— Bem, normalmente isso acontece em algumas manhãs, mas neste momento a culpa maior é sua, e disso que você chama de roupa — brinquei, a puxando para mais perto e beijando seu ombro. — Te incomoda? Te deixa desconfortável? — perguntei, preocupado de imediato por estar assustando ela me mantendo nesta posição.

— Não. Só estou curiosa. — disse, ainda tímida ao falar.

— Sobre o que especificamente? — questiono calmamente, tentando ajudar ela a verbalizar mais sobre esse assunto sem se sentir desconcertada, queria mesmo que ela se sentisse

bem comigo para conversar sobre qualquer coisa por mais íntima que fosse.

— Tudo. Bem, talvez não *tudo*. É só que eu nunca vi um antes. — contou.

— E você quer ver? Quer *me* ver? — apoio meu queixo no seu ombro.

— Sim — ela falou — Se estiver tudo bem para você — Tentou virar o rosto novamente para encontrar o meu, eu afrouxei meus braços ao seu redor deixando que a loira se virasse.

— Mostro tudo que quiser ver com prazer, lindinha — Sorri beijando sua bochecha.

— Mas antes acho melhor conversarmos sobre algo — recuei para a encarar, ela inclinou um pouco a cabeça e assentiu.

— Contraceptivos, você toma algum? Podemos, e vamos, usar camisinha quando formos transar, se quiser transar comigo, mas acho que é um assunto do qual deveríamos conversar.

— Eu tomo contraceptivos já fazem alguns anos por causa do meu período, então tudo certo por mim. — Ela vê a preocupação no meu rosto e sorri. — Estou bem. É só que o fluxo do meu período menstrual era muito intenso, o remédio ajuda a diminuir.

Concordei, ainda a observando e preocupado, não sabia porque se ela havia dito que estava bem, acho que era a ideia de saber que sofreu por causa do seu período antes, e a ideia dela com qualquer tipo de dor me incomodava e muito.

— Eu tomaria no seu lugar se tivesse. — falo por fim.

— Contraceptivos? — ela pergunta, levantando as sobrancelhas loiras.

— Sim. Da mesma forma que vocês tomam, não vejo porque nós homens não tomariam, nada mais justo. Não me incomodaria nem um pouco — meus dedos correm pelas suas costas nua, sentindo sua pele quente e macia arqueando-se ligeiramente com o menor dos meus toques, o que me faz sorrir.

— Muitos homens discordariam de você. — Lin comentou, e as suas mãos pequenas tocaram nos meus braços expostos na blusa e acariciam desde meu antebraço para cima.

— Porque são uns babacas e só pensam em si mesmos, típico da maioria dos homens — respondi revirando os olhos.

— Você é uma raridade — Lindsay sorriu divertida.

— Vai me expor em um museu então? — brinquei, erguendo uma sobrancelha para ela.

— Não tem a menor chance — respondeu ficando ligeiramente séria, o que me fez sorrir mais.

— E por quê? Eu atrairia bastantes olhares, não acha? — me gabo propositalmente, vendo seu cenho se franzir.

— Exatamente. Raridades expostas deixam de ser raras e tendem a ser roubadas, ou disputadas. Não quero que roubem ou disputem você. — disse entrando na minha brincadeira, um sorrisinho de diversão nos lábios perfeitos.

— Como você é possessiva, lindinha. — mordi meu lábio inferior, vendo a vermelhidão no seu rosto e bochechas.

— Eu diria algo como precavida. — fez uma leve careta.

— Eu diria possessiva, querendo me manter só para si mesma. — me inclinei e beijei seu pescoço, sentindo seus dedos e unhas se afundando nos meus ombros e um suspiro lhe escapando.

— Lógico que quero. — eu mordisquei a pele do seu pescoço quando ela me respondeu, e a senti estremecer em meus braços.

— Então precisa me tornar seu então — Puxei seu queixo e ergui meu rosto, tomando os seus lábios, a puxando pelas costas contra o meu corpo até que minha ereção estivesse pressionada no corpo dela, o que me fez prender um gemido.

Lindsay suspirou na minha boca, e eu movi seu quadril um pouco para que roçasse na minha ereção, ela ofegou e os lábios se afastaram dos meus, seus olhos azuis caindo para a barra do meu moletom e a rigidez marcada na calça.

— Olhando assim, vou achar que quer me devorar — provoquei, beijando seu maxilar. Ela corou novamente e eu sorri.

— N-Não é isso.

— Não? E o que quer então? Só olhar? Tudo aqui é seu. Seu para ver e para sentir, saiba disso — e dito isso a ergui nos meus braços sem esperar nem mais um segundo, e olhei a xícara do seu chá.

— Pegue, não quero que fique sem seu chá como da última vez — Lindsay pareceu um pouco perdida por uns momentos ao estar em meus braços, mas após alguns segundos com uma mão ao redor dos meus ombros, ela esticou a outra e pegou a xícara quase fria.

— Mas terá que dividir comigo — murmurei começando a andar de volta para o quarto com ela em meus braços.

Minha ereção já começava a doer e eu sabia que não aguentaria muito sem me tocar ou ter ela me tocando, só dela ao alcance dos meus olhos eu gozaria, especialmente com a visão dos peitos tão perto da minha boca, e me esforcei ao máximo para manter meu olhar no rosto dela e em seus lábios na borda da xícara.

— Chá de hortelã — falei assim que reconheci o cheiro.

— Sim, quer agora? — Lindsay perguntou.

— Quero, mas do que está na sua boca — respondi, tomando seus lábios e os chupando, sentindo o gosto dos resquícios do chá entre eles e dentro da sua boca quando empurrei minha língua na sua.

— Lorenzo...— Lindsay sussurrou, reprimindo um gemido quando as suas costas bateram na parede e meu corpo se prensou no dela. Eu suspirei, beijando ela de novo. Totalmente inebriado pelo gosto do chá misturado com o dela.

Senti a loira cercando meus ombros com ambos os braços e o aperto da suas pernas em torno do meu corpo intensificando, e por isso a beijei ainda mais, minhas mãos cravadas na sua bunda, apertando com força entre meus dedos e contra o meu pau. A sensação de fricção me fazendo grunhir e morder seu lábio inferior.

— Eles podem sair… — ela me alertou, sem fôlego.

Eu assenti abrindo meus olhos e a desencostando da parede, entrando apressado no seu

quarto já fechando com o pé e a ajeitando em um único braço para trancar a porta rapidamente.

— Tem certeza de que quer pular tudo para me ver nu? — ela riu e eu acabei a acompanhando.

— Falando assim pareço uma tarada — ela começou a rir novamente e caímos os dois no colchão.

— Não, só a virgem mais safadinha de todas — brinquei, pegando a xícara dos seus dedos e a pondo na mesinha de cabeceira ao ver que já estava vazio.

— É o que se acontece quando se é uma virgem que nunca nem beijou, e tem um professor especialmente para isso, e que é tão lindo e excitante como você — sussurrou, e eu gemi, empurrando meus quadris nos seus sem conseguir resistir a essa provocação. O ato fazendo ela arquear um pouco e gemer junto comigo.

— Sou excitante, é? — comecei a puxar minha blusa para cima.

— E lindo — expirou, seus olhos azuis acompanhando meus movimentos para então observar meu corpo quando joguei a camisa para o lado.

— Você está indo muito bem para quem nunca nem se envolveu com outro cara porque morria de vergonha — elogiei, pegando sua mão e pondo no peito bem onde meu coração batia, a soltando ali para ver que reação ela teria.

— Talvez você me ajude a passar por cima da vergonha — ela mordeu seu lábio inferior.

Senti os seus dedos se espalhando no meu peito, contornando a região onde se podia sentir a palpitação desenfreada do meu coração, e descerem por todo o meu tronco. Meu corpo se contraiu no seu toque assim como meu pau, e eu suspirei, agarrando suas coxas e enfiando as mãos por dentro da sua camisola, empurrando o tecido até seu ventre e encontrando sua boceta exposta, nenhuma calcinha a cobrindo, totalmente exposta e ao meu alcance.

— Porra, Lindsay! — praguejei, dessa vez sem nem a menor intenção de olhar para longe, meus olhos percorreram a sua boceta assim como os seus dedos desceram pelo meu abdômen se contraindo ao toque. — Você sem uma calcinha dificulta coisa pra caralho — Falei com minha respiração entrecortada, apertando ainda mais suas coxas para me manter parado.

— E isso é algo ruim?

Eu senti insegurança na sua voz e aquilo me trouxe grande parte do meu controle de volta, ao lembrar que ela nunca se expôs dessa maneira para homem algum. E eu queria fazer ela se sentir confiante mesmo que exposta, queria que ela soubesse o quão bonita era, o colírio que era para meus olhos e que seria para o de qualquer outro, mesmo que eu não fosse permitir que outros vissem ela da forma como eu estou.

— É algo bom. Tão bom que estou quase gozando só de olhar para você — murmurei, olhando nos olhos dela.

— Isso é possível? — Ela perguntou, seus dedos tocando a barra do meu moletom onde minha ereção estava presa, minha garganta se fechou ao sentir os dedos dela tão perto de me encostar mesmo que levemente.

— Mais do que imagina, ainda mais quando a visão é você — Minha voz baixou mais e eu me curvei por cima dela, minhas mãos se afundando mais, ultrapassando suas coxas e subindo

para sua barriga, subindo a camisola junto do movimento dos meus braços.

— Você é linda — pronuniciei cada palavra com firmeza, porque estava certo do que estava falando, sabia disso, e queria que ela soubesse. — Lindamente tentadora, timidamente adorável, curiosamente excitante, e maravilhosamente apaixonante. — meus dedos contornaram a parte inferior dos seus seios e minha boca pressionou a dela, mas me afastei para continuar olhando ela nos olhos.

— Sua fofura e safadeza se misturando desse jeito vai acabar comigo em algum momento — ela resmungou, mas sorria tímida e emocionada pelas minhas palavras.

— Isso é algo bom? — brinco.

Minhas mãos cobrem seus seios que cabem contra minhas palmas, do jeito que imaginei que seria, e eu movo meus dedos para tocar seus mamilos rígidos, arrancando um gemido um pouco mais alto da boca dela.

— Estou considerando alugar um apartamento para a gente só para não precisar regular nossos gemidos — falei, beijando seu lóbulo enquanto meus dedões apertam seus mamilos entre os meus dedos.

— Lorenzo! — Lin gemeu de novo, suas costas arqueando e seus quadris se encontrando nos meus, minha ereção encostou a excitação da sua boceta e eu gemi mordendo seu lóbulo um pouco mais forte do que queria.

— Machuquei? — perguntei, pedindo desculpas com um beijo na sua bochecha em seguida. Ela negou ofegante, e eu beije superficialmente seus lábios antes de continuar.

— O que quer fazer? Você quem dita as regras do que faremos.

— Quero tocar você, como me tocou ontem — ela conseguiu dizer após respirar fundo algumas vezes.

— Certeza?

— Sim. Se quiser...

— Quero. Claro que quero. Mas sempre vou querer confirmar com você, porque é sobre você agora. Se quiser parar, não importa o momento, me diga, por favor — pedi, encostando minha testa na sua.

— Está bem.

— Ok — concordei recuando, sua camisola estava embolada na sua cintura e meu moletom manchado da sua excitação. — Sou seu, faça como quiser — comuniquei para ela.

— Tire a calça — pediu baixinho, eu ri de volta, porém concordo.

Ela me deixou levantar e não demorei em me livrar da calça e da cueca, ficando sem roupa. Lindsay me olhou de cima para baixo tão lentamente e atentamente que senti meu pau se contraindo, o movimento atraindo sua atenção e a fazendo morder o lábio inferior.

— Só me guie, por favor — ela pediu novamente.

Sentei na cama, pondo Lindsay no topo. Ela ajeitou as pernas em torno das minhas e me encarou, eu assenti.

— Você pode se guiar, quer me tocar? Ou só olhar? — pergunto.

— Quero te tocar.

— Toque onde quiser, então — falei.

— Vai falar se eu fizer algo que não gosta? Ou algo errado… — me encarou.

— Vou. Mesmo que eu ache impossível eu não gostar de algo que você faça — a tranquilizei, tentando controlar minha respiração com ela no colo e meu pau praticamente intocado.

Lindsay expirou devagar e se aproximou, tocando meu pescoço, acariciando mais para baixo, passando por meu peito e pairando no meio do meu abdômen antes de descer para meu quadril, eu semicerrei meus olhos ao sentir ela tocar com os dedos na base do meu pau e perdi toda a restrição da minha respiração, apertando as mãos no colchão e nos lençóis para não fazer aquilo com ela, queria que ela me tocasse por quanto tempo quisesse, sem a pressão do meu desespero por mais.

— Posso? — a loira perguntou, indicando minha ereção.

— Pode, pode tudo — concordei, meu olhar fixo da sua mão e quando ela fechou os dedos na minha glande e desceu fazendo um hesitante movimento, eu gemi pelo alívio de estar sendo tocado.

— Estou fazendo certo? — perguntou ao repetir o movimento, seus dedos se fecharam com mais firmeza em torno do meu pau até não ter espaço entre eles.

— Sim, porra, está — fechei meus olhos.

— E no que posso melhorar? Como você gosta de ser tocado?

— Mais forte, aperta meu pau mais forte — pedi, mordendo os lábios quando ela o fez.

— Desse jeito?

— Sim, Lindsay, desse jeito. Continue devagar, assim, sem pressa — murmurei quando ela acelerou, tornando a me masturbar devagar assim que resmunguei, seus dedos apertando minha ereção.

Endireitei minha postura, sentando totalmente na cama e ergui as mãos, puxado a alça da sua camisola para o lado e beijando a pele que ficou mais exposta, em resposta, senti o aperto da mão dela no meu pau aumentar e aquilo se continuasse assim me faria gozar em poucos segundos.

Abaixei a renda que cobria seu seio direito e meus lábios foram direto para ele, o tomando na minha boca. Lindsay arqueou e aquilo fez seu peito se impulsionar mais para a frente e dentro da minha boca, eu o mordi por um momento e chupei a pele fina e macia, gemendo pela pressão da sua mão pequena fechada no meu pau, e não aguentei segurar mais, o nome dela me escapou em uma tentativa de aviso e ao mesmo tempo de alívio, e comecei a gozar na mão dela na mesma hora, gemendo e chupando o seu mamilo duro porque não queria ninguém além dela escutando isso, minha outra mão subiu e agarrou o seu outro seio, o apertando com força até meus dedos afundarem na pele macia e quente.

Os dedos de Lin tocaram minha glande e no meu gozo, mas não pararam, pressionaram bem ao redor enquanto eu me contorcia a apertando em meus braços e gemia, meus lábios roçando no seu peito e meus olhos se fecharam enquanto minha testa pressionava nela.

— Você está bem? — Lindsay perguntou, eu assenti ainda mantendo meu rosto apoiado no seu seio e ofegando.

— Se você não fosse uma virgem, acho que estaria ainda mais fodido do que já sinto que estou — Suspirei ao recuar e olhar para o seu rosto, ciente de que era eu quem estava vermelho e uma bagunça depois dela me fazer gozar tão facilmente, com somente alguns míseros toques.

Os seus olhos azuis estavam com as pupilas dilatadas quando os encontrei, mais lindos que o normal, tinha desejo, paixão, desespero e emoção naquelas íris azuis, e eu me afogaria nelas e nesses sentimentos sem hesitar, iria de bom grado. E foi exatamente o que eu fiz, eu mergulhei sem a menor pretensão de emergir outra vez.



CAPÍTULO 17

“ Mais do que um momento."

Matthew

Ciúmes. Antes essa palavra e seu significado era uma carta fora do meu baralho, que não fazia qualquer tipo de existência na minha vida e em relação a qualquer sentimento que eu já senti por qualquer pessoa antes. Talvez porque eu nunca tive algo que era meu e que eu gostava tanto ao ponto de querer manter só para mim. E talvez o fato de eu ter sido abandonado no orfanato tenha me ensinado a ser assim, a não criar muitos sentimentos pelas coisas e pessoas porque seriam passageiros e logo seriam tirados de mim, e isso fez com que eu não criasse expectativas em nada nem ninguém.

Estava praticamente certo de o que sucedeu entre Magnólia e eu era passageiro, como sempre foi com qualquer outra, que ela sairia rápido. E não que quando ela saísse, me incomodaria tanto por seu afastamento, e que me incomodaria ainda mais em vê-la com outro cara, pouco me importava se era com quem tinha crescido e via como irmão. Ela estava grudada nele, deixando que ficasse perto daquele jeito e aquilo desencadeou um sentimento em mim que eu nem sabia que eu podia sentir ainda.

Deveria ser eu ali. E eu quis que fosse. E o fato de ver ela tão indiferente em estar bem na minha frente e nos braços dele, revirou tudo dentro de mim e deixou um amargo insuportável em cada canto meu. Então descobri que aquilo era eu sentindo ciúmes, e se eu estava sentindo ciúmes era porque tinha me envolvido muito mais do que pensei, sentia mais do que achava sentir e queria mais do que julguei que iria querer. Significava que ela não seria passageira, e que eu não gostaria que fosse tirada de mim.

Não sabia o que fazer com aquele sentimento. Desde o orfanato tudo que fiz com meus sentimentos foi descontá-los. Quando sentia medo, fugia. Quando sentia intimidado e era machucado fisicamente, revidava até intimidar e machucar aqueles tentando me paralisar novamente, quando estava feliz simplesmente paralisava e esperava aquilo ruir. Nunca fui bom entendendo sentimentos bons por terem sido destruídos desde novo, e nunca fui bom reagindo aos ruins porque era covarde e fui obrigado a me tornar corajoso para me proteger deles de formas que eu não gostaria de ter que proteger.

Então eu não tinha a menor ideia de como lidar com aqueles ciúmes. Tudo que sabia era

que queria Magnólia do meu lado, que queria fazer qualquer outra coisa do que ficar olhando para ela sorrindo e olhando para Pablo daquele jeito, pois era como assistir ela indo embora cada segundo um pouco mais. Era ver ela achar alguém melhor do que eu, alguém pela qual ela poderia me trocar, que tornava fácil me abandonar. E eu estava acostumado a ser trocado e abandonado, mas isso não significava que não doía, porque doía.

Não sei como consegui sufocar com aquele sentimento, e achei que era uma criança de novo me retraindo com aquele sentimento ao invés de confrontá-lo. E prender esse ciúme dentro de mim foi a coisa mais difícil que eu precisei fazer em muito tempo. E não fiz por mim, ou por Magnólia. Fiz por Débora e Pablo, porque era o aniversário deles, sua família estava ali, e a última coisa que eu queria era ser uma memória ruim na vida dos outros ao meu redor. Mesmo que minhas tentativas quase sempre fossem fadadas ao fracasso.

Foi um alívio assistir Débora arrastar Magnólia para bem longe dos braços de Pablo, e eu me odiei e muito por estar incomodado com isso. Eu não era ninguém perto dele. Eu não chegava nem perto de ter um pingo da importância que ele tinha na vida dela. No momento, o único lugar que eu ocupava na vida da Magnólia era o da raiva, ela estava chateada e irritada comigo, e tinha razão para isso.

— Magnólia se chateia muito rápido e ao invés de resolver o problema, ela foge. — foi o que Sebastian cochichou para mim quando fui dizer tchau para ele. — Não significa que ela não se importa, e sim que se importa tanto que não sabe o que fazer com aquilo. Por isso, se ela fugir, vá atrás dela, ou ela vai achar que fez certo em correr — ele sorriu ao terminar de falar e se despediu com um abraço paterno que eu não tinha desde que meu avô adotivo faleceu.

— Obrigado — murmurei, sem saber mais o que dizer.

Lídia me abraçou antes de ir e sorriu, dando algumas batidinhas no meu braço.

— Ela pode ser irritante, e ser mandona, mas no fundo é a grande de uma maria-mole que tem um fraco por abraços — Lídia sussurrou ao me abraçar, eu agradeci mais uma vez, ignorando, ou tentando ignorar, o fato de que aquele era o primeiro abraço materno que eu recebia desde que minha mãe adotiva se separou do meu pai adotivo. E detestei gostar tanto do abraço porque sabia que talvez nunca mais receberia outro.

As palavras dos dois ficaram na minha cabeça. E eu estava decidido a ir atrás de Magnólia. O que eu não esperava era ver a porta do meu quarto abrindo e ela entrando, não cogitei que ela viria até mim quando tive tanta certeza de que ela sequer falaria comigo se não fosse extremamente necessário.

Me levantei da beirada da cama no segundo em que ela entrou no quarto e dei passos largos até parar na sua frente, meu olhar fixado no seu, observando ela erguer o queixo na minha altura e me encarar de volta.

— Pensei que não… — respirei fundo para tentar me acalmar, meu coração não batia rápido dessa maneira perto de ninguém e eu cogitava a possibilidade de Magnólia causar a minha morte pela forma como fazia meu coração acelerar tanto.

— Que não queria olhar na sua cara, é — Ela completou quando não falei mais nada, só fiquei parado a olhando feito um idiota.

— E você não quer olhar na minha cara. — Murmurei. Ela riu, desviando o olhar e cruzando os braços.

— Ficaria satisfeita se a resposta fosse sim, mas não é, e estou muito irritada com isso. — Respondeu baixo.

— E qual seria a exata resposta? — meus dedos se enrolaram em torno do seu pulso. Ela estremeceu, pega desprevenida, mas mesmo assim não se afastou.

— Que ainda quero ficar perto de você. — A sua resposta poderia ter me feito morrer de felicidade.

— Eu também quero isso — Confessei, meus dedos acariciavam seu pulso o mais gentilmente que eu sabia ser. — Não queria ter dito aquelas coisas no seu quarto mais cedo. Estou tão acostumado a só repetir a mesma história e nunca falar sobre o que omito que… a minha primeira reação foi afastar você, mas percebi que te ver longe de mim, mesmo que no mesmo cômodo, é a pior coisa que poderia me acontecer. — Me aproximei um pouco mais dela ao falar. — Me desculpe pelo o que falei, e como falei...— Pedi, e acho que o remorso na minha voz soou muito desesperador.

— No fim, você não tem obrigação alguma de me contar. — Mag suspirou sacudindo a cabeça.

— Não me importaria de contar, só não quero ver mais ninguém sofrendo por causa disso, muito menos você. — Sussurrei de volta, sentindo a ardência apertando minha garganta e a água embaçando minha vista. — Não queria que sentissem o que eu sinto, ou vissem o quanto isso dói.

Fechei meus olhos ao sentir a mão de Magnólia tocar no meu rosto e secar as lágrimas que escaparam, e quando vi eu estava me refugiando nos braços e conforto dela, e que ela estava me mantendo no seu abraço. Não sei quanto tempo ficamos parados no quarto, eu curvado para alcançar sua altura e estar nos seus braços e ela me envolvendo ao redor deles. Só sei que foi um dos melhores momentos da minha vida e eu iria querer um pouco disso sempre que pudesse, sempre que ela me permitisse sentir isso outra vez.

— Obrigado por voltar, por me escutar e por entender, por essa chance. — falei, meu nariz tocava a sua bochecha enquanto minha cabeça se apoiava na lateral sua.

— É bom estar ciente que essa segunda chance é a última. — ela me alertou, sei que se esforçou para soar séria e intimidadora, e embora não tenha conseguido soar como queria, eu levaria seu aviso a sério como nunca fiz com nenhum outro de mais ninguém.

— E a única, porque não farei você se arrepender de me dar essa chance pela segunda vez.

— Acho bom. — respondeu levemente emburrada. Eu sorri do bico que se formou nos lábios dela.

— Ainda está brava comigo, florzinha? — perguntei, movendo uma das minhas mãos nas suas costas para seu braço.

— Não.

— Não?

— Não.

— Então por que ainda parece estar com raiva? — meus dedos envolveram seu ombro e

subiram para a lateral do seu pescoço.

— Essa é a minha cara, a mesma desde que me conheceu, só percebeu agora? — bufou, suavizando a expressão usual de brava.

— Que tal um sorriso? — e assim que perguntei, meus dedos alcançaram seu lóbulo e eu rocei o dedão pela extensão. Mag se contorceu e foi automático sua risada e o sorriso surgindo em seus lábios.

— Para! — Tentou se esquivar, mas a segurei no mesmo lugar enquanto meus dedos tocaram seu lóbulo e a parte detrás da sua orelha.

— Por quê? Você fica ainda mais bonita rindo — eu sorri, assistindo ela se contorcendo e dando risadas de agonia pela carícia.

— Eu sinto cócegas aí, Matthew, *v-você sabeee! Aaahh paraaa!!!* — ela gargalhou mais quando meu dedo roçou bem abaixo do seu lóbulo, seu rosto estava vermelho e ela já ofegante pela tortura.

— Foi uma ordem? — ergui a sobrancelha para ela.

— Foi! — quase gritou, tentando me empurrar entre lágrimas causadas pelas cócegas.

— Então não vou parar, não aprendeu a lição da última vez? Precisa ser mais educada. — me inclinei e meus lábios substituíram o movimento dos meus dedos, e quando chupei seu lóbulo ela gargalhou mais.

— *Para, Matthew!!* — se debateu em meus braços, me fazendo rir.

— Para, o quê?

— *Por favor, por favor, por favor, para!* — eu parei no mesmo instante e ela expirou sem fôlego, relaxando em meus braços.

— Seu idiota — me xingou, entre suspiros, tentando recuperar seu fôlego.

— Fico comovido com seus elogios.

A trago comigo para a cama onde me sento encostado na cabeceira e a ponho sentada de lado nas minhas pernas, esticando uma pelo colchão e mantendo a outra flexionada com o pé no chão.

— Sua família não é nada do que eu poderia imaginar — comentei, tocando seus joelhos unidos.

Aproveitando para admirar a roupa do parabéns que ela ainda estava usando. Era uma saia de couro vinho curta e justa, e um colete de gola justo da mesma cor, o tecido contornava os seios dela perfeitamente, e deixava bem óbvio que ela não estava usando sutiã.

— É, eles são… — Mag suspirou sem saber um adjetivo que não fosse um insulto.

— Únicos — completei.

— Malucos — ela corrigiu.

— E o Pablo...— murmurei, sem saber bem como abordar esse assunto direito.

— Crescemos juntos. Nós quatro. — Falou sem esperar eu continuar. Suspirei, olhando para cima e encontrando seus olhos castanhos.

— Eu sei...

— E ficou com ciúmes mesmo assim — pontuou.

— Não é como se eu pudesse controlar isso — falei de volta, embora nem eu nem ela estejamos discutindo pela primeira vez. Estávamos conversando, era estranho, mas bom. — Nunca senti isso antes, eu não soube como reagir, só sei que te ver com ele não foi uma visão agradável — Murmurei, respirando fundo.

— Sei que são amigos. Só preciso me acostumar com isso, com o que estou sentindo por você, é novo para mim, e quero que me ajude a não ferrar com tudo justamente por não saber o que fazer com a maioria desses sentimentos… — encosto a cabeça na cabeceira, ainda olhando para ela.

— Nunca gostou de ninguém antes? Ou se envolveu além do sexo mesmo que por um curto periodo? — Ela apoiou as mãos no meu peito.

— Não, você é a primeira. — Confessei, tocando no seu rosto e segurando entre seu queixo e maxilar, meu dedão alisou sua bochecha.

— Nem quando criança?

— Cresci em um orfanato, que era um inferno. Aquele lugar foi a maior razão para reprimir quaisquer sentimentos bons que eu tinha — balancei a cabeça.

— Sinto muito, de verdade — Tocou em meu rosto quando disse, remexendo as mechas do meu cabelo que estavam na frente.

— A primeira pessoa que eu amei foi a minha mãe, mas ela me abandonou lá, sem eu nem mesmo saber que estava me abandonando, e o que ela me disse ser uma visita se tornou os piores anos da minha vida.

Eu era pequeno, e ainda sim me lembrava muito bem daquele dia. Minha mãe e eu morávamos em um cubículo que só tinha um dois cômodos, em um lugar que eu achava ser assustador, porque não tinha conhecido o orfanato até então. Ela arrumou uma mochila com coisas minhas e disse que iríamos visitar um lugar, eu perguntei onde era, e ela me respondeu "Um lugar muito bom, você vai gostar" e aquela foi a mentira mais dolorosa que já me contaram na minha vida, porque no fim não era um lugar muito bom, e eu não gostei daquele lugar. Mas acontece que eu não sabia de nada disso naquela época.

A viagem foi longa, e eu dormi no colo dela na maior parte do tempo, quando chegamos a casa era enorme, e muito bonita, lembro de dizer que era a casa mais linda que já tinha visto. Minha mãe que estava silenciosa só sorriu para mim, entrou comigo e me apresentou a uma velha que usava preto e tinha um molho de chaves preso na lateral da calça que usava, era uma mulher de cabelos brancos presos em um coque e um olhar rancoroso.

Minha mãe me disse que iria conversar com a mulher e voltava para me buscar. Eu fiquei sentado no sofá que tinha na entrada esperando por ela. Fiquei sentado esperando e os segundos se tornaram minutos, e os minutos viraram horas, e ela simplesmente não voltou para me buscar. Ela me abandonou lá, não disse tchau, não me deu um abraço, ou o porquê, nada, ela simplesmente me enganou e foi embora, e eu em todos os anos que se passaram desde não teve um único dia em que eu não me vi esperando que ela voltasse e dissesse que estava ali para me buscar. Eu esperei, mas mesmo assim ela nunca veio.

— Quantos anos você tinha quando foi para o orfanato? — a voz de Magnólia me faz focar no seu rosto novamente, nas mechas vermelhas do seu cabelo e no castanho das suas íris.

— Tinha seis anos. — seguro as laterais da cintura de Magnólia.

Continuo olhando para ela e tentando manter a calma com sua presença, e apesar dela ter um efeito calmante e estressante ao mesmo tempo, percebo que ela também é um ponto de ruptura para tudo que tenho guardado dentro de mim. Percebo que ela não precisaria de muitas perguntas sobre o meu passado para que eu desabasse na sua frente com o peso de tudo.

— E quando foi adotado?

— Aos treze. Sobrevivi naquele orfanato por sete anos, os piores anos da minha vida. — ela toca meus antebraços e sei o que está pensando.

— Foram outras crianças que fizeram isso com você? — sussurrou, seus dedos tocaram nas marcas.

Olho para baixo acompanhando seus toques, ela contorna as marcas espalhadas por meus braços, resultados das agressões que sofri no orfanato, não pelos adultos, mas sim pelas próprias crianças. Essas cicatrizes agora eram praticamente invisíveis, grande parte delas eram pequenas, mas eu sempre a escondia mesmo assim, para evitar perguntas cujas as pessoas não iriam gostar das respostas, e respostas cujas eu não me sentia bem em entregar.

— Sim — digo por fim.

— Por que fariam isso...você...*vocês* eram só crianças — ela diz horrorizada, não com as marcas. Posso ver pelo seu olhar, está horrorizada com as pessoas que me causaram isso.

— Porque eliminar possíveis oponentes é mais fácil do que competir com eles — respondo, e minhas palavras fazem Magnólia erguer seu rosto confuso para olhar no meu.

— Sabe a raridade que podia vir a ser uma família, ou uma pessoa, visitar um orfanato? — ela negou, e não me surpreendo. — Bem, mas podia ser. E era no que eu estava. E quando alguém aparecia eram sempre crianças demais para uma única família. Todo mundo queria ser adotado, todo mundo queria ser uma família, ter um pai e uma mãe, ou alguém, e na maioria das vezes só um tem essa chance. — explico, massageando a cintura e costas dela para manter minhas mãos ocupadas, assim me sentiria melhor para conversar.

— Vocês competiam entre si para serem escolhidos por uma família — ela concluiu.

— Competir implica duas ou mais pessoas fazendo a mesma coisa de maneira justa. Não. Não era isso o que acontecia lá — mexo a cabeça negativamente. — Era mais fácil tornar os outros em cartas fora do baralho. Era o que faziam comigo, especialmente os mais velhos...

— Os mais velhos deveriam ser os mais maduros — ela me interrompeu, irritada pelo pensamento.

— Mais velho, mais chances de continuar lá — expliquei, pressionando meus dedos nas suas costas a massageando um pouco mais contra seus ossos, um suspiro lhe escapa pelo movimento dos meus dedos e eu sorrio.

— Eu era pequeno, novo, e sempre ficava no meu canto. E crianças comportadas e com boa aparência sempre são as que mais chamam a boa atenção. E os órfãos mais velhos arrumavam meios de tornar crianças como eu em cartas feias e indesejáveis — meu riso saiu

cheio de desgosto, e a pressão nos meus dedos subiu para os ombros de Magnólia, a pele exposta entrou em contato com meus dedos e quase me distraí com a visão dela naquela roupa reveladora.

— Eles agrediam os mais novos, faziam parecer que eram problemáticos, brigões, agressivos, e ninguém quer uma criança problemática para sua família — pressionei meus dedões nos ombros dela que começavam a relaxar com a massagem. — Eu era uma dessas crianças. A criança que os mais velhos intimidavam, agrediam e faziam parecer ser problemático demais para ter uma família. Eu era a criança que *não valia a pena* — simulei aspas no final ao mencionar o termo como escutei muitos adultos se referirem a mim e a outras crianças na mesma situação que a minha.

— E os responsáveis pelo orfanato? Nenhum deles fazia nada? — Magnólia perguntou franzindo cenho e se inclinando na minha direção.

— Eles não ficavam nos vigiando o tempo todo. Eram poucos e estavam sempre ocupados. E não é como se os adultos acreditassem nas crianças, adultos só acreditam em adultos, e em crianças maiores, e eram nelas que eles acreditavam sempre. Sem contar que os mais velhos ameaçavam o suficiente para ficarmos com a boca fechada quando se tratava da verdade, para afirmarmos cada mentira, e era assim que as coisas funcionavam lá, fui visto como a criança problema, que brigava com os outros e os machucava, a que destruía as coisas, fui intitulado como quem não valia a pena, até que realmente me tornei uma criança que não valia a pena cuja todos queriam distância.

As minhas lágrimas começaram a fugir do meu controle e escorrem pelos cantos dos meus olhos, e Magnólia estava comigo, secando cada uma delas, e aquilo fez as lágrimas escorrerem ainda mais. A visão de alguém escutando o lado ruim da minha vida e ainda estar comigo era a sensação de conforto mais estranhamente boa de toda a minha vida. Eu estava apenas esperando ela me pedir para parar de falar, ou se levantar e ir embora, mas ela ainda estava aqui nos meus braços e secando as minhas lágrimas e eu queria chorar de felicidade por causa disso, e acho que grande parte das minhas lágrimas foram se tornando mais de alívio e felicidade do que de dor e qualquer outra coisa.

— Comecei a agredir porque não suportava mais ser agredido. Óbvio que no começo só piorava as coisas pra mim mesmo, afinal eu era só uma criança. E conforme continuei, comecei a ficar mais agressivo, aprendi a me defender melhor, e isso os afastou, afastou todos, e eu percebi que se fosse assim ninguém iria me machucar, porque eu mesmo já estaria me intitulando aquilo que fizeram acreditar que eu era, estava só reforçando a mentira, a tornando verdade. E decidi que era melhor viver sozinho na mentira até que se tornasse verdade se aquilo me protegeria da dor.

Percebo que minhas mãos estão massageando o pescoço de Magnólia, e olho para ela prestes a me desculpar, mas ela balança a cabeça como quem diz que estava tudo bem, que eu não estava machucando. Mesmo assim abaixei meus dedos para ter a certeza, e repousei as mãos nos seus ombros novamente.

— Foi assim por sete anos. Até que um casal de recém casados apareceu, e se interessaram em mim, não sei bem o porquê, e nunca consegui perguntar antes que fosse tarde demais — Torci a boca por um instante.

Lembrava de estar no sótão do orfanato de castigo por ter entrado em outra briga com

outro mais velho, foi quando o casal apareceu e disse que queriam me conhecer. Ela me lembrou a minha mãe de imediato, sabia que não era ela, mas a felicidade e conforto que a visão dela me trouxe foi a primeira desde que fui abandonado no orfanato. Ela foi a primeira mulher que se interessou em mim, que me olhou de forma amorosa e materna. Eu me enfiei nos braços dela assim que ela se sentou no chão perto de mim, lembro de escutar o marido dela comentar que eu parecia um gatinho assustado, ele estava brincando, claro, mas no fundo nós três sabíamos que era verdade.

Os dois conversaram comigo sentados no chão frio e no sótão mal iluminado por mais tempo do que achei que poderia ter com alguém depois de tudo que fiz. Eles prometeram que iriam voltar quando paramos de conversar, e eu quis me agarrar nela porque sabia que eles não iriam voltar, era o que todos os casais que visitavam o orfanato falavam, mas eu não fiz aquilo, eu concordei, estava feliz demais por pelo menos ter sido acolhido que mesmo que fosse a última vez, eu não me incomodaria.

Para minha surpresa eles voltaram semanas depois, e perguntaram se eu queria morar com eles. Eu me agarrei tão forte nela desde quando disse sim que lembro do meu pai adotivo falar "Eu também quero um pouco de atenção" e me segurar perto de si quando abracei ele. Fomos embora juntos e o tempo que passei com eles foi uma espécie de sonho, que acabou tão abrupto quando começou. Não teve aviso nem nada do tipo, simplesmente aconteceu, em uma manhã eu acordei e ela não estava mais lá, nem as coisas dela. Ele estava na sala segurando a aliança entre as mãos e quando perguntei por ela, ele disse que ela tinha ido embora.

Ele nunca me disse nada além daquilo, e eu nunca perguntei, acho que por ter sido abandonado antes não fiquei tão devastado como da primeira vez, porque no fim sempre senti que acabaria acontecendo outra vez. Já meu pai adotivo ficou devastado, e eu me tornei um lembrete de tudo que ela era, ele não queria me abandonar totalmente, mas também não queria me ver todos os dias e lembrar dela mesmo eu não sendo filho legítimo dos dois, e eu soube disso quando me levou para o colégio interno e disse que nos veríamos com menos frequência.

Eu morei naquele internato minha pré adolescência e adolescência quase toda, e aquele colégio no fim era só um orfanato bonito, com mais crianças e coisas para se fazer. Ainda tinham crianças mais velhas que brigavam por diversão ou motivos bobos, e eu precisei me defender novamente e afastar todos de perto de mim.

Via meu pai adotivo por poucos dias por ano, no máximo um por ano, sempre ficava no colégio mesmo durante as férias escolares, haviam alguns alunos que pareciam passar pelo mesmo que eu, mas nenhum deles iria querer se enturmar comigo. Todos me temiam, e eu fazia questão de assustar todos para que ficassem bem longe de mim.

No meio do ano letivo eu fui chamado na diretoria, imaginei que seria outro castigo, mas quando entrei na sala tinha um homem bem mais velho usando roupas que faziam ele parecer tão importante, ele tinha cabelos grisalhos e olhos azuis como os do meu adotivo.

"Matthew, né?" Ele perguntou assim que entrei na sala. Eu assenti. "Quem é você?" Foi a primeira coisa que perguntei, ele sorriu e começou a chorar. "Seu avô."

E foi quando compreendi o que tinha acontecido, e de repente eu tinha perdido uma pessoa que indiretamente já vinha perdendo pouco a pouco ao decorrer dos anos, e ganhado outra, sem saber que essa mesma pessoa que ganhei logo seria tirada de mim, como todas as outras.

Arnold, mais conhecido e chamado por avô durante todo o tempo que morei com ele, me levou para a casa dele no mesmo dia. Ele morava em uma casa enorme e cheia de empregados. E desde o momento na diretoria até o momento em que chegamos na sua casa ele conversou comigo, e por alguma razão eu conversei de volta mesmo que soubesse que deveria afastá-lo.

Ele me contou sobre meu pai adotivo, sobre o acidente, sobre como ele escondeu do pai sobre a minha existência e mais milhares de coisas, uma diferente da outra. E no mesmo dia que cheguei, eu conheci Lorenzo e a família dele que se baseava na sua mãe, tios e tias. E o loiro que parecia estar sempre entediado do mundo ao seu redor grudou em mim, de início soube que era por curiosidade, mas a curiosidade dele nunca passou em relação a mim, como costumava passar em relação aos outros. E ambos ficamos amigos bem rápido, acho que sem ele e a família dele, eu não teria conseguido superar a morte do meu avô.

Entre minha mãe de sangue, minha mãe adotiva e meu pai adotivo, meu avô foi a pessoa que passei menos tempo junto, e ironicamente foi a pessoa que eu mais amei e a qual eu mais sofri quando ele me abandonou. Foi quando entendi que não precisamos de muito tempo para amarmos uma pessoa com todo o nosso coração, só precisamos conhecê-la para que isso aconteça.

— Matthew, tudo bem, não precisa continuar, ok? Tudo bem — A voz preocupada de Magnólia me trouxe de volta para a realidade, onde eu estava soluçando de tanto chorar e ela me abraçava tentando me consolar.

— Mais do que um momento, certo? — Sussurrei para ela com a voz embargada e a visão distorcida por causa das lágrimas, por um instante tudo ficando nítido quando escorreram.

Magnólia suavizou sua expressão de aflição e assentiu.

— Certo — Disse-me sorrindo.

— Muito mais do que um momento — afirmou.

Abracei ela de volta, fechando meus olhos com força. Não sabia quantos dias, meses ou anos eu teria com Magnólia. Mas sabia de duas coisas: a primeira era que eu nunca a abandonaria, e a segunda era que eu faria de tudo para continuarmos juntos. Não importava como, nem os empecilhos que surgissem, eu faria tudo o que fosse preciso para permanecer assim, junto dela.

CAPÍTULO 18

“Você se importa com romantismo."

Diego

Detestei ter que largar Débora adormecida na cama, mas não tive outra opção, precisei sair e ir comprar outro chip para o meu celular. Era o único meio de me livrar temporariamente das mensagens dos meus irmãos me cobrando absurdos familiares junto dos seus comentários sobre as minhas fotos na joalheria.

Estava saindo do meu quarto quando vi a Lindsay preparando um chá em uma camisola. Ignorei a renda e olhei para o rosto dela.

— Ei, Lindsay. — murmurei, me aproximando dela que arregalou os olhos ao me ver. — Não estou olhando, só quero perguntar uma coisa — falo olhando para baixo.

— S-sim? — ela murmurou nervosa.

— Você acha que seu pai saberia um meio de tornar impossível descobrir meu número de celular?— perguntei, ainda olhando para o chão.

— É possível — ela disse baixinho.

— Acha que pode perguntar para ele? Ou achar um meio de eu conversar com ele sobre isso? — pergunto, e ela fica calada — Por favor — acrescento ao perceber meu erro.

— Ok. Vou falar com ele — me diz.

— Obrigado — Sorri e acenei sem olhar para ela, e me virei andando em direção a porta, saindo do apartamento.

Não demorei tanto quanto imaginei na loja vinte e quatro horas, comprando e cadastrando o chip novo no meu celular, o que me fez demorar para voltar foi o trânsito matinal mesmo que eu estivesse com a minha moto. Estava impaciente, preso entre os carros e outros automóveis em um maldito engarrafamento quando meu celular começou a tocar. Era um número privado, nem pretendia aceitar, mas a ligação foi automaticamente aceita.

Tirei o capacete para poder de fato falar com quem quer que fosse.

— Diego, aqui é o William, pai da Lindsay. Ela me disse que queria falar sobre seu

número de celular — a voz do pai da loira soou assim que pus o celular contra a orelha.

— Sim, isso, senhor.

— Esqueça as formalidades, entro em contato com você mais tarde para falarmos sobre isso, agora acho que é melhor pegar a rota que estou te mandando e ir direto para o apartamento, seu pai e seus irmãos estão no elevador nesse momento, e a Débora está sozinha pelo que vi.

A ligação caiu na mesma hora e assim que abaixei o celular, o gps abriu e uma rota em vermelho surgiu na tela. Memorizei ela e enfiei o celular no bolso e pus o capacete, fazendo a curva assim que os carros avançaram um pouco mais. Ignorei as buzinas e avancei os sinais de trânsitos que via mudarem para verdes quando eu estava prestes a violar os vermelhos, ciente de que era o pai de Lindsay fazendo essa alteração.

Uma parte minha sabia que meu pai viria me procurar, ele sempre acabava fazendo isso pelo menos uma ou duas vezes por ano, e sempre discutíamos quando ele começava a falar sobre o passado, sobre como ele e as coisas funcionam, mas não pensei que faria isso agora, muito menos com Débora. E para piorar com os meus irmãos, meus irmãos conseguiam ser mais tóxicos e nojentos do que meu próprio pai, resultado da criação dele. Sempre falam que os mais novos superam os mais velhos, o que se esquecem de falar é que os traços ruins dos mais velhos afloram nos mais novos quando eles crescem, e os mais novos, quando mais velhos, se tornam piores que os mais velhos. Meus irmãos eram essas pessoas.

Escancaro e empurro a porta do apartamento sem nem me dar o trabalho de fechar, avançando diretamente para a sala e encontrando Débora entregando um copo de água para meu pai sentado em um dos sofás. Meus irmãos estão sentados do outro lado encarando Débora como se ela fosse um pedaço de carne, e aquilo já era mais do que suficiente para eu querer quebrar a cara dos dois até não enxergarem mais nada.

— O que estão fazendo aqui? — rosnei, largando as chaves e o capacete no canto e me pondo na frente de Débora, a segurando pelo pulso.

— Diego — meu pai sorriu como se estivesse imensamente feliz por me ver e sentisse saudades minha.

— Ela não é sua empregada — rosnei, pegando o copo da mão de Débora, pondo na mesa e a puxando para trás de mim.

— A sua namorada só estava sendo uma boa anfitriã dando água para o papai.

— Ela não tem que fazer nada por ele, nem por vocês. E nem irá — esbravejei encarando meu irmão Yosef, e em seguida Charles sentado do lado dele, os dois enfiados nos ternos e gravatas caros e impecáveis, seguindo o exemplo do chefe da família Napier.

— Diego, filho, não vim para brigar, muito menos na frente da sua namorada — meu pai falou, se levantando e ficando diante de mim.

— Vocês não deveriam ter vindo — o corrigi.

— Vão embora. Eu quero vocês longe de mim, e bem longe da Débora — apontei com a cabeça para a porta ainda aberta.

— Só quero conversar com você, filho. E conhecer a sua namorada. Só isso —meu pai usou sua boa lábia e voz sutil ao falar essas palavras que poderiam ser interpretadas para qualquer um que as ouvisse como as mais sinceras desse mundo. Não para aqueles que foram

ensinados a ser assim, como era o meu caso.

— Não quero conversar com você. E ela não vai trocar mais uma palavra com você também, com nenhum de vocês — Respondi na mesma hora.

— Você fala por ela agora, irmão? — Yosef riu olhando para Débora.

— Talvez diga a ela o que fazer também — sorriu, abaixando seu olhar para o corpo dela, me movi instintivamente para o lado ficando totalmente na frente dela, a protegendo do olhar dele.

— Se continuar encarando minha namorada desse jeito, vai ser a última coisa que vai ver com seus olhos, porque eu vou arrancar eles de você — Avisei dando meio passo na direção dele.

— Basta, Yosef — meu pai esbravejou, encarando meu irmão.

— Você e seu irmão podem ir. Eu quero conversar sozinho com o Diego — mandou, o tom áspero e controlador da minha infância presente na voz dele quando tornou a demandar.

— Certo, pai — Yosef se levantou junto de Charles, permaneci encarando e acompanhando cada passo e movimento de Yosef até que ele e Charles saíram fechando a porta do apartamento.

— Não quero falar com você — repeti.

Apertei o pulso de Débora quando ela saiu das minhas costas. Não queria que ela presenciasse uma cena dessas, ou que conhecesse minha família, queria poupar ela dessas partes desagradáveis e enervantes.

— Só cinco minutos, por favor, filho — Implorou, o que me fez encarar ele em busca das pequenas falhas por trás do pedido humilhante que nunca o ouvi proferir na sua vida.

Implorar e submeter estava sempre fora de cogitação para qualquer Napier. A submissão de qualquer forma era proibida, pois a menor das submissões podia levar a maior delas e seria tarde demais se isso custasse algo de você e percebesse o quão emaranhado ficou ao relaxar.

Olhei para Débora esperando que me deixasse saber se ela ficaria ou se iria para o quarto, ela não tinha mesmo que passar por isso, entretanto vi ela acenar positivo brevemente e se mantendo ao meu lado.

— Cinco minutos — repeti, e me sentei no sofá junto de Débora ignorando o sorriso no rosto de meu pai, acho que foi o sorriso mais comum que já vi ele dar na vida.

Eu não sabia se era um novo tipo de sorriso falso, ou se ele realmente estava feliz. E decidi acreditar que era mais um dos sorrisos falsos dele, porque era bem mais fácil acreditar em algo que já estava acostumado do que em algo totalmente diferente do usual.

— Vocês não estão namorando, não é? — Ele perguntou, vi seu olhar se abaixar para a mão de Débora na minha perna, no anel no dedo indicador dela.

— Ainda não — respondemos ao mesmo tempo, a olhei surpreso, mas sorri abaixando meu olhar por um momento.

— Não tive tempo de me apresentar formalmente, Débora, certo? — Ele perguntou olhando para ela.

— Sim — O respondeu, encarando ele de volta.

— Pode me chamar de Alexandre — ele sorriu cordialmente para ela, e eu franzi a testa.

— Por que está realmente aqui? Bancar o educado não vai mudar em nada — Interrompi qualquer tentativa dele se tornar agradável diante dos olhos de Débora.

— Estou tentando fazer o certo dessa vez, e sei que não acredita em mim, mas sinto saudades, filho.

— Sente saudades do fato de ter mais uma cópia sua dominando tudo. Não de mim.

Meus dedos apertam um pouco mais aos de Débora, e sinto ela roçando o dedão pelo canto do dorso da minha mão, é o menor dos toques, e mesmo assim me acalma e faz com que me sinta seguro em uma proporção gigantesca.

— Sei que foi isso o que eu fiz a sua vida toda, e até pouco tempo. E somente agora estou percebendo o quão errado tenho sido, talvez seja a idade e o fato de...— Ele parou, e eu não fiz menção alguma de pedir para que continuasse, eu não acreditava em nada que saía da boca dele, e não tinha a menor vontade de continuar escutando. — Estou doente, Diego. A verdade é essa. Não tenho mais trabalho, não posso mais fazer o que fazia a vida toda, e a maior parte do tempo estou na mansão sozinho e pensando. E nesse tempo percebi que tudo que fiz a minha vida toda foi controlar as pessoas ao meu redor e as machucar, fiz isso com sua mãe, com seus irmãos, com você.

Conforme ele fala e menciona a doença começo a observar sua aparência e pela primeira vez o homem que vejo não se parece em nada com o que eu tinha nas minhas memórias desde a infância, até o ano passado quando ele foi tentar me trazer de volta para a família.

Os cabelos grisalhos estavam bem mais grisalhos e finos, e os olhos verdes dele que sempre estavam tão escuros e tomados por aquela arrogância e ganância agora eram mais claros, mais límpidos, e fora a mudança no olhar verde dele, ele estava magro, bastante magro. A doença tinha todas as chances de ser verdade, e não foi estranho o fato de eu não me importar nem um pouco com isso. Ele não se importou comigo a vida toda e me tratou como um investimento e não como um filho, não me surpreendia e nem deveria surpreender a ele o fato de eu não me importar com ele. Foi para isso que ele me criou, para não me importar com ninguém.

— Você tem dois filhos *incríveis* ao seu lado — Sorri de lado — Eles vão cuidar de você tão bem quanto cuidou deles — meu sarcasmo é proposital, e ele sabe disso.

Ele fica em silêncio e olha para a mesa de centro, consigo enxergar algo como tristeza ou decepção na expressão e no olhar dele, vejo que está se sentindo destruído, e odeio uma parte bem antiga de mim que se sente mal por ver ele assim. É quando me lembro de quantas vezes ele fez essa mesma tática comigo durante minha infância toda vez que eu não queria ir com ele para a empresa, ou fazer alguma coisa que ele queria. Era um dos meios dele manipular. E é o que preciso para essa pequena culpa por o ver triste ir embora.

— Posso pelo menos vir ver você algumas vezes? — A sua pergunta me surpreende, porque supus que ele iria usar uma das suas táticas menos pacíficas, sua rendição e pedido não se enquadraram em nada com o Alexandre que me criou, ou com o homem de negócios.

— Você viu a minha mãe alguma vez durante todo o tempo em que ela esteve doente? Não. Nem eu, porque era obrigado a ficar o tempo todo com você — respondo.

— Tem razão.

Mais uma resposta que não achei que escutaria. Nenhum deles nunca admitia quando outros tinham razão, eles sempre tinham razão, e meu pai era o pior deles mesmo cometendo milhares de erros dentro da própria família e mantendo tudo perfeito na empresa.

— Eu sei disso — respondi irritado.

— Uma vez ao mês? Por favor, filho. Só quero...poder conversar um pouco com você, saber mais sobre você, tentar ser o pai que nunca fui.

— Sabe que eu não acredito em você, né? Sabe que tudo que sai da sua boca sempre vai ser visto como mais uma das suas mentiras e...

— Só uma chance, filho. Por favor — me interrompeu, desencostando do sofá e sentando na beirada, é quando reparo em uma bengala preta encostada no braço no sofá.

— Não precisa me responder agora. Pense nisso, se a resposta for sim, me ligue — Ele apanhou a bengala do seu lado, e vi suas pernas falharem por um momento assim que se levantou do sofá.

Notei o olhar de Débora para ele, e soube que ela queria ajudar ele naquele momento. Acho que era o certo, mesmo sabendo que ele não merecia. Seria pior se caísse de qualquer maneira.

Levantei e ergui meu braço para ele, oferecendo somente um apoio. Ele segurou no meu antebraço e agradeceu, olhando para Débora nos observando.

— Foi bom conhecer você, Débora.

Débora apenas assentiu e ofereceu a meu pai um sorriso pequeno e breve.

— Aliás, o anel é lindo. Mesmo não sendo um Napier — sua provocação a fez rir.

— O anel é perfeito, algo que a Napier não é. — ela retrucou, e meu pai riu da resposta afiada dela e assentiu.

— Fico feliz que tenha alguém, Diego, temi que tivesse estragado isso na sua vida também — Ele me disse quando estava o acompanhando em direção ao elevador.

— Ela é tudo que a minha mãe não foi — respondo apenas, e é o suficiente para entender o que estou insinuando.

— Fiz sua mãe muito infeliz. Todos vocês. Sinto muito, filho, sinto mesmo. Contudo sei que é tarde demais para reparar meus erros, especialmente quando o primeiro deles não está mais aqui — Ele aperta a bengala e eu aperto o botão do elevador, ignorando o anel de casamento que noto no dedo dele, o par da aliança da mamãe que encontro em uma corrente ao redor do pescoço dele.

— Alguma vez amou ela? — Pergunto, encarando as portas fechadas do elevador.

— Sim, mas só percebi quando a perdi. Antes de perder as pessoas que amava não percebia que as amava, e só as via como...

— Objetos, propriedades, investimentos — acrescento alguns exemplos ao interromper sua busca por palavras bonitas e educadas para se falar de algo tão feio e desrespeitoso.

— É.

As portas abriram e ele se virou para me encarar.

— Obrigado por me deixar ter essa conversa com você, filho. Eu consigo daqui, seus irmãos estão esperando na entrada.

Ao iniciar a despedida ele tocou no meu ombro, o segurando por um instante, e não acreditei ao ver ele sorrindo para mim mais uma vez. Era um pouco contido e sem jeito, porém era um sorriso.

— Sabe que eles não se importam — lembro.

— E por que se importariam? Eu os ensinei justamente para isso, agora estou colhendo o que plantei — ele suspirou e riu, sacudindo a cabeça triste, embora soasse conformado.

— Tchau, filho — deu duas batidinhas no meu ombro e entrou devagar no elevador com a ajuda da bengala.

— Tchau...— Murmurei — pai...— e acrescentei baixinho ao fechar as portas.

Algo ruim ficou com sua saída, como o gosto de um remédio amargo que parece estar impregnado na boca e na saliva mesmo que já tenha ingerido. Não sabia se era o amargo da presença dele e dos meus irmãos, ou da possibilidade de tudo que ele falou ser verdade e eu estar decidido a acreditar que era mentira porque era muito mais fácil desse jeito. Ao mesmo tempo sinto que não estou tão certo da minha decisão, e logo, estou indeciso e irritado com isso.

Assim que retornei para a sala vi Débora de pé, e somente naquele momento reparei que ela usava minha blusa preta e uma bermuda que parecia ser minha também. E a falta de ar veio por causa dela. Eu andei na direção dela e a puxei comigo até cair sentado de volta no sofá com ela sentada por cima das minhas coxas, e a beijei.

A manhã não ocorreu nada como eu gostaria, eu queria ter voltado a tempo de ficar com ela na cama e em seus braços, mas agora estávamos na sala depois da visita da minha família. E se não podia mais seguir meu planejado, faria do jeito que estava. E o que eu queria agora era sentir Débora antes que todos voltassem.

Segurei seu queixo, beijando sua garganta e descendo para a lateral do seu pescoço, apertando meus dedos na sua pele conforme beijava e chupava a pele fina do seu pescoço.

Débora soltou um ruído baixo, suas unhas raspando pelo meu peito por cima da minha camisa, seu corpo se movendo por cima do meu até se pressionar acima da minha ereção.

— Vai dar uma segunda chance para ele? — Ela perguntou ao afastar os lábios dos meus.

— Não sei… — sussurrei com sinceridade, pois agora realmente não sabia, começava a me sentir mal por pensar em dizer que não, e ao mesmo tempo me sentia incomodado por pensar em sim, ambas as decisões tinham grandes chances de arrependimento e mais mágoas.

— Então vai ignorar essa reunião familiar ou...— ela perguntou.

— Só por alguns minutos — falei, embora soasse como quem pedia uma confirmação.

— Tudo bem...— ela concordou.

— Você se importa com romantismo, ou posso...— mordi meu lábio, e franzi a testa tentando entender da onde foi que fiquei tímido para uma pergunta tão boba, Débora era a culpada, a culpada mais apaixonante desse mundo.

— Deixe o romantismo para outro momento, que tal descobrir se chupo seu pau tão bem quanto meus pirulitos? — ela levantou uma sobrancelha, um sorriso malicioso se formando nos seus lábios.

— Outra hora, quero por essa boceta na minha boca primeiro, docinho. — girei nós dois, a pondo deitada entre as almofadas no sofá, seu corpo se encaixou perfeitamente ali e eu entre as suas pernas macias e coxas grossas.

— E depois quero senti-la em torno do meu pau — beijei a lateral do seu joelho.

— São duas coisas muito tentadoras, mas estamos na sala e nossos amigos podem chegar a qualquer minuto — argumentou, e abriu mais as pernas para mim, deixando claro que a ideia não a preocupava como dizia.

— Eles vão ter uma recepção que nunca mais vão esquecer — respondi, afundando meu rosto e lábios na parte interna da sua coxa, vendo ela apressar seus dedos até a barra da sua bermuda.

— Não ouse fazer isso — a alertei, semicerrando os olhos para os dedos dela, traçando sua coxa mais a fundo com meus lábios.

— Estou facilitando o seu trabalho — retrucou, me mostrando um sorrisinho afrontoso.

— Exatamente, meu trabalho, não seu. É meu trabalho tirar cada peça de roupa sua, não lembro de ter dito que podia fazer isso sozinha, e é bom não fazer — grunhi.

— Caso contrário...— Começou, arqueando a sobrancelha.

Meus dentes se prenderam entre a pele fixa da sua coxa e minha mão e antebraço cercou sua perna, erguendo um pouco acima dos meus ombros enquanto eu mordia e chupava sua pele com força. Débora se arqueou entre as almofadas, soltando um gemido baixo.

— Caso contrário, vou me garantir de gozar e não deixar que você alcance seu orgasmo...

— Isso é um ab...

— Seja uma boa garota, se comporte e goze, ou seja uma má garota e fique lamentando — ultrapassei sua reclamação, e isso a cala imediatamente, o que me faz sorrir contra sua pele sensível após a marca que deixei ali. — Qual vai ser? — questiono, movendo minhas mãos até a barra da sua bermuda, brincando com ela e puxando-a para baixo.

— A primeira opção — disse tão baixo que mal ouvi.

— Não escutei direito, repete.

— A primeira opção, chantagista — repetiu mais alto, seu olhar focado nos movimentos das minhas mãos.

— Seja mais específica, Deb, qual é a primeira opção?

— Vou ser uma boa garota e deixar que tire minha roupa — sussurrou, levantando o quadril para que eu pudesse puxar o restante da bermuda para baixo e a passar entre as suas pernas, me livrando da peça.

— Então você escolher gozar, coisinha gananciosa — sorri, ela apertou os olhos, mas não rebateu.

Ri baixo e agarrei a barra da minha blusa que ela estava vestindo, e embora ela esteja

apenas de calcinha e com uma blusa minha, era a visão mais linda da minha vida nesse momento. Eu tinha certeza de que ela nua seria ainda mais, e eu estava impaciente para admirar isso como se fosse a mais prestigiada obra de arte.

— Tenho que lembrar de te dar todas as minhas blusas — falo, já tirando a blusa dela e jogando ao chão, movendo meus olhos para o corpo de Débora no conjunto preto com desenhos de flores em preto espalhados pela transparência que deixava seus seios bem mais expostos para mim do que os conjuntos comuns e opacos.

— E por quê?

— Porque minha blusa fica tão incrível em você...— meus dedos se enrolaram nas laterais da sua calcinha.

— Melhor do que eu sem nada?

— Não.

Ela sorri presunçosa e eu me livro da sua calcinha e não espero, porque por mais que quisesse tornar esse momento longo, o pessoal podia realmente voltar a qualquer momento, e porque precisava por ela na boca. E foi o que fiz, encarei Débora e lancei uma piscadela para ela antes de abaixar o meu rosto, o afundando entre suas pernas, pondo seu clitóris já inchado entre meus lábios e o beijando suavemente de início. O contato fez ela se arquear e fechar os olhos de jade, suspirando.

Controlei minha vontade de a irritar nesse momento com as minhas provocações e separei mais meus lábios, pondo seu clitóris na minha boca o chupando devagar.

— M-mais forte. — pediu, e arfou quando o fiz no mesmo instante.

Por um momento me perdi da melhor maneira possível com a visão do peito dela empinando conforme ela se contorcia no sofá antes de eu continuar chupando seu clitóris, empurrando minha língua contra a sensibilidade dele, traçando círculos pesados e devagares que não demorei a tornar em rápidos e fortes, os gemidos baixos de Débora começaram a ocupar a sala.

No instante em que desci minha boca entre seus lábios até sua entrada encharcada, os seus quadris se remexeram de encontro ao meu rosto e as suas pernas subiram, enlaçando meus ombros. Suas coxas se apertaram um pouco ao redor do meu rosto e eu afundei mais meu rosto, pressionando seu clitóris com meu nariz de jeito desleixado apenas para a bagunçar mais ainda conforme minha língua penetrava em seu interior.

— Desse jeito, porra… *não pare.* — ela suspirou, se contorcendo ainda mais.

Movi minhas mãos para as laterais dos seus quadris, a segurando no lugar e chupando ela com mais força, consequentemente arrancando um gemido mais alto como resposta. Escutei seus sons e observei a expressão dela contorcida em prazer, me deixando ganancioso por mais disso, mais dos seus sons e reações que arrancaria dela quando estivesse com meu pau se afundando na boceta que chupava agora.

Uma exclamação dela e seu interior se apertou entre minha língua se afundando nela, tornando óbvio que seu orgasmo começava a se aproximar. Para que ela o alcançasse, eu levei meus dedos até seu clitóris e logo nos primeiros segundos em que comecei a rodear a ponta inchada suas coxas se apertaram ao meu redor e ela começou a gozar, chamado meu nome

algumas vezes enquanto eu ainda chupava ela e a admirava se desfazer na minha boca.

— Linda e deliciosa, sabia que docinho combinava perfeitamente com você. — ciciei beijando sua virilha, suas pernas relaxando junto do seu corpo.

— Você usa essa boca melhor para chupar do que para falar. — Débora alfinetou quando recuperou o fôlego, os olhos abertos encontrando os meus junto de um sorrisinho sorrateiro e satisfeito.

— E você usa a sua melhor gemendo do que me provocando. — respondo, puxando minha camisa para cima mais impaciente que antes, sentindo meu pau pulsando no aperto da minha calça. — Tire o sutiã, e apoie-se sofá, quero essa bunda para cima. — mandei, gesticulando conforme desabotoava minha calça.

Débora ainda estava excitada, ela queria que eu a fodesse o tanto quanto eu queria foder ela, e não foi atoa que me obedeceu rapidamente sem retrucar.

Os seus seios se libertaram e eu contemplei a visão dela com a bunda empinada para mim, enquanto desenrolava no meu pau a camisinha que tirei do bolso da calça.

— Eu sei que minha bunda é bonita, Diego, agora para de ficar só admirando ela e me fode. — Ela resmungou, o queixo apoiado na palma da mão e os olhos atentos em mim admirando sua posição.

— Não seja uma desesperada. — Respondi sorrindo, vendo seu olhar percorrendo meu pau conforme eu me posicionava atrás dela no sofá.

— Não estou desesperada.

— E que outra palavra você teria para alguém implorando o pau de alguém?

— Vai para a casa do caralho. — Vociferou.

— Não, obrigado, prefiro a sua boceta.— e com isso, afundei dentro dela, sentindo seu interior se apertar deliciosamente contra o meu pau em recusa pela penetrada bruta e funda, me forçando a parar quase totalmente dentro dela e gemer pelo aperto que quase me levou direto para gozar.

Débora arfou, soltando o grito que vi que tinha prendido. Me curvei, murmurando algumas desculpas entre beijos que salpiquei nas suas costas nuas antes de agarrar um lado do seu quadril e mover a outra mão para agarrar seu queixo e trazer sua boca na minha, a beijando.

Senti seu corpo relaxando conforme sua mente focou no beijo e na minha língua em torno dela. Devagar me afundei mais até estar com meu pau por completo no seu interior. Deb gemeu na minha boca e mordeu meu lábio inferior.

— Estou te machucando muito? — Perguntei baixo na sua orelha.

— Um pouco. Tem tempo que eu não… — suspirou sem terminar.

— Você dita quando posso me mover

— Digo, beijando seu maxilar e descendo até abocanhar seu pescoço, enchendo o caminho sensível de beijos e mordidas longas.

Débora gemeu, inclinando a cabeça para trás, as mechas pretas do seu cabelo curto estavam bagunçadas e seus olhos verdes perdidos entre tudo que sentia.

— Pode se mexer, mas devagar. — Me avisou alguns instantes depois.

— Quão devagar quiser, docinho. — prometi, e recuei, abandonando seu pescoço avermelhado e estocando devagar para dentro dela depois de sair quase por inteiro.

— Então é aqui seu ponto fraco?

Zombei quando meti pela quinta vez um pouco mais forte e acertei algum ponto dentro dela que a fez gemer mais alto e apertar os dedos em torno do braço do sofá, se curvando nele e empinando mais sua bunda, rebolando de encontro ao meu pau entrando e saindo dela. Débora não responde, apenas continua rebolando e se agarrando ao sofá como se fosse uma boia a impedindo de afundar, enquanto estou estocando devagar e forte para dentro dela, doido para afogar ela no prazer que está sentindo, ansioso para ver ela em uma bagunça ainda maior.

— Parece que é. — zombei, xingando entre algumas estocadas e segurando ambos os lados do quadril dela, cravando meus dedos na sua pele ciente das marcas que ficariam.

— B-bem aí, Diego! — gemeu novamente quando acertei aquele mesmo lugar, e senti que estava perto novamente pelo aperto em torno do meu pau que fez com meu orgasmo fosse empurrado para perto também.

Gemi, movendo minha mão pelas costas dela até pegar um punhado do seu cabelo com a minha mão, puxando seu rosto para o lado o suficiente para estar olhando a expressão do seu rosto corado e seus lábios se movendo conforme arfava e gemia.

— Abra os olhos. — mandei, apertando meus dedos no seu quadril e segurando as mechas do seu cabelo com a mão livre.

— Porra Diego, estou tão perto! — ela gemeu e eu puxei as mechas com mais força.

— Abra os olhos agora, quero olhar em seus olhos quando gozar. — exigi, e assim que ela o fez. Aqueles olhos de jade se mostraram tão desesperados perto da beira que eu xinguei alto, começando a gozar e me empurrando ainda mais para dentro dela, ficando parado nessa posição.

Débora estremeceu, gritando meu nome. Eu acho. Só foquei no som de prazer escapando pela sua garganta comigo parando no fundo dela, sentindo sua boceta pulsando e se apertando ao redor do meu pau. Nossas respirações pesadas e nossos gemidos altos ecoando por toda a sala durante os segundos do orgasmo resistindo entre nós dois.

Me joguei para trás no sofá e trouxe o corpo relaxado de Débora comigo, envolvendo suas costas suadas e sentindo sua testa descansar no meu ombro, a respiração dela estando tão pesada e acelerada quanto a minha que vinha entre ofegos audíveis.

— Não vai sair de dentro de mim?

Ela murmurou um tempo depois, se referindo a meu pau ainda dentro da sua boceta. Eu ri com minha cabeça jogada para trás e olhos fechados.

— Estava gostando muito disso alguns segundos atrás, não? — Ergui a sobrancelha mesmo sem estar encarando-a.

— Você é irritante, sabia?

— E você fica ainda mais bonita com essa bunda empinada para o meu pau, choramingando por minha causa.

— Você nem é tudo isso. — bufou.

— *Você definitivamente é tudo isso.* — suspirei.

Me vi sorrindo e abrindo os olhos ao abaixar a cabeça e encontrar os olhos de Débora, que sorriu sem graça com o elogio.

— Vamos tomar um banho antes que cheguem, mas dessa vez não quebre a maçaneta comigo dentro. — adverti ela, a erguendo em meus braços e andando para o banheiro sem me dar ao trabalho de pegar nossas roupas. As buscaria quando fosse pegar toalhas e roupas limpas em nossos quartos.

— Desde que não me irrite. — Débora retrucou, segurando em meus ombros.

— Impossível, te irritar é a melhor parte da minha vida desde que te conheci. É quando meu mundo ganha mais sentido. — Eu murmuro beijando sua bochecha, sendo realmente honesto com o que confessei.

Débora riu e beijou minha bochecha de volta, fazendo-me sorrir para ela feito um idiota apaixonado. Eu já era um. Eu sabia disso e ela também.



CAPÍTULO 19

“Suas observações."

Magnólia

Olhava a cada cinco segundos ou menos na direção de Matthew, observando, talvez babando, ou admirando, ele sentado no banco do jardim com um garotinho de uns cinco anos no colo, desenhando com ele. Era uma cena incomum, e bem surpreendente porque Matthew não aparentava ser um cara que gostava de crianças, ou que tinha paciência com elas, muito menos que era tão atencioso e amoroso com as mesmas.

Acho que minha ficha demoraria mais um pouco para cair, talvez se eu olhasse para a cena mais umas mil vezes, me acostumaria — algo me dizia que não iria — e continuaria segurando um sorriso.

Essa manhã tinha acordado com Matthew dizendo que precisava ir em lugar, ele não abriu espaço para convites, mas quando perguntei onde, ele me respondeu "orfanato" e quando perguntei se podia ir com ele, apesar da surpresa, ele suavizou aquela ira matinal e natural dele e concordou. E foi assim que ele me trouxe para esse orfanato onde me disse fazer doações com o dinheiro da herança do amor e todos os outros investimentos que passaram para o nome dele quando o avô adotivo faleceu. Matthew disse que se sentia preso ao orfanato, e queria ajudar em coisas que gostaria que tivessem ajudado quando ele era uma das crianças sem lar.

— Tia, você é a esposa do tio Matt?

A menininha com que eu estava sentada na grama brincando de boneca me perguntou. Ela tinha lindos olhos castanho claros e cabelos castanhos acobreados, quase ruivos, cheio de cachinhos soltos pelas costas, embora tenha me dito que deveria estar com eles presos, a mesma não os prendeu, e não prenderia até algum dos "adultos do orfanato" aparecessem.

— Não, não sou. — sorri para ela, tocando sua bochecha gentilmente.

— Então você é a namorada dele? — Ela perguntou, penteando o cabelo da boneca.

Senti o olhar de Matthew em nós duas, mas não olhei na sua direção dessa vez. Apenas toquei na ponta do nariz dela e sorri.

— Não, não sou a namorada dele. Somos apenas amigos. — Respondi, apertando de leve

a ponta do nariz da garotinha a fazendo rir e afastar minha mão.

— Ele nunca trouxe nenhum amigo dele antes. — Insistiu a mesma.

— Talvez porque eu seja uma amiga muito convincente. — Me orgulhei, sorrindo divertida para a mesma.

— Eu acho que ele gosta de você, tia Mag — Mel disse, começando a trocar a roupa da sua boneca, suas pernas cruzadas na grama em que sentamos.

— Acha? Por quê? — perguntei.

— Porque ele dizia que não tinha amiga nenhuma, mas você está aqui, então acho que ele gosta muito de você — concordou, a mente dessa criança conseguia ser mais perspicaz do que a minha.

— E você, você tem amigos? — Pergunto, tentando mudar o foco do assunto do meu não relacionamento com Matthew que insistiam em por como se já fosse um.

Eu tinha notado e entendido que a principal razão para Matthew vir no orfanato era para saber como as crianças estavam, ele queria se certificar de que não estavam sofrendo as mesmas agressões que eles, e a primeira coisa que fez quando chegou foi ir rever os órfãos mais velhos que pareciam vê-lo como um irmão mais velho, como alguém que gostariam muito de ser quando adultos. Enquanto eu, por outro lado, fui declarada como a irmã gêmea perdida do Matthew por causa da cor dos nossos cabelos, mesmo ele dizendo que era a última coisa que éramos, com um sorrisinho de canto cheio de outras intenções.

Eu tinha conversado com todas as crianças do orfanato e brincando com as menores, sendo chamada por tia ou irmã do Matthew pela maioria, a segunda sendo meu ponto de ruptura para uma careta bem feia.

Mel e o garoto com quem Matthew desenhava e brincava eram as últimas crianças com quem vinhemos para conversar e brincar. Matthew disse que eles eram os mais tímidos, e por isso ele sempre falava com eles dois sozinhos. E foi o que ele e eu fizemos.

Mel relutou um pouco a se apresentar para mim, mas quando Matthew disse para ela que eu gostava de brincar de boneca, sem nem saber se eu gostava, ela agarrou minha mão e me arrastou para a grama onde começamos a brincar.

— Só com ele — Ela olhou para o menino sentado nas pernas de Matthew.

— E vocês estão sempre brincando juntos? — comecei a dirigir o carrinho de brinquedo com meu boneco dentro.

— Às vezes — ela deu de ombros.

— Ele é um bom amigo?

— Sim, mas ele me irrita muito, tia — ela suspirou e eu dei risada, concordando.

— Algumas vezes amigos irritam uns aos outros, é normal, desde que ele não te magoe de verdade — Tranquilizei a menininha, afagando seus cachos gentilmente.

— O tio Matt também irrita você? — Me pergunta, parecendo estar cogitando considerar algo normal, e senta mais perto de mim na grama.

— Ah sim, ele me irrita, e eu irrito ele também, mas sempre que ele precisar, vou estar lá

para ajudar ele, e eu sei que ele vai estar lá se eu precisar também. E é isso que amigos fazem, estamos lá um para o outro, não importa a distância ou o quanto nos irritamos um o outro — digo para ela, sorrindo. — É o que acontece quando nos importamos com alguém, cuidamos dela quando precisa.

Mel fica pensativa com as minhas palavras, pelo seu olhar, sei que compreendeu minhas palavras muito bem para uma criança da sua idade.

— Quer dizer que eu e ele sempre vamos ser amigos? — me perguntou de repente, interrompendo a brincadeira.

— Se vocês continuarem se importando um com o outro, sim.

— Mesmo depois de crescermos? Ainda vou poder ser amiga dela? — Ela larga a boneca e senta entre as minhas pernas, eu recuo um pouco surpresa, mesmo assim endireito minha postura e a acomodo no meu colo, a segurando entre meus braços.

— Claro que sim. Vocês podem ser amigos a vida toda se quiserem. Não importa a distância em que estiverem um do outro. — Juro, afagando os cachos do cabelo dela.

— E você vai ser amiga do tio Matt a vida toda?! Mas é muito tempo — ela diz aquilo de forma chocada, o que me fez dar risada.

— É...é bastante tempo sim, mas ei, sabe? Quanto mais gostamos de uma pessoa, mais tempo queremos ficar com ela.

— Entendi — Mel concordou.

— Abelhinha, a tia está chamando!

O garotinho que estava com Matthew chamou a garotinha comigo, e eu ri ao entender o apelido. Ela se chamava Melissa, encurtada para Mel, e o amiguinho dela parecia gostar bastante da ideia de provocar ela com a comparação por meio desse apelido, eram só duas crianças e algo me dizia que a amizade de infância desses dois poderia durar o restante da vida de ambos.

— Para de me chamar assim! — Mel exclamou, ficando emburrada. Eu ri e vi Matthew torcendo lábios para não rir junto.

— Irritar faz parte, vai lá e dá um apelido para ele também — passei meu dedo pela linha do nariz dela, desfazendo sua expressão de emburrada, ela sorriu gostando da ideia e me abraçando.

— Tchau, tia Mag — ela beijou minha bochecha, sorrindo cheia de alegria feito um raio de sol de tão radiante.

— Tchau, Mel — beijo sua testa e observo ela se levantar e correr até o garotinho de olhos bicolores que corria na minha direção, depois de abraçar Matthew pelo que notei ser a segunda vez desde que eles dois se sentaram no banco, só que dessa vez em forma de despedida.

— Tchau, tia Mag — ele pulou no meu colo para me abraçar, enquanto Mel se despedia de Matthew, podia escutar uma das mulheres chamando as crianças para o almoço.

— Tchau, Theo — Beijo a testa dele e olho em seus olhos bicolores por um momento, sorrindo para as íris, uma verde claro e a outra castanha escura.

— Cuidem bem um do outro, está bem? — peço para ele, remexendo as mechas pretas do cabelo ondulado e curto dele.

— Eu vou cuidar dela todo dia. — Theo me promete com tanta determinação para apenas uma criança que vejo admirada e inspirada pelo mesmo.

— Muito bem!

Trocamos um high-five e tenho o vislumbre de um sorriso no rosto do garoto que parecia sério demais para sair oferecendo sorrisos, embora fosse tão carinhoso e doce quanto Mel, talvez mais, pude perceber quando me abraçou por uma segunda vez.

— Vocês vão voltar? — ele pergunta baixinho.

— O Matt sempre volta, não é? — murmuro, afagando o cabelo do garoto.

— Sim — concorda.

— Então vamos voltar sim.

Theo concorda e me abraça uma última vez antes de se levantar e correr até Matthew, abraçando ele novamente, e segurar na mão de Mel correndo com ela para dentro do orfanato a tempo de se juntarem aos outros para o almoço.

— Adorei o fato dele me abraçar três vezes, e fazer o mesmo com você. Esse garoto sabe o significado de igualdade. — comento quando Matthew se aproxima e estende sua mão para mim.

— Ele é bem mais sensível do que parece. — concorda comigo e olha para o desenho na folha.

No desenho tem a grama do orfanato, um pouco da casa, um adulto de cabelos vermelhos e um garotinho no banco, junto de uma adulta com uma garotinha na grama. Não era perfeito seguindo as normas de desenhos artísticos, e ao mesmo tempo, era bastante para uma criança desenhar.

— Elas se apegam a você… — murmuro.

— Eu sei...— Matthew suspira — Mas não consigo ficar longe....— diz, seu olhar se tornando triste por um instante.

Abraço ele que envolve minhas costas com as mãos. Não ficamos presos no abraço tempo demais, ele me pede para esperar no carro para que pudesse falar com a diretora do orfanato e demora cerca de meia hora para eu o enxergar pelo retrovisor quando retorna.

— E agora? — suspirei, virando meu rosto na direção de Matthew quando ele entrou no carro ocupando o banco do motorista.

— Você gostou de vir comigo? — ele perguntou, pondo as chaves que estendi na sua direção de lado, jogando no porta-copos.

— Gostei, eles todos são crianças incríveis e não entendo como alguém consegue simplesmente abandoná-las. — suspirei, e um sorriso triste surgiu no rosto dele, a ira do seu olhar e feições reduzida para melancolia.

— Já viu muitas crianças serem adotadas desde que começou a vir aqui? — Fiz a pergunta baixinho, e coloquei minha mão no seu ombro, esfregando com carinho de um lado para o outro.

— Algumas — concordou.

— Acho que é a pior parte para mim porque não sei mais como estão, como estão se sentindo e se estão cuidando bem delas como uma família deve fazer. — Ele empurrou seu rosto na direção da minha mão, encaixando sua bochecha e maxilar entre meus dedos e palma.

— Sei que só acabo me machucando mais e mais com essa proximidade do orfanato e das crianças, mas me sinto ainda pior se fico longe. — Matthew admitiu, fechando os olhos ao sentir meu dedão acariciando sua bochecha.

— Bem, não está sozinho agora. — Lembrei ele, beijando o lado exposto da sua bochecha.

Ele ergueu seus braços, me puxando para mais perto e apertou o rosto na curva do meu pescoço, me abraçando com urgência ao ponto de eu estar inclinada por cima do espaço entre o espaço dos nossos bancos.

— Não achei que fosse aceitar vir comigo, ou que iria querer voltar. — ele disse depois de um bom tempo calado.

— Não pareço ser o tipo de pessoa que gosta de crianças? Ou que sabe lidar com elas? — ele riu da minha falsa indignação.

— Não. Você não faz o tipo sensível. — provocou claramente, pude até sentir seus lábios contra a pele do meu pescoço formando um sorriso.

— Só uma fachada para me proteger. — sussurrei, brincando com as mechas do seu cabelo.

— É, eu sei. Saiba que agora não precisa mais dessa fachada, ao menos não comigo. E que eu vou proteger você a partir de agora. — o senti sorrindo novamente na minha pele.

— Posso muito bem me proteger sozinha, faço isso faz anos — resmunguei.

— Isso foi antes de me conhecer, agora você me tem — Matthew respondeu.

— Ah, eu tenho? — Zombei, tentando recuar para olhar no seu rosto. Ele não permitiu, me apertou com mais firmeza.

— Tem, tem sim, florzinha. Eu sou seu, todo seu, apenas seu, e eu vou fazer de tudo para proteger você e estar com você — apoiei meu queixo no seu ombro com sua declaração.

— Não acha que é cedo demais para isso? Para tudo isso? — sussurrei.

— Para nós? — senti a provocação de volta na sua voz.

— É.

— Acho, acho sim.

— E?

— E eu não dou a mínima. É só um detalhe. E ele é o que menos importa para mim.

— Não consigo pensar assim — confessei, e dessa vez ele me deixou recuar para olhar no seu rosto.

— Está dizendo que quer ir devagar, se conhecendo, para depois cogitar qualquer relacionamento oficial, é isso, não é?

A leitura afiada de Matthew sobre meus pensamentos me surpreende.

— É. É isso sim.

— Tudo bem. Podemos seguir o seu tempo, estou de acordo com qualquer coisa desde que possa continuar com você...— me tranquilizou, segurando meu rosto entre as suas mãos.

— Sério? — segurei seus braços entre meus dedos, subindo e descendo pelos seus antebraços.

— Sim. Podemos ficar juntos sem pressa e sem títulos, e quando você sentir que for tempo suficiente, é só me falar que faço o pedido — eu revirei os olhos da brincadeira, mas sorri.

— De acordo — afirmo, olhando para ele.

— De acordo — ele concorda e sela o nosso acordo com um casto e longo selar.

— Vamos voltar? Ou você costuma fazer mais alguma coisa? — perguntei quando ele se afastou e pegou as chaves do carro do porta copos.

— Tenho que ir na casa do meu avô falar com o advogado dele...— ele diz, manobrando para sair da vaga.

— Algum problema?

— Não — sacode a cabeça — Era ele quem cuidava de tudo do meu avô e quem continua fazendo maior parte disso para mim, gosto de encontrar com ele uma vez no mês e ver a casa também...— o olhar dele fica vazio por um instante antes de suspirar, trazendo a expressão zangada de volta.

— Pensa em se desfazer da casa?

— Não. É a última lembrança que tenho com meu avô, e o último lugar que senti como se fosse meu lar depois de ter sido mandado para o internato, acho que o único de verdade — ele disse as últimas palavras em um sussurro.

A propriedade do avô de Matthew, agora sua, ficava do lado oposto ao centro e praticamente quase fora da cidade. Longe o bastante dos prédios e arranha céus, em um condomínio estritamente reservado com muito verde de árvores e grama. O ar é totalmente fresco e leve. De longe pude ver a mansão de arquitetura em tons neutros, e ultrapassando os portões automáticos na entrada dela tinha um cara perto de um carro estacionado.

— Vou esperar aqui no carro então. — falo quando Matthew parou com o carro.

— Não, eu quero que conheça a casa — eu neguei, incerta sobre a ideia.

— Esse é o último lugar com lembranças do seu avô, quer mesmo que eu entre aí e *entre* nessas lembranças? — apontei com o queixo para a casa, pensando na ideia de entrar com Matthew e as lembranças novas que estariam se criando comigo e no quão insuportáveis poderiam vir a ser, se por algum acaso, acabarmos nos afastando um do outro.

— Sim, quero. Eu quero passar o resto do dia aqui, com você. Te mostrar a casa...— ele segura minha mão e me olha ansioso, esperando por minha resposta.

— Não pode chamar isso de casa, é um palácio inteiro com floresta e tudo — comentei, e ele deu risada.

— É, é assim — concordou comigo, beijando o dorso da minha mão antes de descermos do carro ao encontro do homem de terno e gravata.

— Bom te ver de novo, Matthew — O homem sorriu para ele e esticou a mão, ambos trocaram um aperto de mão e um breve abraço antes do homem se virar na minha direção.

— Essa é a Magnólia, Souza — Matthew me apresentou, e o homem estendeu a mão na minha direção, sorrindo simpático.

— Bom conhecê-la, pode me chamar por Souza também, ou Robson se preferir.

— Bom conhecê-lo também — Eu apertei a sua mão de volta e sorri de volta, mais educada do que naturalmente simpática como ele era.

— Vou esperar no escritório do seu avô então, Matthew — Robson disse, e fez um gesto para a cabeça para nós dois antes de dar passos largos até a alta e larga porta da entrada e desaparecer por uma brecha.

— Não vai demorar muito, pode ir onde quiser — Matthew disse, me conduzindo para dentro do extenso corredor de entrada dentro da casa.

— Qualquer coisa o escritório é a primeira porta do lado direito — ele apontou a escadaria antes de me roubar um selar e subir os vários degraus.

Eu praticamente cresci em três casas que ficavam na mesma propriedade, a casa dos meus tios e dos meus pais, já que os seis decidiram comprar um complexo com três casas para morarem perto um dos outros, e brigarem mais facilmente como eu e as meninas costumamos dizer. E a casa do avô de Matthew era nesse estilo, com exceção de que era a única casa em bons quarteirões e isso a fazia parecer maior ao meu ver.

A arquitetura do lugar era clássica, vitoriana, ampla e toda em tons neutros como branco, bege e cinza. As cortinas na imensa parede de vidro na sala eram a única cor vívida por enquanto, eram azuis e lindas. A parede de vidro dispensava a necessidade de luzes pois toda a luz do dia e do sol entrava na sala através dos vidros.

Decidi explorar o lado de fora da casa, saí pela entrada e fui em direção ao gramado e as árvores, curiosa por essa pequena floresta e pelo som de água corrente. Achei uma trilha perfeitamente marcada e limpa descendo entre as árvores, o som da água corrente foi se tornando mais alto e forte conforme eu descia. No final do caminho eu podia ver uma cachoeira, a cascata forte do topo batendo contra as rochas no fundo e escorrendo até formar uma piscina transparente mais abaixo onde as folhas das árvores rodavam e corriam, seguindo a correnteza para além da piscina entre as rochas menores.

Desci o restante do caminho e atravessei o chão de folhas úmidas até subir em uma rocha perto da beira da piscina natural, onde tirei meus sapatos e encostei com a ponta dos dedos na água que estava congelando.

— Essa água não está fria não? — Matthew perguntou do topo da curva do caminho, descendo devagar. Eu já estava com meu corpo imerso na água quando apareceu.

— Congelando. — respondi.

— E você não vai sair? — questionou erguendo sua sobrancelha para mim.

— Esperava que você viesse aqui me aquecer. — Lancei um sorriso para ele que parou perto das rochas, já descalço.

— Está me convidando para me juntar a você nessa água? — Perguntou se fazendo de

desentendido.

— Encare como quiser — dei de ombros.

— Então vou me juntar a você.

Ele desabotoou sua camisa e calça junto da boxer pondo junto da minha muda de roupas, e entrou devagar na água nadando até onde eu estava, bem no meio da piscina da cachoeira. Suas mãos percorrendo minhas pernas, as erguendo para enlaçar seus quadris e se afundarem na minha bunda.

— Pensei que você estava nua. — me olhou decepcionado ao sentir o tecido da minha calcinha e sutiã se pressionando no seu corpo debaixo da água.

— Bom, eu não estou — Enlacei seus ombros molhados e beijei seu pescoço, traçando as gotas de água na sua pele com a minha língua.

— Nada que eu não possa resolver. — Ele murmura na minha orelha, seus lábios encontrando o meu lóbulo o mordiscando e instantaneamente me fazendo dar risada e o empurrar para trás.

— Para Matthew! — Exigi, tapando minhas orelhas e nadando para trás.

Ele deu risada, nadando na minha direção.

— Que culpa eu tenho se você sente cócegas na orelha? — respondeu, abanando sobrancelhas sem deixar de sorrir grande.

— Pois fique bem longe das minhas orelhas — mandei, nadando para trás balançando minhas pernas e corpo conforme ele nadava para frente na minha direção.

— Foi uma ordem, florzinha? — ele fez a pergunta mordendo o lábio inferior.

— Argh, foi! — bufei.

— Você não aprende mesmo — disse, avançando bem mais rápido que eu e tentando nadar sem braços, me prendendo nos meus.

Senti seus lábios se abaixando e cobrindo os meus, e de imediato me inclinei correspondendo o beijo, sentindo suas mãos deslizando pelas minhas costas, abrindo o meu sutiã e o puxando por meus ombros e braços, tirando-o.

— Não lhe dei permissão para sair me despindo — resmunguei, sentindo seu corpo me empurrar na superfície de uma das rochas maiores na borda da cachoeira, expondo meus seios fora da água.

— E não parece ser contra — Pontuou ele, beijando meu pescoço e cobrindo meus seios com ambas as mãos esfregando a palma contra meus mamilos.

— É, sorte sua que não sou — suspirei, tocando no seu peito e descendo para seu abdômen até a base do seu pau.

— Não estou afim de brincar — Matthew falou, afastando minha mão para recuar o corpo.

Os seus dedos agarraram as laterais dos meus quadris, puxando a minha calcinha para minhas coxas até passar a peça entre minhas panturrilhas e pés.

— E está esperando o quê para começar a me foder? — retruquei.

— Você me pedir igual a uma boa garota. — disse, envolvendo minhas pernas ao seu redor e empurrando a cabeça do seu pau para minha entrada e parando ali.

— Nos seus sonhos — tentei empurrar meus quadris e ele os apertou, bloqueando meu movimento.

— Sabe o que vai acontecer se continuar com isso. — me lembrou, seus dedos tocando minha coxa e descendo para entre as minhas pernas, um gemido me escapando instantaneamente quando senti seu dedão pressionar o meu clitóris, começando a esfregar o mesmo ponto vagarosamente, dando voltas lentas, torturantes.

— Não disse que não estava afim de brincar? — respondi, agarrando seus quadris para tentar puxar ele para mais perto.

— Sim, mas não disse que não estava afim de fazer você implorar para que eu a fodesse, e eu estou afim de fazer isso — respondeu, se curvando e pondo meu mamilo entre os seus lábios começando a chupa-lo com força, puxando-o entre os dentes e sua língua girando ao redor.

— Não é justo. — gemi arranhando as laterais do seu quadril, fechando meus olhos ao sentir seu dedo esfregando meu clitóris mais rapidamente, exatamente como eu gostava.

— Não é o que eu quero ouvir — respondeu, levando os lábios para meu outro seio.

— Por favor — Pedi, gemendo.

— Seja um pouco específica — suspirou irritado, sua respiração batendo no meu seio, seus dentes se prendendo e roçando pela ponta rígida do meu mamilo.

— Por favor, Matt — Ele me encarou — Me fode, por favor — pedi, minhas mãos agarraram seu rosto trazendo seus lábios para os meus.

No segundo em que iniciamos o beijo, Matthew se empurrou para dentro de mim, seu pau deslizou sem pausa no meu interior e parou fundo, nossos gemidos se misturando em meio beijo. Não paramos, pelo contrário, sua língua deslizou na minha boca e seus lábios se moveram mais rápido junto dos meus.

Outro gemido mergulhou no beijo quando Matthew recuou os quadris em uma primeira estocada que virou duas, três, várias, se afundando na minha boceta fundo e forte, me empurrando mais e mais contra a rocha gelada e lisa na qual me fodia.

Uma mão sua subiu agarrando minha garganta, afundando e apertando seus dedos ao redor, pegando parte do meu pescoço. A outra desceu, se espalmando na lateral do meu quadril e segurando ali com firmeza para que pudesse continuar se empurrando na minha boceta, seu pau sumindo a cada vinda, fazendo-me apertar minhas pernas ao seu redor e arquear na rocha.

— Matthew, porra! — xinguei, fechando os olhos ao gemer, sentindo seu pau pressionando-me em uma nova estocada.

— Por que fechou os olhos? Não consegue me olhar enquanto fodo você, Mag? — ele riu, sua voz estava ofegante e rouca.

— Está tão perto assim? — murmurou, seus lábios encontrando a área exposta do outro lado do meu pescoço, sua língua dando voltas e traçando caminho para o meu peito.

Apenas concordo, mordendo lábios e enfiando meus dedos nos seus ombros, o trazendo mais perto. Matthew sabia disso, ele percebeu coisas minhas durante o sexo que nem eu mesma

percebia que fazia. Eu ainda não sabia se gostava das suas observações, essas suas leituras tão detalhadas sobre mim, meu corpo e o que transmitia, e ele já tinhas várias observações minhas como se fosse a coisa mais fácil do mundo para si, e ele parecia adorar cada uma delas embora me irritasse com mais da metade.

O sinto me acertar fundo e mais rápido, seus dedos fincaram com mais brutalidade no meu quadril e ao redor da minha garganta e aquilo me levou para a borda, gemi alto ao alcançar meu orgasmo, sentindo a pressão do seu pau e da minha boceta apertando-o.

— Porra, ainda não — ele rosnou, mordendo meu seio e recuando, puxando-me consigo, meus peitos e barriga sendo prensados diretamente na rocha em um virar abrupto e brusco.

As mãos de Matthew agarraram ambos os lados da minha bunda e seu pau deslizou pela parte de trás do meu corpo, se afundando na minha boceta novamente e retomando aquele ritmo rápido e forte para dentro de mim. Suas mãos seguravam ambas as bandas da minha bunda, me mantendo aberta para que pudesse continuar me penetrando. Seus dedos enterraram a minha carne, arrancando gemidos meus. Eu podia sentir o prazer se reconstruindo dentro de mim na nova posição e na maneira como me enchia.

— Você fica linda nessa posição, sabia? Submissamente falando. — Matthew zombou, se empurrando mais agressivamente, sabia que era porque estava perto de gozar. — Uma bagunça, é isso o que você está agora, toda bagunçada enquanto te fodo...

Meus dedos e unhas tateavam pela rocha buscando algum meio, alguma coisa para me segurar, em vão, a cada estocada de Matthew por trás meu corpo raspava na superfície gelada e áspera e eu gemia, pressionando meu rosto ali. O pouco apoio que consegui durou pouco, suas mãos subiram dos meu quadris. Uma para agarrar meu cabelo em um rabo de cavalo, e a outra segurar no meu pescoço entre algumas mechas do meu cabelo grudadas na minha pele, me forçando a cuspir qualquer gemido que vinha contendo. Minhas mãos se fecharam na rocha, minhas unhas raspando pelo impenetrável tentando manter meu corpo imóvel enquanto ele investia com violência para dentro de mim sem pausas.

— Sem controle algum, mas acho que no fim você gosta disso, né? — sua risada é substituída por um gemido grave vindo do fundo da sua garganta.

Porra. porra. puta que pariu.

Não sei se xingo em voz alta ou não, mas sei que estou gemendo quando meu corpo começa a tremer e o segundo orgasmo avança e se espalha, o aperto da mão de Matthew na minha garganta se intensifica, destruindo o restante do meu ar e do controle que me restava. Me sinto uma bagunça enquanto gozo e ele se afunda até onde consegue dentro de mim, gozando junto. O quente me preencheu e nossos sons sendo os únicos que sou capaz de escutar na floresta, nem mesmo o som da cachoeira antes ensurdecedor se faz presente aos meus ouvidos nesse instante.

— Não consegue abrir os olhos ainda? — ele perguntou maldoso, eu suspirei quando sua mão largou minha garganta, me permitindo recuperar o fôlego.

— Não enche — resmunguei pressionando meu rosto na rocha ainda ofegante como se tivesse corrido uma maratona, conseguia escutar a cachoeira novamente, ainda sim tudo que sentia era o corpo dele no meu e os espasmos que persistem por um momento, apertando seu pau ainda dentro de mim quando vinham e arrancando alguns gemidos baixos dele.

— Está com fome? — Matthew me perguntou alguns instantes depois, salpicando beijos nas minhas costas.

— Estou faminta...— confessei.

Não tinha comido nada desde o bolo ontem de noite. Acordei com Matthew se arrumando e nem pensei em comida quando perguntou se eu queria ir com ele.

— Vou cozinhar algo, vem — ele me virou para si e eu abri só um pouco meus olhos para erguer braços os, rodeando por cima de seus ombros.

— Tem alguém na casa? — pergunto quando ele começa a andar, saindo da cachoeira comigo em seus braços, nós dois nus.

Escondi meu rosto no seu pescoço e o abracei um pouco mais, sentindo sua mão esfregar minhas costas antes de descer e apertar minha cintura.

— Não. Estamos sozinhos, ninguém vai ver esse corpinho lindo e esse seu lado carente pós sexo. — brincou.

— Não sou carente pós sexo — respondi.

— É sim, fica toda dengosa e grudenta — murmurou.

— Saia de perto de mim! — exigi, e ele me apertou mais nos seus braços.

— E eu gosto muito dessa carência, porque eu posso ficar com você assim nos meus braços — Matthew falou, beijando o topo da minha cabeça e entrando na casa pelos fundos.

Subimos para um quarto onde tomamos uma ducha rápida. Matthew tinha roupas suas aqui, disse que tinham pessoas mantendo tudo limpo e arrumado, e me emprestou uma camisa e cueca sua já que deixamos nossas roupas na cachoeira.

Vesti a blusa vermelha de mangas longas e a cueca branca dele, esfregando a toalha no meu cabelo e descendo para encontrar ele na cozinha da casa. Ele se movia da geladeira para os armários e para a pia ao lado do fogão, os cabelos vermelhos presos em um coque muito desleixado e que só ajudava a tornar ele ainda mais bonito.

— Pensei que o papo de cozinhar era da boca para fora — digo, atraindo sua atenção.

— Não era, aprendi a cozinhar quando meu avô me trouxe para morar com ele, ele estava doente e não podia comer qualquer coisa — fala, seus olhos de cobre descendo para meu corpo na suas roupas.

— Ele não tinha pessoas para cozinhar para ele? — pergunto me aproximando dele aos poucos.

— Tinha, mas eu queria passar o máximo de tempo possível com ele, e ajudando ele, estando do seu lado, porque sabia que sua presença era limitada...— respondeu, e vi seus olhos encherem de lágrimas. — Então a cozinheira da casa e as outras empregadas me ensinaram a cozinhar para que eu pudesse ajudar a preparar a comida dele — continuou, me trazendo para seus braços.

— Seu avô com certeza deve ter ficado muito feliz por todo o cuidado e dedicação que teve por ele — digo, beijando sua bochecha, pensando em algo para distrair sua mente e coração da dor da saudade.

Falar sobre seu avô ainda era um assunto extremamente sensível para ele, essa ferida não estava nem um pouco perto de sarada ou amenizada.

— Onde quer que ele esteja, está orgulhoso do neto dele — digo, segurando seu rosto nas minhas mãos e sorrindo para ele.

— Acha mesmo isso? — murmurou.

— Tenho certeza. Você amou seu avô e cuidou dele durante todo tempo que estiveram juntos, esteve com ele durante o momento mais difícil da vida dele e isso significou muito para ele.

— Sinto saudades dele — confessou.

— Eu sei que sente...— abracei ele.

— O que gostaria de comer? — Matthew me perguntou ao se afastar, ainda mantendo os seus braços em torno do meu corpo.

— Não sei...algo com massa — dou de ombros, minha barriga vinha fazendo barulhos nítidos de fome e aquilo arrancou um sorrisinho de provocação dele.

— Que tal espaguete com almôndegas? — sugeriu, enrolando uma mecha do meu cabelo entre os dedos. A minha barriga roncou e eu mordi o canto da bochecha de vergonha. Matthew, como era de se esperar, estava adorando isso.

— Acho que sua barriga disse sim, florzinha — Matthew piscou, sorrindo sacana.

— É, espaguete e almôndegas — acenei.

— Tudo bem. Aqui — Matthew me suspendeu nos seus braços estupidamente fortes, me pondo sentada em um dos bancos da ilha do outro lado do fogão.

— Não vai me deixar ajudar você? — perguntei, observando ele se afastar e pegar duas taças de vinho e uma garrafa da parede recheada de vinhos do outro lado da cozinha.

— Não. Eu vou cozinhar para você, e você vai ficar sentada aí bebendo vinho — Eu mordi meu lábio inferior ao observar Matt abrir o vinho com familiaridade e despejar o líquido dentro das taças, o aroma subindo no ar alcançando as minhas narinas, não sabia se suspirava pelo aroma maravilhoso ou da visão daquele homem me servindo vinho com tanta normalidade, como se fôssemos amantes por anos.

— E por quê? Eu sei cozinhar — falei, apoiando meu queixo na palma da mão sem tirar meus olhos dele, acho que estava gostando demais de observá-lo, puta merda.

— Porque eu estou mimando você, não é óbvio? — questionou com um tom de obviedade.

— Não pode me mimar desse jeito — fingi resmungar.

— Não? Observe-me mima-la então — colocou minha taça entre meus dedos e encheu meu rosto de beijos que me fizeram dar risada e corar desacostumada com essa demonstração de afeto e esse lado tão carinhoso e rendido dele.

Passei tanto tempo me protegendo para não me apaixonar e ser machucada novamente que quase me esqueci o quão gostoso e reconfortante era quando alguém gostava de você dessa maneira, e do quão indescritível é quando essa pessoa demonstra esse sentimento por você.

— Vou mimar você tanto que talvez eu te estrague, Mag — Ele suspirou, inspirando com o rosto entre as mechas úmidas do meu cabelo.

— Terei que dar o troco mimando você de volta — Eu ri divertida.

— Eu vou amar — sussurrou, beijando a minha testa e se contornando o balcão para continuar preparando o nosso almoço.

Eu dei um gole de vinho na minha taça e relaxei, me contentando em observar Matthew cozinhar para nós dois.

— Se lembra dela? — perguntei baixinho uns minutos depois quando ele colocou o macarrão inteiro dentro da água fervente na panela.

— Bem, até demais — ele sorri fraco.

— Ela era linda. Juro. Tinha sardas que eu costumava dizer que eram estrelas. Sempre me deixava dormir agarrado a ela — Matt me contou, rindo brevemente com a lembrança, um sorriso nostálgico que se tornou magoado. — Sinto saudades dela, mesmo sabendo que não deveria. Ainda a vejo como minha mãe, ciente de que não deveria também. E ainda a amo, mesmo que ela não me ame. — sussurrou amargurado, franzindo a testa em recusa aos próprios pensamentos.

— Não foi culpa sua, sabe disso né? — eu murmurei quando ele começou a cortar na tábua os temperos que colocaria no molho cheio de almôndegas.

Matthew cessou seus movimentos com a faca por um momento, mas continuou olhando para a faca e os temperos.

— Será que não foi? — A sua pergunta pesa no ar como que ressoando ao nosso redor.

— Não fez nada de errado para ser abandonado, Matt. O problema nunca esteve em você — firmei cada uma das minhas palavras porque quero que ele perceba que não são mentiras.

— Mas e se estiver? Todos que se aproximaram de mim me abandonaram, talvez o problema seja eu — deu de ombros como que fazendo pouco caso de um assunto tão doloroso.

— Os seus amigos ainda estão aqui. E eu também. Não vou abandonar você, raposinha — ele levantou uma sobrancelha para mim, os olhos acobreados encontrando o meu rosto, dúvida e ao mesmo tempo adoração ali.

— Raposinha? — questiona.

— Você me lembra uma. — dei de ombros, sorrindo divertida. — Não gostou?— provoquei.

— Talvez se tirar o *inha* — respondeu com uma careta.

— Ah, mas eu gosto, *raposinha* — Abri um sorriso de vingança ao repetir o apelido, bebendo mais um gole do vinho e vendo Matthew resmungar um palavrão.

— E eu só posso estar maluco por gostar disso — ele sacudiu a cabeça e bebeu todo o restante do vinho da sua taça, algumas mechas vermelhas escapando do coque, caindo pela lateral das suas sobrancelhas.

— Idem — respondi, retribuindo o olhar bobo e apaixonado que ele me lançou, memorizando a expressão serena no rosto sempre tão irado dele.

— Idem...— Matt repetiu, concordando com o apelido, conosco, com tudo que falei. E eu assenti para reafirmar aquilo.

— Conhecer você foi a melhor coisa que poderia me acontecer desde que o perdi.

Matthew falou quando estávamos deitados no sofá nos braços um do outro depois de almoçarmos.

— A melhor?

— A melhor, florzinha — ele me puxou para mais perto do seu peito, seus dedos subindo e descendo pela minha espinha por dentro da blusa que estou usando.

— Você é a melhor coisa que poderia me acontecer, Matt.

Afirmei, beijando seus lábios e deixando que ele me prendesse no canto do sofá com seu corpo aninhado no meu. Não me importaria nem por um segundo, não quando gostava demais disso.



CAPÍTULO 20

“Perdida."

Lindsay

Observei Lorenzo enfiando o pedaço de bolo red velvet na boca, seus olhos azuis pareciam mais claros e ele alegre ao máximo, talvez fosse por causa da luz vindo da parede ao lado da mesa em que sentamos em uma das cafeterias na rua, ou talvez somente agora eu começasse a realmente me conscientizar do quão bonito ele realmente é. Acho que todos os acontecimentos súbitos e intensos acabaram abafando muitos outros.

— Eu achava que eu gostava de chá e café, mas você me supera, não sei como não é energética — o loiro comentou quando trouxeram meu segundo pedido de bebida, era um mocha.

— E eu não sabia que você gostava tanto assim de red velvet — sorri, dando um gole do meu café e olhando o prato vazio do bolo de Lorenzo.

— É meu bolo favorito — ele disse sorrindo. — Minha mãe sempre fazia para mim quando eu era pequeno, agora tenho que implorar para ela fazer — disse, dando uma bufada, apesar de rir.

— E ela faz? — perguntei pondo a xícara na mesa.

— Na maioria das vezes não, diz que já tenho idade suficiente para fazer, ela não entende que não é a mesma coisa — suspirou feito uma criança emburrada, os madeixas loiras bagunçados ao redor do rosto.

— Vou pedir mais uma, não quer mesmo uma fatia, lindinha? — ele gesticulou para o garçom e olhou para mim, as íris azuis mais claras na luz rumando para meu rosto.

— Vou querer uma — Me decidi, entre alguns goles do meu mocha.

Lorenzo concordou e pediu duas fatias do bolo red velvet. O garçom levou o prato vazio e retornou com dois pratos que continham as fatias lindas do bolo branco e vermelho, com pequenos pedacinhos decorativos de morango e amora do lado.

— Se importa de ir comigo no shopping? Preciso comprar um cartão de memória novo — ele perguntou já na sua segunda garfada do bolo, enquanto eu estava na minha primeira.

— Claro, sem problemas — concordei, pondo o garfo na boca antes de o afastar.

O bolo era muito bom, não era meu favorito, mas era delicioso e macio. E Lorenzo parecia não se importar de comer mais umas seis ou nove fatias.

— Lindinha — escuto Lorenzo me chamando quando afastei a xícara da boca e me preparei para por um pedaço do bolo da boca.

— Sim? — Olhei para ele.

— Está sujo de espuma, aqui...— ele gesticulou o canto da sua boca, apontando o queixo, passando seu dedão pelo canto da sua boca para que eu soubesse onde estava sujo.

Peguei um guardanapo, passando pelo canto da boca onde senti que tinha a espuma.

— Foi? — Abaixei o guardanapo e olhei para ele.

— Ficou um pouco no canto da sua boca, deixe, eu limpo para você — Lorenzo olhou para os lados antes de se levantar e contornar a mesa, se sentando bem do meu lado.

Esperei que ele pegasse o guardanapo, mas ele não o fez, ao invés disso apoiou a palma da mão na minha bochecha trazendo meu rosto na sua direção, quando olhei nos seus olhos já estava sentindo minhas bochechas mais quentes e meu coração batendo mais rápido, antes mesmo de me tocar, desde o momento em que se levantou meus batimentos dispararam.

— O que está fazendo? — perguntei baixinho, mordendo meu lábio inferior.

Lorenzo sorriu, seus lábios se separando minimamente quando o fez, seu lábio superior curvando-se para cima para formar aquele sorrisinho de quem tinha um pensamento um tanto ousado e malicoso.

— Limpando sua boca.

O loiro piscou se aproximando ainda mais, foi quando senti a ponta da sua língua passando entre o canto da minha boca limpando os vestígios da espuma de leite antes de pressionar sua língua entre meus lábios a deslizando para dentro da minha boca iniciando um beijo longo e lento.

Meu rosto queimava, mesmo assim retribui o beijo, e quando ele se afastou, estávamos ambos um pouco ofegantes. Talvez eu estivesse bem mais que ele, ainda assim havia um rubor nas bochechas do mesmo que mantinha um sorriso maroto nos lábios antes de prender seu inferior entre os dentes.

— Pronto — disse, sorrindo.

— N-Nunca mais faço isso — apontei o dedo na direção dele

— O quê? Te beijar? — Perguntou comprimindo lábios.

— Em público? Sim. Você acaba com todo o meu ar só com um beijo.

— Que culpa eu tenho se meus beijos são de tirar o fôlego? — Sua mão rastejou pela lateral da minha cintura, parando nas minhas costas.

— Convencido — Reclamei baixinho.

— Está falando sério sobre os beijos em público? — perguntou, mordendo o lábio novamente.

— Não...— suspirei, beijando sua bochecha e me afastando. — Mas é melhor se controlar, ou seremos expulsos daqui — Alertei ele, comendo a última garfada na fatia do bolo no meu prato.

— Mhm — ele resmungou, dando um aperto na minha cintura.

— Então vamos para o shopping, assim podemos voltar mais cedo, estamos aqui há um tempão já...— o loiro sugeriu e soou surpreso quando checou as horas no relógio de pulso perto da sua pulseira azul de duas bandas.

— Tudo bem — concordei, bebendo o restante do meu mocha e limpando a boca antes que ele me roubasse outro beijo e eu cedesse, pois não negaria nem se estivesse rodeada por uma multidão.

Lorenzo insistiu em pagar, mesmo eu querendo dividir, e declarou que eu paguei a minha parte deixando ele me beijar, o que me causou aquela vermelhidão no rosto instantaneamente.

Não demoramos para chegar no shopping e o loiro logo encontrou a loja que precisava e um atendente para pegar o que ele precisava, que era um novo cartão de memória e mais algumas coisas que ele decidiu levar de última hora.

— Vou no caixa pagar e volto logo — O loiro me avisou quando decidia entre qual teclado iria levar.

Eu assenti e ele seguiu com o atendente enquanto eu fiquei andando pela entrada da loja olhando para os arredores do shopping. Uma saia no manequim na loja do lado chamou a minha atenção, então como era perto fui até lá, remexendo entre os cabides e procurando um modelo do meu tamanho. A saia era longa e preta com estampas vermelhas de flores, o tecido cheio de camadas finas e leves. Decidi experimentá-la rapidinho sentindo que algo me dizia que Lorenzo iria demorar no caixa.

Entrei em uma cabine, fechando a porta e tirei a minha calça passando a saia pelas pernas, avaliando como tinha ficado no reflexo do espelho. A barra da saia quase alcançava meus cotovelos, o tecido se apertava apenas na minha cintura e eu gostei da leveza. Dei umas viradinhas para ver como ficava de outros ângulos, estava pensando em experimentar uma na cor verde quando escutei batidas na cabine.

— Lin? Lindsay? — a voz ansiosa que soou foi de Lorenzo.

Destranquei a cabine e me deparei com um loiro genuinamente preocupado, talvez um pouco em pânico até pelo alarde em seus olhos azuis. Ele suspirou de alívio quando me viu.

— Acho que agora entendo o que a minha mãe sentia toda vez que me perdia de vista quando criança — Ele soltou o ar e tocou meu ombro como se tentasse se certificar de que sou eu.

— Como assim? — Perguntei, franzindo a testa.

— Porque achei que tinha perdido você ou que tinham te sequestrado quando saí da loja e você não estava mais lá — respondeu.

— Achou que tinham me sequestrado? — não pude impedir a pequena risadinha que me escapou.

— Sim, achei, e acho que nunca me senti tão preocupado e desesperado tão rápido em

toda a minha vida.

— Me distraí com essa saia e quis experimentá-la, achei que dava tempo antes que você voltasse — Digo, um pouco mal pela preocupação que causei no loiro.

— Achei que tinha te perdido, e odiei essa sensação, não quero senti-la nunca mais — declarou, segurando na minha cintura e beijando minha bochecha, recuando somente para olhar a saia da qual mencionei.

— Ficou ótimo em você, lindinha — disse sorrindo de volta ao seu estado neutro de espírito.

— Obrigada.

Sorri, me virando para dar mais uma verificada em como ficava no reflexo, dessa vez com a visão do loiro alto e forte parado na entrada da cabine do vestuário, me observando pelo reflexo.

— Quer levar?

Vejo ele se encostar na borda da cabine e cruzar os braços, o tecido da blusa azul escuro que vestia se apertando nos braços quando os moveu.

— Não sei...

Suspirei indecisa, olhando a bainha da saia quase nos meus tornozelos. Tinha gostado e ao mesmo tempo não sabia se realmente a usaria, logo as aulas na universidade retornariam e eu passaria os dias usando calça e blusa, eu quase não iria mais sair de casa para lugar algum com exceção da faculdade. Diferente da Mag e da Deb, eu não curtia as festas nas repúblicas e de amigos de amigos, elas sim sairiam para beber e dançar, eu ficaria em casa e certamente faríamos alguma coisa só entre nós três depois.

— Aqui, tenta essa — a voz de Lorenzo me tirou dos meus devaneios sobre a saia e faculdade, me virei surpresa que ele tinha saído e eu nem reparei.

Ele estendia o cabide de uma saia jeans claro com um zíper dourado frontal. Peguei a saia das suas mãos, interessada.

— Experimente, caso tenha gostado — aconselhou.

— Preciso fechar a porta — Eu disse, gesticulando ele ali encostado na borda da porta.

Lorenzo assentiu e olhou para fora, pensei que iria fechar a porta, e ele a fechou, mas com nós dois dentro da cabine.

— Não pode fazer isso...se algum funcionário ver...— comecei, e parei quando ele se inclinou me roubando um selinho.

Ao se afastar, o encontrei sorrindo todo contente com a sua façanha que me deixou vermelha da cabeça aos pés.

— É só eu ficar quietinho e ninguém vai saber que eu estou aqui — sibilou ele.

— Você não tem juízo — falei.

Lorenzo apenas encostou as costas na porta fechada e ficou me encarando, esperando que eu experimentasse a saia que me trouxe.

— Sabe que você tem um corpo lindo, não sabe? — o loiro me perguntou quando eu

estava só de calcinha e com a minha blusa.

Eu estava tirando a saia jeans do cabide e me atrapalhando e muito nisso por causa do olhar de Lorenzo passeando pelas minhas pernas, quadris e toda a pele exposta na calcinha.

— E se eu não souber? — perguntei baixinho, mordendo meu lábio inferior e mantendo meu olhar no zíper da saia jeans conforme o abria cautelosa, estava tão nervosa com o olhar do loiro que sentia que poderia cometer um grande acidente com a peça.

Lorenzo tinha me tocado e visto em partes antes, mas não tinha visto meu corpo assim como podia ver agora, tocar era diferente de ver, e ninguém além das meninas e minhas tias me viu sem roupa ou de calcinha e blusa como o loiro me via agora. E era um tipo diferente de olhar, eu sabia, e por ser diferente me causava sensações completamente diferentes, o olhar de Lorenzo no meu corpo poderia me causar desde desejo a vergonha, desejo por pensar na forma como me queria e vergonha por achar não ser o bastante, por não saber o que realmente achava do que via.

— Bem, se você não sabe o quão lindo o seu corpo é, eu precisarei venerá-lo todos os dias para que saiba disso.

Ele se aproximou apoiando ambas mãos nos meus quadris, me virando na direção do espelho, a saia apenas nas minhas mãos.

— E não apenas o seu corpo, mas a sua personalidade, suas qualidades, seus defeitos, tudo. irei venerar você, *lindinha*, porque você não deve se sentir menos do que a deusa que você é — disse, seus lábios formando as palavras na minha orelha, seus olhos se fixando nos meus através do reflexo do espelho.

— Vou venerar esses quadris — sussurrou na minha orelha, e as suas mãos desceram pelas minhas laterais moldando as curvas de ambos lados dos meus quadris. — Essa cintura e barriga.

Vi pelo reflexo suas mãos se movendo para a minha barriga e retornando, moldando com a ponta dos dedos a curvatura da minha cintura, o roçar da ponta dos seus dedos causando-me leves cócegas, e a forma viciante como me tocava intensificando o vermelho em meu rosto e o desejo dentro de mim que pedia por mais.

— Esses seios e como cabem nas minhas mãos.

Um suspiro de prazer me escapou quando as suas mãos subiram e tocaram meus seios antes de o pôr nas palmas, os massageando entre seus dedos e sentindo como pesavam em suas mãos dentro da minha blusa.

— Esse pescoço onde quero deixar algumas marcas — A sua voz saiu divertida quando me disse isso.

As suas mãos deixaram meus seios e subiram, envolvendo os lados do meu pescoço, pondo uma pequena pressão em seus dedos que forçou um novo suspiro meu a escapar. Minha cabeça se inclinou no automático para trás quando seus dedos ficaram massageando minha pele, e eu sentia a minha respiração acelerando na mesma proporção que os meus batimentos cardíacos.

— Essas costas que me levam até essa bunda onde ainda quero marcar com alguns tapas — As suas mãos passaram por meus ombros e desceram por minhas costas até cobrirem minha bunda, descendo dedos até os apertar forte contra a carne.

A combinação das suas palavras com seu toque fazendo com que eu respirasse ainda mais pesado e sentisse um calor e pressão insuportável do meu corpo para aquele mesmo lugar onde me tocou ontem.

— E essas coxas e pernas, e como imagino que vão deliciosamente me sufocar quando eu chupar você pela primeira vez.

Um suspiro ainda mais pesado me fugiu quando as suas mãos deslizaram da minha bunda para as minhas coxas até a parte interna delas, esfregando seus dedos pela pele fina e sensível.

— E é óbvio que não posso me esquecer dessa boceta que ainda pretendo foder muito com minha boca, meus dedos e principalmente meu pau.

Uma das suas mãos cobriu a minha intimidade, descendo mais até estar com ela na palma da sua mão pressionando no meu clitóris que eu já sentia muito mais sensível, e quando ele apertou um gemido veio da minha garganta para o espaço da cabine do provador. Imediatamente tapei minha boca ao lembrar onde estávamos, e apoiei a outra mão no vidro do espelho, olhando para Lorenzo pelo reflexo. Ele já tinha seus olhos azuis fixos em mim, seus lábios separados e seu olhar atento em meu corpo e cada reação minha, tinha excitação e fome nas íris claras a tensão que vinha se formando e aumentando entre nós dois com suas palavras e toques, se tornando praticamente insuportável nessa altura.

— E claro, a expressão e os sons que você faz quando falo e faço essas coisas com você, tão entregue, reagindo tão bem para mim...como não vou venerar tudo isso? Me diz — senti o rígido da sua ereção no alto da minha bunda quando ele se pressionou nas minhas costas, colando seu corpo nos meus.

— Olhe para você, Lindsay — exigiu, sua mão agarrando meu queixo e virando meu rosto para que meu olhar não estivesse no reflexo do seu rosto e sim do meu. — Olhe o quão bonita é, o quão tudo em você pode levar qualquer um a loucura — insistiu, seu indicador percorrendo minha bochecha.

— *Olhe para você* — mandou ele, seus lábios buscando pelo lóbulo da minha orelha. Um gemido baixo me escapando quando o fiz e meus olhos se fixaram no meu reflexo no momento em que o prazer cruzava meu rosto.

Minhas bochechas estavam vermelhas, meu peito subindo e descendo mais rápido e aquela fome que preenchia os olhos de Lorenzo refletia nos meus também.

— Isso, quero que continue olhando, assista tudo — ele falou, sua mão no meu queixo escorregando e passando pela minha garganta antes de a cercar.

Minha cabeça tombou no seu ombro e foi difícil demais segurar mais gemidos ao sentir ele me enforcando com a palma pressionada na base da minha garganta e os dedos espalhados pelas laterais do meu pescoço, a pressão era gostosa demais e fazia com que eu sentisse minha calcinha muito mais molhada, fazia eu o querer ainda mais do que já o queria.

— Gosta disso? Gosta da minha mão apertando seu pescoço? — acenei uma vez, engolindo minha saliva com dificuldade ao intensificar do aperto da sua mão.

— Você é o verdadeiro significado de rosto de anjo e pensamentos de um pecador como o diabo — ele riu mordendo seu lábio inferior.

Meu olhar deixou seu rosto quando senti a sua outra mão empurrando o tecido da minha

calcinha para o lado e seu indicador descendo entre meus lábios, a sensação do seu dedo percorrendo meu clitóris e então roçando a minha entrada ficando rodeada de excitação e a visão que eu tinha através do reflexo de tudo que ele fazia poderia ter enchido a cabine de gemidos se eu não continuasse com a palma da minha mão na minha boca.

— Lorenzo alguém pode...*ai meu deus, Lorenzo!* — Todo pensamento coerente que eu tinha evaporou e eu gemi, assistindo o loiro empurrar dois dedos para minha entrada e apertar mais ainda meu pescoço.

Meus olhos ameaçaram se fechar pelo prazer que comecei a sentir com o movimento lento que seus dedos começaram a me causar, mas me forcei a manter eles abertos e assistindo ele me tocando e sentindo cada segundo disso.

— Por favor não para — pedi, todos meus dedos agora contra o vidro, sentia como se meu coração estivesse prestes a pular pela garganta com tudo que estava sentindo.

— Pensei que estava tentando dizer que alguém podia escutar seus gemidos — O loiro debochou.

Choraminguei um gemido baixo, meus olhos assistiam seus dedos se movendo no reflexo. Minhas pernas estremeceram, fraquejando ao sentir seus dedos se movendo mais rápidos para meu interior que vinha se tornando mais encharcado e escorregadio com o estímulo dos seus dois dedos se empurrando um pouco mais fundo quando me penetrava com eles novamente.

— *E podem* — eu disse, minhas unhas fincando e arranhando o espelho quando ele largou meu pescoço para descer até o meu clitóris, me deixando sem apoio algum, e eu não sabia se minhas pernas se sustentariam por muito tempo.

— É, se você continuar gemendo alto desse jeito, podem sim — Olhei brevemente na direção do rosto dele vendo a provocação explícita em um sorriso seu.

— Não estou gemendo alto.

Minhas palavras caíram quando senti seu dedão circular meu clitóris e seu dedo anelar me penetrando junto dos dois que já me torturavam tão bem, arrancando-me naturalmente um gemido alto.

— Lorenzo...Lorenzo...

Gemi para que soubesse, sentindo bem seus dedos presos dentro de mim quando meu interior se apertou contra eles e ele continuou os movendo, indo e vindo rápido e forte para dentro e fora. Aquela mesma sensação que senti ontem me dominava novamente e agora eu sabia que estava perto daquele alívio prazeroso para tudo que vinha se acumulando com os toques do loiro no meu corpo. Aquele nó se contorcendo no meu interior, vinha e se apertava mais a cada estocada frenética dos dedos dele para dentro de mim.

— Sim, sim, está quase lá, Lin — Lorenzo suspirou, seu rosto sumindo quando o afundou no meu pescoço, começando a beijar e lamber, chupando toda a área exposta da minha pele.

Minhas pernas vacilaram por um instante quando o seu dedão que estava apenas roçando meu clitóris tão sutilmente que eu mal sentia, dominada pelos seus lábios e dedos, até que ele começou a esfregá-lo em círculos fortes. Todo o meu corpo começou a tremer e eu nem sabia mais se gritava o nome de Lorenzo na minha mente ou em voz alta na cabine, só sei que chamei por ele enquanto gozava nos seus dedos, e só percebi que era na sua boca que eu gemia quando

ela se afastou da minha porque meus pulmões ardiam por fôlego.

— Lorenzo — gemi ainda presa na onda forte de prazer, meu corpo caindo nas suas pernas quando ele se sentou no banco, me trazendo consigo.

No reflexo vi minhas pernas se abrindo mais e sua mão na minha boceta, seus dedos ainda se movendo, entrando e saindo.

— Estou aqui — ele sussurrou, beijando meu ombro.

Revirei os olhos, sentindo o prazer persistindo com as estocadas dos seus dedos, minhas pernas se fechando e prensando sua mão ali quando seu dedão tocou novamente meu clitóris que eu sentia muito sensível agora.

— Goza de novo para mim, Lin, por favor — Lorenzo pediu na minha orelha, seu dedão esfregando gentilmente meu clitóris.

— Lorenzo...

Era tudo que eu conseguia dizer, minhas mãos agarrando os seus braços quando ele conduziu meus quadris e uma nova onda de prazer subiu, eu remexi meus quadris, repetindo aquele movimento de encontro aos seus dedos, meus lábios se separando mais ao prazer que senti com aquilo. Não parei, comecei a mover meu corpo junto dos seus dedos, escutando Lorenzo ofegar nas minhas costas até que estava gemendo baixinho e conduzindo os movimentos do meu quadril, seus dedos já não estavam mais me penetrando e apenas seu dedão estimulava meu clitóris.

— Vou gozar assim, porra — Lorenzo praguejou, me virando para si e capturando minha boca, desesperado, me encaixando bem acima de onde sua ereção pulsava.

As suas mãos agarravam minha bunda, movendo meu corpo, me roçando na sua ereção e eu não conseguia pensar em nada além de como seria sentir ele dentro de mim.

— Lorenzo, me fode — as palavras escaparam antes mesmo que eu pudesse refletir, e eu nem estava em condições de refletir sobre.

Os olhos dele se arregalaram e todos os nossos movimentos cessaram. Por um instante tudo congelou, e ficou assim, parado. Ele me encarou sério por um momento, ofegante e de cenho franzido.

— Não...aqui não — Negou alguns instantes depois como se estivesse com tanta dificuldade para se concentrar em qualquer coisa além do prazer, como eu.

— Não me importo nem um pouco com o lugar, passei anos pensando em como seria e não serviu de nada.

— Tem certeza disso? — perguntou, parecendo bem mais focado agora.

— Tenho — respondi bem decidida e focada também.

Foi o que precisou para a sua boca estar na minha, ele ergueu meus quadris, me suspendendo em seus braços. Senti minhas costas pressionarem a parede do provador e uma pressão grossa e longa se afundando na minha boceta. Eu gritei um gemido na sua boca, meus dedos apertando nos seus ombros e entre sua camisa.

Aquela pressão me enchendo pareceu me sufocar porque perdi o restante do meu fôlego, não houve nenhuma dor insuportável como eu costumava escutar os outros dizendo sobre a

primeira vez deles, pelo contrário, por alguns segundos não senti nada além de uma sensação diferenciada de prazer, de início tão estranha quanto viciante porque me fez ansiar por mais, por mais atrito.

Lorenzo não tirou a boca da minha, sua língua se empurrou entre meus lábios e ele começou a recuar os quadris e os empurrar de volta para cima, a sensação de dor mínima que eu comecei a sentir quando ele começou a se movimentar não era nada comparado com o prazer interrompido momentos atrás e que retornou ainda maior.

— Lindsay, Lindsay — Lorenzo chamou, afastando a boca da minha, pronunciando meu nome como se fosse o que lhe manteria consciente em meio a névoa do prazer acumulando-se entre nós dois, embora fosse apenas a razão para que se perdesse cada vez mais.

— Porra, sim, sim — ele grunhiu quando comecei a espalhar beijos pelo seu pescoço em uma tentativa única para abafar os meus próprios sons, meus dedos agarravam as madeixas loiras como se aquilo pudesse aliviar o que seu pau estava me causando.

— Lorenzo, estou perto...— Meus dentes se prenderam na pele do seu pescoço.

Lorenzo se movia mais forte a cada segundo, e em suas estocadas nossos corpos reagiam de uma maneira diferente. Minhas pernas se apertaram ao redor do corpo de Lorenzo e as mãos dele me segurando pela bunda se tornavam mais violentas, seus dedos cravados cada vez mais fundos na minha pele conforme afundava dentro de mim.

— Deixe vir no meu pau, Lin, quero senti-la gozando no meu pau pela primeira vez.

Não foi preciso mais nenhuma palavra ou estocada, todo o prazer acumulado no meu interior eclodiu, se espalhando pelo meu corpo, causando um tremor longo e intenso nas minhas pernas. A pulsação do meu interior em Lorenzo arrancou grunhidos dele e soube que ele gozava ao sentir uma quentura bem fundo no meu interior, o quão fundo o seu pau estava afundado em mim.

— Maldita seja você, virgem devassa — Lorenzo murmurou, seu rosto vermelho e seu cabelo uma zona caindo por cima de suas sobrancelhas, as pupilas dilatadas e o azul límpido dos seus olhos escurecidos.

— Ex-virgem — o corrigi com um sorrisinho fraco, meu corpo todo sendo vítima de vários espasmos e uma exaustão anormal.

Lorenzo riu, sacudindo a cabeça e me apertando em seus braços e contra a parede do provador. Ele beijou a minha testa e desceu entre minhas sobrancelhas até que seus lábios tocassem gentilmente a ponta do meu nariz.

— E o que achou da sua primeira vez, ex-virgem? — Perguntou entrando na brincadeira, levantando uma das suas sobrancelhas e esboçando curiosidade e expectativas ao esperar pela minha resposta.

— Muito melhor do que nas minhas fantasias — Eu ri, e ele riu de volta.

— Vamos sair daqui — ele disse uns instantes depois.

— E como vamos sair daqui assim? — olhei para a zona que tinha acontecido. Estávamos suados, ofegantes e mais vermelhos que tomates. Minha blusa e a dele estavam tão amarrotadas que dava dó só de olhar. Qualquer um notaria o que tinha acontecido aqui dentro no minuto em que saíssemos.

— Boa pergunta, lindinha — Lorenzo riu por um instante. — Não sei...

— Nem eu, e agora? — suspirei, ainda recuperando o meu fôlego.

A ficha do que tinha acabado de acontecer começava a me sondar lentamente, caindo aos poucos. Meu Deus, eu tinha acabado de transar em um provador. Não. Eu tinha perdido a virgindade em um provador de uma loja de roupas. E eu não me arrependia nem um pouco disso. Acho que faria de novo.

Encarei o rosto de Lorenzo, ele tentando recuperar o ar. As madeixas loiras desgrenhadas, marcas que eu nem lembrava de ter feito se intensificavam na sua pele, chamando bastante atenção para o pescoço dele. Aquele rosto lindo ofegante e vermelho, ele mordendo o lábio inferior pensativo e o olhar azul pesado e intenso penetrando cada camada e nervo meu. *É, eu faria de novo sim.*

— Me deixe beijar você de novo para que isso me ajude a pensar direito...— pediu, abaixando o rosto de volta para perto do meu, seus dedos ficando nas minhas costas e quadris.

— E isso vai funcionar? Ou é só uma desculpa para me beijar? — eu sorri divertida, sabendo bem que tudo se tratava da última opção.

— Descobriremos assim que eu beijar você.

E com isso a sua boca estava na minha novamente. E com o beijo eu soube que eu definitivamente não sairia andando normalmente desse provador, ou andando. E eu gostava bastante de cada segundo disso.

CAPÍTULO 21

“Último capítulo."

Débora

Mordi meu lábio relembrando a conversa com os Napier esta manhã. Diego remexia no seu armário por roupas, ele ainda não parecia estar disposto a falar sobre seu pai e irmãos, ou qualquer coisa que tivesse o sobrenome Napier no meio.

Eu tinha acordado com a campainha tocando freneticamente e precisei vestir a primeira roupa que encontrei, e foi a camisa e bermuda do Diego já que não tinha a menor ideia de onde as minhas roupas foram parar no decorrer da madrugada acordada com ele.

A primeira coisa que fiz ao abrir a porta foi reclamar da falta de educação que era ficar apertando a campainha alheia e que se ninguém atendeu no primeiro toque era porque não tinha ninguém na droga da casa. E o homem de meia idade, a versão bem mais amadurecida — e acabada — de Diego, respondeu com um sorriso sarcástico.

— Bem, definitivamente tem alguém em casa, a menos que eu esteja vendo um fantasma — E eu soube a quem Diego puxou a mania de ter responder os outros com tanta implicância, essa capacidade de irritar ele nitidamente puxou do pai.

— Se eu falar que sou um fantasma, vai sair correndo e gritando para nunca mais voltar? — Eu respondi, arqueando a sobrancelha para o homem que tinha uma mão segurando o cabo de uma longa e fina bengala preta.

— Lamento destruir suas expectativas, minha jovem, mas mesmo que seja um fantasma, não irei embora — respondeu ele, apertando mais a bengala e começando a tossir de repente, foi quando dois homens, irmãos de Diego a julgar pelo cabelo preto dos cabelos, surgiram na porta.

— Ele precisa sentar, podemos entrar? — um dos homens me perguntou, esse usava terno e uma gravata azul escuro, tanto ele quanto o outro possuíam olhos castanhos.

— Não acho que Diego quer ver vocês, mas não quero ninguém morrendo na porta do meu apartamento, podem entrar — Estendi meu braço para o senhor, ele me olhou surpreso e colocou sua mão na minha aceitando a ajuda, de imediato senti seu corpo trêmulo, fosse pelo mau estar ou por outra coisa.

— Obrigado — ele me disse assim que o ajudei a sentar.

— De nada.

Eu disse, quando me afastei, avaliando um pouco o homem e a forma como segurava na bengala, em como parecia frágil e bastante debilitado. E não precisei que ninguém me falasse para saber a razão da visita dele aqui: o pai de Diego estava doente.

— Você é a garota para quem ele presenteou o anel — O homem afirmou, segurando minha mão e olhando o anel que Diego me deu.

— Quer um copo de água? — ofereci por fim, sem confirmar ou responder, afinal ele não tinha me feito uma pergunta e sim constatado um fato, como ele sabia disso se Diego e ele não se comunicavam? Era a pergunta me rodeando.

E possuindo um William como tio, eu respondo minha própria pergunta. O pai de Diego tinha visto o filho comprando o anel através de alguma câmera, como o tio William faz até hoje com todo mundo da família em algum momento de tédio ou necessidade.

Eu sabia acima de tudo que Diego tinha suas razões para não suportar a família, e principalmente o pai, entretanto eu não podia ignorar alguém se sentindo mal na minha frente podendo ajudar mesmo que pouco.

— Sim, por favor — O pai de Diego concordou.

— Não é um anel de compromisso — Um dos irmãos de Diego comentou do sofá, o que parecia estar mais incomodado com essa visita, ele usava uma gravata da cor dos olhos e sorria de jeito ardiloso.

— Mas ela está usando as roupas dele...— acrescentou, esfregando o dedo no queixo.

— Fico feliz de saber que cego é uma coisa que você não é — Devolvi, andando até a cozinha.

— Diego não daria um anel para uma noite de sexo, na verdade ele não daria nada — continuou ele, e eu tive a certeza absoluta de que a implicância e provocação maldosa era de família.

— Diego certamente arrancaria a sua língua fora se escutasse a forma como está se dirigindo a mim — sorrio de lado, caminhando até a geladeira.

— Ele é meu irmão, lembre-se disso, você até agora é só uma intrusa.

— E eu sou a pessoa para quem ele deu esse anel — gesticulei meu dedo onde o anel residia.

— E ele não deixaria que ninguém, nem mesmo o próprio irmão, me ofendesse e saísse ileso, e eu não me importaria de ajudar — sorri, e vi o pai de Diego e o outro irmão contendo um sorriso.

— Aqui. Perfeita. — A voz de Diego me trouxe de volta para a realidade, assim como seu retorno ao apartamento em meio ao começo do meu desentendimento com seu irmão.

Diego sorriu assim que me entregou uma das suas camisas e eu a vesti de bom grado, ficando apenas com ela e uma calcinha depois do banho exageradamente longo que tomamos juntos, e em que ele descobriu se eu pagava ou não um bom boquete. E é óbvio que a resposta foi sim.

— Você definitivamente fica tentador desse jeito — concordei para a visão de Diego só com uma calça de moletom preta, cabelos molhados e bagunçados, algumas marcas resultantes do nosso banho juntos pelo seu pescoço.

Ele sorriu arrogante e presunçoso, como era de esperar dele, seus olhos verdes brilhando em diversão, algumas mechas negras do cabelo roçando o canto das suas sobrancelhas.

— Só tentador? Só me acha tentador? — questionou erguendo a sobrancelha para mim.

— Bonito...— adicionei.

Minhas mãos se espalham no seu abdômen exposto, traçando os bíceps devagar.

— O que mais? — ele perguntou baixinho, se aproximando devagar a cada toque dos meus dedos na sua pele.

— Irritante — chiei baixinho em protesto quando ele apertou minha cintura como forma de repreensão pelo comentário maldoso.

— Meu — sussurrei.

— Seu? — ele ergueu mais a sobrancelha, me olhando com desafio como se quisesse me intimidar a não me repetir.

— Meu, só meu — falei, meus dedos se enroscando na parte detrás do seu cabelo, puxando as mechas curtas entre seu couro cabeludo.

— É, docinho — Diego disse com a boca na minha, sua língua se pressionando entre meus lábios e uma mão sua agarrando com firmeza um punhado do meu cabelo enfiando dedos na minha nuca.

Gemi na sua boca, o beijando com mais ansiedade, e senti ele me trazendo para cima antes de cair no colchão se movendo no topo.

— É o quê? — brinquei, quando sua boca se afastou da minha.

Diego endireitou sua postura, ficando entre as minhas pernas. Ele pegou a minha mão com firmeza e começou a passar pelo seu rosto.

— Sou seu, Deb — disse, movendo minha mão pelos seus lábios e descendo para seu pescoço e peitoral. — Meu corpo, meu coração, minha alma, se é nisso que acredita, todo o meu ser — ele desceu com minha mão por seu abdômen parando na barra da sua calça. — É tudo seu, seu para tocar e ver, seu para sentir...para fazer o que quiser — ele se curvou por cima do meu corpo até encostar sua testa na minha. — Só peço que não me machuque, porque eu suportaria ser machucado por qualquer um, menos por você — sussurrou, seus lábios formando as palavras por cima dos meus, seus olhos estavam fechados e seus braços fechados de cada lado do meu corpo.

— Essa é a minha última intenção, a menos que me irrite, aí já sabe.

Diego riu afastando os lábios e a testa da minha, sua cabeça deitando no meu peito e seus braços indo de encontro aos meus ombros quando relaxou seu corpo por cima do meu.

— Se chutar meu saco toda vez que eu te irritar não vai ter como transarmos mais — disse ele.

— Então vai parar de me irritar?

— Jamais, docinho — negou, esfregando o rosto no meu peito.

— Então eu vou acertar esse seu rostinho bonito se me irritar demais. — retruquei.

— E eu essa sua bunda gostosa — devolveu ele.

— Talvez eu goste — respondi irônica.

— Eu definitivamente vou adorar acertar essa bunda — concordou ele me fazendo dar risada.

— Só se você se comportar e for um bonzinho — provoquei.

Diego ergueu a cabeça, apoiando seu queixo bem em cima do meu peito para me olhar, seus olhos verdes impertinentes brilhando com malícia.

— Independente. E essa é a vantagem de ser ruim, os vilões fazem o que querem na hora que querem e com quem querem...— ele sorriu daquele jeito arrogante, mas toda a sua fachada de mau caiu quando toquei no seu rosto e comecei a brincar com as mechas do seu cabelo, iniciando um cafuné.

Diego franziu cenho, seus lábios se comprimindo quando a sua expressão de dono do mundo se perdeu para uma de satisfação e pura felicidade, seu olhar verde suavizou e um sorriso adorável surgiu.

— Isso é muito bom — disse baixinho e suspirou realizado.

— Nunca fizeram cafuné em você antes? — pergunto, observando seus olhos estreitando quase fechados por completo com o toque dos meus dedos passeando pela sua nuca e couro cabeludo.

— Minha mãe fazia em mim quando eu era pequeno, mas conforme fui crescendo, aquilo acabou — suas sobrancelhas se apertaram pela tristeza que sentiu com a recordação.

— Posso fazer em você quando precisar de um — falei, brincando com as mechas pretas ainda úmidas do banho, enrolando algumas entre meus dedos.

— Tipo toda noite? — ele perguntou e a expectativa enchia sua voz, deitando a cabeça no meu peito novamente.

— Quer mesmo isso? — fechei meus olhos quando fiz a pergunta, descansando minha cabeça no colchão.

— Quero, seria incrível dormir assim com você...— ele começou a correr a ponta dos dedos pelos meus ombros, massageando-os devagar.

— Combinado então — falei, suspirando pela sensação boa dos seus dedos apertando meus ombros.

— Promete? — seus dedos subiram se emaranhando em ambos os lados do meu cabelo.

— Prometo — abaixei meu rosto e encontrei o seu.

— Mesmo? — sussurrou, um olhar frágil.

— Mesmo, mesmo — afirmo balançando minha cabeça algumas vezes.

Diego se inclinou e beijou minha bochecha, agradecendo com os lábios na minha pele.

— Os outros estão demorando… a paz é até estranha — Fiz uma careta ao mencionar.

— Matthew só vai aparecer de noite — Diego me interrompeu, passando seus dedos por cima da minha franja.

— Ele te avisou?

— Não, hoje é o dia do mês que ele some — sacudiu a cabeça ao explicar, seus dedos alisando minha franja a alinhando perfeitamente na linha de minhas sobrancelhas, seu olhar concentrado como se essa fosse a tarefa mais importante do mundo.

— Como assim some? — franzi a testa.

— Ele passa o dia todo fora e só chega de noite.

— E por quê? Para onde ele vai?

— Ele nunca disse para onde ia, mas Lorenzo e eu sabemos, só que respeitamos a decisão dele de não falar — concordei, ciente que Diego não falaria e eu não perguntaria nada, era a vida do Matthew e eu não queria me enfiar nisso.

— A Magnólia não está, será que ela foi com ele?

Peguei meu celular da mesinha ao lado da cama, nenhuma das meninas tinham respondido minhas mensagens no nosso grupo.

— Acho que sim, e espero que sim, ele não conversa sobre essas coisas com ninguém. Ele nunca vai admitir que ainda dói, mas eu sei que sim — Diego se jogou para trás na cama ao meu lado, encarando o teto.

— Está com fome? — perguntou.

— Estou, não deu tempo de comer algo de manhã...— suspirei.

— O que meu pai e irmãos falaram com você antes que eu chegasse? — questionou ele, somente agora se relembrando do ocorrido pela manhã com sua família.

— Não deu tempo dele falar nada em especial na verdade — dei de ombros me sentando na cama.

— Eu tenho certeza de que sim, por favor, Deb, me diz, não quero mentiras nem omissões entre nós dois...especialmente sobre minha família — Ele se sentou ao meu lado na beira da cama.

— Não conversamos, na realidade eu e seu irmão, o Yosef, trocamos umas farpas e só, seu outro irmão não falou nada e seu pai estava só observando.

— O que Yosef falou para você?

— Não...

— Débora, o que ele falou para você? — me interrompeu, segurando na minha mão.

— Resumo? Ele disse que não daria esse anel, nem nada, para uma noite de sexo, e que eu deveria lembrar que até agora eu sou só uma intrusa, mas eu não me ofendi, então está tudo bem....

— Bem? Ele te ofendeu. E isso não vai ficar assim — Diego ergueu a sobrancelha e riu.

— E como vai ficar? — toquei no seu antebraço.

— Você sabe como vai ficar, ele usou aquela boca dele para insultar a minha garota, vou

só dar uma danificada nele — respondeu como quem fala bom dia. E eu sabia que ele o faria, não hoje nem agora, mas ele faria.

— Diego...

— Docinho...

— Diego! — repito, agora irritada, empurrando seu peito que nem se moveu com minha tentativa, e revirando os meus olhos.

— Para com esse apelido escroto — empurrei de novo seu peito quando ele me trouxe para seus braços entre meus protestos que não me trouxeram resultado algum.

— Por quê? Já provei você, e é doce, nada mais adequado — beijou minha bochecha da forma mais terna do mundo, nada condizente com a malícia das suas palavras.

— Anda, eu estou mesmo com fome.

— É, vou cozinhar para você, está tão fraca que nem consegue me empurrar, não se esqueça da lei da selva, Débora — disse bem humorado, me pegando nos braços e começando a andar em direção a sala e a cozinha.

— Não se esqueça da maçaneta do banheiro, Diego, posso te trancar lá de novo quando bem entender — respondi, e ele sorriu grande.

— Matt e Magnólia que pagaram pela maçaneta que *você* quebrou — contou, rindo, os seus olhos verdes de gato preto brilhando, e eu acho que nunca os achei tão bonitos como agora.

E no fim, Diego era um gato, um gato preto de olhos verdes, um predador com uma áurea de mau e atitude arrogante de quem se sente o dono do mundo e quer ser endeusado, disparando provocações com uma língua afiada e seu dom de torturar qualquer um com suas respostas, e que no fundo, só queria um pouco de carinho da pessoa certa a quem lhe mostraria o coração de um predador. E eu não me importava de ser essa pessoa cuja ele decidiu confiar seu lado frágil, pois eu estava confiando nele o meu.

— Que cara é essa? Perdeu o seu senso de humor pela fome?

— Só notei o quanto seus olhos são lindos, parece um gatinho — o apelido fez ele curvar a boca em uma careta.

— Gatinho? Francamente, Débora! — bufou, desviando a atenção para o corredor, mas apesar da fuga eu estava nos seus braços vi o sorrisinho no canto dos lábios.

— É, você é convencido, arrogante, gosta de atentar os outros e ainda tem esse ar de quem vai te morder a qualquer momento só pelo prazer de criar um caos, gatos são assim em geral — Gesticulei.

— Foram insultos?

— Claro que não.

— Soaram como insultos — resmungou, embora sorrisse se divertindo tanto quanto eu.

— Foram apenas óbvias constatações, você é um gato, em todos os sentidos — Ele deu risada e me beijou, me colocando sentada em um dos bancos altos da bancada na cozinha.

— O que quer comer? Acho que vamos ter que ir comprar — Diego disse, se afastando para abrir as portas dos armários com os mantimentos que eu e Lindsay compramos.

— Nem sei...

Escutei um trovão que atraiu minha atenção para o balcão do apartamento, cheio de nuvens densas.

— Vai chover...podemos assistir um filme...vamos comprar milho e essas coisas antes que chova — sugeri.

Diego olhou para o balcão e concordou.

— Vou vestir uma roupa — falei, descendo do banco e seguimos para nossos quartos.

Vesti um jeans por cima da calcinha e continuei com a camisa de Diego. Estava calçando meu tênis quando ele veio, usando camisa preta e a calça de moletom da mesma cor, destacando os olhos verdes.

Entramos no elevador e quando as portas abriram no estacionamento eu ergui a sobrancelha para ele, só então percebendo o capacete em uma das suas mãos.

— Diego, o mercado é aqui perto — protestei, tentando não deixar transparecer o pânico que eu senti quando vi a moto preta enorme dele.

— Eu sei, mas quero aproveitar e ir comprar um capacete para você — ele respondeu se aproximando com seu capacete em mãos, o colocando.

— E por quê??

— Porque pretendo te levar em muitos lugares, e não quero correr riscos — ele subiu na moto.

— Vem, monta — gesticulou.

— Diego, o mercado é aqui perto — tornei a falar, encarando a moto preta.

— Está com medo de andar de moto ou é impressão minha?

— Não, claro que não — disparei no mesmo instante. — Só que eu nunca estive em uma antes — expliquei.

— Nunca montou antes, Deb? — sua voz abafada pelo capacete saiu cheia de insinuações, e mesmo só enxergando seus olhos, eu podia afirmar que aquele sorriso lascivo se formava no curvar dos lábios.

— Nunca montei uma *moto* antes — estreitei meus olhos para ele.

— Mas já montou em alguma outra coisa antes? — pela forma como seus olhos se mexeram soube que erguia a sobrancelha para mim.

— E isso importa? — revirei os olhos, e encarei a moto hesitante.

— A moto não morde, Débora, o dono que sim, então pode montar nela sem medo — Diego comentou batendo na garupa, adorando ver o receio agora já estampado no meu rosto.

— Engraçadinho — bufei me aproximando da moto. — Sabe mesmo pilotar essa coisa né? — suspirei.

— Sei. Agora segura nos meus ombros, monta e segura firme — acertei sua cabeça no capacete pela resposta com claras intenções e ele gargalhou.

Respirei fundo antes de apoiar uma mão nos seus ombros e subir na moto, um pouco

aliviada que a moto não tombou com nós dois. A sensação de vazio das minhas laterais era estranha, não sei se me acostumaria.

— Tudo bem? — ele me perguntou quando consegui montar na garupa, minhas pernas uma de cada lado da moto, apertando as suas coxas.

— É, acho que sim — suspirei.

— Segura firme — repetiu.

Enlacei o tronco dele com ambos os braços e só quando ele disparou com a moto para fora do estacionamento que eu entendi o significado do "segura firme" e em dois segundos dele dirigindo a moto eu estava agarrada firme nele, meu rosto pressionando nas suas costas por causa do vento.

— Ei, docinho, está bem aí? — Diego tocou com ambas as mãos nas minhas panturrilhas quando parou com a moto no sinal.

— Acho que minha alma ficou no estacionamento — falei, sentindo os dedos dele traçando o osso das minhas panturrilhas.

— Está passando mal? Quer parar?

— Não, ainda não — respondi, suspirando, um risinho me escapando quando ele puxou meus pés para fora do apoio usando seus dedos que cercavam meus calcanhares.

— Para, Diego — bufei, escutando ele rir, e sentindo-o subir os dedos para minhas panturrilhas as esfregando de um jeito afetuoso antes de levar as mãos de volta para o guidão da moto. — Acho que não quero fazer isso de novo — foi a primeira coisa que falei assim que ele parou com a moto e eu desci desnorteada daquilo, meu coração batia muito rápido e eu estava suando frio, nunca fui fã de viagens em automóveis, sempre preferi andar, e a moto definitivamente levou qualquer experiência minha para o nível superior de pânico.

— Ei, ei, olha para mim, tudo bem, respira fundo — Diego segurou meu rosto com ambas mãos e afastou as mechas do meu cabelo da frente dos meus olhos, já eu sequer tinha reparado quando tirou o capacete.

— Inspira devagar...— eu inspirei fundo devagar.

— Isso, agora expira...— soltei meu ar aos poucos e apoiei a testa no seu peito, sentindo ele me abraçando.

— Quer beber um pouco de água? Está sentindo mais alguma coisa? — perguntou, e eu não soube dizer se sua voz estava cheia de preocupação ou se meu pânico fez com que parecesse assim.

— Não...só me dá uns segundos, foi minha primeira vez em uma moto e acho que descobri que não curto a exposição e a velocidade nem um pouco — falei, meus dedos enroscados com força na barra da camisa dele porque por alguma razão isso estava me trazendo segurança.

— Te dou todo o tempo do mundo, Deb, e prometo que irei dirigir devagar feito uma tartaruga para você — Diego murmurou na minha orelha, suas mãos esfregando minhas costas.

— Vai mesmo? — Afastei meu rosto do seu peito para encarar ele.

— Claro que vou, e se preferir, posso voltar andando com você. O que for fazer você se

sentir bem e segura, é o que faremos — ele descansou a palma da sua mão na minha bochecha e se inclinou, beijando a ponta do meu nariz.

Quando me sentia melhor, entramos na loja onde eu apenas observei Diego olhar os modelos de capacetes e experimentei um preto parecido com o dele, a sensação do capacete foi desagradável e muito sufocante, porém eu sabia que era uma proteção necessária, então concordei sobre levar o modelo.

A volta foi suportável, Diego como prometido dirigiu bem mais devagar e isso diminuiu meu pânico e desconforto. E talvez com o tempo eu me acostumasse. Um dia.



O restante dos quatro faltando retornaram quase de noite quando Diego e eu estávamos planejando assistir uma noite de crime, algo que eu e as meninas costumamos fazer em dias de chuva. Não tinha como evitar o fato de que não éramos mais nós três agora, e que a presença deles não era insuportável como o começo fez parecer.

Matthew e Magnólia foram os primeiros a chegar.

— Ei, o que estão programando? — Magnólia questionou assim que chegou, tirando seus sapatos na entrada junto de Matthew.

— Noite de crime! — exclamei da cozinha onde preparava pipoca doce, depois de expulsar Diego porque ele estava roubando mais do leite condensado e me beijando do que realmente me ajudando.

— Traíra — Magnólia me xingou.

— Olha quem fala — apontei para Matthew com a colher de pau, e para as roupas masculinas dele que ela estava vestindo.

— Vamos tomar banho e nos juntar a vocês — Matthew avisou, agarrando a cintura da minha amiga e seguindo para o banheiro junto dela.

— Vê se não quebram a maçaneta de novo! — Diego exclamou, transbordando em sarcasmo e me encarando ao mencionar o ocorrido, e recebendo xingamentos de Mag e Matt.

Lorenzo e Lindsay chegaram quase meia hora depois, ambos mais suspeitos do que procurados pela polícia. Estando estampado no rosto de Lindsay que os dois tinham feito alguma coisa selvagem, e no sorrisinho de bobo do loiro carregando a bolsa de alguma loja consigo.

— Noite de crime? — Lindsay perguntou assim que entrou, sendo amparada pelo loiro que mantinha uma mão na cintura dela como se a qualquer segundo ela fosse cair no chão.

— Sim — respondi, carregando a bacia com pipoca na direção de Diego para que colocasse na mesa, o mesmo que mantinha seus olhos em mim o tempo todo.

— Fizeram até pipoca — Lorenzo comentou divertido, e quando movimentou o pescoço notei marcas avermelhadas na pele.

— Não, fizemos milho — respondi irônica, o que fez Diego gargalhar.

— Tão delicada — O loiro riu, e seguiu para o corredor junto da minha amiga.

Me sentei no canto do sofá enquanto Diego fechou todas as cortinas e apagou as luzes da sala e da cozinha, retornando para o sofá e ocupando seu lugar ao meu lado, cobrindo nossas pernas com uma manta.

— Pronto.

Matthew, Magnólia, Lindsay e Lorenzo surgiram de cabelos molhados na sala um tempo depois, e sentaram-se no outro sofá e em direções opostas.

— Acho que já ficou bastante óbvio, mas vou confirmar mesmo assim...— Diego murmurou, recebendo a atenção de todos.

— Que ninguém vai mais para debaixo da ponte, certo? — Lorenzo perguntou, recebendo reviradas de olho de Matt e Magnólia, e risadas minhas e de Diego.

— Também. Mas também que...

— Eu e Lindsay estamos juntos — o loiro o interrompeu.

Diego estreitou seus olhos verdes para ele, e Lindsay escondeu o rosto vermelho no pescoço dele que sorriu beijando a bochecha dela e a abraçando do jeito mais meloso e fofo do mundo.

— Nada mais justo que eu anunciar primeiro se fomos os primeiros a começar esse relacionamento coletivo — o loiro falou para Diego.

— Tudo bem, então seguindo a ordem, Débora e eu também gostaríamos de deixar claro que estamos juntos.

— Marcando território de novo, Diego? — Matthew pergunta, sua mão na coxa de Magnólia e sua sobrancelha erguida para o amigo.

— Exatamente. Débora é minha. E eu sou dela. Lorenzo é da Lindsay, e Lindsay é dele, mas e vocês dois? — Diego sorriu de lado, recostando mais no sofá e apontando eles dois com o queixo.

— Estamos no caminho...

Magnólia se pronunciou, apoiando seu cotovelo no braço do sofá.

— Para o altar? Não vale usar branco — Diego provocou, recebendo um olhar assassino de ambos os dois de cabelos vermelhos.

— Basta, Diego — Matthew revirou os olhos.

— Então admitam alguma coisa.

— Magnólia é minha, e eu sou dela, mas não tem nada oficial nisso, como tecnicamente falando não tem nenhum de vocês quatro, satisfeito? — Matthew questionou em uma confissão movida pelas suas emoções fáceis de serem pressionadas.

— Bastante.

Diego concordou, sorrindo para a careta dele antes de o observar se achegar mais em Magnólia, como Lorenzo fazia com Lindsay e como ele veio de bom grado para os meus braços.

— Melhor contrato da minha vida.

Lorenzo cantarolou, arrancando risadas em conjunto de todos nós.

— Contrato de mentirinha, você quis dizer? Porque no fim fomos enganados! — eu falei, apanhando o controle da televisão.

— E o dono até agora não apareceu, aquele golpista safado, pegou o dinheiro e sumiu largando nós seis para resolver essa cilada — Magnólia reclamou.

— Ah, mas essa cilada valeu muito a pena, não foi? — Lorenzo nos perguntou.

Nisso tínhamos todos que concordar com o loiro sentado no outro sofá.

Essa bagunça que o contrato causou pondo nós seis para morarmos juntos foi o único caos que eu um dia gostei de acabar dentro, porque o que eu encontrei no meio desse caos jamais encontraria em nenhuma outra.

E eu não me incomodaria se esse contrato continuasse, nem se continuássemos a conviver no mesmo apê.





AGRADECIMENTOS

A ideia de escrever e publicar um livro sempre pareceu impossível para mim, e ainda parece, ainda é. Acho que sempre vai parecer. E acho também que é a graça de tudo, ir lá mesmo que continue parecendo impossível e provar para si mesmo que não é, que nunca vai ser, mesmo que algo dentro de você diga que é. Não deixe esse algo parar você, seja lá o que esse algo for. Você é a única pessoa em controle da sua vida, por isso pegue ele, passe por todos os níveis mesmo que morra e precise recomeçar de novo alguns deles, vença todos os chefões que aparecerem e se salve de todos os obstáculos que tentaram te impedir de chegar no fim do jogo. E fique orgulhosa, ou orgulhoso, de si, quando perceber que venceu. Sempre haverão níveis e vilões no meio do caminho, mas somos nós quem decidimos se eles irão nos destruir, ou se iremos vencer e aprender com eles. Nem todo vilão quer fazer algo ruim com você, às vezes ele só quer te ensinar a não temer nada nem ninguém, a acreditar mais em si mesmo e se lembrar porque você começou.

Essa é a minha primeira história publicada aqui nessa plataforma, e confesso que foi muito difícil mesmo me convencer a fazer isso, em acreditar que podia. Mas eu acreditei e fiz. E eu quero agradecer a vocês, leitores e leitoras, que leram até aqui, vocês são incríveis e eu amo demais cada um de vocês, amo ler cada mensagem que me passam para contar o que acharam da leitura. Muito obrigada por terem chegado até aqui.

Eu também quero muito agradecer três pessoas muito essenciais para esse livro estar aqui. Obrigada, *Maeve*, quem me aturou e ajudou desde que comecei a escrever os primeiros capítulos da história, me apoiou desde o comecinho dessa ideia e foi a primeira para quem mostrei as capas, cujas mudei mais que tudo, só para no final eu escolher uma totalmente diferente das primeiras opções. Obrigada, *Natália*, quem me aturou fazendo todo tipo de pergunta e tirou muitas, praticamente todas, das minhas dúvidas para dar esse novo passo e ainda fez de tudo para me ajudar no que eu não sabia e não podia. E é claro, obrigada, *Talibah Casillas*, quem me ajudou a terminar esse processo todo, por ter feito de tudo para me ajudar a concluir ele e junto me proporcionado o seu apoio e ajuda sobre *várias* outras coisas relacionadas ao livro. Sem vocês, esse livro não estaria aqui. Vocês me ajudaram a dar esse novo passo e eu nunca vou me esquecer disso. Muito obrigada, suas lindas, maravilhosas, autoras perfeitas e talentosas!!!!!

E para quem quiser saber mais sobre mim, a autora, ou ler os meus demais livros que estão disponíveis no wattpad, aqui estão as minhas redes sociais:

Wattpad: issamells

Instagram: issamells

Com amor, issa.